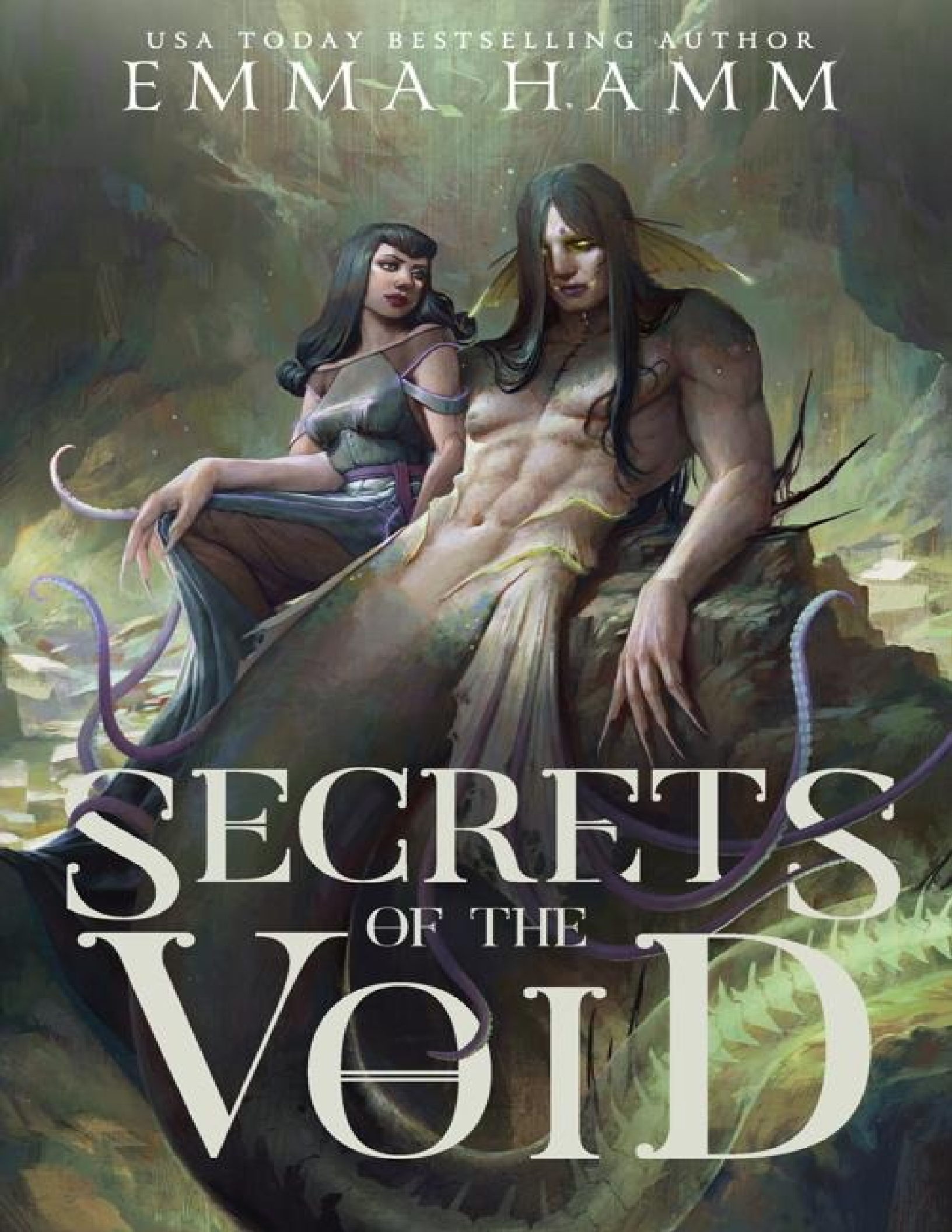
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

EMMA HAMM

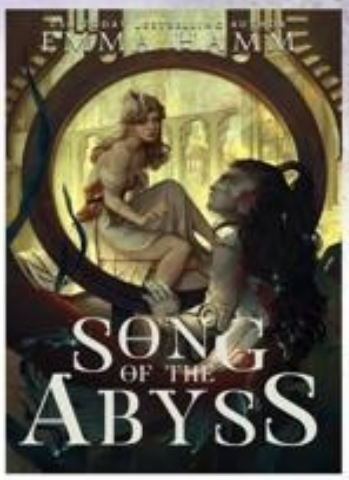


SECRETS OF THE VOID

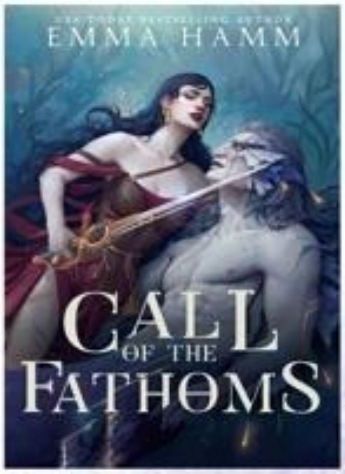
DEEP WATERS

ORDEM DE LEITURA











SINOPSE

Ela nunca deveria ter *acordado*.

Ellie foi criada em segredo. Um clone perfeito de uma mulher poderosa, morta há muito tempo. Por anos, ela conheceu apenas paredes estéreis, o toque de instrumentos frios e a voz do cientista que a moldou para ser útil. Algo obediente.

Até o dia em que abriu os olhos e encontrou um deus.

Proteus. O primeiro filho do mar. O deus que outrora governou as profundezas e que passou séculos aprisionado por aqueles que o temiam. Agora livre, sua vingança é tão vasta quanto o próprio oceano. Ele reivindicará seu domínio. Afogará o mundo que o traiu. E usará Ellie, o clone que carrega o rosto de sua inimiga, para isso.

Mas quanto mais tempo ele passa com ela, mais seu ódio cuidadosamente construído começa a se desfazer. Porque Ellie não é apenas uma ferramenta. Ela é inteligente, desafiadora, dolorosamente viva. E Proteus - o antigo e impiedoso Proteus - se vê desejando-a mais do que deseja sua vingança.

Ela nasceu para servir.
Ele nasceu para destruir.
Juntos, eles poderiam acabar com a humanidade. Ou salvá-la.

Para todos vocês, seus filhos da puta monstros.
Finalmente te dei seus tentáculos.

UM
PROTEUS

Proteus estava adormecido há muito tempo.

Mas não mais.

Ele sentia-se voltando à vida, aos poucos. Primeiro foram as guelras. As membranas finas e ondulantes contra seu pescoço filtravam a água do mar que ele não provava há séculos. Tantos sabores dançavam em sua mente. A doçura das ostras e dos mariscos que estavam logo ali, do lado de fora de sua prisão. A salinidade do próprio mar. A salmoura de centenas de anos fermentando nas profundezas do oceano. Era como sempre fora, e ainda assim, de alguma forma, mais.

Era mais fresco do que ele se lembrava. O próprio mar havia voltado à vida nos longos anos em que ele estivera aprisionado. Este lugar, este oceano, outrora fora repleto de tragédias. Tinha gosto de óleo e sangue quando ele fora trancafiado pela primeira vez. Agora, tinha o gosto que sempre deveria ter tido. Como ele se lembrava de quando fora criado.

Então suas garras se flexionaram. Suas mãos sempre o denunciaram como algo "diferente". Desumano, certamente, mas não um dos... Povos da Água também. Eram maiores do que deveriam ser, com uma articulação extra que alongava ainda mais seus dedos. As garras que os terminavam eram venenosas, se bem se lembrava.

Ele ainda sonhava com o tempo em que fora criado. Ele havia ido até o Povo da Água, um mensageiro das profundezas, e eles ficaram aterrorizados com ele. Temiam suas garras enormes, seu corpo estranho. Sua aparência peculiar provava que ele era como eles, mas não o suficiente.

A lembrança reacendeu uma raiva ancestral que quase o consumira vivo. Seu peito esquentou e a fúria percorreu todo o seu corpo, até a cauda. Lentamente, pouco a pouco, a raiva aqueceu seu sangue e o fez brilhar.

A luz que iluminava sua prisão não vinha de sua pele. O Povo da Água brilhava através de minúsculos pontos bioluminescentes que emergiam das profundezas de sua pele. Eram estrelas em seu mar, cintilando com uma beleza e graça que poucos conseguiam imitar. Mas Proteus? Não era sua pele que brilhava.

Eram os ossos dele.

Suas costelas foram as primeiras a se iluminar. Cada uma delas aquecendo, piscando, uma a uma, a luz penetrando a fina carne de seu peito. Ele sabia que, se olhasse para baixo, veria as sombras de seus dois corações e os quatro pulmões que pontilhavam seu torso maciço. E então continuou, a luz faiscando por sua espinha e viajando até sua cauda, onde as dezenas de ossos compunham seu comprimento enorme. Ele era tão brilhante que, de repente, pôde ver sua prisão apertada em nítido contraste. Cada detalhe. E a ausência de qualquer coisa naquele caixão além dele.

Ele estivera preso ali há tantos anos que nem se lembrava de quanto tempo esperara. Não havia como saber quantos dias ou quantos anos haviam se passado. Apenas que o tempo parecera passar tão lentamente que sua mente finalmente enlouquecera. Ele desistira até mesmo de tentar pensar em onde estava ou quanto tempo havia passado. Proteus havia entrado em um estado meditativo que lhe proporcionara alguma paz de espírito.

Planejar o que faria quando finalmente escapasse daquela prisão era a única coisa que o mantinha são. E, ah, ele tinha planos.

Ele tinha planos grandiosos e maravilhosos.

Flexionando as barbatanas ao longo da cauda, ele moveu as palmas das mãos para pressioná-las contra o metal frio que o envolvia. Anos atrás,

ele fora aprisionado ali por seu próprio povo. O Povo da Água, que deveria venerá-lo, o considerava perigoso demais, mas estava disposto a mantê-lo vivo na esperança de roubar seus dons.

Durante os primeiros cem anos, eles ainda vinham adorá-lo. Imploravam e suplicavam que ele visse o futuro deles, mas também a mente daqueles que lhes queriam fazer mal. Usavam-no como um oráculo, trancado em um lugar onde podiam manipulá-lo como bem entendessem, e ele estava tão entediado que fazia quase tudo o que lhe pediam.

Até que eles suplicaram aos antigos, implorando por mais do que uma existência limitada e a necessidade de perturbar sua mente em busca de verdades proféticas. Logo, surgiu uma subespécie inteira capaz de ver o futuro. Mas eles jamais saberiam o que ele sabia. Jamais veriam tão longe no futuro, nem experimentariam a profundidade de seu poder. Eles não viveram durante o tempo que ele viveu. Eles não conheciam os segredos que ele conhecia.

O que o havia despertado desta vez? Da última vez, fora um andarilho das profundezas que ousara falar com um ser ancestral. Dissera ao sacerdote o que ele queria ouvir, mas também acrescentara uma pitada de humor à conversa. Não lhe importava por que aquele andarilho das profundezas estivesse tão desesperado, mas Proteus estava tão entediado em sua prisão.

Brincar com eles já fora seu passatempo favorito. Ele não fazia isso há muito, muito tempo. Deixe o macho ver sua esposa morta. Deixe-o sonhar com um futuro com um ser humano ao seu lado. Afinal, era possível.

E isso aproximou Proteus um passo mais da libertação daquele lugar infernal.

Ele escutou atentamente, esperando por uma voz que pudesse despertá-lo de seu sono. Nenhuma voz, porém. Havia apenas o som fraco de arranhões do lado de fora daquela prisão trancada.

Ninguém sabia como abri-la. Muitas pessoas tentaram ao longo dos séculos. Muitos Povos da Água eram fáceis de enganar. Eles davam ouvidos a quem acreditavam ter sido um deus, e ele de fato fora, então faziam tudo o que ele mandava quando o encontravam. Mas todos falharam. Cada um deles, até que ele teve certeza de que o mecanismo de travamento exigia algo mais.

Os sons minúsculos poderiam facilmente ser apenas mais um caranguejo. Eles o haviam enlouquecido anos atrás; ouvir o som de suas garras raspando sobre ele o fazia querer arrancar os próprios ouvidos. Era um som singularmente irritante, e o fazia querer gritar toda vez que o ouvia. Anos atrás, centenas deles escalavam sua prisão. Cada vez mais, cada um devorando partes de sua mente enquanto ele era forçado a suportar seus movimentos.

Só de pensar nisso, ele sentia vontade de atacar sua prisão novamente. Atacar o caixão só resultaria em garras quebradas e seu próprio sangue, mas às vezes isso ajudava a aliviar a raiva. Proteus era os dentes e as garras dos antigos. Era a criatura criada para aterrorizar o mundo quando este não podia deixar as profundezas. Seus criadores haviam sido muito claros sobre o que ele se tornaria.

Ele protegeria o mar de todos aqueles que se opusessem aos antigos. Ele garantiria que os oceanos permanecessem sob o controle dos antigos, como sempre deveria ter sido e como sempre seria.

Ele tinha uma sensação que havia mudado desde que fora preso.

Uma agitação crescia em seu peito como não acontecia há muitos, muitos anos. Normalmente, ele sabia como se manter calmo. Sentir raiva em um lugar como aquele só servia para tornar sua vida mais miserável. Mas ele estava com raiva. Estava furioso com todos aqueles que pensavam que ele poderia ser contido, e estava furioso com os antigos por tê-lo deixado ali. Pior de tudo, Proteus estava ofendido com o próprio mundo por tê-lo jogado naquela prisão e nunca lhe ter dado uma chance de lutar.

Ele merecia ser livre. Ele merecia estar lá fora, no meio das ondas.

Outro toque. Outro longo arranhão, que soava como uma garra, e então... Luz.

Não vinha dele, e então havia água. Mais água do mar, agora sem o gosto amargo do metal que o envolvia. Ele conseguia respirá-la sem fazer careta. Havia vida ali.

Com os dedos ainda pressionados contra o corpo, Proteus tateou a pequena abertura que surgira de repente ao redor da tampa de sua prisão. O caixão em que o haviam colocado permanecia sempre na vertical, mas seus braços estavam presos ao corpo. Se movesse os dedos com precisão, conseguiria estender suas garras para o mar aberto.

Foi o mais perto que ele chegara da liberdade em muitos anos. Seu coração batia forte no peito. Seus ossos brilhavam ainda mais com esperança e entusiasmo.

Quem quer que fosse, ele iria presenteá-los com tudo o que desejassem por terem decifrado o enigma que o mantivera prisioneiro por tanto tempo. Ele os cobriria de ouro. Saquearia todos os destroços que ainda jaziam no fundo do oceano para lhes dar joias, coroas e moedas.

Só mais um pouco, era tudo o que ele precisava. Só mais um pouco e então ele estaria livre. Ele seria capaz de empurrar a tampa do caixão e escaparia para sempre desta prisão. Eles nunca mais conseguiriam colocá-lo aqui dentro. Ele se certificaria disso.

Então ele olhou para a direita, para aquele pequeno fragmento de luz, e viu as patas de um caranguejo através dele. Não exatamente um caranguejo, porém. Aquelas patas eram de metal. Tinham visto dias melhores, enferrujadas como estavam, mas ainda eram patas.

Então, antenas de metal surgiram pela abertura. Antes, havia telas nas extremidades delas, que provavelmente deveriam se parecer com olhos, mas agora apenas uma ainda funcionava, piscando rapidamente.

— Aqui está você — disse a voz emitida por aquele estranho droide que

o encontrara. — Estive procurando por este túmulo durante séculos. Você sabe o quão difícil foi encontrá-lo sem um rastreador?

— Abra.

— Está praticamente toda enferrujada e fechada agora. Mas, considerando o seu tamanho, se você der um bom empurrão, ela deve se mover. O lodo subiu do fundo, ou você foi afundando nele. Você está quase nivelado com o fundo do mar.

Ele não se importou. Enrolando a cauda sob si, bateu o corpo contra a porta. Repetidamente. Cada golpe fazia o metal se mover um pouco mais. O mar invadiu a água ao seu encontro, e ele estava com tanta sede há tanto tempo. O selo de sua prisão não o deixara desfrutar da melhor parte do seu mundo, e então…

De repente, ele estava livre.

A porta se abriu de repente e ele correu para o oceano. Não importava onde estivesse ou o que o cercasse. Pela primeira vez em séculos, ele podia nadar.

Proteus flexionou a cauda e disparou para a escuridão. Pouco importava o que pudesse estar lá fora. Se houvesse um megalodonte à sua espera, ou mesmo um leviatã, ele lutaria. Ele suportaria isso até o fim, porque nada daquilo importava. Ele estava livre. Ele estava finalmente, maravilhosamente, sem fôlego livre.

Suas guelras se abriram amplamente, e suas luzes iluminaram ainda mais sua forma esquelética. A besta do oceano, o terror das ondas, o primogênito havia retornado, e ele se certificaria de que o próprio mar soubesse.

Girando em espiral pela água, ele se movia com uma velocidade que teria chocado qualquer um que o visse. Ele se lembrava de pessoas aterrorizadas com a rapidez com que ele se movia, pois certamente ele era grande demais para ser capaz disso. Mas ele tinha mais do que apenas sua própria magia.

Estendendo a mão para o próprio mar, ele a sentiu. A deusa que lhe dera a vida, aquela que concedera aos antigos o poder de criar um ser por conta própria. A deusa do mar o acolheu de volta em seus braços, e então ele ergueu a cabeça para a correnteza que o envolvia e rugiu.

O som vibrou pelo oceano ao seu redor. A água parecia borbulhar, transformando-se em vapor com os séculos de fúria que emanavam dele e faziam o próprio mar ferver com sua raiva. Ele estava furioso com todos aqueles que tentaram aprisioná-lo. Enfurecido pelo mar ter permitido. Tão furioso que tudo o que ele queria era destruir tudo o que estivesse em seu caminho e reconstruí-lo apenas quando estivesse pronto.

Todos eles sentiriam a ira do primogênito.

Mas o toque gélido do mar o fez lembrar que já fazia algum tempo que nenhum dos Povos da Água sequer se lembrava de sua existência. Ele era, sem dúvida, uma criatura estranha para eles agora. Nem mesmo tinham histórias sobre ele. O andarilho das profundezas, que deveria saber quem era Proteus, nem sequer imaginara o que poderia ter encontrado.

O tempo dissipou o terror que sentiam por ele. Ele se tornou um mito, e depois desapareceu por completo. Ninguém se lembrava mais de quem ele era, e ele teria que mudar isso.

Voltando o olhar na direção de onde viera, Proteus retornou à jaula que o aprisionara. Como sabia onde ela estava, ele não entendia. Sabia apenas que o mar o guiava para onde precisava ir, e confiava nele plenamente.

Ela, a deusa que lhes dera a vida, era a única que jamais o traíra. Nunca se esquecera de sua presença ali, enviando-lhe sempre pequenos presentes, mesmo enquanto ele permanecia em decomposição. A comida nunca saciara completamente sua fome, mas ela garantira que ele continuasse vivo.

Expirando, ele finalmente encontrou o túmulo onde o haviam mantido.

Era um caixão. Tinham esculpido seu rosto na parte externa, ou algo parecido. Mas há muito tempo fora desgastado pelas correntes e pelas criaturas que trilhavam seu caminho sobre ele. Mesmo agora, ele podia ver as cracas que haviam crescido por todo o seu corpo e o quão fundo havia afundado no lodo do fundo do mar.

A que profundidade ele estava? Suas brânquias estavam trabalhando mais do que ele se lembrava, mas também fazia muito tempo que ele não estava vivo. Era compreensível que seu corpo não se lembrasse muito bem de como respirar tanta água doce do mar.

— Você já está com uma aparência melhor — disse uma voz novamente.

Dessa vez, ele tinha certeza de que se tratava do pequeno caranguejo de metal que estava congelado sobre seu túmulo. A criatura era feita inteiramente de metal enferrujado, e a cor avermelhada era tão proeminente em sua carapaça que ele poderia tê-la confundido com um caranguejo de verdade.

— O que você é? — perguntou ele.

Proteus nadou perto o suficiente para agarrar a pequena criatura por uma pata e a deixou pendurada em suas mãos com garras. Era tão pequena que ele poderia tê-la esmagado em seu aperto enorme.

As pernas se debateram violentamente contra ele.

— Me ponha no chão!

— Não. O que você é? — Antes que pudesse argumentar, ele fechou as mandíbulas. — Não gosto de esperar. Você vai me dizer o que é, ou eu arranco todos os seus circuitos.

Para garantir, ele esticou a mandíbula, algo que não conseguia fazer há muito tempo. Proteus não era um dos Povos da Água, e seu corpo demonstrava a diferença. Ele sentiu sua mandíbula estalar, crepitar e, finalmente, ela se abriu como sempre deveria ter feito. Ela se partiu ao longo de suas bochechas, provavelmente derramando ainda mais luz na água enquanto os ossos de sua mandíbula se quebravam ao meio. E

então continuou se partindo, uma linha esculpindo sua garganta, as duas partes de sua mandíbula se abrindo para revelar mais dentes que se estendiam por seu pescoço e para dentro da boca escancarada que ele revelou.

O droide guinchou. — Eu sou o Piloto! Fui enviado para libertá-lo.

— Por que demorou tanto?

Ainda se debatia, as pernas continuavam a se mover erraticamente.

— Fui despertado há apenas cem anos, e o oceano é bastante vasto. Não sei para onde moveram seu túmulo e, como eu disse, não há nenhum rastreador em você.

— Por que você foi programado para despertar apenas cem anos atrás?

— Era a hora certa para... para... — O piloto parou de se mover e então disse: — Não sei. Acho que você deveria ter feito o resto.

Com a boca ainda escancarada, ele sorriu.

— Então farei o que eu quiser.

DOIS
PROTEUS

O droide o guiou através do mar até um lugar onde ele nunca estivera. Ou pelo menos, não se lembrava dele. Proteus vira muitas coisas nos anos de sua vida, então ficou surpreso ao descobrir que ainda existiam lugares naquela água que ele desconhecia. O droide, porém, o surpreendia com frequência.

Ele nadou por entre antigos destroços de navios e vestígios de batalha. Aparentemente, aquela área havia testemunhado grande parte da guerra entre humanos e o Povo da Água. Ele sabia que isso aconteceria muito antes do mundo ser destruído. Talvez esse fosse até mesmo um dos motivos pelos quais o haviam aprisionado.

Proteus não havia perguntado. Estava ocupado demais lutando contra eles, rosnando que não o colocariam naquele maldito caixão e o soldariam lá dentro. O complexo sistema de travamento era algo que ele ainda via quando fechava os olhos. Todas as peças e partes que ele destruíra ano após ano por dentro. Ele até mesmo arrancara um pedaço daquele metal com os dentes, levando centenas de anos para arrancá-lo com seus dentes que sempre cresciam de novo. E mesmo assim, o mecanismo não quebrou.

Libertando-se das lembranças, ele encarou um navio enorme com mastros tão altos que era evidente sua antiguidade.

— Como é que isso ainda está aqui? — murmurou enquanto passavam nadando por perto.

O droide em sua mão se contorceu.

— O tempo não é o mesmo neste lugar. Eu só estive aqui uma vez antes,

quando estava procurando por você, e não é como o resto do mundo. Este é um recanto peculiar do oceano. Um lugar fora do tempo.

Ele conseguia sentir. A estranheza na água. A estranha sensação de deslizamento contra a pele, que não era totalmente água. Ele vira o Povo da Água criar um óleo viscoso que escorria sobre a pele, permitindo que escapassem dos predadores. A água ali era quase assim. Densa e difícil de respirar.

Ainda assim, ele respirou fundo, forçando o líquido viscoso a passar por suas brânquias, e se embrenhou ainda mais nas profundezas.

O droide apontou-lhe certas direções, mas não disse muita coisa até que ele finalmente viu para onde estavam indo. A sombra que se projetava no mar à sua frente era algo que ele reconheceu. Nos tempos em que ainda não o tinham aprisionado, Proteus havia trabalhado em muitas criações. Essa estranha caixa poderia ter sido uma delas.

— Foram os humanos que quiseram me acordar? — perguntou ele, a confusão tornando sua voz um pouco gutural.

— Sim.

— Por que?

— Não sei. Mas eles queriam que você visse o que aconteceu na sua ausência. E querem que você seja a pessoa que retome o controle do mar.

— O droide bateu as patas na mão dele para chamar sua atenção. — Vamos para lá.

A caixa metálica era semelhante à que ele se lembrava das instalações de pesquisa. O edifício flutuante estava preso ao solo por âncoras enormes. Muito fora de lugar para o local e a profundidade em que se encontrava. Mas, considerando que não havia implodido, ele só podia... Imaginar que foi construído para resistir ao tempo. A menos, é claro, que este lugar também tenha ajudado a mantê-lo intacto.

Ele nadou mais perto, procurando por algum vidro na parte externa que pudesse usar para espiar. Mas não havia. Era apenas uma caixa. Uma

caixa grande. Ele imaginou que houvesse muitos cômodos lá dentro, mas não conseguiu vislumbrar o que os humanos haviam escondido ali.

— Parece uma armadilha — rosnou ele.

— Não é.

— Como posso ter certeza de que posso confiar em você? Você é apenas o droide que me libertou.

— A única coisa que fez isso em séculos — lembrou Piloto. — Sua libertação foi solicitada por um motivo. Não posso lhe dizer qual é o motivo, ou por que eles o querem vivo. As únicas respostas que você obterá estão dentro daquele prédio.

Ele não gostou. Não confiava nos humanos mais do que confiava no Povo da Água. Mas queria respostas.

Proteus flexionou os músculos da cauda. Precisava se alimentar antes de poder lutar contra qualquer coisa. Haviam passado por algumas baleias que serviriam, mas as orcas ofereceriam uma resistência que ele sabia que não conseguiria vencer agora. Teria que encontrar uma carcaça em decomposição e devorá-la inteira para se alimentar adequadamente.

Mas isso seria assunto para outro dia. Hoje, ele descobriria por que havia sido libertado.

Ele nadou por baixo do naufrágio, com o coração já acelerado. Um rangido metálico ecoou acima de sua cabeça quando um painel deslizou, revelando a entrada para o cômodo. Havia apenas uma luz fraca vinda de cima, mas, considerando a oscilação da luz, ele pressentiu que levaria um tempo para o sistema elétrico ligar. Quando isso acontecesse, ele teria que semicerrar os olhos para enxergar através do brilho intenso.

Os humanos sempre adoraram suas luzes brancas ofuscantes.

Não era a primeira vez que Proteus entrava em uma instalação de pesquisa. Houve uma época, há muito tempo, em que ele já havia estado em muitas delas. Humanos e ondinos, como os chamavam, nunca se deram bem. Portanto, suas interações sempre foram secretas. Mas isso

não significava que nunca tivesse havido interações entre os dois.
Ele se lembrou de um cientista daquela época, um jovem que estava tão entusiasmado por ir contra o governo e até mesmo contra o mundo. Ele tinha tanto dinheiro que não sabia o que fazer com ele, a não ser satisfazer sua estranha necessidade de ignorar os desejos alheios. Aquele homem tinha certeza de que poderia usar um ondino a seu favor. O Povo da Água ignorou suas tentativas de contato. Eles o viam apenas como um humano igual a todos os outros, indigno de qualquer conversa.
Proteus tinha uma visão diferente.
Ele se esforçou para sair da água, espalhando líquido para cima e para dentro da sala que havia sido preparada com antecedência. Os humanos sabiam que qualquer um que entrasse traria água consigo, fosse humano ou ondino.
O sistema de drenagem no chão despertou. Ligou ruidosamente, sugando a água do mar que danificaria os componentes eletrônicos que cobriam as paredes do chão ao teto. A parede à sua direita era toda de telas. Elas piscavam uma a uma, mas demoravam muito mais do que o normal. Outra parede era composta principalmente de painéis, mas ele sabia que seriam úteis para invocar droides. Havia uma mesa encostada no canto dos fundos, mas não era bem uma mesa. O zumbido estranho que vinha dela foi sua primeira pista, seguido por um ruído metálico quando o gerador foi ligado. Ele se perguntou como havia energia ali embaixo. Aparentemente, os humanos haviam criado um gerador que funcionava com água, afinal.
Aquilo era um laboratório de pesquisa, sem dúvida. Mas o que ele não entendia era por que aquele era o lugar para onde o droide fora instruído a levá-lo. Não havia motivo para ele estar ali.
— Você me chamou — disse ele, sua voz grave ecoando pela sala. — Agora, o que você quer comigo?
Mais algumas luzes se acenderam ao som de sua voz. Ele largou o

droide, que imediatamente correu até um painel de controle. O ser semelhante a um caranguejo estava conectado à tela principal por um cabo elétrico que saía de seu estômago.

— Piloto, conectando. Pacote adquirido.

Pacote? Ele não era um pacote. Era um deus do mar que exigia ser tratado com respeito. Como esse droide ousava chamá-lo de pacote? Ele o esmagaria até o esquecimento.

Um painel no centro do chão piscou com luz, e de repente um holograma surgiu diante dele. Era o mesmo homem de quem se lembrava há muito tempo, embora significativamente mais velho. O homem riquíssimo pensara que o dinheiro podia controlar o mundo ao seu redor, e estava redondamente enganado nessa linha de pensamento.

— Proteus! — disse o holograma, um pouco animado demais, mesmo tendo gravado isso duzentos anos antes. O homem sempre fora estranhamente enérgico e excitável. — Eu esperava que nos encontrássemos novamente em melhores circunstâncias, mas suponho que seja isso que o tempo faz com um corpo mortal. Não tive a sorte de participar dos primeiros trabalhos do Projeto Longevidade, mas quanto mais descubro sobre ele, menos quero me envolver. Enfim. Você está aqui porque quero que continue nosso trabalho.

— Nosso trabalho? — murmurou Proteus, recolhendo a cauda para dentro da sala para que a porta se fechasse. — Nunca trabalhamos juntos.

— Mas primeiro, deixe-me explicar algumas coisas. O droide que te despertou é um dos milhares que criei especialmente para este momento. Todos eles têm estado de olho no mundo por um tempo. Você. Gravando tudo. Preparando-se para fornecer todos os detalhes que você precisará em um curto período de tempo. Você esteve dormindo por muito tempo e... bem, não imagino que queira passar os próximos séculos ouvindo o que aconteceu na sua ausência. — O homem juntou os dedos como se quisesse enfatizar o quão curto havia sido o tempo, mas então abriu a

mão para indicar quanto tempo havia ficado fora.
Ele não precisava que lhe lembrassem nada.
Mostrando os dentes em um rosnado, Proteus olhou para Piloto, que ainda estava conectado ao console central.
— Há quanto tempo?
— Hum...
— Quanto tempo? — Proteus disse com a voz rouca, já farto daquele droide. Ele não deveria ser capaz de discutir com ele, nem de atrasar o fornecimento de informações. O único propósito de sua existência era receber ordens e fazer o que lhe mandavam. Como alguém o havia programado de outra forma era um mistério para ele.
— Quase quatrocentos anos, mais ou menos. É difícil voltar tanto no tempo e determinar exatamente quanto tempo se passou, e quanto tempo se passou desde que você... você sabe. — Ele ergueu um braço de metal e o acenou no ar. — No entanto, apenas duzentos anos de informações estão armazenados nesta sala. Essencialmente, toda a história após a queda da humanidade. Você está pronto?
— Pronto para quê? — resmungou ele. O holograma do homem estava congelado no lugar, piscando intermitentemente.
Isso lhe deu alguns instantes para observar o homem com quem trabalhara mais de quatrocentos anos atrás. Mesmo nesse breve vislumbre, ele estava mais velho. Proteus se lembrava dele com cabelos negros, encaracolados e selvagens. Não os cachos que estavam meio sem vida, com mechas grisalhas. Seu rosto também estava mais magro. Mais encovado do que quando fora rechonchudo. Ele não fora particularmente alto nem baixo, nem especialmente bonito ou forte. Era um homem que podia atravessar uma multidão sem que ninguém se lembrasse de sua presença.
Esse era o seu superpoder. Ninguém jamais questionara um homem como ele, tão obstinado em destruir o mundo.

— Mostre-me — rosnou Proteus.

Todas as telas na parede ganharam vida de uma só vez. Eram trinta, cada uma exibindo várias cenas daquilo que ele havia perdido.

— Fui informado de que sua capacidade de absorver conhecimento é renomada — disse Piloto, sua voz pairando ao seu redor como uma espécie de ser onipotente. — Trinta telas não devem ser demais para você, certo?

— Não — murmurou ele, com o olhar já percorrendo cada tela. — Rastreie meus movimentos oculares. Quando eu tiver visto o suficiente, mude a tela.

— Entendido.

E assim ele permaneceu ali por dias a fio, observando o que havia acontecido com o mundo que deixara para trás.

Ele sabia que os humanos eram sedentos de sangue, mas não imaginava que destruiriam o próprio planeta com tanta facilidade. Havia uma tristeza nisso que ele não esperava sentir. O oceano resistira, como sempre. Mas o enfurecia ver as terras acima, pelas quais sempre fora tão fascinado, desaparecerem lentamente. As tempestades que se formaram mataram muitos. Os incêndios florestais devoraram tudo, consumindo até restar pouco. O que antes era exuberante e verdejante tornou-se árido e cinzento.

O mundo já não era como ele se lembrava, e ele viu tudo acontecer rápido demais. Então os humanos chegaram ao mar, e ele viu as guerras começarem. Ele viu o Povo da Água lutar para manter o que era seu, para controlar a destruição do oceano que se abatia sobre ele. Enfurecia-o profundamente vê-los perder lenta, amarga e interminavelmente.

Onde estava a vontade de lutar? Como puderam ser derrotados tão completamente? Eram criações do próprio mar, seres que resistiram por séculos a fio. Não deveriam ter falhado.

Mas então ele viu o Povo da Água se reagrupar, se reunir. Viu os

humanos se reconstruírem, mesmo depois de perderem cidades. A necessidade de viver fluía em todos eles, por mais difícil que fosse. Eles não eram tão diferentes uns dos outros.

Ele viu o amor florescer enquanto batalhas eram vencidas e perdidas. Viu pessoas se transformarem em novos seres e novas formas de vida, tudo em busca do progresso.

E no final das contas, ele sabia o que tinha que fazer.

— Não quero trabalhar com as mesmas pessoas com quem trabalhei antes — murmurou ele. — Mas sei qual deve ser o nosso caminho a seguir.

— Que bom — disse Piloto. — Eu estava preocupado que você não entendesse a mensagem.

Ele precisava planejar muito para conseguir isso. O mundo acima havia sido destruído e havia pouco espaço para o que ele desejava. Mas ele veria os humanos removidos dos oceanos de uma vez por todas. Eles haviam tentado trabalhar juntos. Tinham tentado colaborar, mas sempre terminava em derramamento de sangue. Agora, ele os separaria para sempre.

— Como é que o Povo da Água se refere à terra agora? — perguntou ele.

— Acima.

Ele estalou a língua.

— Claro que seria tão simplista. E qual é a situação do país?

— Nada bom.

— Esclareça.

O droide se desconectou e saltou para o chão.

— Eu diria que a terra provavelmente não tem mais salvação neste ponto. Ainda existem bolsões de terra que sustentam algumas formas de vida, mas não são muitos. Os droides aéreos que foram designados para a superfície já morreram há muito tempo. O acesso à luz solar não é mais constante o suficiente para alimentá-los. E sem energia solar,

infelizmente, eles são incapazes de continuar seu trabalho.

— Então teremos que ver com nossos próprios olhos. Acho difícil acreditar que todas as formas de vida foram extintas. E mais do que isso, lembro-me da resiliência do espírito humano. Descobriremos o que aconteceu lá em cima. — Ele bateu a cauda contra o metal. — Isso vai funcionar. Mas precisarei de alguém mais talentoso do que você para me ajudar. Há muitos lugares que um droide simplesmente não consegue alcançar.

— Não há ninguém vivo que possa ajudar. Todos já morreram há muito tempo.

— Tau?

— Destruída quando você ajudou o andarilho das profundezas.

Ah, agora ele se lembrava. Era por isso que também ajudara o Andarilho das Profundezas. Ele profetizara que Tau seria destruído e que isso era necessário para o bem do mundo. Mas por quê...?

Então ele se lembrou.

— Eu fiz um acordo com aquele inseto das profundezas. Um presente para o oceano. O que foi isso?

O próprio mar lhe dissera para fazer aquele pacto. Ele precisava nadar naquela direção, ou o futuro jamais seria o certo. Ele precisava de qualquer sacrifício que o andarilho das profundezas estivesse disposto a fazer.

— Uma cápsula — respondeu o droide. — Uma cápsula foi lançada ao mar, e era para ser um presente para você. Não sei onde ela caiu, no entanto.

Ele murmurou baixinho, o som retumbante acendendo as luzes de suas costelas.

— Então, suspeito que precisamos ir procurá-la.

TRES
PROTEUS

O mar o guiou até o local onde seu sacrifício havia caído no vazio. Ele sabia onde encontrá-lo, mesmo sem a ajuda dela. A deusa sempre desejava facilitar as coisas para ele, e ele aceitava seus conselhos com todo o prazer de quem ainda conseguia se comunicar com um ser como ela.

Ela lhe deu a tranquilidade de saber que o presente deixado por aquele andarilho das profundezas seria útil. Ele sentia isso na pele. Mas, por algum motivo, o mar ocultava de sua mente o que era.

Que estranho. Ele não estava acostumado a que ela escondesse nada. Desta vez, porém, ela simplesmente o deixou continuar pela água até que ele estivesse sobre um abismo. Profundo e estreito, um cânion escavado na terra, desaparecia sob sua cauda. Era azar que qualquer presente acabasse lá embaixo.

Como algo poderia sobreviver àquela queda? Franzindo a testa, ele mergulhou na fenda, cada vez mais fundo em direção ao centro do mar.

Era mais quente nessas águas. Não naquele deserto gélido onde ele vira até gelo se formar no fundo do oceano, não. Não importava o quanto de sal impedisse seu crescimento. Ele estava acostumado à dor e à mordida do frio, não à explosão de calor que aquecia suas guelras e ameaçava queimar suas barbatanas já desgastadas.

Ali permanecia desconhecido para a maioria, senão para todos os seres destas águas. Não havia para onde fugir caso um predador os seguisse. Nenhuma fenda escondida onde pudessem se abrigar. Nenhum conforto que pudessem encontrar até se aproximarem o suficiente do núcleo.

A luz emanava das profundas fendas vulcânicas. A lava borbulhava delas frequentemente, conferindo uma textura estranha ao solo quando entrava em erupção e esfriava, deixando uma onda ondulante de pedra dura que o guiava cada vez mais perto do estranho objeto que o aguardava.

Um tubo de metal repousava, por sorte, sobre um monte de lava resfriada, bastante semelhante em aparência ao caixão em que ele estivera preso. A luz do fluxo carmesim o tornava vermelho em sua visão, refletindo a luz de sua superfície metálica até que quase parecesse brilhar. Aquilo não era apenas um presente. Era muito mais do que isso.

Ele nadou até a borda, sem se importar com o fato de a água estar tão quente que fazia as escamas de sua cauda doerem. Não importava. Aquele tubo era estranhamente impermeável até mesmo à lava que aquecia o metal. Embora estivesse quente, e ele pudesse ver áreas que finalmente sucumbiram ao calor e começaram a derreter, o caixão inteiro estava praticamente intacto.

Mais estranho ainda, ele conseguia ver que a parte da frente estava transparente. No entanto, o vidro estava embaçado e texturizado, o que dificultava a visão através dele.

Ele não ia pegar um tubo de metal fundido sem saber o que o andarilho das profundezas lhe havia dado de presente. Recusava-se. Tudo aquilo poderia ser uma armadilha, e ele não seria atacado logo ao acordar.

Ao pousar sua mão enorme na superfície transparente, ele se maravilhou com a visão de suas garras gigantescas. Uma luz se acendeu dentro do tubo no instante em que ele o tocou e deslizou a mão pelo vidro, e a silhueta de sua mão escura e desproporcionalmente musculosa, com suas garras mortais, percorreu o rosto da mulher lá dentro.

Seu rosto era liso e imaculado, uma pele perfeita como se ela nunca tivesse saído daquele caixão para contaminar o corpo dentro dele. Seus cabelos negros e lisos emolduravam o rosto, sem um único fio fora do

lugar, mesmo que ela certamente tivesse levado um tombo feio na água para chegar ali. Era evidente que ela nunca tinha visto o sol na vida, e ele se perguntou se ela continuaria tão pálida se o tivesse visto antes.

Os humanos raramente o interessavam, e esta só era interessante por causa de sua situação. Ela não deveria estar presa naquele caixão de vidro, assim como ele também não deveria estar. E ele supôs que estava pedindo ajuda a alguém. Tudo o que precisava fazer era acordá-la, aterrorizá-la até que concordasse em fazer o que ele mandasse e, então, prosseguir com seu plano. Desta vez, com uma cúmplice.

Só o tempo diria se era um bom plano ou não. Ela certamente não ia gostar, não importava o que ele lhe pedisse para fazer.

Enquanto ele a encarava, observando seu rosto em forma de lua, uma pequena perna de metal ajeitou uma mecha de seu cabelo. Então, a cápsula era o que a mantivera viva por tanto tempo e o que a mantinha segura. O apêndice de metal então se voltou para o vidro e o embaçou por dentro. O vidro fosco tornava quase impossível para ele ver a mulher lá dentro.

— Que curioso — murmurou ele, inclinando-se para baixo e agarrando o metal derretido em seus braços. — Teremos que ver o que mais há dentro de você.

Era pesado, mas não tão pesado que ele não pudesse carregá-lo. Proteus voltou em alta velocidade para o esconderijo onde Piloto o havia levado. Ele precisava que o mar resfriasse o metal antes que ele o pegasse. Mas talvez o calor fosse a menor de suas preocupações, enquanto ele arriscava que um humano visse as instalações. Tudo poderia dar muito errado, e então haveria sangue por toda aquela instalação limpa. Uma verdadeira tragédia.

Além disso, ele não achava que a pressa faria alguma diferença para a mulher na cápsula. Ela estava selada lá dentro há algum tempo. Ao contrário dele, ela não parecia estar acordada.

O estranho quadrado flutuando no meio do oceano o aguardava como antes, com quatro âncoras de cada lado. Passando rapidamente por baixo dele, ele esperou impacientemente que a escotilha se abrisse antes de jogar o caixão dela para dentro da sala e segui-la.

O clangor metálico ecoando fez seus ouvidos zumbirem. Ele entrou no a sala no mesmo instante em que o som ecoou, e imediatamente sua cauda se enrolou. Ele odiava barulhos altos. Sempre odiou, mesmo quando criança.

E quando o eco parou, tudo o que ele conseguiu ouvir foi um grito agudo que, ao mesmo tempo, fazia o cômodo parecer muito pequeno e barulhento. Fazendo uma careta, ele olhou para cima e viu que o som vinha do Piloto. Aquele pequeno droide gritou de terror, e o cômodo inteiro teve que suportar o som até que Proteus gritou de volta: — Droide, chega!

Ah, silêncio sublime.

Finalmente, ele pôde relaxar. O droide parou de gritar, ninguém se mexeu na sala e Proteus pôde pensar novamente.

Subindo pela lateral do caixão que trouxera consigo, ficou satisfeito ao ver que a mudança de temperatura fizera a névoa se dissipar em gotas, revelando seu belo rosto. Era tão estranho olhar para ela e ver uma pessoa. Viva, mas não completamente.

Seu peito subia e descia. Agora, à luz da sala, ele podia ver que ela vestia um estranho traje colado ao corpo. Era moldado às suas curvas, delineando cada movimento. Seu corpo mal se sustentava, até mesmo projetava uma sombra, considerando toda a luz que se refletia de dentro do cômodo em que estavam. Seus olhos estavam quase cegos por tanta luz.

— O que é isso? — perguntou Piloto, subindo pela lateral para ficar em pé sobre o vidro e olhar para ela com aqueles olhos estranhos e trêmulos.

— O presente que a criatura das profundezas me deu — respondeu ele,

desgostoso com a falta de ajuda prestada. — É inútil. Uma cápsula como esta só pode significar que ela esteve em estase por muito tempo.

Piloto já havia estendido o tentáculo de sua barriga e o conectado à cápsula. As luzes piscantes no topo da cápsula pararam, e de repente a seção transparente se tornou uma tela. Proteus não conseguiu ler nenhuma das palavras que voavam sobre ela, mas eram principalmente zeros e uns, algo que ele supôs que os droides dominavam.

— Ah — disse Pilot. Depois, repetiu, mas de forma mais prolongada: — Ah.

— O que é?

— Ainda estou aprendendo.

O pequeno droide murmurou "oh" umas trinta vezes antes de se desligar e voltar aqueles olhos alongados para ele.

— Este é um clone. Em Tau, muitos deles eram usados para manter os Originais vivos. Mas depois da queda de Tau, a maioria foi levada para outras cidades para começar uma nova vida. Alguns deveriam permanecer congelados, como este, pois infestariam as cidades com sua quantidade. Mas também se achou mais humano não ter clones da mesma pessoa circulando pela mesma área. Mentalmente, eles não tinham certeza se os clones se adaptariam bem a isso.

— Ou qualquer outra pessoa na cidade — murmurou Proteus enquanto a examinava.

Ele tinha visto tudo isso nas telas enquanto Piloto lhe contava os últimos duzentos anos. Mas isso não explicava por que o andarilho das profundezas lhe dera uma, ou por que o mar parecera tão satisfeito com isso.

Ele ficou desapontado. Os clones eram receptáculos vazios. Cascas de pessoas sem memória ou personalidade. Eram crianças que tiveram permissão para desenvolver corpos adultos sem jamais se desenvolverem de fato.

— Inútil — murmurou ele, afastando-se da cápsula. — Não preciso de um servo que nunca acordou. Isso não ajuda em nada.
— Mas este foi despertado — disse Pilot, e então começou a bater no vidro para ativar alguma mensagem. — Veja você mesmo.
Proteus inclinou-se para ler os registros que desta vez estavam legíveis e percebeu, sim. Este havia sido despertado. Muitas vezes, na verdade. Ele podia ver que havia quase uma centena de registros dessa cápsula sendo aberta e da pessoa dentro dela despertada.
Conhecendo os humanos, se isso foi registrado tantas vezes, então ela deve ter sido acordada pelo menos o dobro disso.
— Por que eles teriam feito isso? — murmurou ele.
Piloto tocou mais algumas vezes em algumas das mensagens e então lá estava. Uma explicação. Ele não era muito rápido em ler a língua humana - fazia séculos que ele não tentava - mas a informação voltou à sua mente com rapidez suficiente.
Não só essa mulher havia sido despertada por alguns dias de cada vez, como também parecia...
— Ela foi... baixada? O que isso significa?
— Significa que estavam usando um ambiente simulado para ensiná-la — respondeu o Piloto. Até o droide parecia confuso. — Aparentemente, estavam criando um espaço onde ela pudesse existir, aprender e... bem, francamente, amadurecer. Tudo na mente dela. Ela era uma pessoa real, vagando por um mundo falso, até que quem quer que tivesse esses códigos a despertasse.
— Quem tinha os códigos?
— Não sei.
Então ela vinha aprendendo como se estivesse acordada. Crescendo e fazendo sabe-se lá o quê naquele ambiente simulado. Era muito tempo para uma única pessoa ser transformada em uma arma, ou algo ainda pior que ele não conseguia imaginar. O povo de Tau não era conhecido

por ser gentil com os clones. Os clones dela eram usados para todo tipo de coisa, pelo que ele tinha visto nas câmeras de vigilância da própria cidade. Ele se perguntava para que essa clone havia sido usada.

— Descubra quem foi — disse ele, enquanto se esgueirava de volta em direção à escotilha aberta. — Preciso me alimentar.

Ele não perderia mais tempo com uma mulher fictícia que jamais entenderia. Essa clone era uma pessoa; isso estava claro em seus registros, mas ele não fazia ideia de que tipo de pessoa ela era.

Por isso ele tinha um droide.

Proteus seguiu os caprichos do mar, flutuando pelas águas até encontrar uma baleia morta recentemente. Vários predadores já estavam ali, mas ao verem seu tamanho e sentirem a energia de ódio que emanava dele, não o incomodaram muito. Um dos tubarões maiores o empurrou quando ele começou a se alimentar, mas quando Proteus se virou para ele com a boca escancarada totalmente à mostra, a besta recuou furtivamente.

Uma pena, mesmo. Ele bem que precisava de uma briga.

Mas a gordura salgada aliviou a fome que o consumia. Ele devorou pedaços da baleia, consumindo-os até que sua garganta estivesse tão cheia que ele podia sentir sua barriga se expandir. E então ele sentiu suas forças retornarem.

O poder que lhe faltava se manifestou em todo o seu corpo e... sim. Ele estava de volta a si. Podia sentir o mar se curvando à sua vontade. Podia sentir os músculos, sempre tão fortes, voltando a se desenvolver. Agora, ele podia ficar meses sem comer.

Sem fim.

Duradouro.

O tipo de criatura que era quase impossível de matar.

Com um sorriso talvez um pouco largo demais, ele retornou à caixa no mar que mantinha sua prisioneira. Em breve, ele colocaria seu plano em prática. Em breve, ele descobriria o que aquela mulher sabia e para o que

havia sido treinada.
Ele entrou sorrateiramente e aproximou-se do caixão, onde Piloto havia se conectado novamente.
— O que você descobriu? — perguntou.
— Um dos Originais a despertou muitas e muitas vezes. Não é uma descoberta totalmente positiva, mas o homem era um cientista notável. Ele transferiu habilidades técnicas para a mente dela. Ela é particularmente boa em ciência da computação e matemática, embora a maior parte do que aprendeu não seja útil aqui. Ela está acostumada com tecnologias muito mais modernas do que as necessárias para nos conectar com o Mundo Superior.
— Mas a compreensão de tais coisas não estará além da sua capacidade?
— Duvido. Ela seria útil o suficiente para fazer o que você precisa. — Piloto hesitou, porém. Ele percebeu que havia mais palavras naquela resposta que o droide não estava lhe dizendo.
— E?
— E... — Pareceu prolongar-se ainda mais para criar um efeito dramático. — Se quiser, podemos acordá-la agora.
Muito fácil.
Seria quase fácil demais despertar a criatura que o ajudaria por eras. A criatura que, para todos os efeitos, se tornaria sua escrava e faria tudo o que ele mandasse, não importando o que fosse.
Ele se inclinou sobre o caixão, observando seu semblante sereno enquanto ela repousava. Ela não fazia ideia de qual monstro a aguardava ao acordar.
— E quanto à nossa língua?
— Já baixei o software. Ele é significativamente avançado. Levou quase uma hora, enquanto você estava fora, para que o novo protocolo fosse implementado na mente dela. Não há necessidade de um dispositivo de tradução. — Piloto se calou antes de murmurar: — As questões éticas

sobre essa máquina são inúmeras.

— Quando foi a última vez que ela esteve consciente?

— Há dois anos. Seu Original a colocou para trabalhar no laboratório com os outros clones. Ele estava... fazendo experiências com eles.

— Como assim?

Por que o droide parecia desconfortável em lhe contar?

— Eles tinham muitos Humanos da Água que estavam sendo testados, e ele queria determinar se era possível combinar o DNA das espécies. Ela o estava ajudando a implantar brânquias em indivíduos humanos, tentando fazer com que pudessem respirar debaixo d'água. Todos se afogaram. Ela teve que assistir a muitas versões de seus próprios clones... se afogarem.

Ele odiava humanos como aquele homem. Era por isso que também odiava o rico que construíra aquele lugar. Proteus não tinha motivos para ser leal a nenhum deles, mas agora as escolhas eram suas.

Mais uma vez, ele deslizou a mão com garras sobre a imagem do rosto dela, a mão tremendo com a necessidade de esmagar seu crânio e livrar este planeta daquela praga de sua espécie.

— Acorde-a — rosnou ele. — E veremos o que ela mesma tem a dizer.

QUATRO

Ellie

Em seus sonhos, ela era uma pessoa real.

Ellie havia sido retirada de seu estado de estase tantas vezes que era difícil distinguir o que era real do que não era. Mas ali, naquele mundo onírico, ela era sempre tratada como um ser vivo de verdade. Como se não fosse um clone da pessoa que a precedeu.

Era assim que ela sempre sabia a diferença. Era fácil adivinhar quando ela estava acordada e quando não estava, pela programação ao seu redor. As pessoas daqui sorriam quando ela caminhava pelos corredores. Riam de suas piadas, acenavam para ela quando passava por perto. Desejavam-lhe um bom dia sempre que a viam. Às vezes, até lhe traziam pequenos presentes. Hoje era uma maçã fresca dos jardins de Tau.

Ela nem sequer tinha certeza se os verdadeiros Tau tinham maçãs. Ou jardins. Mas ali, onde tudo era perfeito e nada jamais dava errado, ela sabia que havia maçãs.

Dando uma mordida na carne crocante, ela dirigiu-se ao laboratório para continuar seus experimentos. Essa simulação era tão poderosa que ela... Ela estava realmente fazendo trabalho de verdade. Isso foi gravado pela cabine em que ela estava, ou pelo menos foi o que ele disse.

Malcolm Maximus Cornwall. Ele era o cientista que a acordava a cada poucos meses, e quem lhe ensinara tudo o que sabia. Ele até mesmo criara o programa em que ela estava vivendo naquele momento. Absolutamente tudo fora projetado por ele. Então, ela devia a ele o reconhecimento quando se deitava em sua cama aconchegante, quando se maravilhava com o belo papel de parede da sala em que trabalhava,

ou quando saboreava uma maçã crocante como a que segurava na mão.
Ao virar a esquina branca e pálida que dava acesso aos laboratórios, um pensamento perturbador a incomodou.
Ela nunca tinha comido uma maçã. Não fazia ideia se o que estava sentindo agora era realmente o gosto de uma maçã, ou se era muito diferente no mundo real. Pensamentos assim a incomodavam às vezes. Malcolm lhe dizia que era completamente natural e que ela não deveria se preocupar muito com isso. Afinal, era improvável que ela algum dia mordesse uma maçã de verdade. Ela podia muito bem aproveitar esta.
Ela entrou no laboratório e um homem muito bonito girou na cadeira. Ele sempre fora seu equivalente. Na simulação, seu nome era Romeo Steel. No mundo real, seu nome era Steve, e ele não era nem de longe tão bonito quanto aquele.
Ele havia programado seu corpo para ter um queixo forte e lábios carnudos. Seus olhos brilhavam com travessura, não importava o que estivesse fazendo, e seus ombros eram largos e quadrados. Músculos concentrados em seu corpo, quase ridículos em sua quantidade. Ele os apontava para ela frequentemente, mas ela não o observava muito.
Porque Ellie sabia como ele realmente era. E não era nada parecido com isso.
Steve era um homem branco muito magro que ficou severamente calvo desde muito jovem. Ele sempre quis ser alto e forte, e absolutamente incapaz de se convencer a se exercitar no mundo real. Ele vivia nessa simulação quase tanto quanto ela.
— Finalmente você chegou! Estava me perguntando quando você apareceria. — Ele sorriu para ela, tentando flertar como sempre fazia.
Ele dizia a mesma coisa todas as manhãs. Não importava a que horas ela chegasse, Steve tentava fazê-la sentir que estava atrasada. Não fazia o menor sentido, considerando que o tempo não importava ali. Ela não estava viva. Ela não estava morta. Ela estava ali apenas para aprender, se

desenvolver e crescer em tudo aquilo que Malcolm queria que ela crescesse.

Por quê? Ela não fazia ideia. Sempre que a acordavam, ela era testada. Repetidamente. Faziam-na programar coisas, escrever scripts diferentes, ver se ela conseguia competir com os droides enquanto eles despejavam código binário para ela decifrar. Uma centena de coisas que a faziam tentar descobrir, mas nada disso fazia sentido.

Ela não sabia por que ele estava tentando lhe ensinar essas coisas. Só sabia que, em sua realidade, ela dominava Python aos cinco anos de idade. Claro, seu corpo era o de uma mulher adulta. Tinha sido difícil para ela nas primeiras vezes em que fora despertada. E então ele construiu a simulação, e tudo ficou ainda mais estranho.

Ela não era mais criança, mas nunca tinha sido criança de verdade. Ela teve que aprender que as outras pessoas não eram iguais a ela e que clones não eram realmente pessoas.

Ela era uma boneca. Algo em que ele pudesse inserir conhecimento e trazer de volta à vida sempre que quisesse brincar.

A sala era fria e limpa. Malcolm gostava que as coisas estivessem impecáveis, e ele projetou esta sala para que não houvesse distrações. Havia um painel à sua frente, junto com um teclado para digitar o que precisasse, e uma parede de telas. Ela podia assistir a uma grande variedade de coisas ali. Todas as suas aulas aconteciam nesta sala, onde ela aprendia o conhecimento teórico que... isso só era raramente posto em prática. As paredes brancas, o chão branco e a luz fluorescente forte sempre a incomodavam.

— Não estou atrasada, e você sabe disso — murmurou ela antes de se dirigir à sua mesa. — Em que vamos nos concentrar hoje?

— Genética. Hoje vamos aprender como a fusão genética entre humanos e ondinos afeta o organismo médio.

Ellie franziu a testa. Ela já não tinha aprendido isso? Quando Romeo se

inclinou para a frente e apertou um botão, ela teve certeza de que eles já tinham visto essa lição antes. As telas estavam cheias do mesmo conteúdo que ela tinha visto na semana passada.

— Romeu? — perguntou ela. — Já tivemos essa lição.

— Não, não. Cada dia traz um novo conhecimento, a menos que estejamos dando continuidade a um estudo que fizemos durante a semana. Esta semana é uma nova semana, você sabe disso. — Ele recostou-se na cadeira e pegou um jornal.

Foi aí que o algoritmo terminou. Ele ficou paralisado enquanto ela folheava tudo o que deveria aprender. Era exatamente a mesma rotina todos os dias.

A única maneira de ela o acordar era fazendo uma pergunta. Então, ele voltava a funcionar. Subitamente vivo para responder a tudo o que ela quisesse saber.

O verdadeiro Romeu não sabia a resposta para quase nenhuma das perguntas dela. Ele apenas a encarava sem expressão quando ela estava acordada. O olhar dele a deixava desconfortável.

Então ela não lhe fez nenhuma pergunta. Em vez disso, começou a encarar o mesmo código genético que havia encarado na semana passada. Quanto mais olhava, mais certa tinha de que era exatamente o mesmo. Não havia diferenças. Ela vinha fazendo esse tipo de teste dia após dia, e aquilo era exatamente a mesma coisa que já havia aprendido.

Pensando bem, ela vinha fazendo muitas coisas parecidas ultimamente. Suas aulas pareciam mais longas. Ela havia dito a Romeu que ela já tinha feito lições como essa algumas vezes, ou estava pronta para avançar, mas por algum motivo não conseguia. Ele prolongava as lições, mas sua programação não lhe permitia mentir, então ela percebeu que talvez ele estivesse repetindo os dias porque... precisava.

Ela recostou-se na cadeira, ignorando o ruído da roda que estava literalmente programada para distraí-la.

O almoço também era sempre o mesmo. Normalmente, ela comia uma variedade de comidas falsas; a simulação servia para animá-la, dadas as circunstâncias de sua vida. Mas o almoço era exatamente o mesmo. Quase como se não pudesse mudar.

Não, isso não era possível. Não havia absolutamente nada de errado com a programação dela ou com a simulação em que ela vivia. Tau estava bem no mundo real, e ela era apenas paranoica. Afinal, Ellie ficava trancada ali sozinha dia após dia. Era natural que uma garota se sentisse desconfortável.

Mesmo assim, seu olhar se voltou para o teto, como se ela pudesse ver o mundo real em algum lugar muito acima dela. O que estaria acontecendo lá em cima, afinal? Ela não tinha notícias de Malcolm há algum tempo. Ele era previsível. Como um relógio, a cada dois meses ele a despertava e a testava novamente. Ele estava tentando criar o espécime perfeito, ela supôs. Ou talvez gostasse de brincar com ela. Seja qual fosse o motivo, ela simplesmente gostava de estar viva por alguns instantes.

Usando pulmões de verdade.

Sentir aromas autênticos.

Experimentar o mundo como uma pessoa real o experimentaria era um privilégio raro e maravilhoso sempre que ela tinha essa oportunidade. Ele não tinha consciência do dom que lhe concedera, ou talvez tivesse plena consciência disso e achasse que ela deveria ser mais grata do que era. Dependia do dia.

Suspirando, ela continuou memorizando a mesma sequência genética da semana passada até ter certeza de que conseguiria recitá-la dormindo. Memorizar sempre fora fácil para ela. Malcolm dizia que isso acontecia porque sua Original era uma mulher de conhecimento impressionante. Seu cérebro funcionava de maneira diferente do das outras pessoas.

Ela já havia tentado escanear o próprio cérebro uma vez. Malcolm a deixara sozinha no laboratório por algumas horas, quando ela estava

acordada, e ela queria ver se realmente havia mais atividade cerebral ali do que em uma pessoa comum.

Ele a encontrou quase na metade do teste e ficou furioso.

— Você está desperdiçando recursos para quê? — ele gritou, arrancando os eletrodos da cabeça dela tão rápido que arrancou alguns fios de cabelo junto. — Você não é capaz nem de ler esses resultados! Você não está aqui, Ellie. Você é só uma cópia dela.

Foi naquele dia que ele a sentou e explicou que ela não era uma pessoa de verdade. Ele poderia se livrar dela com tanta facilidade, e ninguém se importaria. A morte dela nem sequer deixaria as pessoas com raiva, e ela precisava se lembrar disso. Existiam centenas de criações iguais a ela. Bonecas para serem despertadas sempre que alguém quisesse brincar.

Recostando-se na cadeira, ela girou para encarar Romeu.

— Tenho uma pergunta.

Ele imediatamente voltou à vida, mas desta vez havia uma estranha falha nele. Ele oscilou um pouco, e então um de seus olhos começou a olhar na direção errada.

— Eu tenho uma resposta. Qual é a sua pergunta, Ellie?

Ela ficou tão incomodada com o olho dele que se esqueceu completamente do que queria perguntar.

— Romeu... O que há de errado com o seu olho?

— Não pode haver nada de errado com meu olho. Por favor, formule sua pergunta, ou voltarei a ler meu jornal.

Steve nunca lia nada. Ela nem tinha certeza se ele sabia ler.

— Eu queria saber o que está acontecendo em Tau. Faz um tempo que não tenho notícias do Malcolm e gostaria de ter a confirmação de que está tudo bem no mundo real.

Então, algo ainda mais estranho aconteceu. O mesmo lado do rosto onde ele olhava começou a cair. Sua boca se retraiu, como cera derretendo de um esqueleto por baixo. Em seguida, sua cabeça começou a inclinar-se

para a esquerda também, mas sua voz não mudou.

— Está tudo bem em Tau. Eu teria sido informado se houvesse algum problema.

— Acho que tem algo errado com você — ela sussurrou enquanto se levantava lentamente. — Talvez devêssemos reiniciar a simulação. Você consegue fazer isso?

Sua cadeira desapareceu. Aquela em que ela estava sentada sumiu de repente. E então todas as telas piscaram, cada uma mostrando uma cidade em chamas. Tau inundando. Corpos flutuando na água e sangue tingindo o oceano de vermelho até que fosse tudo o que ela conseguia ver. Morte. Destruição. Perigo.

— Não há nada de errado — disse ele novamente, com o corpo mole e deslizando lentamente para o chão. — Não há motivo para alarme. Tenho certeza de que o sistema reiniciaria sozinho se houvesse algo... errado...

Tudo ficou escuro.

Isso só acontecia quando ela estava acordando. Por um instante, não havia mundo. Apenas ela, presa em seus pensamentos e no corpo que não despertaria até que sua cápsula a permitisse. Era um silêncio aterrador ao qual ela nunca se acostumara.

Era assim que viviam todos os outros clones? Será que eles também tinham consciência disso, presos em suas próprias mentes enquanto definhavam na loucura porque ninguém lhes permitia sequer abrir os olhos?

O pânico começou a se instalar. Ela podia sentir seu coração batendo forte no peito, acelerado como se pudesse fugir do seu corpo e deixar o resto dela para trás. Ele também não queria estar ali. Não queria sofrer na escuridão e no silêncio, rezando para que alguém os encontrasse.

Uma pontada aguda atingiu a lateral do seu pescoço. A única vez que isso aconteceu foi quando ela estava de fato acordando. O que significava

que tudo aquilo tinha sido um pesadelo. Ela pediria a Malcolm que a deixasse examinar a cápsula, porque algo claramente havia dado errado com a programação. Ou talvez tudo aquilo fosse um teste. Talvez ele quisesse ver o que ela faria quando estivesse com medo.

Ele estava sempre a testando. Essa certamente poderia ser a explicação.

Talvez os corpos clonados reagissem de forma diferente sob pressão, e ele quisesse ver até onde chegariam os níveis de cortisol dela. Ou talvez fosse necessária uma atualização de algoritmo, e ele não tivesse percebido que fazê-la antes que ela acordasse causaria reações tão terríveis na programação.

Tantas explicações vieram à sua mente, porque se ela não explicasse, seria simplesmente um homem cruel querendo machucá-la.

Ela nem sequer cogitava a possibilidade de que algo pudesse estar realmente errado. Não conseguia acreditar que as imagens que vira naquelas telas fossem reais. Que pessoas estivessem mortas e que Tau... Tau não existisse mais.

Onde isso a deixaria? O que isso significava para a garota presa em um tubo que a manteria viva a qualquer custo?

Ellie abriu os olhos, rezando para um deus em que não acreditava para que tudo estivesse igual. E, em grande parte, estava. Havia luzes brancas e brilhantes sobre sua cabeça, telas em todas as paredes ao seu redor. Tudo estava igual. Exatamente como ela havia deixado.

Só que... Agora, uma sombra escura pairava sobre ela. Uma sombra com longos cabelos escuros, olhos como as profundezas do mar e uma boca larga e fendida que se abria para revelar dentes longos e afiados.

— A princesa finalmente acordou — disse ele, e sua voz era o abismo vindo para reivindicá-la.

Ela gritou antes mesmo de conseguir pensar em respirar.

CINCO
PROTEUS

Proteus não esperava que os olhos dela fossem tão estranhos. Ele vira olhos humanos durante a maior parte de sua vida. Os humanos eram, em geral, entediantes. O Povo da Água os chamava de acromos, os incolores, porque para eles havia pouquíssimas cores nos humanos. As escamas dos ondinos eram de todas as cores do arco-íris, e algumas delas exibiam várias cores ao mesmo tempo. Então ele pensou que já tinha visto de tudo em relação à espécie dela.

Mas o olhar dela era quase límpido. Aqueles olhos eram tão azuis que chegavam a ser brancos, claramente afetados por algum tipo de droga ou alguma estranha falha em sua criação. Os clones, porém, foram feitos com bastante cuidado. Ele tinha visto o quanto de trabalho e dinheiro eram investidos em suas vidas, então duvidava que alguém tivesse cometido um erro tão grave.

Ela devia ser assim mesmo. Genética estranha à parte, era quase desconfortável encarar um olhar tão límpido. Era como se ela o atravessasse, penetrando sua alma, uma alma que ele nem tinha certeza de possuir.

Eles eram dois seres criados por algo muito maior do que eles próprios. Provavelmente, nunca deveriam ter sido criados. Quem quer que tenha pensado que deveriam existir, desafiou as leis da natureza ao trazê-los à existência.

Que sensação estranha experimentar um sentimento de afinidade imediato ao encontrar outra criatura. Proteus nunca havia se sentido assim antes.

Seus estranhos olhos se arregalaram ainda mais, cada vez mais, e então ela gritou.

O som invadiu seus pensamentos, empurrando-o para longe dela com uma força quase física. Ela não tinha magia nem poder que ele pudesse sentir, mas aquela voz era ensurdecedora. Ele não conseguia pensar. Não conseguia existir com aquela insanidade sonora reverberando em sua cabeça.

Apoiando as mãos em ambos os lados do crânio, ele cambaleou para longe dela. Sua cauda dificultava a fuga rápida, e ele não conseguia ver para onde estava indo. A escotilha pareceu desaparecer de repente, e o som fez cada osso do seu corpo doer.

Ele queria matá-la. Queria bater com a tampa do caixão sobre a cabeça dela e silenciar sua voz para sempre. Precisava do silêncio dela. Precisava da quietude e da calma que reinavam naquele cômodo momentos antes de ela acordar. O medo que sentira dele a calaria, ele tinha certeza. Mas não conseguiria fazê-la temê-lo se fugisse dela ao primeiro grito de terror.

Finalmente, ela parou, embora ele tivesse certeza de que era apenas um breve alívio. Ela provavelmente nunca tinha visto um monstro como ele. Ele era pior que o Povo da Água. Pior do que ela jamais sonhara que algo pudesse viver no mar.

Ele olhou para trás, para o caixão que a mantivera viva, e a encontrou encolhida num canto. Ela tinha os braços abraçados às pernas, aquele olhar arregalado e sinistro fixo nele enquanto observava seus movimentos.

Proteus reconheceu aquele olhar. Era o mesmo olhar arregalado que todas as presas lhe dirigiam antes de serem devoradas. Aqueles olhos diziam que ela reconhecia um predador quando via um, e ela não o deixaria se aproximar sem soltar aquele som de fúria mais uma vez.

— Calma— disse ele, embora seu tom revelasse a raiva e a fúria que

ainda fervilhavam dentro dele. — Cale a boca, humana.

Ela engoliu em seco, o pequeno nódulo em seu pescoço subindo e descendo ao som da voz dele.

— Você fala?

— Você também.

Ele a encarou fixamente, esperando que ela desviasse o olhar. Ele havia vencido aquela pequena batalha, mas logo soube que ela o testaria. Os humanos não conseguiam se controlar. Eles viam uma criatura que não se parecia com eles e decidiam que sua presença era um desafio. A qualquer momento, ela o bombardearia com perguntas. Ela o pressionaria e o cutucaria até que não restasse nada além de raiva nele.

Sua fúria sempre fora sua ruína. Aquela criaturinha delicada precisava de um toque sensível, e ele precisava que ela fizesse o que ele mandasse. Esse tipo de controle só viria do medo ou do respeito.

Ter medo era muito mais fácil.

Mostrando os dentes num rosnado, ele enrolou a cauda em volta do corpo, dando voltas e voltas enquanto observava os olhos dela fixos nos ossos brilhantes que ela conseguia ver através da sua carne. Ele nem sequer tinha se dado conta de que estava tão perturbado a ponto de iluminá-los, mas tinha certeza de que isso jogaria a seu favor. Ela ficaria aterrorizada com a criatura esquelética das profundezas que se revelaria mais monstro do que homem.

— Fique em silêncio enquanto eu trabalho — disse ele. — Eu a trouxe de volta à vida apenas para servir. Esse é o seu único papel aqui. O mar a aguarda se você não me servir bem. Terei prazer em alimentá-la aos tubarões que rodeiam este lugar, pois tenho certeza de que estão famintos.

Ela engoliu em seco novamente, aqueles olhos estranhos o observando com uma intensidade que lhe dificultava a respiração. Ele odiava quando pessoas como ela o encaravam. Proteus sabia que era diferente de tudo

que ela já tinha visto, e que provavelmente também a incomodava. Mas ela não precisava encará-lo.

Afastando-se dela, ele se concentrou na tarefa em mãos. Ele tinha sua cúmplice, quer ela quisesse ajudá-lo ou não, mas agora precisava encontrar o primeiro ponto de conexão entre o Acima e... o Abaixo.

Ele supôs que a retórica funcionava. O Povo da Água provavelmente não se interessaria em chamar o lugar de Abaixo, pois isso teria algumas implicações com as quais eles não concordariam. Mas, na realidade, era exatamente ali que eles estavam. Abaixo da terra. Abaixo de todas as tempestades e da loucura que ainda assolavam este planeta, causadas por pessoas que não tinham o direito nem mesmo de tentar fazer o que fizeram.

Se ele conseguisse estabelecer essa conexão, poderia chegar a algum lugar. Precisaria, é claro, da cooperação das pessoas. Mas reassumir o papel de deus certamente ajudaria nisso. Se o Povo da Água voltasse a adorá-lo como deveriam ter feito durante todos esses anos, ele poderia obrigá-los a fazer sua vontade também.

Eles expulsariam os humanos deste mar com facilidade. Ele se certificaria disso. Porque esse sempre fora o objetivo de vida de Proteus. Sua razão de existir.

Os antigos haviam criado um deus que sabiam que, em algum momento, reuniria o mundo novamente. Planejaram destruir tudo o que existia e, em seguida, reconstruir tudo da maneira que desejavam. Embora o plano fosse talvez aterrorizante para a maioria, era a única forma de funcionar.

Por mais futuro que Proteus pudesse vislumbrar, os antigos enxergavam muito além. Eles viam séculos no futuro, sabiam o que aconteceria no fim dos tempos. Eles o guiavam, assim como a todos os outros no mar, através das complexas teias de aranha, reagindo e movendo todas as peças necessárias quando alguém fazia algo errado.

Ele estendeu a mão para os botões do sistema de controle, pressionando-

os para poder vislumbrar os poucos sistemas que ainda estavam online. Um mapa se desdobrou nas telas à sua frente. Havia muitas conexões desse homem rico espalhadas por todo o planeta.

Infelizmente, apenas os que estavam submersos ainda estavam online. Os demais ou haviam sido destruídos completamente ou não tinham energia suficiente para transmitir sinais. Ele tentou se conectar com alguns que estavam próximos, mas nada que fizesse convencia sequer os droides ali presentes a despertar.

Finalmente, ele encontrou uma de que se lembrava.

Há muito, muito tempo atrás, ele costumava trabalhar com esses humanos. Ele se lembrava de um lugar onde eles se encontravam frequentemente. Não apenas com ele, mas também com alguns dos Povos da Água que acreditavam em seu trabalho e no que ele desejava realizar. Eles confiavam que Proteus sabia o que era melhor para eles e também o acompanhavam para se reunir com os humanos.

Aquele lugar era seguro para todos eles. Mas também era uma obra de arte.

Se ele conseguisse levar os outros ondinos até lá, poderia convencê-las de que seu poder divino havia retornado. Só isso já seria suficiente para conquistar a confiança delas, se ele conseguisse fazê-los acreditar. Eles convenceriam os humanos a confiar nele e então... Bem, então ele lhes daria um lugar para ir que não fosse ali. Era aí que a mulher entraria em cena.

— Piloto — disse ele, esperando até ouvir o som das garras do droide se aproximando para continuar. — É para lá que iremos. Esta instalação precisa ser ativada.

— Isso seria impossível. — O Piloto subiu no console e se conectou a ele. Em seguida, usou as telas para projetar o status da instalação e tudo o que precisava ser religado.

Era muita coisa. Não havia energia, é claro. Os sistemas solares no topo

da instalação tinham sido completamente destruídos, provavelmente pelo vento. Então não havia mais como gerar energia. Os sistemas dos droides também tinham desaparecido. Isso poderia ter sido devido a um desabamento ou algo do tipo, como um animal que entrou e destruiu a estação de carregamento. E, claro, havia os cabos e sistemas que a conectavam às outras instalações. Tudo havia desaparecido.

Ele poderia ir até lá e perceber que não restava nada naquele local além de areia e poeira. Ele poderia fazer a viagem e não encontrar nada além de um túmulo, e quem sabe o que mais aconteceu lá em cima depois que toda a energia acabou.

Uma praga. Uma guerra. Inúmeras mortes - tudo isso provavelmente aconteceu antes de os humanos se extinguirem.

Suspirando, ele passou a mão no rosto.

— Essa é a única que vai funcionar, não é? Veja a localização. Veja as outras. Essa instalação era o centro de tudo. Deveria ter sido construída no lugar mais seguro possível. Nenhuma outra estação vai colocar toda a rede online. Teremos que consertar instalação por instalação, em vez de usar os droides para isso. Você está me pedindo para consertar algo que levará não apenas anos, mas talvez até séculos. É impossível sem que esse prédio central seja consertado.

— Santuário — murmurou Piloto. — Eles chamavam de Santuário.

Ele sabia que o pequeno droide tinha dito aquilo com a intenção de fazê-lo suspirar. Mas não funcionou. Ele se importava muito pouco com o nome que os humanos lhe davam, ou com o raciocínio por trás de tudo aquilo. Era. Talvez este fosse o último bastião conhecido da humanidade antes que ela sucumbisse à sua própria insensatez. Ele não se importava.

Seria o lugar onde a humanidade recomeçaria, se ele conseguisse pôr as mãos nele. Mas precisaria garantir que fosse adequado para tal propósito.

— Não me importa o nome que deram, Piloto. Tudo o que me importa é

que seja possível consertar. Encontre os últimos registros conhecidos daquela instalação e me diga exatamente o que deu errado.

— Os registros estão ilegíveis. Devem ter sido destruídos por algum tipo de tempestade solar. Até mesmo os backups estão danificados irreparavelmente. A única maneira de saber o que aconteceu lá é ir lá e descobrir por nós mesmos.

— Isso não é suficiente — rosnou ele.

Mas então ele congelou ao ouvir o som fraco de passos no chão. Rosnando, virou-se e viu que a mulher havia parado exatamente onde saíra da cápsula. Ela se agarrava à borda do tubo de metal, os olhos arregalados enquanto o encarava como se ele fosse atacá-la a qualquer momento.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou ele, com a voz grave e ecoando na câmara. — Você deve ficar onde eu a coloquei.

Ela ergueu a mão lentamente, apontando para as telas.

— Você perdeu alguma coisa.

— Não deixamos nada passar. Eu tenho um droide. Eles não cometem erros.

— Eles se esforçam ao máximo para não cometer erros, mas até a inteligência artificial falha às vezes. — Ela se endireitou. Seu corpo pareceu se desdobrar. Ela era alta para uma mulher, mais delicada do que a maioria das que ele conhecera em sua vida.

Proteus estava acostumado com guerreiros que lutavam até o último suspiro, mas ela tinha quadris e seios arredondados, claramente moldados para isso pela mão de um homem. Ele nunca entenderia a obsessão deles por corpos em formato de ampulheta, mas Proteus raramente tinha a intenção de achar algo atraente. Ele não tinha vocação para isso.

Mas, quando ela passou por ele, foi surpreendido pelo seu perfume. Por baixo de todos os químicos que a mantiveram viva durante tanto tempo

naquela cápsula, ele conseguia sentir o cheiro de flores.
Já fazia séculos que ele não sentia aquele cheiro, e mesmo naquela época, não tinha muitas oportunidades para isso. De repente, lembrou-se de uma cientista que trouxera flores para o laboratório e as mostrara a ele. Ela riu, dizendo que nunca pensara que ele teria a chance de vê-las. Ela adorava o perfume das margaridas e das flores silvestres, então as trouxe para que ele pudesse experimentá-lo.
Essa mulher o deixou sem jeito. Ela cheirava a flores e se aproximou do seu droide com uma hesitação que o fez querer quebrar o pescoço dela e acabar logo com aquilo. Ela já era uma criatura estranha com a qual ele não estava acostumado.
— Aqui — disse ela baixinho, apontando para uma linha de código binário que não significava nada para ele. — Isso significa que os droides criaram um backup de arquivo separado em um servidor externo, não é?
Piloto bateu os pés no console algumas vezes, não apertando botões, mas quase... com raiva.
— Não sei como deixei isso passar. Revisei o código várias vezes no meu módulo de linguagem.
— Eles escreveram isso de forma que outro droide não percebesse — murmurou ela. — Isso era para um humano ler.
— Por que eles fariam isso?
Proteus queria saber a resposta para a mesma pergunta.
— Você está sugerindo que os droides naquela instalação estavam escondendo algo de sua própria espécie?
— Ou receberam ordens para fazê-lo.
Ele encarou o reflexo dela nas telas, mas ela não o olhava. Ela estava absorta nos códigos, como se aqueles dois números guardassem as respostas para o universo. Ela queria ajudar, ele imaginou. Talvez pensasse que aquela era uma oportunidade para provar seu valor.
Ele permitiria. Se ela soubesse ler o que o Piloto não sabia, isso os levaria

mais longe em seu plano. Que assim fosse. Ele confiaria nela por enquanto, porque não tinha motivos para desconfiar.

Mas ele ergueu uma mão com garras e apontou para ela.

— Se você mentir para mim ou tentar escapar, eu a despedaçarei. Começarei pelas juntas dos seus dedos e removerei pedaços do seu corpo em cada junção, mantendo-a viva até que eu lhe dê permissão para morrer.

Por que ela parecia tão serena diante da ameaça dele? Ela assentiu e respondeu: — Entendo. Permita-me ler essas mensagens antigas e, com sorte, poderei lhe dar uma ideia melhor do que aconteceu.

— Faça isso.

Proteus esgueirou-se até o canto dos fundos e encostou-se nele, desenrolando a cauda ao longo do perímetro da sala para esticá-la. Ele veria do que aquela mulher era feita, mas não iria embora tão cedo.

SEIS

Ellie

Ellie talvez não fosse a pessoa mais corajosa do mundo, mas sabia como se apresentar. Não era como se Malcolm tivesse sido um homem gentil sempre que ela acordava. Ele também era brutal, implacável para conseguir o que queria, e impunha um ritmo alucinante para que ela aprendesse qualquer coisa. Talvez fosse por isso que ele a estava treinando. Talvez ele soubesse sobre essa criatura das profundezas que eventualmente a convocaria para... ajudá-lo? Ela pensou.

Ela estava ouvindo o que ele e o droide diziam, e era tudo o que conseguia deduzir daquela situação. Talvez eles ainda estivessem em Tau, embora os sons de borbulhas vindos de fora a fizessem pensar que talvez não. Ela tinha tanta certeza de que seu treinamento tinha um propósito, então devia ser esse.

Ouvir a discussão deles, no entanto, lhe forneceu detalhes cruciais para a situação. Ela sempre fora boa em perceber esses detalhes.

O hálito de Malcolm ficava estranho quando ele ia ser agressivo demais com ela. Se os olhos dele estivessem vermelhos, significava que ele ia sair do laboratório por um tempo e ela poderia vasculhar as gavetas dele para dar uma espiada em como era viver no mundo real. Se Steve fosse a única pessoa na sala, então ela realmente iria trabalhar naquele dia, e provavelmente trabalharia duro, porque ele era o único que realmente a desafiava.

Perceber coisas assim a manteve viva por muito mais tempo do que provavelmente deveria. Afinal, os outros clones dela ainda estavam em seus tubos, e ela estava lá fora. Experimentando o mundo como poucos

deles jamais experimentariam.
Ela lançou um olhar furtivo para o canto escuro onde o monstro estava deitado. Ele era enorme. Ela não fazia ideia do que ele era, pois já tinha visto inúmeros ondinos em sua vida e ele não era um deles.
Os ondinos eram delicados, ou pelo menos, era assim que pareciam. Embora sua espécie fosse extremamente resistente, não era difícil perceber a beleza neles. Suas finas nadadeiras se moviam na água com tanta graciosidade, e o contorno de seus traços sempre lhe chamara a atenção. Tinham rostos bonitos, narizes achatados que lhes conferiam uma aparência quase régia. Eram tudo o que ela sonhara ser. Etéreos. De outro mundo. Criaturas que inspiravam sonetos e histórias sobre a bravura delas nas profundezas.
Ele não era nada parecido com eles.
Sua cauda era grossa e robusta. As nadadeiras na ponta estavam esfarrapadas e cheias de buracos, resultado de anos de mau uso. Sem mencionar o esqueleto sempre brilhante que se estendia da cauda até um torso igualmente musculoso, porém oco de fome. Ele parecia uma criatura capaz de se alimentar por séculos sem jamais se saciar.
Mãos enormes repousavam ao lado de sua cauda no chão, grandes demais para que ela as visse sem se sentir desconfortável. Havia articulações extras nelas, então seus dedos eram estranhamente longos. Foram a primeira coisa que ela viu ao acordar. Mãos escuras e desumanas ergueram-se em direção ao seu rosto, como se fossem criaturas dos antigos clássicos que ela lera na simulação.
Nosferatu, pensou ela. Suas mãos pertenciam a um vampiro.
E então havia seu rosto. Assustadoramente belo e, ao mesmo tempo, estranho. Olhar para ele era quase como olhar para um ser humano, mas quanto mais ela olhava, mais estranho ele parecia. Havia linhas em suas bochechas, como se alguém tivesse aberto sua boca à força, e elas brilhavam junto com suas costelas e os ossos de sua cauda. Ela conseguia

seguir as linhas brilhantes de sua boca pelas bochechas até o pescoço, e só isso já a fazia estremecer de medo.

Longos cabelos escuros caíam até a cintura, tão incrivelmente compridos que ela se surpreendeu ao ver que não estavam emaranhados. Mas uma criatura como aquela, que vivera no mar por tanto tempo, certamente não precisava pentear os cabelos. Era uma criatura lendária. Pente não existia em histórias como aquela.

Embora fosse difícil até mesmo vê-lo agora. Assim que se acomodou naquele canto, ele quebrou a lâmpada no teto acima dele para mergulhar na escuridão.

— Moça — disse o droide ao lado dela, chamando sua atenção de volta para a tarefa em questão. — Leia esta frase.

Ela examinou o código binário, sua mente voltando imediatamente à tradução. Era sua atividade favorita, na verdade. Havia uma sensação imediata de realização quando ela conseguia decifrar o significado de uma sequência de código.

— Eles desligaram toda a energia externa para manter a transferência de dados armazenados.

— Não diz onde o colocaram?

— Não.

O droide soltou um pequeno resmungo irritado, e então os números começaram a rolar tão rápido que era impossível para ela acompanhar a leitura. Parecia estar irritado porque outros de sua espécie haviam tentado esconder informações dele. Ela imaginou que também teria ficado chateada.

— Droides podem expressar raiva? — perguntou ela antes que pudesse pensar no que estava dizendo.

— Eu consigo expressar raiva.

— Isso é... estranho. Não é?

Uma risada sinistra ecoou do fundo da sala.

— Sim, é estranho. Esse droide tem sido uma ameaça desde que o peguei. Claramente, ele tem um defeito que ainda não foi resolvido. Você se dá bem com droides, pequena humana?

— Nunca recebi treinamento em funcionamento de droides. — Ela respirou fundo, percebendo que aquilo poderia ser a única coisa que a mataria. — Mas aprendo rápido. Acho que poderia pesquisar sobre droides e ver o que dá para fazer.

O pequeno droide caranguejo girou no console, parando repentinamente o que estava fazendo para encará-la com olhos que deveriam ter telas funcionais. Em vez disso, apenas um piscava.

— Você não fará experimentos comigo, humana.

— Ellie.

— O que?

— Meu nome é Ellie. — Ela endireitou os ombros, esforçando-se ao máximo para não parecer que ia desmaiar. — Minha Original era Eleanor Lovelace. Ela foi uma inventora renomada durante toda a sua vida, e a maioria de seus clones era capaz dos mesmos processos lógicos. Fui despertada por Malcolm Maximus Cornwall e continuei meu treinamento em uma simulação artificial de última geração que permitiu que meu cérebro, meus pensamentos e meu desenvolvimento crescessem muito mais rápido do que muitos dos outros clones.

— Você foi criada em um tubo de ensaio como todos os outros — resmungou o droide.

— Piloto. — Novamente, aquela voz sombria ameaçou do outro lado da sala. — Você não está ao menos um pouco curioso sobre ela?

— Não. Não estou. — O droide voltou-se para o console e pareceu quase soluçar de irritação antes que o código binário começasse a flutuar na tela novamente.

Aquilo era bem estranho, não era? Ela estava muito acostumada com a confusão que as pessoas sentiam ao vê-la. Em Tau, muitas pessoas já

tinham visto Eleanor antes. Tinham conversado com ela, trabalhado ao seu lado, então ver Ellie andando por aí era confuso. A própria Eleanor era um pouco mais velha, muito mais culta e sabia ainda mais do que Ellie. Ela era incrivelmente inteligente, e a maioria das pessoas se sentia honrada em estar perto dela.

Ellie era desajeitada em comparação. Ela não sabia como falar com estranhos, nunca tinha sido apresentada a eles de verdade e, durante toda a sua vida, foi ensinada a manter a cabeça baixa e os olhos no chão quando alguém percebesse que ela estava acordada.

Era estranho até mesmo estar ali conversando com eles. Nem aquela criatura nem o droide deveriam querer falar com ela. Deveriam tê-la ignorado, assim como fizeram com os outros, mas ela ansiava por mais atenção deles.

Mais conversa. Mais chances de trazer essas memórias de volta à simulação e revivê-las em sua mente. Por alguns instantes, ela foi uma pessoa real.

— Então você é um clone — disse a criatura do canto. — Ellie.

O nome dela escapou de seus lábios como um aviso e uma prece. Um arrepio percorreu sua espinha ao ouvi-lo pronunciá-lo. Que estranho era ouvi-lo pronunciar as vogais do seu nome. Ele a acariciou enquanto pronunciava a palavra, mesmo estando do outro lado da sala.

— Eu sou.

— Como é isso?

— O quê? — A pergunta escapou-lhe antes que ela pudesse se conter. — Quer dizer... desculpe, não entendi a pergunta.

— Como é ser um clone em Tau? — Ele se inclinou para a frente, de modo que um raio de luz refletiu em seus olhos. O brilho sinistro neles a lembrou de que estava encarando um predador. — Estou curioso para saber sua opinião sobre isso. Parece que Tau abusou desses clones. Vocês não deveriam ser nada além de carne.

— Eu era mais do que isso. Alguns de nós éramos... éramos... — Ela fechou os olhos e resolveu mentir. Ninguém iria surgir das sombras com ele e ficar com raiva dela, mas ainda assim parecia que isso poderia acontecer. Malcolm não estava ali, mas essas pessoas poderiam relatar a ele tudo o que ela dissesse.

— Não minta para mim — rosnou ele.

— Ser um clone é uma honra. Tenho o prazer de servir Malcolm e aprender com seu vasto conhecimento. — Essas palavras foram incutidas em sua mente desde muito cedo, embora a maioria não a considerasse tão cedo assim.

Ela não havia sido despertada quando criança. Ela cresceu em um tubo de ensaio como todos os outros e tornou-se consciente já adulta e completamente formada. Ele a manteve congelada no tempo, usando substâncias químicas para retardar seu envelhecimento para que pudesse ensiná-la, treiná-la, fazer todas as coisas que ninguém deveria fazer com um clone.

— Malcolm está morto. Todos eles estão.

As palavras fizeram todos os pelos de seus braços se arrepiarem. Mortos? Não, isso não era possível. Nenhum deles jamais morreria; esse era o objetivo dos clones. Eles prolongavam suas vidas através do uso de clones. Malcolm estava vivo há eras...

— Quem é meu novo mestre, então? — perguntou ela.

— Eu. — Um largo sorriso se abriu em seu rosto novamente, sua boca incrivelmente larga e cheia de dentes irregulares e afiados. — Tau caiu. A maioria de sua espécie foi libertada de seus casulos, levada para outras cidades para aprender a viver como pessoas de verdade. Alguns ainda estão congelados. E então há você, pequena Ellie. Jogada no abismo do mar como um sacrifício para um deus antigo que acaba de despertar.

Não, isso era coisa de conto de fadas. Ele estava tentando assustá-la.

Ela olhou para o droide, uma criatura que não deveria ser capaz de

mentir. Piloto olhou para ela novamente e então assentiu lentamente com todo o corpo.

— O homem com quem você está falando é Proteus, filho... dos antigos. Deus perdido do Povo da Água. Ele foi invocado para trazer uma nova era ao nosso mundo. Você será quem o ajudará. Junto comigo, é claro. Fui eu quem o despertou.

Ellie notou um leve orgulho na última parte do que ele disse. Como se o droide quisesse lembrá-la de que, embora ela pudesse ter a atenção de um deus literal naquele momento, isso não significava que fora ela quem o salvara.

Ela era uma peça no jogo. Alguém para fazer o trabalho dos outros quando precisavam que o trabalho fosse feito. Era o mesmo papel que ela sempre desempenhara.

Mas, de alguma forma, aquilo parecia muito mais perigoso do que aquilo a que ela estava acostumada.

Suas narinas dilataram ao inspirar. Ela conseguiria fazer isso. Sabia como bajular homens poderosos que lhe davam apenas alguns instantes de vida. Ellie aproveitaria cada oportunidade que tivesse para estar viva e não em uma simulação. Só precisava descobrir onde estava essa oportunidade.

— Você quer que eu te ajude? — ela perguntou.

— Você vai fazer isso quer queira, quer não — respondeu Proteus.

Filho dos antigos. Ela não fazia ideia do que isso significava. Mas já havia percebido que ele não era como os outros ondinos que vira. Ele era mais do que eles. Mais forte. Mais poderoso. Diferente de uma forma que ela provavelmente jamais compreenderia por completo.

— Então eu te ajudarei como você desejar — ela respondeu. — Com que frequência estarei acordada?

Ele a encarou como se a pergunta o tivesse confundido. Demorou muito para responder, e ela percebeu que era como arrancar dentes dele.

— Você ficará acordada até que a tarefa esteja concluída.
— Malcolm... — Ele ficou tenso, e ela já sabia que aquela era uma conversa que não deveria ter. — Estou acostumada a voltar para minha cápsula assim que meu trabalho estiver concluído.
O droide no sistema de controle bufou.
— Então volte para aquela cápsula. Vai me levar pelo menos um dia para encontrar todos esses códigos ocultos que eu nem conseguia ver. Malditos droides. Eles tinham que complicar tudo. Não entendo por que fizeram isso!
Caramba.
Ela estava acordada há tão pouco tempo. Tudo o que queria era explorar um pouco mais o cômodo, talvez ficar acordada para observar a água que se revelava através da escotilha no chão. Ela ficaria olhando para uma parede se fosse isso que eles queriam, qualquer coisa para não ter que voltar àquela simulação.
Mas Proteus não discutiu. E se era ele quem ela tinha que ouvir agora, então talvez ele estivesse dizendo que queria que ela voltasse a dormir. Ela foi até a cápsula, alisando as laterais com as mãos como já fizera um milhão de vezes.
A almofada era confortável lá dentro. Mesmo que ela quisesse deitar de lado, a máquina dentro da cápsula a colocaria na posição ideal. Ela a manteria no lugar caso se debatesse. Ellie havia ficado lá dentro por tanto tempo que a marca do seu corpo permaneceu. As luzes brilhantes se apagariam. Estaria um pouco frio demais para o seu conforto assim que ela entrasse, e então a máquina injetaria nela as drogas que a manteriam dócil. As luzes se apagariam e a simulação começaria.
Lambendo os lábios, ela olhou para Proteus e disse: — Minha simulação estava errada enquanto eu estava lá dentro. Acho que foi danificada. Ela caiu?
Ele assentiu.

— Você caiu até a parte mais profunda do oceano. O campo de lava onde você estava pode ter danificado alguns dos circuitos.

— Está um pesadelo lá dentro agora. — Ele havia lhe dito para não mentir, então ela lhe contou a verdade. Aquela simulação a havia assustado, e a ideia de voltar a fazer aquilo era ainda pior. Mas ela não imploraria a ele.

Ela sabia que implorar não adiantava. Não importava o quão graciosamente ela o fizesse, como Malcolm costumava dizer.

Ele suspirou pesadamente, e então seu olhar desviou-se dela para o droide que trabalhava no código.

— Não me importo com o que você faça, humana. Se quiser ficar acordada e suportar o incômodo entorpecedor de observar Piloto trabalhar, fique à vontade.

— Eu... — Ela também não deveria agradecê-lo. Mas fechou a tampa da cápsula e sentou-se em cima dela. O frio da superfície fez suas coxas doerem, e a pele arrepiou-se por completo sem o cobertor.

Ainda assim. Essa foi a melhor sensação que ela já teve.

Ela não estava dormindo. Ela estava ali, observando um estranho droide trabalhando com código e sabendo que um monstro a perseguia.

Que clone poderia dizer que já passou por isso?

SETE

Proteus

Era estranho estar acordado. Mais estranho ainda era ter companhia como um clone humano e um droide que raramente parava de falar. Piloto não era gentil com a mulher. As piadas do droide eram claramente maldosas, mas ela as aceitava sem problemas. Na verdade, ela parecia simplesmente feliz por estar acordada e não de volta àquela cápsula.

Isso era algo com que ele concordava. Mesmo estar naquela instalação era sufocante demais para ele, depois de séculos de prisão. Proteus fazia questão de ir para o oceano sempre que tinha uma chance, para poder respirar. Aquele quadrado não era grande o suficiente para ele. Ele precisava do oceano inteiro, de toda a sua extensão, para se sentir vivo.

Nadar pelas águas, livre como não se sentia há tantos anos, era o que importava. Caçar nas profundezas, sentir a deusa do mar guiando-o para territórios de caça que o desafiariam, que o tornariam mais forte, era disso que mais sentira falta durante seu aprisionamento. E agora ele podia fazer tudo isso e muito mais, se quisesse.

Agora, ele precisava retornar à instalação. Seus dois companheiros eram criaturas capazes, mas ele sabia muito bem que não podia deixá-los sozinhos. Piloto não era alguém em quem confiasse muito. O droide havia se mostrado inútil até então. E a mulher? Ela não era alguém em quem ele confiaria nem um pouco.

O que não era muito longe. Ele a vira observando a água com medo nos olhos pálidos. Tinha quase certeza de que ela não sabia nadar.

Ao espiar pela escotilha, ele a observou enquanto ela se movia em frente às telas. Ele não pôde deixar de elogiar quem quer que a tivesse treinado,

pois ela era incrivelmente eficiente. Sua atenção estava sempre voltada para o trabalho à sua frente, e ele podia ver seus lábios se movendo enquanto lia. Então, ela começava a digitar, certificando-se de que cada palavra estivesse correta. Ela era rápida e queria ajudar.

O que ele não entendia era o porquê. Havia muitos motivos para ela não confiar no que estava acontecendo ao seu redor. Ainda mais motivos para ela se recusar a ajudar. Talvez, a longo prazo, fosse até mais seguro para ela voltar para aquela cápsula e fingir que nada estava acontecendo. Esse era o presente que ela podia se dar.

Mas ela não estava fazendo nada disso. Ele precisava entender o raciocínio dela.

Saindo da água, ele ignorou o jorro de líquido que imediatamente cobriu o chão. Os ralos abriram e o barulho alto interrompeu qualquer segredo que ele pudesse ter tido. Desta vez, porém, ele nem sequer fez uma careta. Talvez estivesse se acostumando com a quantidade excessiva de som.

Ela se virou bruscamente, com os olhos arregalados, até perceber que era ele. E mesmo assim, não relaxou.

— Você voltou — disse ela.

— Sim. Você está decepcionada? — Ele sorriu, sabendo que seus dentes estavam totalmente à mostra.

Proteus apreciava o leve tremor que percorria o corpo dela ao ver seus dentes. Ele percebera rapidamente que eles a incomodavam, e com razão. Ele era um predador que a observava como se os minúsculos ossos em suas mãos pudessem limpar seus dentes com facilidade.

Ela voltou-se para as telas. Mas não antes que ele a visse estremecer de choque e medo.

— Estamos decifrando as mensagens deixadas pelos droides. Eles não só escondem mensagens em código binário que apenas um humano consegue ler, como essas mensagens são um enigma. Estamos tentando

entender o que elas significam, mas alguém se esforçou ao máximo para esconder este lugar. Eles não queriam que a energia fosse religada.

— E, no entanto, vamos garantir que a energia esteja ligada. Ou você é incapaz de resolver isso?

A última frase estava repleta de significados que ele sabia que ela captaria. Se ela não fosse capaz, ele se livraria dela. Afinal, essa era a única razão pela qual ela ainda estava viva. Ele não precisava mantê-la por perto por nenhum outro motivo.

Sua garganta se moveu num suspiro antes de ela assentir. — Acredito que estamos trabalhando para entender a mensagem deles.

Piloto subiu do outro lado em direção a eles, suas pernas de metal batendo em certas teclas enquanto avançava. As telas se ligaram, exibindo um vídeo antigo da caverna para onde ele desejava ir. Por um instante, ele a viu em toda a sua glória.

Enormes rastros de água subiam e desciam pela parede, fileiras e níveis de ondinos se movendo através deles para chegar a outras salas onde podiam conversar com cientistas e dar suas opiniões sobre o que estavam pesquisando. Luzes cintilavam no teto, e havia tantos tanques de criaturas sendo examinadas pelas maiores mentes deste reino, não apenas pelos humanos que as haviam descoberto.

Num piscar de olhos, ele estava lá novamente. Era um deus imponente que tornava quase impossível para qualquer um se mover ao seu redor sem medo. Ele era o terror que mantinha tudo em movimento.

É claro que também havia o homem rico que lhes pagava os salários. Mas esse homem se prostrou a seus pés, implorando por um mínimo da atenção de Proteus, como todos os humanos deveriam ter feito há muito tempo.

Agora, veja o que ele tinha.

Uma mulher de traje preto tão colado ao corpo que ele conseguia ver seu coração batendo no estômago. Um droide que já vira dias melhores e

estava tão enferrujado que era um milagre ainda se mover. E uma instalação abandonada que sequer conseguia ativar os locais necessários para ele acessar.

Suspirando, ele acenou para as telas.

— Sim, eu já vi isso antes, Piloto.

— Observem com mais atenção. Eles se certificaram de que os vídeos estavam criptografados, mas agora podemos ver que a destruição não foi causada pelo tempo, mas sim por escolha.

Proteus rastejou para a frente, puxando-se em direção às telas para poder observar os detalhes. E sim, o droide estava certo. Estavam desligando todas as peças importantes que tornavam aquela instalação tão grandiosa. Os minúsculos cientistas estavam esvaziando os tanques, destruindo todas as provas em que vinham trabalhando há anos. Até mesmo as amostras foram incineradas.

— Por que fariam isso? — murmurou ele, erguendo uma garra para bater na tela. — Não faz sentido destruírem tudo em que trabalharam tanto.

Piloto clicou em mais alguns botões e as imagens desapareceram.

— Não sei. Há mais vídeos criptografados, mas vai levar um tempo para eu decifrar as senhas e os códigos que nos impedem de vê-los.

— Então faça isso rapidamente.

— Para isso, precisarei entrar em estado de estase.

— Não me importo, droide.

Mesmo assim, o Piloto hesitou. Ele olhava para a mulher como se esperasse sua permissão, ou... não.

Proteus pegou o droide, suspendendo-o no ar como fizera da primeira vez que o vira.

— Você está preocupado com a segurança do clone?

— Acho que vocês dois são perigosos para deixar sozinhos. Eu não sou um droide de manutenção. Se esta sala estiver coberta de sangue, não há nada que eu possa fazer, e preciso que os servidores permaneçam limpos

e impecáveis para que possamos continuar nosso trabalho. — Desta vez, o droide não resistiu. Inerte nas mãos de Proteus, ele se perguntou se aquilo era uma artimanha.

O droide queria toda a atenção de Proteus voltada para ele.

Resmungando, ele largou a criatura no chão e revirou os olhos.

— Não tenho interesse em incomodá-la. Ela ainda me serve. Dou minha palavra de que ela estará viva quando você sair da estase, Piloto.

O droide considerou isso suficiente. Enrolou-se em uma bola, girou até um canto e então pareceu se transformar em uma rocha enquanto trabalhava para decodificar todas as informações necessárias.

O problema era que isso deixou um silêncio estranho na sala, tão constrangedor quanto arrepiante. Ela se sentou em uma cadeira que ele nem tinha percebido que estava ali. Mas toda vez que ela se inclinava para olhar para a tela, ela rangia. O som o irritava tanto quanto o silêncio. Ela não ia dizer nada? Nada?

Outro rangido dela se inclinando para a frente, olhando fixamente para a tela e o ignorando. Ele odiava aquilo. Como ela conseguia ficar sentada ali fingindo que não havia um monstro marinho bem atrás dela?

— Você parece não ter medo — murmurou ele enquanto se dirigia para sua própria tela. Se ela quisesse ser tão hábil em ignorar, ele também poderia fazer o mesmo. Proteus sabia usar esses computadores também.

— Não sei do que eu teria medo.

— Que eu te mate.

Não era óbvio? E ela estava mentindo. Ela tinha muito medo. Ele conseguia sentir o cheiro dela o tempo todo, parecia. Ela era uma criatura incrivelmente assustadiça que parecia estar sempre o observando pelo canto do olho.

Ela deu de ombros.

— Suponho que não haja muito o que temer quando se não está vivo. Gostaria de ficar aqui e continuar experimentando tudo o que as outras

pessoas experimentam. Mas, no fim das contas, eu sei o que sou.

— O que você é?

— Uma boneca. Uma criação feita para servir, e se eu não posso servir, então faz sentido me remover. — Ela balançou a cabeça, ainda sem olhar para ele, mas para a tela à sua frente. — De qualquer forma, eu nunca estive realmente viva. É difícil lamentar uma morte quando você nunca viveu de verdade.

Isso foi... estranho. E errado.

Franzindo a testa, ele se afastou do computador e aproximou a cauda o suficiente para girar a cadeira dela. Ela foi obrigada a olhar para ele, o que claramente a incomodou. Seu rosto ficou vermelho e ela o encarou com olhos arregalados e ofendidos.

— O quê? — perguntou ela. — Estou trabalhando naquilo que você me pediu para fazer. Se você continuar me distraindo, não vou conseguir terminar nada.

— Por que você acredita que não está viva?

— Porque eu sou um clone.

— Você está respirando, não está? Você consegue sentir seu coração batendo no peito. Eu vi você voltar viva daquela cápsula, e sei que você já havia acordado antes de me encontrar. Você existe há muito tempo, mulher. Isso não a torna menos humana.

Ela estremeceu ao ouvir as palavras dele.

— Mas eu ainda sou um clone. Até você admite isso, grande deus do mar que você é. Sou uma cópia de alguém que existiu um dia. Acredite em mim, eu nunca me esqueço de que ela esteve aqui antes de mim.

Ele ficou sem palavras. Alguém havia falhado miseravelmente com aquela mulher. Ela não entendia que, mesmo sendo uma cópia, isso não a tornava menos pessoa.

— Você passou por coisas que ela não passou. Você não é ela. — Ele franziu a testa, sabendo que estava estragando tudo. — Você merece

viver tanto quanto ela. Você é uma pessoa por si só, e dizer que não é, é negar o fato de que você vive e respira agora.

Ela olhou para ele, confusa com o que ele estava dizendo.

— Eu ouço suas palavras, deus do mar. Mas você está errado.

E então ela tentou virar a cadeira de volta para a tela. Dispensando-o.

Ele.

Proteus rosnou e empurrou a cadeira dela de volta para si com tanta força que o cabelo dela voou sobre seu rosto. Aquelas mechas escuras obscureceram sua visão dos olhos faiscantes dela por um breve instante, antes que ela o encarasse com raiva.

— Você está impedindo que meu trabalho seja concluído — disse ela.

— Isso me parece importante. Que tipo de deus eu seria se não lhe lembrasse o quão mortal você é?

Ele pairava sobre ela, estendendo os dedos longos para envolver seu pescoço delicado. Foi tão fácil para ele erguê-la da cadeira pelo pescoço. Ela não pesava quase nada em seus braços, embora ele percebesse que era uma mulher robusta, provavelmente não acostumada a que alguém sequer pensasse isso.

— Humanos são fracos — rosnou ele, aproximando-a da boca escancarada. — Você acha que, por ter vivido apenas breves momentos neste mundo, não está viva? Se eu quebrar seu pescoço, você para de respirar. Se eu cravar minhas garras... Se eu rasgar sua carne com meus dentes, você sentirá dor. Acredite em mim, Ellie, você está muito viva. Não me peça para provar isso em seus últimos momentos.

Ao deixá-la cair de volta na cadeira, ele a observou respirando com dificuldade e agarrando a garganta. Provavelmente a tinha machucado com aquilo, embora tivesse tentado ser ao menos um pouco delicado.

Mas então, um pequeno sorriso surgiu em seu rosto. Era bonito. Inocente. Um sorriso que ele não imaginava que ela exibiria depois de tê-la ameaçado de morte.

— Obrigada por me lembrar que talvez eu esteja viva, afinal. — Seus dedos ainda deslizavam suavemente sobre seu pescoço.

Aquilo não parecia certo. Sim, ela estava concordando em estar viva, e isso era um progresso. Mas ele tinha a sensação de que era uma resposta à dor, o que também não era saudável. Ele podia ser um deus do mar aterrorizante, mas não era insensível. Proteus sempre vira os humanos como mais fracos do que ele. Eram criaturas para se ter pena.

Ela era talvez uma das mulheres mais lamentáveis que ele já havia conhecido.

Ellie recostou-se na cadeira e perguntou: — Posso voltar ao meu trabalho?

— Se você quiser. — Mas nem isso parecia certo. Uma voz estranha em sua cabeça não queria que ela fosse forçada a fazer nada. Ele precisava da ajuda dela, é claro. Ela faria o que ele mandasse. Mas uma parte dele sussurrava que ela era parecida com ele.

Ele tinha o mar para explorar. A liberdade sussurrava através das ondas enquanto elas acariciavam suas guelras e escamas. Ele havia passado apenas alguns dias fora de sua prisão e já se sentia melhor esticando os membros. O que ela tinha? Uma caixa maior do que aquela em que estivera antes.

— Se você quiser ser liberada do trabalho hoje, pode ser. — Ele pigarreou. — Posso trabalhar em outra coisa enquanto você... descansa.

Seu rosto empalideceu imediatamente.

— Você quer que eu volte para a minha simulação?

— Não. Só estou dizendo que, se você quiser fazer algo diferente disso, pode fazer. — Ele acenou com a mão. — Faça o que quiser.

A tensão nela diminuiu.

— Então você não quer que eu volte a dormir?

Ele lançou-lhe um olhar estranho.

— Você é insignificante para mim. Não me importo com o que você faz.

O alívio que percorreu o corpo dela ao ouvir as palavras dele, de alguma forma, fez com que ele se sentisse pior. Mas ela assentiu e voltou-se para o computador. Desta vez, ele pôde ver que ela não estava trabalhando no mesmo código de antes. Ela estava fazendo outra coisa, embora ele não conseguisse imaginar o que poderia entreter uma mulher como ela.

Ao menos ela estava se mantendo ocupada. O som suave das teclas do seu teclado era melhor do que o silêncio constrangedor de antes.

OITO

Ellie

Ellie trabalhou arduamente, mesmo depois de ele ter lhe dito, em poucas palavras, que ela não precisava se esforçar tanto quanto antes. Tanto ele quanto o droide esperavam perfeição, e ela lhes daria exatamente isso.

Toda a sua vida fora dedicada a alcançar a perfeição. Sem erros. Certificando-se de que cada tarefa que lhe fosse atribuída fosse concluída exatamente como esperado e dentro do prazo estipulado. Ela era boa nisso. Treinara a vida inteira para isso.

Quanto mais tempo ela passava ali com aquele droide e aquele deus do mar, mais acreditava que era para aquilo que havia treinado. Malcolm não fazia nada sem um motivo. Ele não teria morrido sem garantir que ela estivesse bem.

Afinal, ele havia passado incontáveis anos com ela. Ela sabia que ele a olhava como um homem olha para a mulher que ama. Ele nunca a tocou, mas ela o vira com outros clones idênticos a ela. Eram esses que recebiam esse tipo de atenção. Ellie estava destinada a outras coisas.

Ela nunca se permitira pensar muito nisso, mas agora que estava fora da cápsula, não conseguia parar de pensar no assunto. Existiram tantas versões dela que Malcolm usou para seu próprio benefício. Ele estava em todo lugar o tempo todo. Ele trouxe à tona versões de Eleanor para sexo, algumas para entretenimento, algumas para experimentação, outras para fazer seu trabalho.

Era só isso que ela fazia? Trabalhar para ele para que ele pudesse ter uma vida de lazer?

Quanto mais ela pensava nisso, mais frustrada ficava. Porque sim, ela estava apenas fazendo o trabalho dele. Os sinais estavam lá; ela se recusou a vê-los. Steve era seu colega de trabalho. Não era de admirar que o homem a odiasse tanto. Malcolm era um dos poucos cientistas líderes da equipe e, claramente, estava tentando fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Então, ele a treinou para tomar o lugar dele, para fazer o trabalho que ele deveria estar fazendo, para que ele pudesse... o quê? Acordar outras versões dela e sair em encontros aos quais elas não pudessem dizer não?

Tudo era repugnante. Absolutamente tudo.

Mas então sua mente se voltava para o fato de que ela havia sido abandonada. Proteus disse que todos em Tau estavam mortos e que clones como ela haviam sido espalhados pelas cidades subaquáticas. Não havia para onde ela ir, porque provavelmente não haviam levado em conta uma cápsula perdida em seus esforços de repovoamento.

Se ela voltasse para eles, a colocariam em estase novamente até que estivessem prontos para recebê-la. Disso ela tinha certeza. Ninguém, nem mesmo alguém que tivesse escapado de Tau, era tão diferente das pessoas dentro daquelas muralhas. Ela ainda era um erro, independentemente do que Proteus dissesse.

Apenas um número que não havia sido incluído em nenhuma equação. Ela tinha certeza de que qualquer um preferiria ignorar sua existência a reescrever todo o problema.

Suspirando, ela recostou-se na cadeira e encarou o código binário com o qual vinha lutando. Os números faziam todo o sentido. Agora. Eles foram escritos de forma tão intencional que seria difícil não entender exatamente o que os droides haviam escondido.

Sim, era um enigma dentro de outro enigma. Mas ela havia passado a vida inteira desvendando enigmas exatamente como esse.

— Piloto? — disse ela, apontando para a tela. — Acho que entendi.

O código binário estava embaralhado. As palavras que ele escondia estavam na ordem errada, o que tornava tudo ainda mais difícil de decifrar. Então, ela teve que anotar tudo e, em seguida, descobrir exatamente o que cada frase significava até entender. Era simplista o que os droides tinham feito, mas só um humano conseguiria decifrá-lo.

Piloto dirigiu-se a ela, visivelmente ainda um pouco contrariado por precisar da ajuda de uma humana para resolver a situação.

— Bem?

Ela apontou para a tela.

— Parece que eles optaram por desligar tanto a energia solar quanto a hidrelétrica que alimentavam a instalação. Depois de desligá-las, conseguiram garantir que nenhuma rede elétrica pudesse ser religada. Nada está quebrado, apenas... inativo. Alguém precisa entrar fisicamente naquele lugar e religar tudo.

— Mas eles destruíram tudo. Eu consigo ver eles quebrando coisas em todas as imagens de vigilância que eu desbloqueei.

Ellie levou o polegar à boca e começou a roer a unha. Era um hábito terrível, e Malcolm jurava que a deixaria doente.

— Isso dá a entender que a suposição sempre foi que alguém precisava estar lá para ligar o aparelho, para que não pudessem controlar tudo de outro lugar. Os registros dizem... não sei. Algo sobre destruir outras instalações. Tem certeza de que as imagens são desta e não de outra que eles inseriram nos registros de vigilância?

Piloto... disse um palavrão? Ele imediatamente voltou a atenção para as telas, e ela pôde vê-lo comparando as imagens de vídeo com outras partes da instalação.

— Veja só isso — murmurou o droide. — Eles juntaram os vídeos.

Outra voz os interrompeu.

— Então precisamos consertar o que está quebrado primeiro, e depois podemos ligá-lo remotamente?

Proteus.

Ela havia se esquecido de que ele voltaria a qualquer momento. Mas não importava se ela se lembrasse ou não de que ele retornaria. Ele sempre aparecia nos piores momentos, assustando-a com seu tamanho e o espaço que ocupava. Ele também não se importava se a assustava. Às vezes, parecia que essa era a sua intenção.

Ela teve dificuldade em esquecer as mãos dele em volta de seu pescoço, lembrando-a de que estava viva. Mesmo que tivesse sido doloroso e talvez aterrorizante encarar seus olhos negros e ver seu próprio fim amargo refletido neles... ele estava certo.

Ellie ouviu a vida inteira que era apenas uma cópia de uma grande mulher e que não era necessária. Se ela se analisasse com muita atenção, sequer existia.

Mas esse deus do mar lhe disse que ela existia. Ela respirava, ela estava ali. Isso significava que ela tinha valor e importância. Era mais do que qualquer outra pessoa jamais lhe dera.

— Ellie? — perguntou Piloto, batendo na mão dela.

— Ah — disse ela. — Desculpe, qual era a pergunta?

Proteus emergiu da água, com os ossos brilhando e a pele escamosa.

— Precisamos consertar as partes quebradas? Depois, podemos ligar tudo remotamente?

Certo, essa era a pergunta.

— Consertar as partes quebradas significa ir a outras instalações. Há um mapa aqui, e parece que esses são os que fazem parte deste complexo sistema de travamento. Depois de consertarmos o que foi quebrado lá, a energia solar, a energia hidrelétrica, a eletricidade dessas instalações parece alimentar tudo isso — ela respondeu. — Ainda precisaremos estar no prédio principal para ligar tudo, o que numa constatação complica as coisas. Mas exige a inserção de certos códigos e, infelizmente, não acho que qualquer pessoa consiga inseri-los.

— Por que é?
Ele não ia gostar disso.
— O requisito é uma voz humana. Eu preciso ser a pessoa, ou outra pessoa, a dizer o código que permitirá que tudo ligue.
Ela fez uma careta quando ele praguejou e se virou para a escotilha. Ela esperava que ele voltasse para a água, furioso com o que ela tinha dito, e desaparecesse por horas a fio. Ele tinha essa tendência quando algo dava errado.
Que mudança revigorante em relação à sua antiga vida. Malcolm simplesmente se enfurecia diante dela, quebrando béqueres de vidro sem se importar se ela fosse atingida pelos cacos. Sua cápsula a salvaria, ele sempre dizia. E às vezes salvava mesmo.
— Tudo bem — murmurou Proteus. — Então vou chamar ajuda.
— Tem certeza de que deseja contatar o Povo da Água? — perguntou Piloto. A nave deslizou até a escotilha, quase como se tentasse impedi-lo de partir. — Ainda não estamos preparados para fazê-los acreditar que você é um deus. Acho que devemos esperar.
— Não vou entrar em contato com o Povo da Água.
Estariam falando do ondinos? Devia ser assim que se chamavam. Ela sempre fora fascinada por eles, claro. Mas nunca imaginara ver um de perto.
Seria ele um deles? Agora que ela estava pensando nisso, ele realmente não parecia ser um deles. Ele era diferente de todas as criaturas que ela tinha visto sob as ondas, e isso já dizia muito.
Proteus mergulhou na água, submergindo, mas sem emergir completamente. Ellie ainda conseguia ver sua cabeça e as mechas escuras de seu cabelo que, de alguma forma, pareciam algas marinhas. Então, um estrondo começou debaixo d'água até que a superfície pareceu... Estava fervendo. O som era estranho e grave, como o lamento de uma baleia, que ele emitiu para o mar.

— O que é isso? — perguntou ela.
— Ele está convocando alguém — respondeu Piloto, com a voz cansada.
— É melhor você relaxar um pouco. Isso vai levar algum tempo.
Relaxar não era algo que ela soubesse fazer. Um pouco confusa, caminhou até sua cápsula e apertou alguns botões. Na parte inferior, havia rações de sobrevivência que poderiam mantê-la viva por cerca de um mês. Afinal, ela não queria incomodar. Os pacotes de líquido continham nutrientes suficientes para um dia inteiro, e ela ainda não tinha tomado nenhum.
Na simulação, havia comida sólida. Ela comeu maçãs e todos os tipos de carnes e queijos deliciosos. Mas aqui, e sempre que estava acordada, ela comia isto.
Chupando a sacola, ela se virou e encontrou Piloto olhando fixamente para ela.
— O quê? — perguntou ela.
— O que você tem na boca, afinal?
— Pasta nutritiva? — disse ela, embora as palavras pudessem ter soado como uma pergunta.
Piloto emitiu um som que quase dava a impressão de que ele estava com nojo. Mas não havia como ela ter causado nojo em um droide com o que estava comendo! Ele comia... bem, ela achava que eles não comiam. Ele usava óleo para se manter funcionando, então isso devia ser quase tão ruim quanto.
Virando-se de costas para ele, ela cobriu a boca para que ele nem sequer visse o que ela estava comendo. Ela terminou de engolir quase ao mesmo tempo em que Proteus colocou a cabeça para fora da água. E então veio a força do oceano quando ele se puxou para fora da escotilha.
Ela odiava quando ele fazia isso. Seus pés sempre ficavam molhados, e a água estava tão gelada que seus dedos pareciam que iam congelar e cair. Descontente, ela sentou-se novamente na cadeira e cruzou as pernas, de

modo que seus dedos ficassem pelo menos presos entre as coxas.

— Que mensagem você enviou? — perguntou ela.

— Precisávamos de ajuda. Chegamos a um ponto tão crítico que será difícil para qualquer pessoa vir para cá, mas ainda existem alguns que conseguem lidar com essas pressões.

Ele murmurou algo mais, mas então seu olhar se fixou na superfície das ondas. Aquele foco intenso era perturbador. Ele estava esperando por algo, claramente, mas ela não tinha certeza se gostaria do que ele havia invocado.

Um baque surdo no topo da estrutura a fez estremecer. Depois outro, e outro. Os sons estranhos continuavam ao redor deles, lembrando-a de que não havia realmente nenhum lugar seguro no mar. Pelo menos não para ela.

Os pelos de seus braços se eriçaram enquanto os sons continuavam até chegarem ao fundo daquele prédio flutuante. Ela prendeu a respiração quando um braço tentacular emergiu da água e se fixou no chão. Oito braços se seguiram, cobertos de ventosas, seguidos por mais dois braços com ventosas nas pontas, que a criatura parecia usar quase como mãos, enquanto a primeira lula se erguia para fora da água para encarar Proteus. Seus olhos eram assustadoramente humanos. Ela nunca vira olhos que a encarassem com tanta inteligência e tanto ódio.

Os pelos de seus braços se eriçaram. Ela não queria irritar uma criatura com um bico tão afiado, nem estava muito interessada em se aproximar dela.

Ellie estendeu a mão para trás e puxou a cadeira para mais longe da abertura. Por precaução.

A língua que Proteus começou a falar não era familiar para ela. Era estranho ouvi-lo falar. Ele emitia sons que não deveriam ser capazes de sair de uma garganta mortal: chilreios, soluços e sons guturais e roucos.

A lula pareceu entender o que ele estava dizendo. Mais tentáculos

emergiram da água, amontoando-se uns sobre os outros enquanto seus corpos estranhos e gelatinosos se moviam ao ouvir as palavras. Claramente, eles iriam ajudar ou... fazer o que quer que ele tivesse ordenado.

Um a um, todos desapareceram de volta na água.

Uma sensação inquietante surgiu em seu peito. Ela presumiu que ele tivesse pedido ajuda para consertar as instalações distantes, mas também sabia que aqueles prédios não ficavam no mar. Lulas não eram criaturas feitas para sair da água.

— O que você pediu para eles fazerem? — perguntou ela.

— Eles vão consertar o que está quebrado, pelo menos na água. Isso nos dará tempo suficiente para chegarmos lá e consertarmos o que está fora d'água. — Mais uma vez, o sorriso dele fez com que todos os pelos do corpo dela se arrepiassem.

Ele parecia tão poderoso sentado ali, completamente confiante de que suas escolhas estavam certas. Ela nunca tinha visto alguém tão seguro de si. Seu corpo também era mais forte, ela percebeu. Os músculos ondulantes, brilhando com um poder que já residia em seus ossos, fizeram com que ela se perguntasse se não teria libertado algo que não poderia ser contido. Talvez ajudá-lo não tivesse sido a escolha certa, afinal.

— O que você quer dizer com 'consertar o resto'? Eu não sou engenheira. Não sei como consertar máquinas quebradas.

— Tenho certeza de que você aprenderá a fazer isso. Não é para isso que serve sua cápsula? — Proteus voltou para a água, com aquele sorriso malicioso estampado no rosto. Mas, pouco antes de submergir, virou-se para olhá-la. — Você é muito capaz, Ellie. Não a conheço, nem tive muito tempo para conhecê-la, mas isso você já provou.

Ele desapareceu, provavelmente indo ajudar a lula. Mas...

Ela deveria ficar feliz por ele tê-la elogiado daquela forma. Deveria se

sentir melhor consigo mesma. E, pelo que ela imaginava, sentia-se. Ela gostava que alguém reconhecesse sua capacidade e o quanto desejava ser vista como alguém útil.

Mas não foi uma sensação muito boa. De alguma forma, parecia que ela tinha ajudado alguém que não merecia ser ajudado. Como se ele fosse virar o mundo de cabeça para baixo, e ela fizesse parte disso.

Olhando para Piloto, ela perguntou: — Você acha que está fazendo a coisa certa?

— Sou um droide, Ellie. Fui programado para fazer o que me mandam fazer. Não tenho opinião sobre o que é certo ou errado. — O droide voltou para os consoles, digitando algumas coisas que carregaram mais código para ele processar. — Vou planejar o que você e Proteus farão quando chegarem ao novo local. Você deveria descansar.

Por que todos sempre lhe diziam para descansar? Ela não queria descansar. Ela queria viver!

E, no entanto, parecia que aquele lugar era apenas mais uma prisão. Mesmo assim, ela não descansou. Caminhou de uma ponta à outra, repetidas vezes, só para sentir que ainda estava viva.

NOVE
Proteus

O plano estava se concretizando. A lula partiria para descobrir o que estava quebrado. Eram criaturas inteligentes. Mesmo que não fossem engenheiros habilidosos, não havia muitos enigmas que criaturas como elas não conseguissem resolver. Ele confiava nelas. Muito mais do que confiaria em qualquer outra pessoa, e isso dizia muito sobre a situação lamentável em que se encontravam.

Proteus não tinha ninguém. Não tinha ninguém em quem se apoiar, nem criaturas que lhe fossem realmente úteis. Se conseguisse falar com o Povo da Água, talvez encontrasse outros que pudessem ajudá-lo. O único problema era que o povo do mar não se lembrava dele direito.

Restavam apenas algumas criaturas em todo aquele mar que poderiam ajudá-lo, e eram elas que o haviam criado.

Proteus não gostava de visitar seus pais. Principalmente porque nunca os vira dessa forma. Eles eram seus criadores. Os seres que haviam insuflado vida em algo que criaram, mas certamente não se importavam se ele sobrevivesse. Ele era a ferramenta que usariam quando desejassem, mas mesmo assim raramente se importavam. Eles mal se lembravam até mesmo de que ele existia. Talvez fosse por isso que ele havia ficado preso por todos aqueles anos e eles nem sequer tentaram tirá-lo de lá.

Eles eram muito velhos. Para eles, tudo não passava de um breve instante no tempo, indigno de sua atenção. Eles tinham visto o futuro, tinham visto o passado e sabiam o quão fluidos ambos eram.

Ele se lembrou de quando acordou e de como os achou frios. Claro, levou algum tempo para perceber que era isso que sentia. Ele fora criado

acreditando que o tratamento que recebia era normal, até que viu provas de que não era.

Proteus havia escapado para espionar o Povo da Água. Ele observara uma mãe e sua filha, que balançavam suas caudas enquanto ela ensinava a menina a nadar. A alegria no rosto daquela mãe acendeu uma chama dentro de seu peito.

Proteus desejava desesperadamente sentir-se assim. Ele ainda se lembrava daquela sensação enquanto nadava cada vez mais fundo no mar. A dor em seu coração quando desejou sentir como seria ter um pai ou uma mãe que o amasse tanto. Alguém que fosse gentil ao lhe ensinar a nadar, a rir, a viver.

Ele havia saído de seu esconderijo quando criança, imaginando se a mãe seria tão gentil com ele quanto fora com os seus próprios filhos. Tinha sido a coisa errada a fazer.

Ele fez uma careta, sua boca enorme se abrindo em uma expressão de horror ao se lembrar do rosto daquela mulher. Ela havia agarrado a filha como se ele fosse algo a temer. Ela segurou a menina com força e sibilou para ele, golpeando a água com a cauda, o que o fez disparar para longe de sua pequena família.

Essa foi a primeira lembrança que ele teve de se sentir como um monstro. Até então, ele nunca havia pensado muito sobre sua aparência ou de onde viera. Ele mal percebia que era diferente dos outros habitantes do mar.

A fuga descontrolada daquela mãe e de sua filhote ainda estava gravada em sua memória. Suas guelras ainda se lembravam da dor de sua respiração acelerada, tão rápida que rompera as membranas finas e tudo o que conseguia sentir era o cheiro ou o gosto do próprio sangue negro.

Os antigos o aguardavam. Ele pairava sobre a caverna onde viviam, embora muitos que ali viessem não soubessem que se tratava de uma caverna. Parecia mais uma cratera gigante no fundo do mar, uma

armadilha para qualquer coisa que pudesse perturbá-los. Mas Proteus fora criado com uma visão melhor do que a de qualquer criatura que visitasse sua família.

Ele podia ver como a terra havia sido escavada em sua toca. Podia ver as pontas tênues de seus tentáculos que se estendiam para fora da entrada. Eram bestas enormes e cinzentas. Nada nelas era suave, gentil ou acolhedor.

Para outros, pareciam gigantes do mar. Aterrorizantes e infinitos, eram uma amálgama de muitas criaturas marinhas. Infelizmente, isso dificultava para muitos sequer imaginar sua aparência. Suas mentes simplesmente não conseguiam conceber o que viam.

Cabeças gigantes e bulbosas constituíam a maior parte de seus corpos. Possuíam caudas, embora fossem difíceis de ver, pois os antigos raramente se moviam. Sua pele manchada era cinza, embora com tonalidades variadas entre os três. Seus olhos eram pequenos, mas não precisavam deles para enxergar. Claro, para Proteus, pequeno significava que os olhos tinham o mesmo tamanho que os de um ondino comum. Os tentáculos que saíam de seus corpos eram maiores do que os de um polvo ou lula, permitindo-lhes alcançar qualquer presa que caísse perto o suficiente de sua toca.

O chão ao redor estava coberto de ossos. Restos esqueléticos de baleias e tubarões gigantes, até mesmo esqueletos de megalodontes de tempos remotos. Os ossos ali contavam a história de uma fome insaciável. Ele havia herdado essa fome.

Ele pairava diante da entrada, aguardando ansiosamente que o notassem. Tinha certeza de que o tinham notado. Teriam sentido seu cheiro a quilômetros de distância, se já não fossem oniscientes. Pressentiriam que ele viria vê-los. Saberiam que ele retornaria à sua família para saber o que desejavam que ele fizesse.

Afinal, Proteus sempre fora deles. E ele tinha vergonha de admitir que

ainda o era.

— Entre — ecoaram suas vozes da caverna. Ele sabia que parte da razão pela qual haviam escolhido aquele lugar era por causa do eco. Mas suas vozes eram mais altas do que as de qualquer criatura no mar.

Ele havia se acostumado com o som deles. Mas agora, depois de tantos anos que não os ouvia falar, ele estremeceu.

Talvez fosse por isso que ele tinha tanto medo de barulhos altos.

Proteus corrigiu-se imediatamente. Ele não tinha medo de barulhos altos. Apenas reagia a eles com mais intensidade do que as outras pessoas. Era mais fácil acreditar nisso do que na alternativa.

Flutuando em direção à entrada, ele permaneceu imóvel enquanto um dos tentáculos emergia da escuridão turva. Era tão longo e grosso quanto ele, mas surpreendentemente suave ao tocá-lo. O tentáculo descia do seu torso até a cauda. As ventosas trabalhavam contra sua pele, ajudando a mover o longo apêndice coberto de muco enquanto avançava.

O ancião o provou. Ele permaneceu imóvel até que ele confirmasse que era quem sabia que ele era.

— Filho — sussurrou. — Você retornou para nós.

Eles não tinham nomes. Não tinham sexo. Eram seres que podiam procriar sozinhos, e ainda assim, juntos, o criaram. Os três.

Sua genética era frágil. Tão antigos que não conseguiam criar um ser semelhante a eles, alguém que tomasse o seu lugar. Em vez disso, Eles haviam criado algo novo. Pelo menos, era isso que afirmavam anos atrás.

Ele desejava que as intenções deles tivessem sido mais claras. Saber que eles queriam um filho, que ele não tinha sido apenas um experimento para ver se conseguiam alterar a linha do tempo, teria sido útil naqueles tempos sombrios. Ao menos saber que alguém o queria. Que alguém se importava com o fato de ele ter ficado perdido por tanto tempo.

O tentáculo flutuou para longe, de volta à escuridão da caverna e ao lodo que tornava quase impossível ver o resto deles.

— Eu acordei — disse ele em voz baixa.
Era a única coisa que ele conseguia dizer. Vê-los foi mais difícil do que ele esperava.
A escuridão se dissipou, a poeira baixou e, finalmente, eles se moveram. As três criaturas emergiram da escuridão, seus corpos mal visíveis nas sombras enquanto se libertavam da penumbra e pousavam no chão diante dele. Monólitos enormes e bestiais. Os antigos eram quase impossíveis de serem compreendidos por qualquer mente. Eram terror sem fim e inspiravam loucura apenas com um olhar.
— Nosso filho — disse outro, com a voz um pouco mais grave que a do outro. — Esperamos por isso durante séculos.
Tentáculos se ergueram sobre sua cabeça, atingindo o chão com tanta força que o som resultante demorou a chegar. Ele esperou o estrondo do trovão o atingir e a onda que o empurrou ligeiramente para longe deles. Ele suportou tudo, resistindo mesmo enquanto os ossos de todo o seu corpo se iluminavam.
— Vocês me pediram para esperar— murmurou ele, e a amarga constatação de que sabiam que ele sofreria e não fizeram nada para impedir lhe causou uma queimação no estômago. — Então eu esperei. Agora estou aqui, como vocês pediram.
— Você voltou — sussurrou o terceiro.
Eles não tinham gênero definido, mas ele sempre achara que o terceiro possuía uma energia mais feminina do que os outros. Era mais suave, mais propenso à bondade e à compaixão, mas também não tão impulsivo. Os outros dois eram rápidos em ameaçar com derramamento de sangue. Mas o terceiro sempre se esforçava para encontrar um caminho para a paz.
Ela se aproximou um pouco mais dele, seus tentáculos não fazendo tanto barulho enquanto a sustentavam, e ela o encarou.
— Sentimos sua falta.

— Muito.

— Terrivelmente.

As palavras ecoavam ao seu redor, e ele desejava poder acreditar nelas. Os antigos não sabiam o que era sentir falta de algo. Talvez lamentassem que sua maior arma tivesse que ser guardada em algum lugar onde não pudessem usá-la, isso ele acreditaria. Mas ele não achava que eles tivessem a capacidade de saber o que era sentir falta de alguém. Não por ele. Nem mesmo um do outro.

— Minha missão continua — anunciou ele, sua voz ecoando pela caverna junto com eles. — Já descobri ajuda. Existe uma instalação que reativará todas as outras. Poderemos explorar o mundo acima novamente e religar este planeta, como dizem os humanos.

Um eco grave e retumbante veio após suas palavras. Era um som de satisfação emitido por um dos machos, que se inclinou ainda mais para olhá-lo.

Seu olho enorme era negro como as profundezas do mar. Tudo o que ele conseguia ver nele era seu próprio reflexo. Proteus brilhava com tanta intensidade que ele tinha certeza de que doía até mesmo para o ancião olhar para ele, algo que lhe era frequentemente lembrado quando criança.

— Isso é bom — disse o ancião. — Nós nos cansamos.

— Eu sei. — Proteus sabia o quão cansados eles estavam. Mesmo séculos atrás, eles estavam determinados a continuar avançando, mas era por isso que tinham acabado ali. Nadar era muito difícil para eles. E a caçada se acirrava ainda mais. O povo do mar sempre cuidara deles, e deviam continuar a fazê-lo, considerando o tamanho e a saúde de sua família.

Ainda assim, havia algo diferente neles. A respiração deles estava mais ofegante do que ele se lembrava. As palavras eram um pouco mais lentas. E eles estavam sendo muito mais gentis do que jamais haviam sido com ele antes.

— Nós vimos o futuro — disse a figura feminina. — Sabemos que você é a chave para tudo isso. Estávamos certos. Você será quem trará uma nova era para este planeta. Você os conduzirá a um futuro mais brilhante, onde a terra e o mar permanecem separados, mas ainda assim um todo. Eles podem coexistir sem se matarem ou ferirem. Talvez um dia volte a ser assim, mas não tão cedo.

O ancião à sua esquerda suspirou.

— A terra e o mar se curarão mutuamente. Eu consigo ver isso agora. O planeta inteiro poderá respirar novamente. Velhas feridas finalmente poderão cicatrizar com a chegada de uma nova era.

— Vai levar tempo — respondeu o outro. Sua voz profunda e retumbante falava de dificuldades e muitos anos de luta. — Não será fácil.

— Não — respondeu a fêmea. — Mas ele é o começo.

Proteus permaneceu imóvel enquanto o tentáculo dela se erguia novamente e o tocava suavemente na barriga.

— Ele é quem os liderará, os guiará, mostrará a eles que há mais neste mundo. A chave que abrirá o tesouro do futuro.

Ele não sentia essa responsabilidade há muito tempo. Ela sempre esteve presente, é claro. Ele sabia qual era o seu propósito e por que havia sido criado.

Mas naquele caixão, ele fingira que não se importava com eles. Dissera a si mesmo que eles eram seus criadores e que faziam parte de seus problemas. Queriam que ele sofresse, e Eles poderiam tê-lo salvado, mas não o fizeram. Foi por isso que ele próprio havia sido tão duro com eles.

Estando ali, ouvindo suas vozes, ele foi transportado de volta ao tempo em que era um menino. Um pequeno girino em um oceano imenso, e eles eram os únicos que queriam ajudá-lo. Eram os únicos que se importavam com sua solidão e cansaço. Eles se certificavam de que ele estivesse alimentado. Eles o tratavam tão bem quanto qualquer pai ou mãe trataria

um filho, por mais estranhos que fossem.
Mesmo que fossem a razão de ele ser tão estranho, ainda eram tudo o que ele tinha.
— É uma honra servi-los. Servir ao futuro. — Ele balançou a cauda, curvando-se profundamente diante deles. — Continuarei meu trabalho.
— Espere. — A voz mais grave e retumbante o interrompeu quando ele ia continuar.
Ele se virou para olhá-los, percebendo de fato o quão fracos estavam. Quão cansados. Doía vê-los assim. Eles eram mais do que isso. Deveriam estar cheios de energia e ódio, uma força elétrica que deveria ter penetrado em suas escamas e o feito vibrar só por estar perto deles.
E, no entanto...
A mulher suspirou.
— Foi bom te ver uma última vez, nosso filho.
— Só mais uma vez? — perguntou Proteus.
— Estávamos esperando seu retorno. Mas era só isso. Agora, finalmente podemos descansar.
— Descansar? — Ele repetiu as palavras deles porque não queria saber o que queriam dizer. Não conseguia entender. — Não, vocês não podem descansar. Ainda temos muito a fazer.
— Já tivemos o nosso tempo no mar. O Povo da Água tem um novo deus para adorar. — Três tentáculos desceram suavemente diante dele, um após o outro. — Toda a nossa confiança está depositada em você, Proteus. Nosso primeiro e único filho. O futuro está traçado, o que significa que o nosso tempo passou.
Ele se recusava a acreditar que fariam aquilo com ele. Ele tinha acabado de voltar. Ainda precisava da orientação deles! Eles tinham que lhe dizer o que fazer dali em diante e para onde ir. Ele não conseguia ler o futuro como eles. Sempre fora capaz de vê-lo, mas apenas em lampejos.
Proteus via a mesma coisa que eles. Um futuro ao alcance, onde tanto a

terra quanto o mar haviam se reunido, mas ele não sabia como chegar lá. Mas os antigos, os deuses do mar que ali estavam há milênios, deitaram-se. Repousaram todos juntos, uma pilha de monólitos maciços que alimentariam lentamente as criaturas ao seu redor.

— Fique conosco — disse a mulher, com a voz carregada de tristeza e algo que soava como alívio. — Fique conosco, nosso filho.

E assim ele fez.

Ele permaneceu ali em vigília silenciosa, contando cada uma de suas respirações até que cessassem completamente. Permaneceu mesmo quando os caranguejos começaram a se aproximar e as lulas desceram para levar pedaços de seus deuses e consumi-los. Nenhuma parte dele ousou se mover enquanto observava as únicas criaturas vivas que se importavam minimamente com ele... morrerem.

Então seus ossos arderam de raiva. Tornaram-se incandescentes por dentro, projetando sombras sobre seus olhos enormes e vazios.

Não havia ninguém para pagar por isso. Ninguém além dele mesmo.

Um lamento irrompeu das profundezas do seu ser. A dor e o abandono o consumiam por completo. Ele inclinou a cabeça para trás e gritou. Era o grito de um homem que havia perdido tudo.

DEZ

Ellie

— Não tenho certeza se essa é a maneira correta de fazer isso — disse Ellie. Ela estava sentada na borda de sua cápsula aberta, devorando mais um de seus pacotes de nutrientes sem sabor.

Ninguém se ofereceu para alimentá-la ali, e ela estava um pouco preocupada com a quantidade de comida que estava consumindo. Talvez houvesse outras cápsulas que pudessem encontrar. Se os clones fossem retirados delas, não ejetariam as cápsulas para o mar? Elas se tornariam inúteis depois que as pessoas que residiam dentro fossem removidas. Claro, poderiam reprogramar os parâmetros para se ligarem a outra pessoa. Mas não parecia haver mais clones para colocar nelas.

Se ela conseguisse encontrar aquelas cápsulas, poderia facilmente retirar os pacotes de nutrientes de dentro delas. E havia outras coisinhas que seriam úteis. Ela não queria desmontar a sua própria cápsula, caso precisassem colocá-la de volta lá dentro.

A cadeira era o único lugar onde ela podia se sentar, a menos que se sentasse no chão. Mas o chão geralmente estava úmido por causa de Proteus. Então, ela passou a se sentar em sua cápsula para se manter o mais seca possível.

— Claro que é o jeito certo — argumentou Piloto com ela.

Ela descobriu que gostava de irritar o droide agora que tinha liberdade para viver sua vida. Não que Proteus tivesse dito isso explicitamente, mas parecia que ele não se importava que ela fosse ela mesma. E, ao fazer isso, ela descobriu que era divertido provocar o Piloto.

O pequeno caranguejo era muito rígido. Era obcecado por regras e pela

maneira correta de fazer as coisas. Ficava irritado quando ela estava por perto, mas principalmente quando ela apontava as falhas em seu plano. Dos quais havia muitos.

— Eu achava que os droides geralmente eram inteligentes — disse ela, jogando seu pacote de nutrientes vazio atrás da cápsula e se dirigindo para lá.

Piloto estava elaborando um plano para levá-los até a instalação, que estava desativada há séculos. Infelizmente, isso significava que havia muitos desmoronamentos nas rochas onde costumava ser a entrada. Tocando em uma tela que mostrava uma pilha de entulho, ela perguntou: — Onde você conseguiu essas imagens?

— É de um drone de vigilância ao qual ainda tenho acesso. — Um pezinho pressionou um botão vermelho brilhante, desligando a tela. — Não olhe.

— Quanto mais pedras retirarmos dali, maior a probabilidade de haver outro desabamento. Não podemos, e certamente nunca devemos, brincar com isso. Um desabamento na parte externa poderia destruir toda a parte interna. — Ela arqueou a sobrancelha. — Ou você discorda?

— Claro que discordo! Eu não teria sugerido mover as pedras se não tivesse analisado todos os ângulos possíveis. — Todas as oito patas giraram a pedra em círculo até que Piloto a encarou com aqueles olhos brilhantes. — Você claramente não pensa em nada se acredita que eu arriscaria a vida dele.

Bem, ele a tinha ali. Ela não achava que ele fosse capaz de arriscar a vida de Proteus. Por algum motivo, o droide era estranhamente leal à criatura enorme que a aterrorizava.

Ela pegou Piloto do console, virando-o na mão para examiná-lo.

— Sabe, eu poderia cuidar dessa ferrugem para você.

— Tire as mãos de mim! Você... — Piloto piscou. — Você poderia?

— Você prefere ele ou ela? — ela perguntou. — Só mais uma pergunta

estranha. Não me sinto bem pensando em você como um objeto.

— Prefiro ele. Agora, o que você estava dizendo sobre tirar a ferrugem de mim?

Ela caminhou até sua cápsula com ele na mão.

— Há uma grande quantidade de ferramentas nesta cápsula. A maioria delas serve para me manter viva, mas muitas também foram projetadas para antecipar todo tipo de acontecimento estranho que possa ocorrer se eu estiver aqui dentro. Além disso, e se algo quebrar? O sistema sabe que isso poderia me acordar e eu seria capaz de consertar algumas coisas de dentro da própria cápsula.

Ellie inclinou-se e enfiou a mão na área onde costumava deitar. Bastava encontrar o ângulo certo e, em seguida, suas mãos se fecharam em torno de uma pequena haste. Era particularmente eficaz para remover ferrugem. Ela imaginou que sua função era auxiliar caso a tampa enferrujasse e ela precisasse sair em uma emergência. Nesse caso, bastaria um pano úmido e ela pensou que conseguiria deixar o Piloto como novo.

Ela mostrou sua ferramenta ao droide.

— O líquido dentro corrói a ferrugem, mas é sensível ao metal.

— Não é líquido — disse Piloto, maravilhado. — São nanites.

— Não sei o que são essas coisas.

— Robôs minúsculos, iguais a mim. Eles têm uma única tarefa programada para toda a sua existência. Entre os droides, são lendas. — Ele emitiu um som que era quase um suspiro. — Claro que você teria alguns desses se fosse de Tau.

Ela quase riu quando ele disse isso.

— Ora, Tau não tinha tudo o que todos queriam.

— Sim, tinha.

Ele parecia tão convicto que até ela hesitou por um instante.

— Bem, então acho que fico feliz em poder compartilhar com você.

Ninguém merece ter ferrugem atrapalhando seus movimentos por séculos a fio. De quanto você acha que vamos precisar?

— Nada demais. Eles deveriam ser capazes de fazer o trabalho deles sem que nenhum de nós precise ajudá-los.

Ela espirrou um pouco do líquido nele, e talvez estivesse cheio de pequenos robôs, como ele parecia pensar que havia lá dentro. Ela ainda não estava convencida de que era isso mesmo.

Segurando o droide na mão, ela observou a ferrugem começar a se desprender dele como poeira vermelha flutuando em seu corpo.

— Por que você consegue sentir coisas? Acho que nunca conheci um droide assim.

Ela percebeu que ele sentia as coisas com tanta intensidade que até pareceu desconfortável quando ela fez a pergunta.

— Eu... — Piloto pigarreou. — Meu criador queria que eu sentisse emoções. Ele queria que eu fosse mais humano do que os outros.

— Por que?

— Porque ele acreditava que todo ser vivo merecia sentir tudo profundamente.

Algo dentro dela se contraiu com aquilo. Ela acreditava que aquele cientista tinha boas intenções depois do que tinha feito, e isso era comovente.

— Qual era o nome dele?

— Dr. Fairweather — murmurou o droide. — Ele era um homem muito triste. Toda a sua vida. Nunca me disse porquê.

E provavelmente ninguém jamais saberia. Mas ela pensou em Fairweather e em sua tristeza, e se perguntou se era por isso que ele havia dado personalidade a esse droide. Talvez ele estivesse se sentindo sozinho. Talvez tivesse perdido alguém muito querido. Então, ele criou outra pessoa para ter por perto.

A água gelada escorreu por seus pés, fazendo-a estremecer

imediatamente.
— Proteus — ela repreendeu. — Eu pensei que tínhamos combinado que você ao menos se anunciaria, então eu não...
Ela congelou e parou de falar no instante em que o viu. Havia um brilho diferente em seus olhos enquanto ele a encarava. Uma raiva e uma dor profunda que ela se esforçou muito para reconhecer, mas não conseguiu. Normalmente, havia pelo menos uma pessoa naqueles olhos negros com quem ela conseguia se identificar, mas hoje ela não conseguia fazer isso de jeito nenhum.
Ela encarou os olhos do abismo. Se permanecesse olhando por muito tempo, temia cair diretamente em seu olhar e jamais conseguir rastejar de volta para fora.
Engolindo em seco, ela tentou se afastar, mas seus quadris pressionaram contra a cápsula.
— Proteus?
Ele não respondeu ao emergir da água. Suas nadadeiras estavam todas à mostra, abertas desde o rosto e apontando para a frente. Espinhos se eriçavam em seus braços e costas, e suas mãos com garras estavam tensas.
— Piloto — ela murmurou baixinho. — Entre na cápsula.
Ela ouviu o pequeno droide tentando se mover, mas não ia arriscar sua vida. Em vez disso, apertou o botão para fechar a cápsula e o trancou lá dentro. Pelo menos ali, ela sabia que ele estaria seguro.
Proteus saiu da escotilha, uma mão sobre a outra, claramente a observando atentamente do outro lado da sala. Ela o observava, como qualquer presa faria. Movia-se lenta e cuidadosamente, tentando não chamar muita atenção dele, mas também consciente de que era seu único interesse.
Seu olhar nunca se desviou dela. Ele nunca olhou para outro lugar. Era bastante assustador ficar presa em seu olhar daquela forma, porque ela

não tinha muita certeza do que fazer a respeito.

— Proteus — disse ela novamente, erguendo as mãos para mostrar que não tinha armas. — Fale comigo.

Não havia como conversar com a besta que estava à sua frente. Aquilo nem era ele. Ela não viu nenhuma parte do... Ela reconheceu o homem naquele olhar. Tudo o que viu foi uma besta de pesadelo que emergiu das trevas para atacá-la.

— Pare — ela sussurrou, mas já sabia o que ia acontecer.

Ele atacou. O tempo pareceu desacelerar enquanto a enorme massa daquela besta marinha avançava em sua direção, e não havia para onde ela ir. Ela não podia correr nem lutar. Estava presa exatamente onde estava.

Ele a atingiu com um peso surpreendente. Por um instante, ela ficou suspensa no ar. Então, as costas de Ellie bateram no chão com tanta força que todo o ar saiu de seus pulmões. Ela ficou ali deitada com ele em cima dela, encarando uma boca enorme cheia de dentes.

Para seu horror, a boca dele se abriu. As laterais da boca, a área do queixo até a garganta, se abriram, revelando fileiras e fileiras de dentes. Não apenas um conjunto, não apenas os dentes que ela vira quando ele sorria, mas pelo menos dez fileiras de dentes afiados que se estendiam por toda a garganta.

Por um instante, ela teve o pensamento insano de que aquilo quase parecia uma flor desabrochando, até que aqueles dentes se fecharam em torno de seu braço.

Antes que se desse conta, ela gritou. Ellie inclinou a cabeça para trás e soltou um som de dor que ecoou pelas paredes daquela estranha instalação no meio do mar. Mas então ela se lembrou de que dor não era algo que ela deveria sentir. Ela não tinha permissão para gritar daquele jeito porque ela não era realmente uma pessoa. Não uma pessoa de verdade.

Então, em vez disso, ela rangeu os dentes e se obrigou a suportar a dor. Ela ficaria bem. Não importava se ele arrancasse seu braço com uma mordida e o comesse. Não havia nada nem ninguém que se importasse se ela morresse. Pelo menos ela o ajudara um pouco. Ela havia decifrado o código binário que o impediria por muito tempo.

A existência de Ellie era servir, e ela o fez muito bem. Essa será a sua memória.

Os dentes serraram seu braço, e ela sentiu a carne sendo rasgada e dilacerada. Contra a palma da mão, sentiu a língua dele se mover, engolindo seu sangue e carne. Ele pretendia comê-la. Comer seu braço. Mas por que ele pararia no membro? Ele ia devorá-la inteira, e isso...

Isso a deixou triste.

Ela gemeu, tentando ao máximo não emitir nenhum som. Mas então Piloto se atirou contra a tampa transparente da cápsula dela, e o estrondo alto pareceu ser a única coisa que chegou até Proteus. Ele congelou, com os dentes cravados na carne dela.

Algo se iluminou em seu olhar. De repente, ela o viu mais. O deus que fora tão arrogante e, ainda assim, tão convicto de que ela era uma pessoa real. Ela o observou perceber o que estava fazendo, que seu braço estava enfiado em sua garganta e que Piloto estava trancado. Que eles estavam sentados em uma poça do sangue de Ellie, que se tornava cada vez mais preocupante.

Ele se afastou dela bruscamente. O braço dela deslizou para fora da garganta dele com um som úmido, caindo ao lado do corpo, completamente inútil. Ela nem conseguia sentir os dedos, mas com aquela quantidade de sangue, isso não era de se estranhar.

O horror em sua expressão, porém, era evidente. Seus olhos se arregalaram. Sua respiração tornou-se ofegante. Proteus fechou a boca, voltando a ser o homem que ela conhecia.

— Ellie? — ele sussurrou, claramente horrorizado com o que havia feito.

— Está tudo bem — disse ela, tentando acalmá-lo um pouco. — Eu vou ficar bem.

— O que eu faço? — Era evidente que ele queria ir até ela, mas temia assustá-la. Suas mãos se estenderam, aqueles dedos longos e sinistros se projetando como sombras pelo chão em sua direção. — O que eu posso fazer para te ajudar, Ellie?

— Está tudo bem. — Sua visão estava turva. Tudo estava um pouco embaçado, e ela jurou que talvez estivesse vendo tudo em dobro. — Eu sou só uma boneca. Sinto muito que você tenha me quebrado, mas uma boneca quebrada ainda pode ser usada para brincar.

Tudo nela implorava para que ele não a matasse. Mesmo sem um braço, ela ainda poderia ser útil. Sua mente era o que Malcolm havia aprimorado. Ela ainda conseguia ler o código. Ela ainda podia ajudá-lo a elaborar seu plano. Ela ainda podia discutir com Piloto e ser a pessoa que vinha aprendendo a ser.

— Ellie, o que eu faço?

Por que ele repetia a mesma pergunta várias vezes?

Ela piscou, e ele estava debruçado sobre ela. Ou melhor, não, agora ela estava deitada. Será que tinha caído? Que vergonha. Ela já tinha se machucado antes, e Malcolm tinha ficado tão furioso por ela ter reagido ao ferimento. Ele disse que ela precisava se recompor e a colocou de volta na cápsula para se curar imediatamente.

Ah, sim. A cápsula dela.

— A... A... — Por que ela não conseguia falar? Aquilo era tão ridículo. Ela apontou para a cápsula com a única mão boa que tinha, que, por algum motivo, também estava coberta de sangue.

Ele a pegou nos braços e se moveu em direção à cápsula tão rapidamente que a deixou tonta. Ou talvez fosse a perda de sangue. Poderia ter sido isso também.

Ele empurrou a tampa e Piloto quase voou para fora, mas ele a deitou

delicadamente. Ela quase não sentiu quando suas costas tocaram o estofamento macio lá dentro.

— E agora? — perguntou ele, com a voz claramente preocupada. — O que eu faço, Ellie?

Ela tentou, fracamente, alcançar a tampa. Ele precisava fechá-la, ou ela ia morrer. Ela não tinha certeza se havia uma tampa. Havia uma maneira de consertar um cadáver, embora ela fosse um clone. Muitas coisas poderiam ser feitas com alguém como ela. Ela não havia tentado pessoalmente.

Ele pareceu entender o que ela precisava, pelo menos. A tampa se fechou sobre sua cabeça, selando-a dentro da cápsula que saberia o que fazer.

Ela já conseguia sentir o aparelho funcionando. A estranha sensação da estrutura metálica se movendo sob ela, preparando-a para a cirurgia. Uma picada na lateral do pescoço avisou que ela estava prestes a dormir.

A última imagem que ela teve foi dele pairando sobre sua cápsula, uma mancha escura com a mão sobre a superfície transparente. Ele parecia preocupado.

Ela não imaginava que ele pareceria tão preocupado.

ONZE
Proteus

Proteus olhou para dentro da cápsula, horrorizado com o que havia feito. Estava tão furioso, tão perdido em sua própria confusão e ódio, que olhou para ela e, de repente, ela se tornou tudo o que havia dado errado. Ellie se tornara um símbolo de todos os humanos que destruíram seu lar, transformaram o mar em lama e continuaram a lutar contra o Povo da Água até que toda a esperança de consertar o que havia sido quebrado estivesse quase perdida.

Ele nem sequer a tinha visto. Tinha visto o inimigo que virara sua vida de cabeça para baixo. Teria feito o mesmo com qualquer criatura senciente que cruzasse seu caminho.

A perda da família o deixou devastado. Ele não era ele mesmo. O mundo parecia estar contra ele, até mesmo a deusa do mar que ele sempre venerara. Estava sozinho, assustado, com raiva, com todas as emoções que não sabia como controlar.

Ele sentiu vergonha de si mesmo por ter descontado nela. Esse não era ele. Não era quem ele sempre pretendera ser. E, no entanto, foi ele quem a feriu. Uma mulher inocente que não tinha motivo algum para ser prejudicada.

Então foi ela quem o consolou.

— Você não é uma boneca — murmurou ele, olhando através da tampa transparente enquanto a máquina a fazia dormir. — E sinto muito por tê-la tratado como tal.

Ela parecia tão tranquila assim que a droga injetada em seu corpo começou a fazer efeito. Ele jamais conseguiria adivinhar qual era, mas

ficou satisfeito por vê-la tão confortável. Enquanto ela dormia, ele se perguntava se ela já havia entrado na simulação. Será que sua mente alguma vez conseguia descansar? Ele esperava que não a tivessem colocado de volta naquele lugar quando ela merecia um sono profundo. Seu corpo e sua mente precisavam disso.

Piloto também subiu na cápsula, olhando para a mulher inconsciente enquanto a cápsula começava a regenerar sua pele. Uma estranha substância gelatinosa estava sendo espalhada sobre a enorme ferida.

— Não me sinto no direito de perguntar porquê — murmurou Piloto. — Tudo na minha programação me diz para voltar ao trabalho. Mas há uma parte de mim que quer ficar aqui e garantir que ela seja remontada corretamente.

— Você tem algum motivo para presumir que não seja capaz?

Piloto apontou para o braço dela.

— Humanos são muito frágeis, Proteus. Esse braço está em pior estado do que você ou eu poderíamos imaginar. Acho provável que a máquina o substitua. Eles poderiam ter retirado um membro de outro clone se estivéssemos de volta em Tau, mas isso não é possível considerando onde estamos.

Ele não queria acreditar que a havia destruído irreparavelmente. Mas, enquanto ambos observavam, a máquina puxou o que parecia ser uma pequena serra e começou a cortar sua carne.

Piloto deu algumas batidinhas na tampa, exibindo os sinais vitais dela.

— Bem, pelo menos esta máquina é muito precisa. Os sinais vitais dela estão surpreendentemente estáveis para uma cirurgia tão complexa.

— Qual é a aparência disso?

— A pressão arterial está baixa, mas isso se deve à perda de sangue. Os batimentos cardíacos dela estão perfeitamente estáveis e parece que até mesmo os níveis de oxigênio não foram afetados de alguma forma. — Piloto se inclinou para olhar e então balançou o corpo como quem acena

com a cabeça. — Ah, claro. Estão usando substâncias sintéticas para manter a mente dela acreditando que o braço está bem. Fascinante. Estão usando os próprios neurotransmissores do cérebro dela para convencê-la de que não há nada de errado.

Ele realmente não sabia o que tudo aquilo significava. Na verdade, aquilo apenas o fez lembrar de uma época em que observara humanos fazendo experiências uns com os outros.

Eles costumavam ser obcecados por isso, pelo menos quando ele estava vivo. Talvez até mesmo naquela época soubessem que chegaria o momento em que não seriam mais capazes de viver em terra firme. O homem rico havia gasto incontáveis horas de seu tempo e dinheiro tentando fundir humanos com outras criaturas.

Nunca tinha funcionado. Nem uma vez. O DNA humano que ele usava simplesmente não podia ser fundido com o de outra criatura. Eram muito diferentes.

Ele estava concentrado em tentar roubar o que os ondinos obtinham naturalmente, assim como muitos dos homens e mulheres que viviam em Tau. Proteus também assistira àqueles vídeos. Ele os vira se esforçando ao máximo para se tornarem as criaturas que viviam sob as ondas, mas nunca conseguiam.

A máquina sob suas mãos zumbiu. Até mesmo Piloto reagiu com surpresa quando ela pareceu se mover repentinamente. Então, ele observou enquanto ela removia o braço dela por completo, cauterizava o ferimento e colocava o braço em uma pequena bandeja. O braço dela afundou na barriga da cápsula, e então uma gaveta se abriu ao lado deles. Ela o atingiu na cauda, quase fechando novamente antes que ele a agarrasse.

Agora ele olhava fixamente para o braço mutilado dela, que já não estava mais preso ao corpo. Estava muito menor assim. Dedinhos minúsculos se enrolaram sobre si mesmos, e sua pele ficou salpicada de sangue.

— O que eu faço com isso? — perguntou ele a Piloto.
Proteus temia que seus olhos estivessem arregalados de choque. Ele não esperava receber o membro. Deveria consumi-lo? Afinal, ele precisava de todo o sustento possível.
Piloto bateu as pernas na lateral da cápsula com tanta força que foi obrigado a olhar para o droide.
— Jogue na água e deixe a correnteza levar o braço dela — disse o droide com severidade. — Não faça o que está pensando em fazer. Ela nunca o perdoaria.
— Não é um desperdício?
— Outras criaturas também se aproveitarão disso. Se você estiver com fome, pode ir atrás de outra baleia.
Ele supôs que fosse verdade. Proteus o ergueu delicadamente e tentou não se concentrar em quão rígido ele já estava antes de jogá-lo para fora da escotilha. Voltou a observar a cirurgia que acontecia diante de seus olhos, ainda um pouco inseguro. Tudo aquilo o fazia se sentir estranho. Culpado. Como se ele fosse o problema quando...
Bem, ele era o problema.
— Como posso compensá-la? — perguntou ele ao droide. — Certamente você entende mais de interações humanas do que eu?
— Compensar... o quê? Quase matá-la?
Isso fez parecer muito pior do que ele se sentia. Afinal, ele havia parado antes que ela morresse. Proteus tentou não demonstrar o quanto a ideia de cometer tal erro o enfurecia.
— Ferir ela.
— Arrancando o braço dela?
— Ainda estava preso quando me controlei! A falta do braço dela é inteiramente culpa da máquina em que ela está presa. — Ele não estava ajudando em nada. — Tudo bem. Como posso me desculpar adequadamente por perder o controle e morder o braço dela, fazendo

com que ela tivesse que perder o membro porque eu estava lutando com minhas próprias emoções?

— Você vai fazer isso de novo? — Piloto deu mais alguns toques, mantendo um olhar atento aos sinais vitais dela.

— Não tenho essa intenção.

— Isso não é suficiente, Proteus. Você precisa ter certeza de que não a machucará novamente, ou tudo o que disser será mentira. Ela saberá que é mentira, e isso tornará tudo ainda mais complicado. Confiança se conquista, não se dá de graça.

Ele observou a máquina começar a funcionar novamente. Ambos olharam fixamente para a prótese lisa que ela estava criando ao lado do braço dela. Parecia que Piloto estava certo. A máquina iria refazer um membro para ela com a mesma facilidade. Era quase como se já tivesse feito isso antes. A princípio, pareceu trabalhar com um mapeamento 3D do corpo dela que havia armazenado. Depois, começou a construir a prótese enquanto ela descansava.

De vez em quando, outra agulha se aproximava de seu pescoço, injetando nela qualquer medicamento que achasse necessário. E durante todo esse tempo, ele se manteve calmo e tentou assimilar o que Piloto havia dito.

Aquilo era um droide. Proteus não precisava se explicar, nem seus sentimentos, nem o que estava fazendo com aquela criatura. Afinal, o pequeno objeto fora feito para servi-lo. Era apenas um pedaço de metal.

Mas então ele percebeu que parte da ferrugem estava se desprendendo das costas do Piloto enquanto conversavam. Usando uma única garra, ele removeu mais ferrugem do droide e observou os pedaços caírem no chão.

— Por que você está descascando? — perguntou ele.

— Ela borrifou alguma coisa em mim da cápsula, porque disse que todos mereciam viver suas vidas sem ferrugem. — Piloto fez alguns estalos e

murmurou algo sobre como a máquina deveria monitorar sua pressão arterial com mais atenção.

O droide havia se mostrado um tanto vaidoso. Proteus jamais havia sequer cogitado a ferrugem alaranjada que mudara a cor do droide. Mas agora, com o metal prateado de sua forma transparecendo, uma verdade que Proteus se recusara a considerar se revelava.

— Você gosta dela. — As palavras soavam mais como uma acusação do que uma constatação.

— Não gosto de ninguém. Isso não está na minha programação.

— Sim, é verdade. Claramente. Você tem um carinho especial pela humana que removeu sua ferrugem. Não sei se acho isso cativante ou patético. — Proteus refletiu um pouco mais sobre o assunto e finalmente disse: — Acho que é mais cativante.

Piloto não respondeu por um tempo. Ambos observaram a máquina terminar de fabricar o braço. Era quase idêntico ao outro dela, chegando ao ponto de pintar veias na parte interna dos pulsos. Então a máquina começou a trabalhar com o braço, girando-o para que os dedos se movessem e o pulso dobrasse corretamente. Era... estranho de se ver.

Qualquer que fosse essa cápsula, era extremamente avançada. Os Tau claramente levavam a saúde e a segurança de seus clones muito mais a sério do que a de seu próprio povo.

Piloto deu mais alguns toques na tela, ainda observando tudo atentamente, antes de murmurar: — Eu gosto dela. Ela é gentil, quase até demais. É espirituosa e muito agradável de conversar. Mesmo que me provoque incessantemente, e eu acredito que isso seja uma característica horrível em uma pessoa. Ela é mais inteligente do que qualquer outro ser humano que eu já conheci, e até me envia bilhetes em código binário enquanto trabalhamos juntos. Essas coisas têm dificultado minha programação...

— Pensei que você tivesse dito que não era programado para favorecer

pessoas? — disse ele com ironia.

— Fui programado para experimentar mais do que um droide comum. Gosto de lutar contra isso, porque acho que é mais fácil para mim. Para que eu não pense em como sou diferente. Os outros droides têm uma vida muito mais fácil do que a minha. É difícil conviver com as emoções.

Proteus entendia esse sentimento melhor do que a maioria. Veja o que ele fez com as emoções difíceis que o afligiam.

— Visitei os antigos — murmurou ele, sabendo que Piloto entenderia do que ele estava falando. — Eles se foram.

— Para onde?

— Foram-se. Para sempre. — Suas mãos se fecharam em punhos quando o droide congelou. — Fiquei com eles até que morressem. Suas vozes não cantarão mais nas profundezas. Nosso mar está sem guia e sem deuses para nos visitar. Foi por isso que agi como agi.

— Não são eles os seus antepassados?

— Eles me criaram. Eles me educaram. Eles me trouxeram a este mundo e ameaçaram me tirar dele mais vezes do que consigo contar. — Ele esfregou a nuca e balançou a cabeça. — Eu não achava que sentiria falta deles. Eu dizia a mim mesmo que não sentia nenhuma falta deles enquanto estava trancado naquele caixão.

Piloto se mexeu novamente, desta vez olhando claramente para ele.

— Mas você estava errado? Você os perdeu de vista?

— Eu estava lá todos os dias. Estava com tanta raiva deles por terem me deixado, mas estava me enganando. Agora que eles se foram, só queria ter tido mais tempo.

Proteus observou a máquina mover o novo braço para o lugar onde estava o braço que faltava. Com uma precisão impressionante, começou a fixar a prótese ao corpo dela. Mas nem sequer parecia uma prótese. A máquina estava extraindo longos filamentos do corpo dela, algo que Piloto lhe informou serem nervos. Conectou-os ao novo membro para

que funcionasse exatamente como se ela nunca tivesse perdido nada.
Durante todo o procedimento, ela não se mexeu nem uma vez. Em vez disso, ficou deitada, parecendo bastante confortável com tudo o que estava sendo feito. Foi chocante saber que Tau tinha criado esses clones, cientes de que provavelmente precisariam ser colocados de volta em seus compartimentos após serem feridos.
— Você acha que esta é a primeira vez que ela passa por uma cirurgia tão extensa? — perguntou ele em voz baixa, já sabendo a resposta.
— Não — disse Piloto. — Acho que a maioria dos clones já passou por cirurgias como essa antes. Pelo que pesquisei, eles eram frequentemente usados para a extração de membros e órgãos. Essas cápsulas servem para manter os corpos vivos o máximo possível, para que mais partes possam ser retiradas. Quanto à máquina, o braço dela era necessário para outro procedimento.
Aquilo era repugnante. Horrível demais. Era bárbaro pensar que faziam isso com pessoas enquanto permitiam que outras vivessem livremente e confortavelmente.
Ele inclinou-se um pouco para trás quando a cápsula emitiu um som sibilante. Deu um salto para trás, tentando não atrapalhar mais do que já estava. Mas então percebeu que ela estava se abrindo.
Piloto saltou do topo, caindo no chão e tentando se esquivar antes que a tampa caísse sobre ele. E enquanto ambos observavam, a cápsula se abriu, permitindo a entrada de ar fresco.
Ellie respirou fundo, seus pulmões se enchendo de ar por conta própria. Quanto tempo a cirurgia havia durado? Algumas horas? Ele a observara, acompanhando a cirurgia com Piloto por tanto tempo, que não tinha certeza de quanto tempo haviam durado os intervalos entre as conversas. Mas não parecia tempo suficiente para a máquina a acordar.
Outro braço metálico se ergueu de dentro da máquina e lançou uma espécie de névoa branca em seu rosto. Ela a inalou e, então, aqueles olhos

estranhos se abriram novamente. Tão pálidos que eram quase completamente brancos, ela virou a cabeça para olhá-lo.

— Você não me colocou de volta na simulação — disse ela. — Por que não fez isso?

Aquela dor no peito devia ser do coração, mas ele não sabia por que estava doendo.

— Eu disse que não faria isso. Se você quiser voltar para aquela simulação, terá que ser por sua própria vontade.

Ela piscou algumas vezes, depois ergueu o novo braço e envolveu a lateral da cápsula com a mão.

— Tudo bem, então. Eu realmente não quero voltar lá para dentro ainda.

— Você não deveria descansar?

Ela lançou-lhe um olhar estranho.

— Por que eu faria isso?

Proteus olhou fixamente para o braço dela e depois para os olhos dela.

— Porque eu... eu...

— Ah. — Ela revirou os olhos e saiu da cápsula. — Não é a pior coisa que já vi fazerem com um clone.

Ele odiava ter acreditado nela.

DOZE

ELLIE

Eles a tratavam como se fosse de vidro, e ela não gostava disso. Ellie sempre fora útil. Ser útil a fazia se sentir importante. Ela gostava de trabalhar com as mãos e com a mente, e, no entanto, nos últimos três dias, tudo o que Proteus e Piloto queriam que ela fizesse era descansar.

Disseram que ela precisava se recuperar da cirurgia. Humanos levam muito tempo para se sentirem bem após um trauma como esse. Proteus mal estava voltando para a instalação, alegando que precisava cuidar das instalações danificadas e que ela não poderia ser útil nessas circunstâncias. Não com um braço ferido.

Ela gostava quando ele estava presente e podia responder às suas perguntas. Sem poder fazê-las, ela não tinha certeza se estava fazendo o que precisava ser feito. Ellie estava começando a se sentir um pouco perdida, e não gostava nem um pouco dessa sensação.

A vida inteira, lhe disseram o que fazer. Não ter ninguém para fazer isso estava deixando-a atordoada.

— Já se passaram três dias — repreendeu ela à Piloto enquanto ele tentava, mais uma vez, afastá-la do console. — O mínimo que posso fazer é revisar com as imagens do drone. Posso descobrir para onde podemos ir dentro da instalação principal e como entrar no prédio da maneira mais segura. Se você me deixar controlar um deles, poderei realmente explorar tudo.

— Você precisa descansar esse braço, e não é justo que você o use. Você não me disse que ele arrancou sua mão dominante com uma mordida — repreendeu ele, mais uma vez.

Ela vinha tentando esconder isso há alguns dias. Aparentemente, essa foi a pior coisa que ela poderia ter feito ao pobre Piloto. Agora ele tinha certeza de que tudo o que ele havia lhe dado como tarefa fácil tinha piorado a situação do braço dela.

Parecia que nenhum daqueles homens em sua nova vida entendia que não importava se ela havia se machucado. Sua cápsula fora projetada para reconstruí-la. Ela era uma boneca com a qual qualquer um podia brincar com a brutalidade que desejasse. Se quisessem arrancar todos os seus membros, a cápsula simplesmente construiria novos.

Talvez fosse isso que ela precisava deixar bem claro para os dois. Nada poderia realmente machucá-la, não como eles pensavam. E se eles lhe dessem uma chance de provar isso, talvez não se sentissem tão culpados pelo que havia acontecido.

Ela ainda não tinha muita certeza do porquê de Proteus ter entrado nas instalações com tanta raiva. Não importava o motivo da raiva dele, ela imaginou. Se ele quisesse que ela soubesse, ele lhe diria.

Era assim que Malcolm sempre conduzia sua vida. Ela sabia apenas o que ele queria que ela soubesse, independentemente de sua própria sede de conhecimento.

Então, na próxima vez que Proteus entrou no prédio, ela se levantou de onde estava encostada em sua cápsula.

— Proteus!

Ele estremeceu e, em seguida, pareceu dar um salto para o outro lado da sala. Como se estivesse com medo.

Mas isso não podia estar certo. A criatura marinha, semelhante a um deus, não tinha motivo para temê-la, ou, sendo realista, qualquer coisa no oceano. Ele era forte e grande, e tinha mais armas espalhadas pelo corpo do que até mesmo os maiores navios de Tau. Por que ele teria medo dela?

— Eu trouxe comida — disse ele, olhando para ela como se ela fosse

pular em cima dele. — Percebi que não tenho lhe fornecido nenhum tipo de sustento enquanto você esteve aqui.
— Eu tenho comida — ela respondeu.
Piloto os interrompeu de sua posição no console.
— Não, ela não tem. Ela está ficando sem aqueles pacotes de nutrientes. Ainda bem que você trouxer o que quer que tenha trazido. Espero que seja comestível.
Proteus olhou feio para os dois e então levantou a mão. Nela, ele segurava um punhado do que pareciam ser lulas mortas.
— Já vi humanos comendo isso antes. Sei que não fará mal a vocês.
— Lula? — ela sussurrou. — Eu vi o Malcolm comendo isso. Não sei como cozinhá-las aqui embaixo sem ventilação, mas posso dar um jeito. Tenho certeza.
— Cozinhar? — As rugas entre as sobrancelhas nuas de Proteus se aprofundaram. — Eu havia me esquecido de que os humanos não comem comida crua.
— Não sei se dá para comer lula crua... — Ela pensou que poderia tentar. Provavelmente haveria infecções bacterianas ou parasitas com que se preocupar, mas, por outro lado, a cápsula deveria ser capaz de resolver todos esses problemas também. Ellie não gostava da ideia de problemas intestinais, principalmente porque já estava tentando ser o mais discreta possível sobre isso.
Piloto não se importava se ela fizesse suas necessidades pelo vigia, mas Proteus talvez não gostasse de nadar através de seus dejetos para entrar nesta sala.
O som de um droide desapontado interrompeu seus pensamentos.
— Se você vai comê-los, é melhor fazer isso rápido. Isso não vai acontecer se for sempre fresca, e é aí que provavelmente não vai te machucar. Então, coma à vontade, princesa.
Princesa?

Ela deu um passo à frente para pegar a lula de Proteus, mas ele recuou mais uma vez. Colocou a lula fresca no chão e se afastou rapidamente, encolhendo-se num canto para não a incomodar.

— Por que você está agindo assim? — perguntou ela, pegando a lula e mergulhando-a na água fria do mar pela última vez. Ela caminhou sobre este chão. Ele não deveria colocar comida crua nele e esperar que ela a comesse.

Proteus ficou apenas olhando, como costumava fazer quando tentava decifrá-la.

Em vez disso, ela olhou para a lula. Se ele ia ser estranho - como se ele alguma vez não fosse estranho - então ela se concentraria na tarefa em mãos. Comer aquilo provavelmente não seria uma experiência muito agradável, mas ela precisava das calorias.

Como Piloto havia dito, seu estoque de comida estava ficando assustadoramente baixo para o pouco tempo que ela estava ali.

Não havia como melhorar o sabor da comida. Levantando-a um pouco mais, ela encarou o corpo pálido e translúcido e murmurou: — Para dentro, suponho.

Engolir tudo de uma vez foi como se ela tivesse feito algo errado. Num instante, estava bem, e no seguinte, um reflexo de vômito quase a fez expelir a lula morta e o resto do pacote de nutrientes no chão.

Não era necessariamente o sabor. Havia um frescor inegável na lula, que ela sabia ser o sabor correto. Mas a textura era chocante. Era tão macia, não exatamente viscosa, mas certamente não seca. Deslizou pela sua garganta e então pareceu ficar presa, impedindo-a de continuar engolindo.

Mas ela conseguiu engolir. Ela conseguiu engolir toda aquela criatura nojenta e depois se esforçou muito para sorrir apesar da náusea.

— Delicioso.

Proteus olhou para ela como se ela tivesse perdido a cabeça. Então Pilot

fez um barulho metálico e voltou sua atenção para as telas. — No mínimo, você deveria ter cortado em pedaços. Engolir assim como Proteus, só vai te engasgar. *Humanos*.

Certo. Ela poderia ter cortado a lula em pedaços menores. Teria sido uma escolha muito mais sensata.

Ellie mordeu o lábio.

— Eu nunca comi comida de verdade. Só me davam pacotes de suplementos nutricionais, então não sei bem como comer isso. Parece que existe um jeito certo e um jeito errado.

O monstro nas sombras estendeu sua mão enorme. As garras nas pontas ainda eram intimidadoras, mas Ellie achou mais fácil entregar as outras quatro lulas que ele havia caçado para ela. Pelo menos ele conseguiria cortá-las com aquelas garras, e talvez ela conseguisse engolir pedaços menores com um pouco mais de facilidade.

Mesmo assim, ele continuava tão longe dela. Era difícil até mesmo estender a mão por cima da escotilha para lhe dar a lula.

— Por que você está tão longe? — ela perguntou novamente.

Ele cortou um pedaço limpo da lula e ofereceu a tira a ela. Era muito mais fácil de manusear, mas ainda assim era difícil de engolir. Quase como se fosse grande demais para a garganta dela, mesmo sendo um pedaço tão pequeno.

— Porque presumi que você teria medo de mim. — Aqueles olhos escuros estavam intensos enquanto ele a encarava. — Pensei que você não gostaria de me ver novamente depois de tudo o que aconteceu.

— Eu sou uma boneca, lembra? Eles me fizeram para qualquer propósito que meu mestre achar conveniente. — Ellie fez uma careta ao sentir a lula deslizar pelo seu esterno até o estômago, finalmente livre de sua garganta. — Se você quiser me machucar, pode. A cápsula cura quase qualquer ferimento, contanto que eu esteja viva.

— Você não deveria ter que viver assim. Não com medo. Foi um erro

meu, e um que não deve ser perdoado tão facilmente. — Ele arrancou outra fatia da lula e ofereceu a ela. — Mastigue desta vez, Sisu.

— Meu nome é Ellie. — Ela pegou a lula e tentou imaginar como seria a sensação de mastigá-la. Ela sabia para que serviam os dentes. Tinha dentes desde sempre, mas nunca os usara de verdade. Serviam para mastigar, para amassar a comida. Ela fizera isso na simulação, então por que não conseguiria fazer aqui?

Dessa vez, ela colocou a lula na boca e abriu e fechou a mandíbula. Fácil o suficiente, depois que ela começou a fazer isso. Seus instintos naturais pareciam ter entrado em ação, e então, quando engoliu, foi muito mais fácil para ela. Dessa vez não doeu, e agora fazia sentido por que os humanos mastigam.

Ela só havia recebido sachês de nutrientes durante toda a sua vida. Era só isso. Comida líquida significava que ela nunca precisava mastigar, então essa era uma tarefa totalmente nova para ela, mas bastante satisfatória.

— Eu sei o seu nome — respondeu ele, com aquela voz grave e retumbante preenchendo a câmara. — Sisu é o nome que lhe darei.

Ela gostava bastante de Ellie, mas se ele quisesse mudar o nome dela, ela achou que tudo bem. Dando de ombros, ela esperou que ele continuasse a cortar a lula, pedaço por pedaço, até que sua barriga estivesse tão cheia que parecia que ia explodir.

Por fim, ela ergueu a mão para lhe dizer que parasse.

— Obrigada, Proteus, estou muito satisfeita agora.

— Você não deveria me agradecer. Sou eu quem deveria pagar penitência por tê-la prejudicado. Farei o possível para provar que você está segura comigo, mas talvez você queira ficar longe de mim por mais algum tempo. O plano pode esperar. O oceano é paciente.

— Não, eu não quero ser a pessoa que atrasa tudo. — Ellie voltou para as telas, afastando gentilmente Piloto para poder acessar as imagens do drone. — Encontramos uma maneira de entrar, sabe? Alguns canais que

eu certamente conseguiria encaixar por meio deles. Acho que até você conseguiria passar por um deles, e então poderíamos entrar no Santuário, como você desejava.

— Você deveria estar descansando.

Nunca em sua vida ela havia sentido raiva. Houve muita decepção, recusa em ver o mundo como ele realmente era e frustração com seu mestre por não ouvi-la. Mas essa fúria que ardia em seu ventre era tão desconhecida quanto prazerosa.

Ela se virou rapidamente para não bater com o punho em algum equipamento importante, mas sabia que sua voz tinha um tom firme que fez os olhos de Proteus se arregalarem.

— Eu não sou frágil — argumentou ela. — Tenho vivido assim por muitos anos. Tenho sido um clone em uma cápsula, vivendo em estase e crescendo apenas conforme meu mestre achava conveniente. Vivi uma vida nada fácil. Fui espancada, quebrada, abusada e despedaçada por cientistas. Meu cérebro chegou a ser usado em um estudo! Eles removeram a parte superior da minha cabeça e mexeram lá dentro, esperando para ver qual parte do meu corpo reagiria, e eu precisava estar acordada durante todo o processo para dizer se doía ou não. Não sou uma criaturinha frágil que não consegue cuidar de si mesma. Se eu digo que estou curada, Proteus, então estou curada.

O silêncio que se seguiu àquela declaração foi ensurdecedor. Talvez ela tivesse revelado demais. Às vezes ela fazia isso, e as pessoas ficavam desconfortáveis.

Mas ela queria que ele soubesse a verdade. Queria que ele entendesse que ela não deixaria um pequeno membro perdido mudar a sua vida do que ela tinha que ser.

Ellie foi criada com um propósito. E agora, seu propósito era ajudá-los.

Era como se ele pudesse ver dentro da alma dela. Proteus tinha uma expressão que dizia que ele sabia exatamente o que ela estava pensando e

como ela estava lutando com o significado de ser humana. Ele podia ver que ela precisava fazer algo consigo mesma para continuar ocupada e com a sensação de que havia um propósito para ela estar acordada.

Talvez ele até percebesse que ela precisava saber que estava sendo útil. Caso contrário, ela acabaria voltando para aquele espaço onírico dentro de sua cápsula. Ela temia voltar a dormir sem saber o que estava acontecendo no mundo.

Talvez tenha sido por isso que ele concordou.

— Tudo bem — disse ele. — Então, começaremos nossa jornada em breve. Mas primeiro você concordará em fazer algo por mim.

Ela engoliu em seco, sabendo que qualquer coisa que ele quisesse seria algo difícil.

— Qualquer coisa que você pedir, eu me certificarei de que seja feita.

— Você aprenderá mais sobre o que é ser humana. Não através de livros ou telas, mas sim na prática. Você precisa aprender a caminhar por este mundo fazendo suas próprias escolhas, em vez de esperar que alguém lhe dê ordens.

— Não sei por que isso...

Ele a interrompeu.

— Você falará com outros humanos em meu nome. Eles precisam acreditar que você é quem diz ser. Não sei se eles acatariam ordens de um clone, nem acredito que seriam gentis com você se soubessem de sua origem. Um dia, você será minha porta-voz perante seu povo, e não permitirei que a desconfiança deles em relação a você arruíne este plano.

Ellie imaginou que aquilo fazia sentido. Afinal, se ela ia trabalhar com seu próprio povo, precisava que eles confiassem nela.

Mas ela não tinha muita certeza de por que ele seria o responsável por sugerir esse plano. Não deveria ter sido ela a pensar nisso?

Hesitante, ela perguntou: — Como você quer que eu faça isso enquanto estou presa aqui?

— Você não ficará presa aqui por muito tempo. — Ele respirou fundo, as narinas dilatando enquanto os ossos de seu corpo começavam a brilhar. — Eu a levarei através do mar. Você vai gostar.

— Através do mar?

— Sim.

Ela olhou para Piloto e depois para o deus à sua frente.

— Então você pretende me colocar de volta na cápsula, afinal?

Mais uma vez, a confusão estampou-se no rosto de Proteus. Ela nunca o vira tão atônito.

— Por que eu faria isso?

— Não consigo respirar debaixo d'água — disse ela lentamente, deixando claro para ele o quão perigoso aquilo era.

Mas ele fez apenas uma pausa por um instante antes de dar de ombros.

— Com certeza isso tem solução.

TREZE

PROTEUS

Sua coisa frágil e quebrada havia sido rachada e estilhaçada vezes demais. Ele odiava saber que tinha alguma participação na quebra e que não havia como consertar o que ele havia feito.

Os sonhos de Proteus estavam repletos dos momentos em que ele perdera o controle. Ele ainda conseguia ver a expressão serena no rosto dela e o quão pouco ela se importava enquanto ele mordia sua carne macia e delicada. Ela o encarava, talvez um pouco surpresa, mas sem reagir como se algo terrível estivesse acontecendo com ela. Ela apenas estava ali com ele, suportando a fúria e a raiva que não tinham absolutamente nada a ver com ela.

Ele tinha errado em descontar sua raiva em uma criatura tão tranquila. Muito errado. Tudo o que ela tinha feito era ficar parada na frente dele, existindo como sempre existira, e ele era o monstro que se aproveitara dela.

Mas como compensá-la se ela não se importou por ter sido prejudicada?

Ele jurara que a levaria a algum lugar para que ela experimentasse a humanidade, mas a realidade era que ele não sabia o que era a humanidade. Depois de todos esses anos convivendo com criaturas como ela, ele nunca as havia compreendido de verdade. Elas eram um enigma tanto para ele quanto para ela.

E havia também o pequeno problema de que ele não tinha muita certeza de como tirá-la da instituição.

Mas ele sabia que havia maneiras de ela respirar. Maneiras de ela experimentar o mundo em sua totalidade e saber o que era sentir-se

eufórica, assustada e, ainda assim, sentir seu coração acelerar com uma onda de aventura.

Era isso que ele podia lhe dar. A experiência que todos os seres humanos desejavam desesperadamente.

Uma aventura que colocou sua vida em risco para lembrá-la de que, na verdade, ela estava viva.

Ele nadou até as instalações, sabendo que aquele era o momento de conhecê-la melhor. Ele a levaria pelas profundezas do oceano, proporcionando-lhe a segurança necessária. Ela confiaria nele. Aprenderia com ele.

Mas, no instante em que ele colocou a cabeça para dentro da sala, soube que algo estava errado. Havia diagramas nas telas agora, equações e números que cobriam todas as superfícies. Nem Ellie nem Piloto olharam para ele enquanto analisavam os detalhes.

— O que é agora? — perguntou ele, já exausto.

Ellie olhou por cima do ombro para ele antes de apontar para as telas.

— Eu não tinha percebido que estávamos tão fundo no oceano. Não posso sair sem estar na minha cápsula.

— Claro que pode.

— Não posso. Vou literalmente explodir.

Ele piscou. Não havia pensado na profundidade e no corpo dela, mas imaginou que a pressão seria preocupante. Havia pouquíssimas criaturas capazes de sobreviver a essas profundidades, e por mais que ela insistisse que não era uma criatura frágil, ela era. Ele precisaria descobrir como levá-la para a superfície sem matá-la. Ou, pelo menos, como levá-la a uma profundidade que não a fizesse explodir, como ela explicou tão eloquentemente.

— Piloto — ordenou ele. — É hora de você baixar tudo o que está nesta sala. Vamos nos mudar.

— Entendido.

O pequeno droide se conectou e começou a funcionar. Durante todo o tempo, Ellie o encarava com uma expressão interrogativa no rosto. Com o quadril inclinado daquele jeito e os braços cruzados sobre o peito, ela o fez lembrar de uma cientista com quem ele trabalhara anos atrás. Aquela mulher também fora ambiciosa e nunca tivera medo das coisas que deveria temer.

Ellie o observava com olhos que viam muito além da conta.

— Como assim, estamos nos mudando?

— Existem outras instalações de pesquisa. Esta só nos serviu enquanto foi necessária. Agora, já não nos serve mais.

Ele mentiu, e ela sabia muito bem disso. Seus olhos se estreitaram enquanto o encarava, claramente decepcionada por ele sequer tentar mentir para ela daquela maneira. Mas então ela assentiu.

— Tudo bem. Se você quiser se mudar para uma instalação com menos uso, faremos isso. Mas não sou eu quem vai tomar essa decisão.

Ela se afastou dele, esperando até que o Piloto terminasse de baixar todas as informações necessárias para a próxima etapa da jornada, e então se dirigiu para sua cápsula.

— Para onde você vai? — perguntou ele.

— Vamos para o fundo do mar. Não há nada que possa me proteger da pressão além da cápsula. Vou me conectar a ela mais uma vez e, quando chegarmos ao nosso próximo destino, você poderá me acordar. — Ela parecia tão corajosa ao dizer isso, mas ele percebeu a hesitação em seus olhos. Ela olhou para ele enquanto falava, e então ele jurou ter ouvido um murmúrio: — Espero que você me acorde, pelo menos.

Supostamente, essa era a forma dele se desculpar com ela. Ele deveria mostrar-lhe o mar, mostrar-lhe todas as coisas que um dia a teriam aterrorizado. Ele ia provar-lhe que elas não eram aterrorizantes.

Que ele não era assustador.

— Você precisa estar dormindo lá dentro? — ele perguntou de repente,

as palavras pairando no ar.

Ele conseguia ouvir a própria esperança, e isso o fazia estremecer de horror. Não havia esperança alguma ali. Proteus era um deus que podia ordenar que ela fizesse o que quisesse. Ele não deveria se importar que ela merecesse ver mais do que aquilo, e ainda assim... se importava.

Ele odiava tê-la magoado. Era só isso. Sentia culpa pela primeira vez na vida, e era por isso que queria provar a ela que não era o monstro que ela pensava que ele fosse. Mesmo que ela dissesse que não o via como um monstro.

— Não — respondeu ela, prolongando as palavras. — Você quer que eu fique acordada?

— Quero que você veja a jornada. Que veja o oceano como eu o vejo e que entenda tudo o que estamos protegendo. — Era só isso. Ele só queria dar a ela mais um motivo para ajudá-lo.

Ela abriu a boca, fechou-a novamente e assentiu com a cabeça.

— Tudo bem.

Piloto entrou com ela, resmungando que não ia deixar seus circuitos enferrujarem de novo só porque eles tinham se convencido de que aquela instalação não era boa o suficiente. O droide podia reclamar o quanto quisesse, mas a verdade era que eles tinham superado aquele lugar. Não havia áreas de caça suficientes para alimentar Ellie. A profundidade dificultaria o acesso à superfície, e eles precisavam conseguir fazer isso. Os drones demoravam uma eternidade para voltar à base, e mesmo assim, às vezes a pressão ou o frio congelante impediam o retorno.

Eles realmente precisavam se mudar. Ele estava apenas usando isso como desculpa para conquistá-la.

Assim que a tampa da cápsula se fechou, ele a ergueu nos braços. Teve o cuidado de não se inclinar sobre ela como fizera quando a atacara. Tinha certeza de que aquela lembrança não era algo que ela quisesse reviver enquanto estivesse presa em um espaço pequeno do qual não pudesse

sair facilmente. Então, virou a janela de observação para longe de si, para que ela pudesse ver para onde estavam indo.

— Tudo bem? — perguntou ele, enquanto se espremia em direção à abertura.

Arrastar a cápsula parecia desnecessariamente barulhento e provavelmente a danificaria. Então, ele precisava descobrir como mover seu corpo enorme pelo chão enquanto ainda segurava algo nos braços. Não era uma tarefa fácil.

— Estamos bem — respondeu ela. Sua mão pressionou a tampa, e por um instante ele pensou que ela estivesse tentando abri-la. Mas ela estava apenas se equilibrando enquanto a tampa balançava para frente e para trás.

Parecia que ela estava de pé. Com as mãos apoiadas no vidro transparente e uma expressão determinada no rosto, era uma mulher preparada para qualquer eventualidade.

Mesmo que fosse apenas a cápsula se despedaçando em mil pedaços sob a pressão do mar.

Ele lançou uma oração silenciosa enquanto sua cauda tocava a água e ele a puxava para o frio glacial. Talvez se ele avisasse a deusa do mar que Ellie estaria em perigo, o mar olharia com benevolência para ambos. Afinal, ele era seu filho predileto.

Ele podia sentir as correntes o envolvendo suavemente, cuidadosas até mesmo com a cápsula dela, enquanto o mar espreitava através do vidro transparente para observar Ellie. Ele sentia, no fundo da alma, a certeza daquele momento. Como se a deusa das águas aprovasse sua escolha.

— Ainda viva? — perguntou ele em voz baixa, cortando a correnteza enquanto se afastava do local.

— Ficarei bem assim que você me posicionar melhor. Se não se importar, poderia virar minha cápsula? — Ele percebeu o estresse em sua voz e imediatamente fez o que ela pediu.

Ouviu-se um leve baque, e então ele pôde ver qual era o problema. Ao virá-la de costas para ele, ele a pressionara contra a tampa, em vez do encosto confortável da cápsula. Agora que ela estava de frente para ele, tecnicamente estava olhando para uma superfície que não conseguia ver. Suas costas estavam apoiadas na almofada macia que normalmente a sustentava enquanto dormia.

Ele tentou não olhar fixamente para o rosto dela, sabendo que isso a deixaria desconfortável. E ele certamente se sentia assim. Porque toda vez que ele a olhava de relance, ela o encarava. Olhando diretamente para o rosto dele.

Em certo momento, ele quase podia sentir o olhar dela como um toque físico, percorrendo seu pescoço até o peitoral. Não, entre os músculos peitorais. Ela observava a sombra de seus dois corações, revelada pelo brilho de sua caixa torácica. Ela o encarava fixamente, vendo as batidas aceleradas do coração que sempre pareciam aumentar quando ela estava por perto.

— O que você está olhando? — perguntou ele enquanto os impulsionava em direção à superfície. Levaria muito tempo para chegarem lá, então ele achou melhor perguntar.

— Você. Eu ainda não tive a oportunidade de te analisar direito, e acho que agora é uma boa hora para isso.

— O que você acha, Sisu? — Ele não conseguiu se conter e perguntou. Queria saber o que ela pensava do seu corpo, que era diferente não só do dela, mas também do de qualquer outro de seu povo.

— Você é único. Nunca vi um ondino como você. — Suas palavras foram se perdendo no final, ficando um pouco mais baixas, como se ela não quisesse admitir isso para ele. — Tenho vergonha de admitir que já vi muitos da sua espécie. Os experimentos em Tau... Foram brutais, e nenhum deles merecia ser despedaçado daquela forma. Sempre me dava nojo passar por eles.

— A humanidade sempre fez experiências. Duvido que tenhamos sido os únicos que aqueles cientistas desmembraram. — Ele também odiava aquilo, mas só agora havia sido libertado. A raiva e a fúria pelo que fizeram ao Povo da Água ardiam intensamente em seu peito, mas agora não havia mais nada que ele pudesse fazer para impedir. — Seu povo sempre foi desesperado, disposto a tudo para sobreviver. Essa é a realidade da situação deles. Sabiam que, se não descobrissem uma nova forma de viver, seriam destruídos. Há centenas de anos, já sabiam que o fim se aproximava rapidamente. Tinham uma geração, talvez duas, e então tudo o que conheciam seria completamente aniquilado.

— Essa é uma maneira bastante benevolente de ver as coisas, eu acho.

Ele olhou para baixo e viu uma expressão estranha no rosto dela. Seus olhos estavam semicerrados, o maxilar cerrado enquanto uma sensação a dominava.

— O que é? — perguntou ele.

— É que... Você fala como se eles não tivessem escolha. A morte era a única opção se não fizessem o que fizeram, mas o desespero não justifica a crueldade. — Ela balançou a cabeça. — Onde você estava? Você não é um deus? Não deveria tê-los impedido?

Ele suspirou e ajustou a posição da cápsula dela. Isso a afastou um pouco mais, inclinando-a para que ela não pudesse olhar diretamente para o seu rosto.

— Eu estava preso. Aprisionado pelo meu próprio povo para que eu não pudesse interferir em suas escolhas. Eles queriam atacar os humanos, mas eu sempre vi utilidade em colaborar com eles. Um dia, argumentei com muita veemência e eles renunciaram a toda adoração a... mim. Então, fiquei preso. Incapaz de ajudar qualquer um dos lados, por mais que eu sonhasse em fazê-lo.

— Por quanto tempo?

— Centenas de anos. — Só de dizer isso já parecia impossível. Ninguém

sobreviveria a tanto tempo. Mas ele sobreviveu.

Os olhos dela se arregalaram ainda mais. — Centenas de anos?

— Fiquei preso por muito mais tempo do que deveria.

Uma sombra passou por cima dele, o que era estranho. Ele não imaginava que houvesse luz suficiente para projetá-la. Mas então percebeu que o brilho do seu próprio corpo iluminara uma forma enorme e pálida que passava por eles.

Ela ficou em absoluto silêncio no grupo, assim como ele, enquanto ambos observavam a baleia cachalote passar por eles. Seu pequeno olho mal vislumbrou o deus do mar antes de desaparecer na escuridão mais uma vez. Cicatrizes pontilhavam seus flancos, a maioria ao redor da boca, onde lutara contra lulas gigantes por muitos anos. As batalhas tinham sido duras o suficiente para deixar marcas.

— Nossa — ela sussurrou. — Eu esqueço o quão perigoso o mar é até estar nele, e então... Bem, é difícil esquecer que este lugar é aterrorizante quando sou apenas um pequeno ponto que poderia ser morto por quase qualquer coisa aqui.

— Não permitirei que te matem — murmurou ele. — Há poucas criaturas corajosas o suficiente para me enfrentar nestas águas.

— Talvez. Mas você teria que me derrubar para lutar.

Os espinhos ao longo de seus braços e costas se ergueram, formando pontas mortais e venenosas.

— Não, eu não faria isso.

Seus olhos se arregalaram novamente enquanto os examinava.

— Consigo ver a água cintilando ao redor deles. Será veneno?

— De certa forma. Paralisa a maioria das criaturas. Qualquer coisa que a respire. Não afetaria os mamíferos marinhos até que eu os cortasse, e então dificultaria seus movimentos. Eles sabem que é melhor não tocar em alguém como eu. Se ficarem paralisados, irão à deriva até o fundo e morrerão muito antes de conseguirem acordar. — Ele olhou para ela,

tentando suavizar a expressão que sabia ser verdadeiramente perversa.
— Eu vou te proteger, pequena humana. Você não precisa se preocupar quando estiver comigo.
Deveria tê-la tranquilizado, mas, em vez disso, ela apenas o encarou. Então, sua mão se ergueu, pressionando o vidro.
— Não sei se diria que é seguro, mas acho que nada além de você poderia me matar agora que me tem na mira.
Ela tinha razão.
Ele desviou-se da direção original que havia planejado para levá-los. Se uma baleia cachalote caçava nessas águas, era muito provável que outras criaturas também estivessem caçando.
A última coisa que ele precisava era que fossem atacados durante a viagem. Ele queria se concentrar nela e em nada mais. Distrações eram desnecessárias quando o tempo que tinham juntos era limitado.

CATORZE

Ellie

Ellie não fazia ideia de quanto tempo viajaram. Na maior parte do tempo, foi bastante silencioso. As profundezas do oceano abafavam todos os sons, exceto os que ela e Piloto produziam. O robô era relativamente silencioso, e ela só ouvia o estalar de suas pernas enquanto ele se reajustava. Isso significava que o ruído mais alto era sua própria respiração e as batidas fortes de seu coração que ecoavam em seus ouvidos.

Ela tinha visto a enorme baleia enquanto eles nadavam. As cicatrizes em seu rosto a aterrorizaram, assim como o olhar inteligente em seus olhos. A baleia a tinha visto. Não apenas reconhecido que estava nadando perto de algo além de água vazia, mas realmente a tinha visto.

A fera olhou para o coração dela e pareceu ver muito mais do que ela imaginava existir. Reconheceu até mesmo que ela tinha uma alma, algo em que ela nunca havia pensado antes.

Nadar por aquelas águas lhe dava tempo demais para pensar. Então, ela não pensou. Apenas encarou Proteus. Um deus do mar e um monstro cuja existência ela jamais imaginara. Ele brilhava. Na água, seus ossos tão visíveis que chegavam a ser dolorosos de se olhar. Ela conseguia ver cada um, contar as costelas que adornavam seu torso, embora houvesse algumas a mais do que em um humano. Ela conseguia ver seus corações batendo sob eles, a silhueta de todos os seus órgãos tão nítida que ela se pegou contando as batidas do seu coração como se isso pudesse acalmá-la.

O fato de estar na escuridão total, exceto por ele, fazia com que toda a

experiência parecesse quase irreal. Ela flutuava no nada. Ela não era nada. E tudo o que existia era ele.

— Vou levá-la para um lugar melhor do que as instalações antigas. Você vai gostar — murmurou ele, sua voz ecoando sobre a cápsula dela e atravessando o vidro grosso e transparente.

— Você está me levando para ver o sol?

— Melhor.

O que poderia ser melhor do que o sol? Durante séculos, sob as ondas, os humanos tentaram replicar aquilo que haviam perdido. O sol era tudo o que lhes importava. Ela se lembrava de ter trabalhado com Malcolm durante anos em lâmpadas que supostamente deveriam reproduzir o calor do sol, mas todas falharam. Ou pelo menos, falharam em reproduzir o que os outros humanos imaginavam que o sol deveria ser.

Ela não fazia ideia do que mais valeria a pena perseguir. O calor do sol, sentir o que os humanos haviam perdido, era um sonho que ela nunca acreditara que se tornaria realidade. O que poderia ser melhor do que isso?

Ela ponderou sobre a ideia por um longo tempo. Poucas coisas naquele mundo se comparavam a tal experiência. Talvez ele quisesse lhe mostrar um dos assentamentos humanos. Os originais eram supostamente maravilhosos, mas ela não acreditava que tivessem sobrevivido às tempestades. O que significava que era muito provável que ele não a estivesse levando a um desses.

Para onde mais eles poderiam ir?

A luz começou a romper a água ao redor deles, embora não fosse a luz que ela esperava. Ela havia sonhado com raios de sol atravessando a superfície em tons dourados. Mas tudo o que viu foram lampejos brancos e brilhantes, iluminando a água por uma fração de segundo antes de desaparecerem novamente.

— O que é isso? — perguntou ela. — A luz?

Proteus olhou para cima, franzindo a testa por um instante.

— O céu está furioso hoje.

Uma tempestade, então. Ellie deveria ter imaginado que haveria muitas, mas ainda assim era aterrador saber que estavam bem embaixo de uma. Ela tinha visto os relatórios da pesquisa de Tau. Sabia que essas tempestades podiam durar dias, às vezes semanas. Elas ficavam cada vez mais fortes no mar, transformando-se em monstros capazes de arrasar uma cidade inteira e destruir prédios sem nunca diminuir a velocidade.

Eles se aproximaram de um penhasco íngreme feito de rochas caídas. Pedras gigantes, maiores que a cabeça dela, estavam todas amontoadas umas sobre as outras, criando um labirinto de pedras multicoloridas. Os relâmpagos facilitavam a visão das fendas que escondiam moreias enormes, cada uma delas olhando com desdém para Proteus antes de desaparecer em seus esconderijos.

— Aqui você encontrará os segredos do seu povo — disse Proteus. — O maior segredo que eles guardaram, na verdade.

— Qual era?

— Eu — disse ele baixinho, mas ela percebeu o arrependimento em sua voz. — Trabalhei lado a lado com eles, criando tanta coisa que os humanos já esqueceram. Mas tenho certeza, sem sombra de dúvida, de que ainda resta aqui parte do nosso trabalho.

Aqui? Espera, isto era...

— Esta é a instalação principal? — perguntou ela, pressionando subitamente o rosto contra a cápsula como se isso a aproximasse ainda mais. — Não se parece em nada com os vídeos que os drones enviaram.

— Sim. Aqui foi onde todo o trabalho foi feito, e é aqui que você encontrará ainda mais conhecimento. Muito dele eu esqueci, mas você será capaz de alcançar um progresso infinito em pouco tempo. Você e o Piloto serão os que o descobrirão novamente.

Ela não tinha certeza de como se sentia em relação a isso. Era muita

pressão ter a tarefa de descobrir tudo o que a humanidade havia perdido. Mesmo uma instalação como aquela, onde tantos experimentos haviam sido realizados, teria guardado seus segredos a sete chaves.

Respirando fundo, ela pressionou as palmas das mãos contra o vidro e procurou, entre as enormes rochas, uma entrada.

— Como é que eu vou entrar? — perguntou. — As rochas...

— Existe um túnel. Um pelo qual você consegue passar. Os drones já mostraram as imagens.

Ela tinha visto aquelas imagens, sim, e sabia que conseguiria passar por aquilo. Mas isso não significava que conseguiria respirar.

— Proteus, não conheço o caminho suficientemente bem com base nessas imagens. Acho que não consigo prender a respiração por tanto tempo.

Dizer que ela não achava que conseguiria seria um eufemismo. Ela tinha assistido às imagens do drone. Levou exatamente seis minutos e quarenta e dois segundos para entrar naquela instalação, e isso com jatos impulsionando o drone. Ellie não sabia nadar, mas sabia que conseguiria se puxar pela fenda com as mãos. Mesmo assim, não seria rápido.

Ninguém conseguiria prender a respiração por tanto tempo. Talvez os mergulhadores de antigamente, quando havia pessoas treinadas para fazer exatamente o que ele estava pedindo a ela. Mas ela não conseguia.

— Piloto — disse Proteus, com voz severa. — Você tem um aparelho respiratório, não tem?

Um leve ruído de arranhão pôde ser ouvido vindo de seus pés quando o droide esticou os membros e despertou ao ouvir seu nome.

— Não foi usado por um tempo.

— Está funcionando?

Houve uma longa pausa antes de Piloto resmungar: — Suponho que sim. Só saberei se testarmos.

Aquilo não era suficiente para Ellie. Ela queria ter certeza de que conseguiria respirar, não importando o quão fundo eles fossem naquela

fenda. E se ela chegasse na metade do caminho e todo o seu oxigênio acabasse? Ela precisava ter certeza absoluta de que sobreviveria.

Mas então ela se lembrou de que era apenas uma boneca. Aquilo era um experimento, como todos os outros dos quais ela havia participado. Se ela não fizesse isso, não estaria falhando com ele?

A qualquer momento, Proteus poderia abrir sua cápsula e deixar o oceano invadir seu único lugar seguro. Mesmo aberta, a cápsula continuaria tentando curá-la enquanto ela morria. Ela ficaria sem energia tentando impedi-la de se afogar.

Engolindo em seco, ela finalmente assentiu.

— Tudo bem. Piloto, vamos tentar.

Ele parecia como uma aranha subindo pelo corpo dela até chegar ao rosto. Cada passo que dava em sua cintura causava arrepios em sua pele, mas ela não se desmancharia. Era para isso que ela havia nascido. Era seu dever. Sua missão: fazer o que lhe mandavam.

O droide envolveu o rosto dela com as pernas e seu corpo pousou contra a boca dela. Um painel em sua barriga se abriu e ela pôde sentir um tubo pressionando seus lábios.

— É principalmente oxigênio — disse Piloto, como se isso fosse reconfortante. — Agora, vou fechar seu nariz.

Ela teve que sussurrar para si mesma para não entrar em pânico quando algo apertou seu nariz. Ele estava respirando por ela, no entanto. Ela conseguia respirar fundo pela boca, e não sentia muita diferença. Ela ainda estava recebendo oxigênio nos pulmões. Ela ainda conseguia senti-los se expandindo.

Isso devia valer para alguma coisa.

— Só tenho ar respirável para quinze minutos antes que acabe — disse Piloto, mas ela teve a sensação de que ele não estava falando com ela. — Abra a cápsula e vamos embora.

Começar? Mas ela nem sabia para onde deveria nadar! Aliás, ela nem

sabia nadar!

Um leve chiado encheu seus ouvidos antes de Proteus arrancar a porta de sua cápsula. Água gelada invadiu o local, prendendo-a contra o fundo por um instante antes que ela começasse a flutuar. Ela podia sentir seus membros se erguendo por conta própria, movendo-se sem sua permissão enquanto o oceano a mantinha em seu poder.

Ela queria falar. Queria dizer a ele que precisava fechar a cápsula novamente depois que ela saísse. Ela foi projetada para lidar com vazamentos, ou até mesmo com algo parecido, contanto que a vedação fosse consertada. A água poderia escoar assim que ela saísse de lá.

Mas não havia como ela lhe dizer para salvar o que a havia protegido por tantos anos. Proteus a puxou para fora, segurando-a enquanto a cápsula caía no fundo do mar abaixo deles. Ela atingiu o solo com um baque surdo, levantando uma nuvem de poeira ao redor quando as duas partes se separaram e caíram bem distantes uma da outra.

Seu lar. Sua segurança.

Perdido.

Ela sentiu como se um buraco tivesse se aberto em seu peito. Claro, ela não estava nada entusiasmada com a ideia de voltar àquele mundo irreal que só existia em sua mente. Mas essa era a opção mais segura. Se o mundo real se tornasse insuportável, ela sempre teria a opção de retornar àquele lugar.

Agora, ela não podia. O único lugar onde podia viver era ali mesmo. Com um monstro segurando-a pela cintura e suas garras frias cravando-se em seus quadris. Sua realidade se resumia ao que estava bem à sua frente, e por mais aterrorizante que fosse... também era emocionante.

Ela olhou para ele, piscando para afastar a água salgada dos olhos até conseguir enxergar com clareza.

— Vai — disse ele, dando-lhe um empurrãozinho na direção das rochas.

Ela ainda não sabia para onde estava indo. Ellie se virou e olhou para a

formação rochosa, tentando se lembrar exatamente de onde o drone tinha ido.

As rochas nas imagens eram muito distintas. Uma rocha branca pálida, visível acima de todas as outras, a diferenciava das demais. Mas agora que ela estava na água, era mais difícil distingui-las.

Até que ela viu.

A pedra era tão óbvia que ela não tinha certeza de como não a tinha notado antes. Pálida e com estrias, ela tinha quase certeza de que a pedra fazia parte de uma construção antiga. Estava se desfazendo como o resto, mas era tão visivelmente diferente. Quase artificial.

Respirando fundo, ela prendeu a respiração enquanto se impulsionava em direção à abertura... e caiu na água até o fundo do mar.

Como as pessoas nadavam? Ela agitava os membros, mas não se movia. Proteus estendeu a mão, agarrou-a pelo braço e a impulsionou em direção às pedras, onde a depositou em frente à fenda.

— Você vai aprender a nadar — disse ele. — Mas, por agora, procure um lugar onde consiga respirar.

Havia ar onde ela estava indo? Ela tinha que presumir que sim, ou ele não teria confiado em Piloto para respirar por ela.

A fenda entre as pedras era grande o suficiente para ela se movimentar. Ela se contorceu, abrindo caminho entre as pedras até estar completamente dentro delas. Sepultada na rocha.

Ela pensou que ficaria apavorada com a pressão das pedras ao seu redor, ameaçando um desabamento que poderia esmagá-la entre as arestas afiadas. Mas havia algo reconfortante naquele espaço. Ela confiava que as pedras permaneceriam onde estavam. A lógica dizia que elas estavam ali há bastante tempo, afinal. Um pequeno movimento dela não as faria desabar.

Ainda assim, ao estender a mão para uma das rochas para se impulsionar para a frente, teve o cuidado de não puxar com muita força.

Era bom usar o próprio corpo. As pedras eram ásperas contra suas palmas, arranhando a pele e dando textura ao ambiente ao seu redor. A pressão do oceano abafava todos os sons. Ela conseguia respirar, mas apenas com dificuldade, graças a Piloto, que tentava economizar oxigênio.

Ellie precisava se lembrar do caminho exato percorrido pelo drone. Caso contrário, ficaria presa naquele labirinto para sempre. Mas isso a deixava extremamente concentrada em sobreviver, garantindo que nada desse errado. A adrenalina corria por suas veias, fazendo seus músculos parecerem mais fortes, sua mente mais ágil, seu corpo inteiro pronto para fazer o que fosse preciso para chegar à próxima pedra e então...

Luz.

Raios de luz incidindo sobre as pedras, embora ela soubesse que isso era impossível. A luz não podia existir ali embaixo enquanto a tempestade rugia sobre sua cabeça.

Ela se puxou um pouco mais através das pedras e sentiu o aperto que elas tinham. Teve que girar o corpo para passar por algumas delas, torcendo e puxando os quadris que ficaram presos em outra parte, e então conseguiu passar. As pedras se abriram ali, não mais apertadas, mas dando-lhe muito mais espaço.

E havia luz. Brilhava no topo de sua cabeça, onde a água encontrava o ar.

Ela não tinha ideia de quanto tempo havia passado se arrastando por entre aquelas pedras, mas agora estava ali. Olhando fixamente para uma superfície que não era exatamente vítrea. Quase como se uma leve brisa a tivesse agitado. Essa brisa transformou a superfície em diamantes brilhantes.

As pernas de Piloto se moveram contra o rosto dela, e de repente o droide se desprendeu de sua pele. Sem oxigênio, ela usou as mãos para se erguer pela parede de pedras e levantar a cabeça para fora da água.

Ela foi agredida com ouro.

Não, não ouro.

Areia.

Havia tanta areia por toda parte que seus olhos olhavam. Amarela brilhante e iluminada por luzes no teto, dunas se elevavam sobre tudo o que um dia poderia ter sido o que restava da humanidade. Pilares maciços sustentavam o teto, pintados em tons de joias com representações de humanos e ondinos. Criaturas marinhas esculpidas nadavam com eles pelas colunas, até um teto inteiramente dourado. Algumas partes haviam caído, como mostravam os pedaços de folha de ouro espalhados pelo chão.

Aquele lugar era irracional. Incompreensível. Era tão grande, tão alto, que quanto mais ela olhava, maior parecia ficar.

Ellie estava acostumada com Tau. Sim, havia cômodos grandes, mas nada como aquilo. Era como se ela estivesse agarrada à encosta de uma montanha oca, e tanto espaço a deixava tonta.

— Que lugar é este? — perguntou ela enquanto Piloto saía da água com ela. Ele se sacudiu para se secar antes de subir na areia.

— Bem-vinda ao Santuário, Ellie.

QUINZE
PROTEUS

Os antigos caminhos para o Santuário não estavam mais abertos. O tempo havia desmoronado os túneis, então ele levou um tempo para descobrir como voltar para dentro. Eventualmente, Proteus se cansou de esperar e simplesmente empurrou as pedras para fora do caminho. Claro, houve alguns outros desabamentos que foram mais irritantes do que mortais para alguém tão grande quanto ele.

As pedras eram fáceis de mover. Só precisavam de tempo. E durante todo esse tempo, sua mente vagava de volta para a pequena ser humano que não sabia nadar.

Ela o surpreendeu.

Mas, por outro lado, muitos dos humanos que ele conhecera não sabiam nadar. Todos tinham tanto medo do oceano, incertos de quando um ondino apareceria e os arrastaria para as profundezas, que muitos decidiram nunca aprender a nadar.

Ele nem sequer pensara nisso quando a arrancou daquela cápsula. Queria destruí-la desde o primeiro instante em que ela lhe pedira para não a colocar de volta lá dentro. Sim, as capacidades de cura eram úteis, mas também muito improváveis de serem necessárias. Mais uma vez. Ele já havia decidido que não gostava de vê-la sofrer. Gostava ainda menos de ser ele quem a machucava. O que significava que ele a protegeria pelo resto de seus dias.

Ninguém jamais a tocaria novamente. Nem mesmo ele.

Ela era a pessoa mais segura do planeta naquele momento. O próprio deus do mar a protegeria, e ninguém a tiraria dele.

Finalmente, a parede de pedra cedeu e ele entrou na sala que atormentava seus sonhos desde que fora capturado. Ali fora onde tudo começara. Ali ele estivera tão perto de fazer uma trégua com os humanos e descobrir como todos poderiam se beneficiar uns dos outros. Mas tudo desmoronou por causa da ganância de ambos os lados.

Este lugar fora outrora uma instalação que rivalizaria com os sonhos dos deuses. Ele se lembrava de estar repleto de luz e tecnologia. Todos os equipamentos que eles tanto se esforçaram para fazer funcionar ocupavam praticamente todos os espaços livres. Tudo estava em uso. Tudo era usado para pesquisar coisas cada vez mais incríveis que beneficiariam tanto o oceano quanto a terra.

Agora, o equipamento havia desaparecido. Ele colocou a cabeça para fora da água e descobriu uma sala vazia. Os canais que antes estavam cheios de água ainda estavam presos às paredes, pelo menos. Ele conseguiria se mover pela sala assim que esses sistemas fossem religados. Eram pouco mais que grandes tanques que circundavam a área, mas tinham sido úteis no passado, então ele não secou. Os outros ondinos que o ajudaram também provavelmente os usariam. O conforto era fundamental ao ajudar os humanos.

Todo o resto era areia. Ele conseguia ver uma pequena seção da parede que havia sido explodida para dentro do prédio, embora fosse difícil perceber que se tratava de um buraco, pois a areia o preenchia tanto que parecia fazer parte do cômodo. Mas ele sabia que ali... Não havia nenhuma porta ali, e a enorme quantidade de areia naquela área sugeria que a maior parte dela tinha vindo dali.

Quanto ao vento, ele não conseguia adivinhar a origem. Talvez tivesse havido janelas. Honestamente, ele não se lembrava.

Muitas de suas memórias haviam se apagado com o tempo. Mas este lugar deveria ter sido glorioso. Deveria ter feito o coração de qualquer pessoa vibrar de admiração. Essas ruínas dilapidadas não

impressionariam ninguém.

— É... magnífico. — A voz de Ellie ecoou em seus pensamentos.

Imediatamente ele a encontrou. Ela havia saído da água, encharcada naquele estranho traje preto, e estava sentada em uma das dunas de areia. Grânulos de ouro grudavam em suas pernas e braços, mas ela permanecia ali com os olhos arregalados, contemplando tudo ao seu redor como se fossem as coisas mais belas que já vira.

Ele tentou enxergar através do olhar dela, mas tudo o que viu foi uma ruína. Ali fora um lugar de conhecimento e aprendizado, onde tantas pessoas acorreram para realizar seus experimentos e ajudar o mundo.

— Não sobrou nada — murmurou ele, esforçando-se ao máximo para não arruinar aquele momento para ela. — Mas já foi magnífico, sim.

— Uma vez? — Ela finalmente olhou para ele, e ele jurou que havia um brilho em seus olhos que ele nunca tinha visto antes. — Você não vê onde estamos? Este lugar é lindo, Proteus.

Ele viu onde eles estavam. O lugar estava irrecuperável, mas ela... Ele conseguia ver a beleza nela. Com os cabelos penteados para trás, ela era toda ângulos definidos e traços marcantes. Suas maçãs do rosto eram tão proeminentes que poderiam cortar vidro, e as cavidades de suas bochechas provavelmente fariam outras pessoas pensarem que seu rosto era caricatural. Mas seus olhos brilhavam, e o jeito como ela encarava toda a destruição ao redor, como se houvesse esperança ali? Ele nunca tinha visto ninguém mais bonita em toda a sua vida.

Ela era o exemplo perfeito do porquê ele havia ajudado seu povo tantos anos atrás. O que ele via como mero lixo inútil, ela enxergava como uma oportunidade. Os humanos sempre foram muito bons em transformar lixo em algo valioso.

— Lindo? — repetiu ele.

— Você sabia que a areia podia ser seca assim? Eu nunca soube. Quer dizer, eu já tinha visto lá fora, claro, mas em Tau nunca tivemos areia que

pudéssemos tocar dentro da cidade. — Algo se mexeu na areia à sua frente, e ele percebeu que eram os dedos dos pés dela.

Ela enterrou os pés descalços na areia e depois fez o mesmo com os dedos. Ellie pegou punhados daquela coisa e deixou que caísse como uma cascata de ouro colorido. Seu olhar era de puro deslumbramento diante da visão.

Então ela pegou mais um punhado, e ele pôde literalmente ouvir o som dos dedos dela batendo no metal. O som oco e ecoante preencheu o local onde estavam, e fez com que ambos congelassem.

Metal. Isso significava...

— Desenterre — disse ele, já se arrastando para fora da pequena área onde conseguira flutuar. Não se importava se a areia arranhasse suas escamas sensíveis ou rasgasse as membranas de sua cauda. A dor não importava. Havia metal, e isso significava que havia muito mais ali do que ele imaginara.

Ofegante, ele chegou ao lado dela quando ela começou a cavar. Ela usava os braços como pás, uma mulher esperta que sabia como mover a areia rapidamente até revelá-la.

O primeiro console.

Não era grande coisa. A areia tinha feito estragos, provavelmente por causa do vento que a trouxera para cá com a força de um furacão, corroendo o metal. Mas estava lá, e eles poderiam consertá-lo se quisessem usá-lo novamente.

Ele olhou fixamente para Ellie. As pupilas dela dilataram ao ver o que haviam revelado, e então ela voltou a olhar para ele. Havia algo de estranho em seus traços e em seu olhar, algo para o qual ele não estava totalmente preparado. Quase como se ela tivesse medo do que haviam encontrado.

— Este lugar... — ela sussurrou, as palavras lentas e arrastadas. — O que era?

— Igual a todas as outras instalações. Um lugar de pesquisa e aprendizado. Por que você está com essa cara de quem acabou de desenterrar um cadáver?

Ela alisou a mão sobre a superfície do painel. Era bastante plano e circular. Agora que ele o observava, ainda não entendia por que aquilo a assustava tanto. A areia que o cobria havia corroído a superfície lisa, deixando para trás pedaços enferrujados que arranhavam sua pele e deixavam pequenas marcas vermelhas quando ela levantava a palma da mão.

— É aqui que um tubo de ensaio seria colocado — ela respondeu. — Eu vi isso a vida toda. Tubos de vidro gigantes, com pessoas penduradas dentro deles. Os clones viviam neles até que crescessem o suficiente para que alguém nos despertasse. Eu até vi os ondinos lá dentro. Pessoas e criaturas horríveis, penduradas, nenhuma delas consciente de onde estava. Dormiam sem saber o perigo que corriam.

Agora ele entendeu. Ela tinha lembranças de um lugar como este.

E pela primeira vez desde que a conhecera, ele quis investigar o passado dela. Ele podia. A qualquer momento. Proteus sempre a vira como uma criatura inferior a ele. Ela era simplista, humana; seus futuros e passados nunca valeram a pena serem examinados.

Mas com ela, ele queria ver.

Deslizando a mão até a dela, sobre o painel, ele pressionou a palma contra o dorso da mão dela, prendendo-a à superfície áspera. Bastou um mínimo de concentração para que o olhar dela se fixasse nos olhos dele. Ele sabia o que estava acontecendo com eles, pois havia concedido o mesmo dom a uma única linhagem que ainda vivia sob as ondas.

Não os andarilhos das profundezas, mas algo ainda mais. Aquelas pessoas semelhantes a águas-vivas tinham olhos que pareciam um arco-íris de cores. Exatamente como os dele. As pessoas caíam em seus olhos, incapazes de desviar o olhar da beleza deles, mas também presas ao

futuro que ele lhes reservaria.
Mas desta vez, era o passado. Ele mergulhou nas memórias dela junto com ela, observando como se estivesse presente naquele exato momento.
Ele a viu no tubo de ensaio, como ela o descreveu, embora ele o chamasse de tanque. Ela estava suspensa lá dentro por algum tipo de líquido que parecia bastante viscoso, mesmo a olho nu. Cientistas a cercavam enquanto ela os observava.
Ela não estava dormindo nessa lembrança. Seus olhos estavam arregalados de medo. Havia um estranho dispositivo em volta de sua boca, e ele reconheceu que era para respirar. Ninguém na sala sequer olhou para ela. Estavam todos lá, claro, circulando e fazendo seus trabalhos, mas não se importavam que ela estivesse apavorada.
Uma das mulheres caminhou até seu tanque, com uma prancheta na mão, da qual não desviou o olhar enquanto apertava um botão na parte externa. Três homens se aproximaram enquanto o líquido escorria e a parte frontal do tanque se abria.
Ellie caiu através da abertura, e eles a seguraram. Foi então que Proteus percebeu que ela era muito mais jovem do que era agora. Seu rosto era liso e redondo. Seus membros eram mais curtos e esguios. Os homens a agarraram no instante em que ela começou a se debater. Alguma parte profundamente enraizada nela percebeu que precisava lutar.
Mesmo sem nunca ter respirado antes, ela sabia que devia temer que os homens a agarrassem. Todos grunhiram ao vê-la agitar os membros, e então um deles agarrou o tubo que ainda estava ligado à sua garganta.
Com um puxão brusco, ele o retirou de dentro dela. Era surpreendentemente comprido, tendo estado tão profundamente alojado que ele pensou que talvez tivesse chegado até o estômago. Dois tentáculos saíram, um para respirar e o outro para se alimentar. E então ela voltou a respirar sozinha.
Proteus estava em sua mente, então ele sabia que, naquele momento, ela

ainda nem havia aprendido a falar. Eles a haviam acordado muitas vezes antes, mas nunca lhe tiraram o conforto dos tubos de respiração e alimentação. Agora, ela estava sobrevivendo sozinha.

E o único som que ela sabia emitir era um grito.

Afastando a mão da dela, ele se obrigou a dar-lhe espaço. A lembrança fez algo doer em seu peito, e ele passou a mão sobre o coração acelerado.

Ele queria matar aqueles homens por ela, e isso era ridículo porque provavelmente eles já estavam mortos. Mas não havia morte boa o suficiente para o que eles tinham feito. Nenhuma morte jamais faria justiça à dor que eles lhe causaram.

Ele havia prometido a si mesmo e a ela que a protegeria. Até mesmo de suas próprias lembranças.

— Posso apagá-las da sua mente — disse ele, como se isso pudesse ajudar. — Posso remover todas essas memórias até que não reste nada para te assustar.

— Não quero que elas se vão. Só quero poder olhar para um suporte como este sem medo de que alguém me coloque em outro tanque de vidro e se esqueça de que me colocou lá. — Ela engoliu em seco e tirou a mão do suporte. — Imagino que precisamos esvaziar esta sala?

— Minha intenção era mostrar a você a beleza deste lugar. Dar-lhe o presente da sua própria história e da existência de tanta inteligência humana, mesmo há centenas de anos. Lamento que isso tenha trazido à tona memórias de... aquilo. — Ele se sentiu um pouco perdido.

Ela não deveria ter medo do presente dele. Ele tinha certeza de que aquela instalação despertaria nela a curiosidade que a levava a buscar novidades. Ela havia ficado tão fascinada pelos drones, pelas câmeras e por todas as filmagens a que ele tinha acesso na outra instalação, que ele pensou que aquilo inspiraria o mesmo sentimento.

Um trovão ribombava lá em cima, tão alto que parecia sacudir os alicerces do cômodo. Ela estremeceu, cruzou os braços, escondendo as

mãos nas axilas e encarando o teto.
Proteus percebeu que ela era uma criatura muito pequena que ele havia colocado em uma sala muito grande. Ela nunca havia estado em espaços abertos antes. Apenas em pequenas áreas de contenção, tanques parafusados no chão, uma cápsula pouco maior que um caixão e salas de pesquisa limitadas em locais subaquáticos, onde simplesmente não podiam ser grandes.
Ele a deixou em um espaço aberto e disse para ela se sentir à vontade.
Proteus foi tolo ao pensar que ela seria feliz ali, mas ele esperava que ela visse o que ele via.
Soltando um suspiro, ele gesticulou em direção à areia.
— Você vai ficar bem aqui?
— Eu posso tirar a areia enquanto você se limpa. Ela está machucando suas escamas. — Ela se virou para sua nova tarefa com uma expressão determinada que ele reconheceu. — Vai levar uma semana, no entanto. Sou muito pequena e não sei bem onde colocar toda a areia. Mas este corpo vai aprender a realizar trabalhos manuais. Tenho certeza disso.
Proteus segurou o queixo dela, obrigando-a a olhar para ele. Os olhos dela se arregalaram novamente, as pupilas dilatadas mais uma vez.
— Você terá cuidado consigo mesma e não machucará este corpo mais do que já machucou. Mas eu lhe fiz uma pergunta, Ellie. Você ficará bem aqui?
— Eu fico bem em qualquer lugar que você me colocar.
— Essa não é uma resposta. — Ele se aproximou ainda mais, incapaz de olhar para qualquer coisa além dos olhos dela. — Não quero colocá-la em um lugar onde você não se sinta confortável. Se precisar que eu a transfira, farei isso com prazer. Esta instituição foi concebida como um presente, não como um lugar para lhe causar ainda mais medo.
Algo em sua expressão suavizou-se, e ela ergueu a mão para colocar sobre a dele. Só a sensação da palma dela contra a pele dele foi

eletrizante.

Todas as luzes em seus ossos se acenderam novamente. Ele podia ver as luzes amarelas e verdes doentias iluminando o rosto dela, e como elas queimavam através de seus dedos onde ela tinha a mão sobre ele.

Foi a primeira vez que ela o tocou de livre e espontânea vontade. A primeira vez que ele pôde experimentar a sensação da mão dela em sua pele. E, nossa, como aquilo o fez arder.

— Eu ficarei bem aqui — murmurou ela, sua voz um bálsamo suave para a dor repentina que seu toque lhe causava. — Podemos trabalhar juntos para esvaziar este espaço.

— Juntos — repetiu ele.

DEZESSEIS

Ellie

Ellie sempre se interessou por relíquias históricas. Ela só tinha visto algumas durante o tempo que passou em Tau, e mesmo assim eram difíceis de encontrar. Ela nunca se esqueceria da primeira vez que lhe permitiram colocar um disco preto num toca-discos e ouvir o som metálico que provavelmente já fora ouvido por inúmeras pessoas antes dela.

A música era insuportável. Mas ela estava fascinada com o som. A voz da mulher estava um pouco trêmula, pois o tempo havia deformado o disco, mas isso não importava. Ela estava encantada com a ideia de que existiram pessoas como ela centenas de anos atrás e que ainda assim desejavam cantar.

Mas aqui, no Santuário, ela estava cercada pelo passado.

O cômodo foi sendo revelado aos poucos ao longo de alguns dias. Proteus permaneceu na água, onde era mais seguro para ele, e ela jogou areia no buraco por onde haviam chegado. Seu companheiro subaquático havia encontrado um pedaço de tecido que ainda estava... Suficientemente resistente para que ele pudesse apanhar a maior parte da areia que ela atirava, e depois ele a arrastava por entre as rochas.

Foi um trabalho lento e exaustivo. Seu corpo doía em menos de uma hora, mas ela continuou se movendo o máximo que podia. Felizmente, Proteus levou mais tempo para se livrar da areia do que ela para jogá-la na água.

Pelo menos no início.

Ela descobriu o que parecia ser um piso a cerca de meio metro da areia

mais próxima da abertura. Era um piso de ladrilhos antigo, semelhante aos padrões de Tau, e alguns pequenos artefatos que haviam permanecido ali. Um abajur que havia sido dobrado ao meio, provavelmente por alguém que pisou nele. Um cartão de acesso antigo com o rosto e o nome de alguém. Um saco plástico cheio de areia com palavras antigas escritas em um idioma que ela não conseguia ler. Mas parecia que talvez tivesse sido algo comestível.

Então, quando ela chegou às áreas onde as pessoas haviam trabalhado, mover a areia tornou-se quase impossível. Ela estava mais profunda no fundo, mais perto do buraco na parede por onde havia entrado. E mesmo assim, era mais difícil mover todo o equipamento que ela revelou.

Sem falar que Piloto se prontificou a trabalhar imediatamente. O pequeno droide sabia consertar máquinas quebradas, isso era óbvio. Mas, de repente, ela teve que manobrar areia ao redor de um droide que estava desmontando as coisas para remontá-las.

Proteus também teve que descartar as peças de metal que Piloto jogou na água, murmurando palavrões. Grande parte do que ainda estava ali era inutilizável. Mas ainda havia esperança de que pudessem juntar tudo.

Após quatro dias, ela precisou fazer uma pausa. Suas costas doíam tanto que tinham espasmos mesmo quando estava sentada. Suas pernas doíam, embora ela não sentisse que as tivesse usado muito. Sem falar dos braços. Estes tinham se transformado em macarrão inútil, então ela estava usando principalmente o peito e as costas para empurrar areia.

Eles tinham revelado talvez um quarto do cômodo, e ele estava começando a se parecer com o lugar que fora um dia.

Ela só precisava de alguns minutos e pegaria a vassoura novamente. Ela a havia encontrado em um armário de metal que estava saliente na areia. Devia ser um armário de produtos de limpeza. A maior parte do que restava era inútil, mas o balde havia se mostrado útil para mover a areia, e a vassoura facilitava a remoção de todos os pequenos grãos que sempre

pareciam se espalhar, não importava quantas vezes ela os perseguisse.
Ellie sentou-se na borda do buraco no chão e maravilhou-se com o desenho. Claramente, não era um engano que houvesse uma entrada ali. As bordas ainda estavam lisas. Os azulejos curvavam-se sobre a borda, de modo que não havia nenhum metal afiado que pudesse machucar suas pernas enquanto ela as deixava cair na água.
Ela adoraria vestir outra coisa. Aquele traje preto já fora elegante, mas agora grudava em sua pele e lhe causava coceira.
Ou talvez fosse toda a areia que se acumulou ali depois de dias e dias de trabalho.
Ellie começou a abrir o zíper enquanto a água ondulava ao redor de seus pés. Proteus chegaria em breve. Aquelas bolhas geralmente prenunciavam seu aparecimento. O traje se abriu com facilidade, e ela mal tinha conseguido tirar um dos braços quando a cabeça dele surgiu diante dela.
Seus olhos se voltaram para o braço dela, curiosamente o mesmo que ele havia mordido, antes de voltarem o olhar para ela.
— O que você está fazendo?
— Tem areia no meu traje.
— E?
— E eu gostaria de tirar isso. É desconfortável. Você lavou a areia das suas escamas. É a mesma sensação para mim. — Mesmo com um braço livre, ela ainda sentia uma coceira insuportável. Era difícil. para sequer conseguir se concentrar em algo além da coceira incessante que a atormentava. Coçando o outro braço por cima do tecido, ela finalmente balançou a cabeça e continuou a puxá-lo.
Não importava se ele a olhasse ou não. Eles eram amigos. Mais ou menos. Ou ele a olhava como um meio para um fim. Proteus não se importava se visse os seios dela ou se ela entrasse na água nua com ele.
Um som suave reverberou em seu peito, e então bolhas de ar

borbulharam ao redor de suas guelras peitorais. Ela quase pensou que o som fosse um resmungo, mas então seu rosto assumiu um tom de cinza esverdeado bastante interessante e ele se virou bruscamente, afastando-se dela.

— Eu... — Ele pigarreou, e aquele som se repetiu. — Vou lhe dar privacidade.

Ele parecia quase pronto para nadar de volta em direção às rochas, mas Piloto os interrompeu.

— Proteus? Tenho um relatório para você.

Ellie observou seus ombros se encolherem ainda mais antes que ele soltasse um longo suspiro e parecesse se decidir a ficar.

— O que foi, Piloto?

Ela terminou de tirar o traje enquanto o Piloto falava sobre todos os equipamentos que haviam sido consertados e o que era irrecuperável. Não havia muita coisa que ainda funcionasse. A maior parte do que restava ali havia sido tão danificada pelas tempestades que provavelmente havia sido arruinada pela água, pela areia ou pelo próprio tempo.

Ela supôs que ficar inativo por duzentos anos faria isso com quase tudo. Piloto ficou bastante perturbado com a quantidade de equipamentos restantes que haviam sido deixados para apodrecer muito antes de as instalações deixarem de ser usadas.

Finalmente, conseguindo libertar a última perna, ela também virou as costas para Proteus e mergulhou na água. Ela ainda não conseguia nadar, então teve que se segurar na borda, mas pelo menos podia agitar as pernas na água e sentir a areia se desprendendo de sua pele.

Mas não era. Os malditos pedacinhos irregulares pareciam grudar em seu corpo, não importava o quanto ela tentasse se mexer. A água não os fazia se soltar. Simplesmente coexistiam com a areia. Como isso era possível?

— A cápsula holográfica parece estar funcionando melhor. O disco precisou ser completamente limpo, mas consegui. — Piloto parecia satisfeito consigo mesmo. — Os registros são muito detalhados, e analisá-los pode nos ajudar a determinar quais dos equipamentos restantes queremos desenterrar e, talvez, decidir se há algum que possamos ignorar ou remover da instalação.

— Eu preferiria que este lugar fosse completamente limpo de areia — disse Proteus, e seu estrondo fez a água vibrar ao redor dela.

— Infelizmente, isso é improvável. Não há nada com que remendar as paredes, e eu já identifiquei várias áreas onde a estrutura deste edifício está comprometida. Infelizmente, mesmo que consertássemos os danos principais na parede, a areia ainda entraria.

Proteus grunhiu, claramente em desaprovação.

Ellie testou tirar uma das mãos da parede e usá-la para esfregar o torso. Isso pareceu funcionar para remover todos os grânulos pontiagudos. Então ela se inclinou um pouco mais e imediatamente perdeu a firmeza.

Sua cabeça afundou na água e ela agitou os braços como tinha visto outros fazerem. Chutou as pernas. Ela até tentou se mexer para subir à superfície, mas nada parecia funcionar.

Então, um braço enorme a envolveu pela cintura e a puxou de volta para a superfície. Cuspiu água, ela se encostou na enorme parede de músculos que era Proteus e confiou que ele a sustentaria enquanto ela jogava o cabelo para trás, afastando-o do rosto.

— Tente não morrer — disse ele, embora sua voz parecesse tensa.

— Eu ainda não sei nadar.

— Eu te ensinarei em breve.

Ela pensou que ele a levaria de volta para a parede e a deixaria se agarrar a ela. Em vez disso, ele a moveu em seus braços, e então sua cauda estava entre suas pernas. Grossa e musculosa, fez algo profundo dentro de seu peito despertar de uma maneira que ela não imaginava ser possível. Seu

corpo inteiro ficou quente. Sua respiração estava um pouco mais rápida. Seu coração parecia querer saltar do peito para entre suas pernas...
Aquecer.
Calor indescritível.
Proteus parecia quase aflito ao dizer: — Eu vou te manter à tona. Termine seu banho, Sisu.
Como ela conseguiria terminar o banho com uma cauda sinuosa ondulando entre as pernas? Ela nem sequer tinha se dado conta de que seu corpo podia sentir aquilo! Era glorioso, aterrador, doloroso, tudo aquilo que ela jamais imaginara ser possível sentir.
Piloto continuava tagarelando sobre os hologramas, e ela deveria estar se esfregando. Então foi o que ela fez. Roboticamente. Tentando não se mexer de jeito nenhum porque estava apavorada com a possibilidade da sensação piorar. Ou melhorar.
O melhor era não incentivar um corpo rebelde.
— Talvez você devesse ligar o holograma — disse Proteus. Havia ainda um tom estranho em sua voz. Cortada e diferente do normal, como se ele estivesse se esforçando.
Será que ela era tão pesada assim? Ela não achava que seria difícil para ele mantê-la flutuando com a cauda, mas na verdade não tinha ideia do esforço que ele estava fazendo. Talvez não fosse fácil usar a cauda daquele jeito, embora parecesse que ela era longa o suficiente.
Era a maldita nadadeira dele, ela percebeu. Ela se debatia na água e era isso que a mantinha flutuando, mas também era isso que fazia os músculos grossos da cauda dele roçarem em uma parte muito sensível do seu corpo.
— Pronto! — anunciou ela, como se alguém se importasse que ela tivesse terminado.
De forma estúpida, ela se desvencilhou da cauda dele. Empurrou-se até se agarrar a algumas escamas, tentando desesperadamente alcançar a

borda do chão. Nem sequer notara a temperatura gélida ao se arrastar para fora. Tudo o que queria era vestir aquele traje de volta e ignorar os sentimentos que cresciam dentro dela.

Se ela os ignorasse, eles não seriam reais. Se ela fingisse que ele não a fazia sentir-se daquela maneira, então não era nada sério.

— Que bom! — disse Piloto, completamente alheio ao que acabara de acontecer. — Permita-me.

Ela vestiu o traje às pressas enquanto o droide se movia ruidosamente de um lado para o outro. Ela não sabia se Proteus estava olhando e não deveria se importar. Mas algo havia despertado nela, e ela quase queria que ele olhasse. Queria sentir o peso do olhar dele em seus membros, para saber se ele gostava do que via.

Esses eram sentimentos bestiais, e não havia lugar para eles em sua mente. Ela era um clone, nada mais, nada menos. Uma ferramenta para ser usada. Ela já tinha visto outros clones servindo pessoas antes. Muitos dos amigos de Malcolm, e o próprio Malcolm, se aproveitaram de clones idênticos a ela. Ellie os tinha visto muitas vezes.

Mas ela tinha um propósito. E não era esse.

Um holograma de uma mulher ganhou vida bem diante dela quando ela puxou a última manga sobre o ombro. Soltando um pequeno grito, ela teria caído de volta na água se Proteus não tivesse colocado a mão firmemente em suas costas e a empurrado através do holograma.

Ela cambaleou para a frente, se equilibrando antes de cair de cara no chão, e então se virou bruscamente para vê-lo encarando o holograma com claro reconhecimento nos olhos. Como se isso não bastasse, o holograma parecia estar falando diretamente com ele.

— Proteus, se você está vendo isso, provavelmente já estou morta há muito tempo. — A mulher olhava para a água, como se esperasse que fosse... onde ele estaria. — O equipamento está sendo preparado para ver quanto tempo ele pode durar, mas eu sei que seu próprio povo nunca o

deixaria voltar sem lutar.
O holograma se virou, atravessando Ellie e caminhando em direção ao canto dos fundos da instalação.
— Esta é a área mais vulnerável. Presumimos que as tempestades afetarão esta parede primeiro. Movemos tudo para o lado oposto e construímos o máximo de estruturas possível atrás deste local para reforçar a parede. É o melhor que podemos fazer com tão pouco tempo.
A parede oposta parecia estar em melhor estado do que as outras. Ainda havia muita areia por lá, mas o vento a havia empurrado naquela direção. Se conseguissem fechar o outro lado com tábuas, ou simplesmente deixar a areia continuar a obstruir aquela parede, ela poderia remover a maior parte da areia e descobrir o equipamento que haviam armazenado no lado mais seguro.
— Mas Proteus, saiba que se você voltou, é graças à nossa pesquisa. Não vamos parar de procurá-lo. Sei que os Outros criaram seu próprio mundinho debaixo d'água, mas se a história me ensinou alguma coisa, é que os humanos não hesitarão em fazer qualquer coisa para controlar o que não lhes pertence. — A mulher afastou os cabelos do rosto. — Gostaria de estar aí para ajudá-lo, mas nós dois sabemos que isso seria seguir os mesmos passos dos Outros. Aceitarei a morte de braços abertos. Até mesmo merecê-la, se você acredita no que dizem sobre mim.
O holograma sorriu para o lugar onde Proteus estava, e algo desagradável ardeu em seu peito. Talvez fosse a expressão no rosto da mulher. Ellie não tinha muita certeza. Mas havia um carinho ali, uma familiaridade que fez Ellie querer desligar o holograma.
Ele estivera preso no fundo do oceano por séculos, e ninguém fora procurá-lo. Essa mulher, quem quer que fosse, afirmava ser a pessoa que o salvara. Mas como poderia? Eles provaram isso? Ninguém jamais poderia saber quem realmente salvou Proteus.
— Ela foi uma das cientistas que realizou a maioria dos experimentos.

Ela tinha a visão de criar um mundo melhor, não apenas para a sua espécie, mas para todos. — Proteus finalmente olhou para Ellie. A expressão desconfortável já havia desaparecido de seu rosto, e ela teve a sensação de que fora a outra mulher que lhe proporcionara tanta tranquilidade.

Ellie deveria estar melhor. Ela não fazia ideia de quem era aquela mulher, o que ela tinha feito ou qual era a sua relação com Proteus. Esse ciúme era incomum para ela e devia estar de alguma forma relacionado à sensação que ela havia experimentado na água.

Repito, essa não era a função dela. Não era o trabalho dela.

Ela engoliu o orgulho e disse: — Ela devia ser uma mulher impressionante.

— Ela era. Então ela morreu, e o mundo chorou. — Seu olhar se voltou na direção do restante do equipamento escondido. — Estou pronto para trabalhar quando você estiver, Ellie. Estou ansioso para descobrir o que ela me deixou.

Uma dor aguda surgiu em seu peito, mas ela voltou seu corpo cansado para a areia. Talvez um pouco de trabalho lhe fizesse bem. Talvez ela pudesse esquecer o quão horrível fora descobrir que outra pessoa o conhecera primeiro.

DEZESSETE

Proteus

Proteus observava Ellie se esforçando ao máximo, e sua alma reconheceu sua necessidade de segurança. Essa era a única maneira de ela obtê-la. Quanto mais ela trabalhava, mais merecedora se sentia de estar acordada. Ellie ainda tinha certeza de que precisava conquistar seu lugar ao lado dele, mesmo que ele tivesse tentado mostrar a ela que isso era desnecessário.

Ele conhecia o tipo dela. Alguns humanos tinham tanto medo de que os outros não os quisessem, e por isso estavam dispostos a fazer o que lhes mandavam. Trabalhavam até a exaustão, fazendo tudo o que podiam para provar aos outros o seu valor. E, no entanto, o seu verdadeiro valor residia nessa preocupação.

Ele queria dizer a ela que ninguém jamais questionaria o motivo de ela estar com ele. A quantidade de trabalho árduo que ela demonstrava dia após dia provava o quão maravilhosa era tê-la por perto. Não importava qual tarefa ele lhe pedisse, ela a faria. Não importava o quão cansada estivesse, ela perseveraria. O custo para si mesma não importava.

Aquilo era coragem. Aquilo era lealdade. Eram todas as características de uma pessoa de quem ele nunca se cansaria, porque ele conseguia ver o quanto ela se importava. Essas eram as qualidades de uma mulher dedicada a uma causa.

E, no entanto, aparentemente ele não havia demonstrado o suficiente o quanto a apreciava. Ela trabalhava incansavelmente até que ele teve que pedir que ela parasse.

Mesmo assim, Ellie não queria. Ela argumentou com ele que eles ainda

não tinham terminado e por que deveriam parar quando ainda havia areia para limpar?

Ele não sabia como lhe dizer que se preocupava com a saúde dela. Ela poderia dizer-lhe quando precisasse parar. Poderia reclamar das dores no corpo. Nada disso mudaria a opinião dele sobre ela nem diminuiria o seu valor.

— Sente-se — resmungou ele, com a voz grave e profunda. Talvez um pouco de sua raiva transparecesse naquela frase, pois a maldita mulher não sabia a hora de parar de se mexer. Se ele mandava ela sentar, então ela não deveria discutir.

Ellie lançou um olhar furioso, mas suas pernas trêmulas não conseguiam fazer mais nada. Soltando um suspiro irritado, ela se sentou em um monte de areia que ainda precisavam remover.

— Quero terminar isso, Proteus.

— E você vai.

— Não se continuarmos parando. Eu sei que estou cansada. Eu sei que estou diminuindo o ritmo. Mas se insistirmos só mais um pouco, poderemos terminar este projeto e passar para o próximo.

Só que ambos sabiam que não podiam. Havia muito mais para fazerem, e ainda mais areia para removerem. Era como se ela se replicasse, e não importava o quanto removessem, sempre havia mais areia.

Ele precisava dar a ela um motivo para parar.

Estreitando o olhar, Proteus observou Piloto, que trabalhava em uma das peças de equipamento mais recentes reveladas pela areia. Ela havia sobrevivido onde muitas outras peças haviam sido soterradas. Piloto estava trabalhando para religá-lo, pois o sistema de computador interno poderia ajudá-los a descobrir o que havia acontecido e quais outras partes do sistema precisavam ser reativadas. Piloto suspeitava que este terminal controlava todos os outros na sala.

— Piloto — disse ele, esperando que o droide olhasse para ele antes de

continuar. — Você consegue se replicar?
— Sim, eu tenho essa função.
Ele olhou para uma pilha de sucata. Tiveram que pedir ao droide para parar de jogar peças na água, já que isso estava atrapalhando a remoção da areia, e agora ele podia ver uma boa utilidade para elas.
— Use essas peças e construa mais de si mesmo. Dê a eles a diretiva de mover a areia para que Ellie possa descansar.
Houve um momento de evidente descrença por parte do droide. Replicar-se exigiria tempo e esforço, Proteus sabia disso, mas também havia a constatação de que a inteligência armazenada naquele droide seria usada para aliviar um humano do trabalho braçal. Essa fúria intensa alimentaria Piloto pelos próximos anos.
Proteus tentou não esboçar um sorriso enquanto gesticulava para que Ellie se aproximasse da entrada onde ele se escondia. Ele havia retornado à água depois de tentar ajudá-la a mover a areia e só agora sentia alívio com o ressecamento que havia encolhido suas escamas.
Ela sentou-se com as pernas penduradas na água, sem nenhuma preocupação no mundo. Ele já tinha visto inúmeras pessoas aterrorizadas pelo oceano. Elas temiam o que poderia mordê-las nas profundezas, ou se afogariam caso escorregassem na água. Essa mulher nem sequer sabia nadar, e mesmo assim estava sentada ali com as pernas na água.
Talvez fosse porque ela já tinha visto a morte tantas vezes. Ela não temia o que a esperava além de toda aquela escuridão.
Proteus parou um instante para observá-la. Quando foi que vê-la o deixou tão comovido? Ele queria prolongar aquele momento, contemplando-a. Ele a observava atentamente, ouvindo o som de sua respiração e as batidas calmas e constantes de seu coração. Ele poderia ouvi-la por horas. Os sons de seu corpo, a verdade sussurrada de sua mente, tudo isso o fazia querer tocá-la.
Com um movimento rápido da cauda, ele deslizou um pouco mais perto

dela.

— Você está com fome?

Ela deu de ombros.

— Suponho que sim. Ainda estou me acostumando a comer qualquer coisa que não seja líquida.

Hum. Ele não tinha certeza do que poderia trazer para ela que fosse semelhante àquele pacote líquido que tanto a confortara. Sabia que provavelmente continha todas as vitaminas e nutrientes necessários para mantê-la viva. Embora tivesse que adivinhar o que os humanos comiam, mal se lembrava do que haviam consumido anos atrás.

— Você gostaria de mais peixe? — perguntou ele.

Ela fez uma careta, mas logo a disfarçou. — Acho que tudo bem.

— Você não gosta de peixe?

Ellie deu de ombros.

— Eu realmente não sei do que gosto. Os pacotes nutricionais têm pouco sabor.

Ele repassou mentalmente todas as opções que lhe vieram à mente. Obviamente, amêijoas e ostras eram uma possibilidade, embora estivessem um pouco fundas para ele encontrá-las. Estrelas-do-mar eram uma iguaria, mas ele não tinha certeza se a espécie dela as comia pura. O que significava que ele precisaria encontrar outra coisa para ela se banquetear, ou pelo menos, uma maneira de prepará-las.

Talvez ela gostasse de ouriço-do-mar. Ele já tinha visto os humanos retirando as entranhas amarelas e comendo-as. Era surpreendentemente salgado e geralmente consumido cru, então ele conseguia imaginá-la gostando.

— Eu voltarei — disse ele, e sem mais nem menos, desapareceu sob a superfície.

Ele também pescou alguns peixes extras para ela. Comê-los crus não pareceu incomodá-la, e havia algumas outras iguarias que ele poderia

encontrar. As algas aquáticas que sempre o irritaram eram comestíveis, e a alga marinha que se enroscava em sua cauda tinha um sabor até que bom, segundo alguns humanos de quem ele se lembrava.

Então ele levou tudo consigo e colocou diante dela. Cada um foi disposto delicadamente, até mesmo o peixe, antes de cortar o primeiro para que ela o comesse antes que estragasse.

— Experimente isto — disse ele, olhando para ela com expectativa.

Ela olhou para ele como se ele tivesse perdido a cabeça.

— O quê?

— Se você não sabe do que gosta, então vamos descobrir juntos. — Ele apontou para a comida. — Por favor. Não tenha pressa, mas me diga o que você gosta e o que não gosta em cada um destes pratos.

Ao som metálico da música de Piloto atrás deles, criando droides de aparência horrível que claramente tinham a intenção de aterrorizar, Ellie pegou a fatia de peixe fresco que ele lhe oferecera.

A barracuda era um dos poucos peixes corajosos o suficiente para lutar contra ele quando tentava pegá-la para comer. Ele a admirava, de certa forma, mas os pedaços frescos de sua carne a manteriam saudável. Então, ele não se importou em matar a fera.

Observá-la colocar a fatia de peixe cru na língua provocou nele uma sensação que ele não esperava. Ele gostava de alimentá-la. Gostava de saber que era ele quem lhe dava energia.

Pelo menos, até que seu rosto se enrugou um pouco.

— É... suspeito.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— É um peixe.

— Sim, mas... — Ela respirou fundo e deu de ombros. — Não sei. Acho que não esperava que tivesse o mesmo gosto que o cheiro.

Como era o cheiro? Proteus inclinou-se para a frente e respirou fundo, inalando profundamente o aroma da barracuda para se certificar de que

não tinha estragado. Não havia nada de errado com ela. E ele diria até que nem cheirava a peixe. Havia um leve cheiro de mar, mas só isso.

— Hum, — murmurou ele, antes de empurrar uma ostra para mais perto dela. — Experimente esta então.

Quando ela teve dificuldade para abri-la, ele a pegou e abriu a iguaria com maestria. Ele adorava ostras e sabia que muitas criaturas do oceano também gostavam delas. Eram fáceis de comer e abundantes. O Povo da Água as cultivava em fazendas, e ele se lembrava delas como abundantes e muito doces, com diversos sabores dependendo de onde e como eram cultivadas.

Entregando o frasco para Ellie, ele observou enquanto ela o sorvia.

Houve uma longa pausa enquanto ela parecia refletir sobre o que estava pensando. Mas ela nem sequer tinha mastigado. Como ela ia sentir o sabor se não mastigasse? Ela sempre se esquecia de fazer isso com toda a comida que ele lhe dava.

— É doce e salgado. — Ela umedeceu os lábios, e ele não conseguiu desviar o olhar do pequeno brilho rosado que se revelou. — Gostei. Talvez não para uma refeição inteira, mas é bem gostoso.

— Faça isso de novo — pediu ele antes que pudesse se conter.

— Fazer o quê?

Os olhos dele estavam tão fixos na boca dela, o que ela pensava que ele queria?

— Mostre a língua.

E, coitadinha, ela fez isso sem hesitar. Ela esticou a língua e todas as guelras dele de repente arderam de desejo. A língua dela era curta, achatada e tão rosada que chegava a ser surpreendente. Em todos os anos que trabalhou com a espécie dela, ele nunca tinha percebido que as línguas deles eram rosadas.

Ele também mostrou a língua, revelando que era longa e preta. Ambos se entreolharam surpresos, com os olhos arregalados, ao verem o que era

claramente um apêndice diferente do que o outro possuía.
Então ele percebeu o quão ridículos eles provavelmente pareciam. Os dois com a língua para fora da boca.
Ele colocou a parte de trás da boca e pigarreou.
— Certo, então. Experimente o próximo. Ouvi dizer que o ouriço-do-mar é muito bom para o seu povo.
Ela recolheu a língua também e, com muita delicadeza, pegou o ouriço-do-mar preto que ele havia colocado ao lado dela. Ele já havia eviscerado o animal, deixando os restos lá dentro que ela teve que retirar com os dedos. Engolindo em seco, ela olhou para ele antes de voltar a olhar para o ouriço.
— Isto? — perguntou ela.
— Sim.
— Eu acabei de...
As vísceras amarelas também não lhe pareceram apetitosas, mas tinham um gosto bom.
— Sim — repetiu ele.
Ela não parecia entusiasmada, mas mesmo assim levou a substância gelatinosa à boca e a engoliu. Ele observou seu rosto passar por várias fases de curiosidade, horror, nojo e, por fim, uma expressão muito estranha que o fez se afastar bruscamente para não ser atingido quando ela engasgasse.
Ellie conseguiu manter a comida no estômago, mas ele não achava que ela conseguiria. Então ela pressionou o dorso da mão contra a boca e balançou a cabeça.
— Não. Essa não. Nunca essa.
E então ela soltou o som mais profano, o ar escapando de sua boca, e engasgou novamente.
Proteus inclinou-se para a frente e retirou cuidadosamente o ouriço-do-mar. Mergulhando-o na água, deixou-o cair no chão para que ela não

tivesse mais que ver os espinhos negros.

— Anotado.

Piloto avançou rapidamente e apontou com uma perna para os outros droides que havia montado às pressas. Eram todos droides terríveis, pouco mais que pernas e uma pá na frente. Mas cumpririam muito bem sua função.

Foi uma boa distração enquanto ele os examinava e depois resmungou:

— Bom trabalho, Piloto.

— Eles retomarão seu trabalho assim que você terminar de encarar — murmurou Piloto enquanto voltava para o console para religar a energia da instalação.

Ellie pigarreou mais uma vez, mas desta vez ele teve a sensação de que ela estava se segurando para não rir. Seus olhos marejados brilhavam enquanto ela o olhava, e ele nunca havia ficado tão encantado por uma humana antes. Ela era tão linda que chegava a ser chocante. Humanos não deveriam ser bonitos. Eram ferramentas para serem usadas, funcionais e interessantes de se observar às vezes, mas certamente nunca tão deslumbrantes.

Ela sorriu para ele, e aqueles olhos brilharam ainda mais.

— Acho que vamos ser chamados de volta ao trabalho.

— Estou sendo chamado de volta ao trabalho. Você deveria descansar.

Proteus tocou a perna dela na água. Sua mão envolveu toda a panturrilha dela, e ele deveria ter apenas apertado a carne ali e deixado como estava. Mas ele não conseguiu se forçar a soltar.

Ele nem sequer conseguia sentir a pele dela por baixo da grossa camada de couro que a cobria, e ainda assim...

— Não tenho certeza se já conheci um ser humano tão fascinante quanto você — murmurou ele, olhando-a nos olhos como se eles contivessem a resposta para perguntas que ele temia fazer. — Por quê?

— Acho que não sou tão humana assim.

— Não, você é muito humana. Você reúne todas as qualidades que eu admirava neles, tudo em uma só pessoa. Resiliência, dedicação, esperança, a necessidade de usar a imaginação. Você é o modelo do que sua espécie deveria e poderia ser. — Ele ergueu a mão molhada e deslizou as costas das garras contra a bochecha dela. Uma única gota d'água escorreu até o queixo, pendendo da ponta como um diamante brilhante. — Se todos os humanos fossem como você, Sisu, acho que eu teria matado muito menos deles.

Ele viu os olhos dela se arregalarem e percebeu que ela estava com dificuldade para entender como deveria se sentir em relação àquilo.

Suas palavras eram um elogio, afinal. Porque ele se perguntava se, caso outros tivessem sido como ela, ele os teria poupado naqueles primeiros tempos. Se ele tivesse percebido o valor da humanidade mais cedo, se tivesse visto mais humanidade em todas as pessoas com quem interagiu, talvez o futuro tivesse sido muito diferente.

Afinal, Proteus reconheceu essas características tarde demais. E, a essa altura, o estrago já estava feito.

DEZOITO

Ellie

— Aqui está — disse Ellie, dando um passo para trás para observar seu trabalho. Ela não tinha as mãos delicadas de um engenheiro. Isso era dolorosamente óbvio. Mas o remendo que ela havia feito na parede aguentaria. — Acho que está pronto.

Piloto correu até ela, o som de seus passos ecoando no piso agora quase limpo na enorme câmara.

— Vai aguentar. Só está com uma aparência horrível.

Ela não ia discutir com ele sobre isso. A máquina de solda que encontraram era muito velha e cuspia chamas em rajadas, em vez de uma chama branca e constante como deveria. Isso a obrigou a passar muitas vezes nos mesmos lugares, e bolhas de metal decoravam o contorno da moldura da porta, em vez de uma linha lisa como um profissional teria feito.

Mas aguentaria. E isso já era suficiente.

Inclinando-se, ela o pegou na mão para que pudessem voltar à nova câmara que haviam descoberto. A areia havia escondido mais do que apenas aquela câmara. Aparentemente, havia outros corredores onde outras pessoas haviam vivido.

— Você acha que tem roupas aí dentro? — perguntou Ellie, dirigindo-se à porta que os mantinha afastados do restante dos segredos.

— Quem sabe? Eu mexi nas configurações para garantir que pudéssemos burlar o código que mantém o local trancado — disse Piloto enquanto subia até o ombro dela e se acomodava ali como um papagaio de metal no ombro de um pirata. — Eu só... não tenho certeza se devemos entrar

lá.

— Por que?

— Não sabemos o que vamos encontrar. — Piloto fez uma pausa para criar um efeito dramático antes de acrescentar: — Eram os aposentos deles. Não acho que seja incomum encontrar alguns corpos lá dentro. Acho que muitas pessoas permaneceram aqui até o fim.

Ela nunca tinha visto um cadáver. Isso era preocupante, sem dúvida. Mas ela também queria tirar aquela roupa de mergulho e vestir algo mais confortável. Algo parecido com o que tinha visto os outros cientistas usarem.

Uma camisa limpa e passada que delineasse sua cintura. Calças que se ajustassem confortavelmente às suas coxas e talvez fizessem suas pernas parecerem um pouco mais longas. Ela queria se sentir bonita em roupas feitas para pessoas reais, de verdade. Não apenas para bonecas como ela.

Então ela parou em frente à porta e perguntou: — Piloto, como eu abro a porta?

Ele suspirou, emitindo um som mecânico estranho, antes de responder: — A senha que eu defini é 'biscoitos de caramelo'. É só isso que você precisa dizer. O sistema reconhece sua ativação por voz.

— Essa é uma senha estranha para um droide escolher.

— Meu criador era fã delas.

E ele prestou suas homenagens ao seu criador da única maneira que sabia: mantendo Fairweather vivo.

Ela sabia o quão importante era para os droides que os vivos continuassem vivos. Eles conseguiam isso jamais esquecendo quem os havia criado, mesmo depois de seus corpos mortais terem se decomposto neste planeta.

Ela deu um tapinha no topo da cabeça dele antes de dizer em voz alta: — Biscoitos de caramelo.

A porta deslizou com um longo sibilo, revelando um cômodo além dele

que, de alguma forma, estava perfeitamente preservado. Era uma sala de estar, exatamente como Piloto havia dito, embora de estilo muito antigo.
Em vez de detalhes metálicos e linhas retas, este lugar já fora repleto de cores. Uma colcha apodrecida estava pendurada na parede, claramente outrora adornada com azuis e amarelos vibrantes. Uma mesa de madeira tinha três pernas quebradas e estava inclinada ao lado, e as cadeiras estavam em péssimo estado. Mas estas pareciam ter sido quebradas intencionalmente. Alguém estivera ali antes. Provavelmente levara tudo de valor.
Ela entrou no que devia ser uma cozinha. Todas as portas dos armários estavam arrancadas, algumas penduradas por uma única dobradiça, mas a maioria espalhada pelo piso de ladrilhos quadriculados em preto e branco. A geladeira estava aberta, a eletricidade desligada há muito tempo naquele cômodo, mas isso não importava, porque a comida lá dentro era tão antiga que não passava de poeira nas prateleiras.
Ao percorrer os aposentos, ela encontrou uma porta ainda aberta. O quarto seguinte estava em melhores condições do que o resto do lugar revirado. Foi lá que ela encontrou o corpo.
O esqueleto havia se decomposto no ar seco. Não havia sequer um vestígio de pele, mas as mãos ainda repousavam sobre o peito da pessoa de maneira quase reverente, o que fez Ellie pensar que nem mesmo os ladrões de túmulos que haviam entrado ali tinham tocado no corpo. Havia uma tábua ainda sobre a cama ao lado deles.
— Você disse que estava procurando roupas — lembrou Piloto enquanto ela pegava o tablet.
— E respostas.
— Mas principalmente roupas.
Aparentemente, o droide não gostava de ver humanos mortos. Ellie também não, mas aquilo já não era bem um humano. O esqueleto dava ao quarto um ar quase sagrado. Como se ela tivesse entrado num túmulo

em vez de um quarto.

Tocando na tela do tablet, ela soltou um suspiro ao ver a bateria descarregada. Claro que estava descarregada.

— Piloto? Você consegue se conectar a isso?

— De jeito nenhum.

— Faça isso por mim, por favor. Quero ler o que está aqui. E se houver mais plantas do prédio?

Isso resolveu o problema. O droide estendeu um fio debaixo de seu corpo semelhante a um caranguejo, resmungando sobre como era repugnante estar conectado a algo que estava simplesmente repousando ao lado de um cadáver.

Ela o conectou e o tablet ligou. Não era nada relacionado às instalações, mas parecia ser um diário.

— Entrada 213 — ela leu em voz alta. — A instalação está morrendo, assim como eu. Gostaria que pudéssemos fazer mais para preservá-la, mas as areias começaram a tomar o prédio de volta. Já passei da hora de ir embora deste lugar selvagem. Talvez eu devesse ter ido para o mar com os outros. Mesmo assim, sempre haverá uma parte de mim dedicada ao meu trabalho aqui. Sou a última cientista restante. Estou determinada a encontrar a cura para viver em terra firme.

Ellie fez uma pausa, seus olhos percorrendo as palavras. Ela se sentou na cama ao lado do esqueleto, lendo o mais rápido que pôde antes de colocar o tablet no colo.

— Piloto... Vocês dois disseram que este era um centro de pesquisa, não é?

— Sim.

— Você não me disse que eles estavam fazendo experiências com humanos. Eles queriam criar um ser capaz de viver em terra firme novamente.

Piloto desceu pelo braço dela e saltou para o chão. Ele claramente não

gostava de estar perto daquele corpo ao lado dela.

— Esta instalação era dedicada a preservar a humanidade a qualquer custo. Eles tinham visto que os ondinos eram capazes de viver no mar, mas os cientistas que trabalhavam aqui acreditavam que não havia possibilidade de os humanos sobreviverem a longo prazo nos oceanos por causa do povo ondino.

Ela respirou fundo.

— Então eles decidiram experimentar com outro DNA? Sabendo que o planeta iria piorar exponencialmente à medida que as tempestades absorvessem toda a umidade? Sabendo que tudo o que restaria seria um deserto até que as chuvas chegassem todos os anos? E mesmo assim, só haveria enchentes.

Piloto deu um pulo com o corpo.

— Exatamente.

Mas se era isso mesmo que o Santuário representava...

— Então, o que Proteus está tentando fazer?

— Ele quer verificar se os cientistas concluíram seu trabalho. E então quer mostrar aos ondinos que ele é o deus de que eles se lembram. Isso os manterá sob controle enquanto ele aprende sobre o estado do planeta. Os humanos precisam se mudar para cá, independentemente da segurança.

O mundo dela pareceu parar de repente.

— Mas e se os cientistas tivessem sucesso? Poderia haver pessoas vivendo na superfície.

— Essa sempre foi a esperança. Talvez até alguns humanos tenham sobrevivido. Aqueles que trabalhavam aqui também construíam bunkers. Lugares para as pessoas sobreviverem até mesmo aos piores cenários. Eram as pessoas mais ricas, é claro. Alguns deles se separaram daqueles que construíram os quadrantes no mar. — Piloto deu um pequeno pulo, quase como um movimento nervoso que ele não

conseguia controlar.
Ele precisava sair daquele quarto, mas ela precisava de suas respostas.
— Então eles estavam fazendo experiências com criaturas como os ondinos? Havia alguma criatura aqui para fazer experiências? — Espécies como os ondinos, que já eram mais capazes que os humanos?
Piloto balançou a cabeça, todo o seu corpo em negação do que ela disse.
— Não, eles não estavam fazendo experiências com outras criaturas. Eles estavam tentando criá-las.
Eles estavam tentando criar uma nova vida neste lugar amaldiçoado. Um ser que pudesse viver em climas tão rigorosos como este, sem temer as tempestades ou como a escassez de água afetaria seus corpos.
Ela examinou novamente as anotações do diário da mulher, vendo cada vez mais coisas horríveis surgindo à medida que lia.
— Eles tentaram com todos os animais que puderam — murmurou enquanto continuava a ler.
Parecia que eles estavam obcecados em consertar o que consideravam quebrado. Mas os humanos não eram coisas quebradas. Os humanos simplesmente não foram feitos para viver em um planeta como este. Eles não deveriam sobreviver a tempestades de granizo e furacões gigantescos que pairavam sobre a terra por meses a fio. Nada disso jamais deveria ter acontecido.
Mas, ao que parecia, os biólogos daqui não tinham tido muita sorte. Eles testaram muitos animais, mas o DNA humano era tão específico que era impossível criar seres a partir dele.
Piloto fez um ruído de zumbido e saiu do quarto. Ellie o seguiu, com o tablet ainda nas mãos.
— O que aconteceu com os experimentos deles? Parece que, quando ela estava viva, havia alguns viáveis, mas todos morreram na infância.
— Emendas — murmurou Pilot enquanto atravessava a sala de estar destruída. — Eles os chamavam de emendas. Abominações de homem e

besta. A maioria puxava mais para a besta. Alguns eram tão mutilados, mas tinham a mente brilhante de um gênio. Outros eram viáveis em vida, mas não passavam de monstros. Todos eles tinham que ser eliminados. Repetidamente.

— Como você sabe de tudo isso?

Ele parou na porta, e seu pequeno corpo de caranguejo se encolheu.

— Eu estive aqui, Ellie. Eu era um dos droides que ajudou todos eles. Eu vi o que eles criaram, e foi aterrorizante contemplar. Nada parecido com aquilo poderia ter sobrevivido por muito tempo. Nenhum deles.

Ellie franziu a testa, mas logo se virou.

— Espere, as roupas.

— Não ficarei mais tempo naquele lugar assombrado.

— Você não precisa.

Ela não se importava de estar sozinha com o corpo. Afinal, não havia mais nada a acrescentar. Mas pretendia ler cada entrada do diário, pois ninguém deixaria aquele tablete ao lado se não esperasse que alguém o lesse.

Remexendo no guarda-roupa da mulher, Ellie encontrou algumas peças de roupa que, por algum motivo, estavam embaladas a vácuo. Elas tinham um cheiro um pouco estranho quando ela as abriu, mas a blusa verde-clara e a saia jeans longa e simples estavam em perfeito estado. Quem quer que fosse essa mulher, ela tinha bom gosto para conservar roupas.

Talvez ela soubesse que alguém como Ellie entraria ali algum dia e apreciaria muito as roupas.

Ela se despiu, vestiu a roupa rapidamente e voltou para a sala principal.

— Piloto, parece que alguns dos experimentos foram viáveis. Os de número 327 e 411 parecem ser os que receberam maior atenção. Como podemos obter mais informações sobre esses seres?

Uma voz grave a interrompeu, retumbando como as profundezas do

mar. — Você não.
Ela se assustou ao olhar para Proteus, que de alguma forma havia entrado nas instalações sem que ela o ouvisse.
— Por que não?
— Eles não são nosso foco atual.
— Bem, qual é o foco atual? Você não me disse nada sobre por que estou aqui ou o que estou fazendo.
Ele inclinou a cabeça para o lado.
— Pensei que você fosse uma boneca. Não uma pessoa de verdade. Alguém para eu mandar e que faria o que eu dissesse sem perguntar por quê?
Essas foram as palavras dela, devolvidas diretamente para ela. Ela realmente tinha dito tudo aquilo. Mas as coisas tinham mudado, ela supôs. Ela estava vivendo fora daquela cápsula, usando seu corpo, trabalhando com os dois. Ela estava aprendendo a ser uma pessoa de verdade. Ele tinha sido quem a incentivava a escolher a comida que gostava, e agora ela usava roupas de verdade. Não a mesma roupa que usara a vida inteira.
Isso foi... fascinante. Fazer escolhas. Pensar por si mesma. Aprender, crescer e se transformar em alguém novo, com seus próprios pensamentos, sentimentos e opiniões.
Respirando fundo, ela abraçou o tablet contra o peito e disse: — E se eu quiser ser mais do que isso?
— Então, terei prazer em apoiá-la. — Proteus saiu da água, um respingo de líquido inundando o chão e limpando boa parte da areia que já havia sido levada pelo vento, destruindo todo o trabalho dela em mantê-lo limpo. — Mas não podemos nos concentrar no que esses cientistas estavam tentando criar. Eles não tiveram sucesso.
— Tem certeza disso? — Ela olhou para o tablet novamente, franzindo a testa mais uma vez. — As anotações dela dão a entender que... que... 411

poderia estar viva quando ela morreu. E parece que ela teve um desempenho alto em todos os testes de aptidão e habilidades de aprendizado. Não sei se 411 era a única de sua espécie.

— Eles só fizeram cópias individuais das linhagens híbridas. Não queriam arriscar que elas se reproduzissem sem saber quais qualidades genéticas possuíam. — Proteus pegou o tablet e o colocou de lado. — Agora, você e eu vamos nos concentrar em convencer todos os que estão vivos a me adorarem novamente. Só então, quando eu tiver certeza de que os ondinos estão sob meu controle, é que analisarei o que os humanos fizeram enquanto eu estive ausente.

Ela esfregou o rosto.

— Mas se ainda existem humanos em bunkers sob a areia, certamente eles ainda estão trabalhando nesse plano?

— Se estiverem, então não é problema nosso. — Proteus emoldurou o rosto dela com as mãos, forçando-a a olhar para ele e a se ancorar na realidade que estava bem diante de seus olhos. — Vamos trabalhar em uma coisa de cada vez. Primeiro, encontraremos aqueles que sabemos que nos ajudarão. Encontraremos as pessoas que consistentemente provaram estar do nosso lado. Mostraremos a elas que um deus está entre elas mais uma vez, e isso lhes dará a coragem necessária quando entrarmos em contato com qualquer um que ainda possa estar vivo em terra firme. Seja o que for que viva aqui, humano ou não, não vai querer que seus recursos sejam roubados por alguém que poderia ter ficado no mar.

— Então por que você está tirando-os das ondas? — perguntou ela.

Seus olhos suavizaram.

— Esse sempre foi o plano, Ellie. Eu não prometi àquele povo ancestral que me venerava que eles viveriam em harmonia com os humanos enquanto os recursos do mar se esgotassem cada vez mais. Eu prometi que permitiria que os humanos vivessem sob o mar até que eu pudesse

restaurar seu lar. Você e seu povo eram refugiados. Eles nunca deveriam ser nossos vizinhos.

De repente, tudo fez sentido.

— Você vai consertar o que está acima — ela sussurrou. — Como?

— Tudo a seu tempo. E se eu não conseguir resolver isso, então aqueles que permaneceram aqui deveriam encontrar um jeito para seu povo viver aqui. — Ele a soltou e voltou sua atenção para os canais acima de suas cabeças, onde ele e seu povo costumavam nadar. — É hora de os humanos saírem do mar, Sisu. De uma vez por todas.

DEZENOVE

Proteus

O plano dele ia funcionar. Proteus tinha certeza disso.

Esta sala começara como um amontoado de lixo deixado pelos humanos, e agora era um átrio impressionante que deixaria sem fôlego a maioria dos que entrassem. Claro, havia áreas maiores e mais impressionantes em Alpha. Mas, aparentemente, aquela cidade havia sido destruída.

Nenhuma das cidades subaquáticas possuía canais como esses. Nenhuma delas permitia que o Povo da Água atravessasse as muralhas para trabalhar lado a lado com os cientistas que tanto precisavam de seus conhecimentos e informações. Juntos, eles poderiam recomeçar seu trabalho.

Ele observou Ellie terminar seu último trabalho. Ela estava programando os últimos detalhes que dariam um show para aqueles que ele pretendia invocar, mas aparentemente havia algo errado com o mapeamento. Os hologramas seriam a solução. Projeções nas paredes e por toda a área mostrariam aos humanos e ondinos o que estava por vir. Ele planejou o futuro deles. Visualizá-lo faria com que eles se adaptassem aos seus métodos com muito mais facilidade do que se não o fizessem.

Eles também poderiam experimentar por si mesmos. Ele ansiava pelo momento em que pudesse ver seu próprio povo nadando pelos canais novamente, cada um deles transmitindo a sabedoria necessária para que seus cientistas humanos entendessem o que seria preciso para realizar o que desejavam.

Se ao menos tivessem essa sorte. Ele mal podia esperar para ver o que mudaria com essas pessoas, ou como elas dariam continuidade ao

trabalho que ele havia começado há mais de duzentos anos. Contanto que os humanos não estivessem mais no mar, ele finalmente poderia descansar.

Ellie olhou para uma parte mais alta de um canal, claramente vendo algo que ele não via. Havia rugas em sua testa enquanto ela olhava para cima, e ele foi subitamente surpreendido novamente pela inteligência daquela humana.

Ele já havia conhecido gênios antes. Trabalhara com eles por muito tempo, bem antes de conhecê-la. Mas aquela expressão aqueceu algo em seu peito. Talvez o confinamento em sua prisão tivesse alterado alguma composição química dentro dele. Não seria surpreendente. Ficar sozinho por tanto tempo certamente mudaria sua visão de mundo.

Mesmo assim, só de olhar para ela, algo em seu peito se aquecia de uma forma que nunca havia acontecido antes. Ela era tão atenta aos detalhes. Ela olhou fixamente para o canal e então, finalmente, ele também viu. Uma mera gota. Pequena, nada que preocuparia a maioria das pessoas, mas sua pequena Sisu percebeu e não deixou barato.

— Não é um vazamento que ameace quem está envolvido — disse ele, com um tom de divertimento na voz. — Pode deixar isso para lá.

— Acho que você está enganado. Está vazando por uma costura, e acho que se aplicássemos mais pressão, tudo se romperia. — Sua expressão de preocupação se intensificou. — Mas é tudo pedra. Eu não sei como consertar pedra.

Piloto deu uma piadinha de onde estava trabalhando no show de hologramas.

— Traga um pouco de metal e solde na pedra. Tudo o que você precisa fazer é martelar no lugar, e então ficará lá.

— Certo — murmurou ela, já procurando uma peça que servisse exatamente para isso.

Ela não deveria estar fazendo nada daquilo. Ele apreciava o quanto ela

queria ajudá-lo, mas Ellie era muito mais frágil do que a maioria dos humanos. Ela não usava o corpo há muito tempo. Seus braços ainda estavam fracos e suas pernas tremiam mesmo com o mínimo esforço.

Claro, remover a areia ajudou. Na semana e meia em que trabalharam naquele projeto, ele notou mudanças no corpo dela. Seus músculos estavam um pouco mais definidos. Ela conseguia trabalhar por um pouco mais de tempo a cada dia. Mas ele estava preocupado com a qualidade do sono dela e com as olheiras.

Ela precisava de mais descanso do que ele, e ele temia esgotá-la muito antes que ela estivesse pronta para parar de trabalhar por conta própria.

Suspirando, ele balançou a cabeça e observou-a reunir todos os seus suprimentos e subir por um dos canais. Ela já havia feito isso algumas vezes. Secos como um osso, os canais eram, em sua maioria, calhas que eventualmente continham água corrente. Embora a água corresse lentamente, isso ajudava a manter o oxigênio nas brânquias daqueles que flutuavam neles.

Ela se agachou bem em cima da parte quebrada, resmungando baixinho. Por um instante, ela desapareceu de sua vista enquanto se deitava para observar o estrago embaixo e olhava para o vazamento, antes de sua cabeça reaparecer.

— Se eu soldar metal aqui, isso vai danificar as escamas deles? — perguntou ela.

Ele fez as perguntas pertinentes. Qual era a espessura do metal? Qual era a altura em que se projetava? E ambos decidiram que ela derreteria as bordas, primeiro para garantir uma boa vedação e, segundo, para garantir que não cortasse ninguém quando estivessem lá em cima.

Ele ouviu o crepitar da solda e, por um instante, o tempo pareceu oscilar. Piloto testou os hologramas e Proteus contemplou todas as imagens dos cientistas que um dia trabalharam ali. Era como se tivesse dado um passo para trás.

Proteus se lembrava tão claramente de estar ali enquanto construíam esta instalação. Ele se lembrava de como era ouvir todos os engenheiros trabalhando, os sonhadores inteligentes que queriam criar um lugar melhor para os humanos viverem, os ambientalistas que realmente acreditavam que era possível. Suas vozes ecoavam pelas vigas em apelos de esperança e descobertas que mudariam tudo.

Suas vozes foram se tornando mais silenciosas com o passar dos anos. Obstáculos, como eles os chamavam, os detiveram a cada passo. De políticos a ricos e famosos, tantas pessoas tentaram impedi-los de salvar este planeta até que fosse tarde demais. O mundo fazia parte de uma agenda. Salvá-lo tinha que servir a alguém antes que pudesse ser salvo.

Ele detestava a tristeza que todas as mentes brilhantes ali demonstravam cada vez que eram obrigadas a interromper o que estavam fazendo. Seus trabalhos haviam chegado tão perto tantas vezes, e mesmo assim, eram forçados a não usar nem parte deles. De partir o coração, realmente, mas ele sabia onde tudo aquilo ia parar.

Os que detinham o poder queriam a destruição do mundo, porque pensavam que podiam controlar a destruição por conta própria.

Eles estavam errados.

Os sons da soldagem cessaram e Ellie ergueu a cabeça novamente com um sorriso triunfante no rosto. Todos os hologramas desapareceram enquanto Piloto murmurava sobre algo que não estava funcionando, e o próprio Proteus foi forçado a retornar ao presente.

— Você consertou? — perguntou ele, tentando disfarçar o divertimento na voz.

— Claro que consertei. Não foi tão difícil, na verdade. — Ela se levantou, cambaleando um pouco antes de se equilibrar. — Acho que agora deve estar melhor. Podemos testar a água de novo?

— Se você quiser.

Proteus não tirava os olhos dela enquanto ela descia o escorregador. Não

era totalmente seguro para alguém como ela. Embora não fosse tão íngreme, ainda podia ser escorregadio, já que o interior estava bem liso. Ela precisava ter firmeza nos pés e ser cuidadosa, e essas não eram características que Ellie possuía. Ela era desajeitada e, muitas vezes, distraída.

Neste instante.

Ele observou o pé dela se prender em algo dentro da calha e ela tropeçar. Ele já conseguia prever o que aconteceria. Outro engenheiro havia caído exatamente da mesma forma nos primeiros tempos. Havia dois níveis para ela cair, assim como aconteceu com o homem. As costas dele fizeram um estalo horrível que assombrou Proteus por dias a fio.

Os seres humanos eram tão frágeis. Seus corpos eram tão fáceis de quebrar.

Com um movimento rápido da cauda, ele se impulsionou para a frente. Bem a tempo, conseguiu pegá-la. Seus braços absorveram o impacto quando ela caiu da borda de uma rampa e quase se matou na parede da seguinte. O dorso de seus braços bateu na pedra com força suficiente para fazê-lo grunhir, mas não o bastante para quebrar seus ossos, que eram muito mais fortes que os dela.

Ele a aconchegou mais perto do peito, sentindo o calor da pele dela contra a sua e soltando um longo suspiro de alívio.

— O que você estava fazendo? — ele finalmente sibilou. — Eu disse para você ter cuidado consigo mesma. Isso foi ter cuidado?

Seus olhos não se cansavam de observá-la. Percorriam seu pescoço, a blusa verde que era transparente demais, até a saia jeans que provavelmente a fizera tropeçar. Era muito comprida. Ele ia rasgar aquela coisa ofensiva na altura das coxas para que talvez ela conseguisse andar sem tropeçar a cada segundo.

Com os dentes à mostra, ele a encarou, observando sua expressão de olhos arregalados, e esperou que ela se defendesse. Ultimamente, ela

vinha discutindo com ele, e ele não a corrigia. Era saudável que ela o confrontasse em algumas coisas. Mas isso? Sobre isso, ele sabia que estava certo.

Em vez de discutir com ele, ela levantou a mão e pressionou a palma da mão contra a bochecha dele.

— Você sabia que tem sardas? — sussurrou ela.

— Não faço a mínima ideia do que sejam essas coisas.

— Pequenas pintas nas suas bochechas. Sardas geralmente são por causa do sol, mas duvido muito que você tenha ficado tanto tempo no sol. — O polegar dela roçou de leve a maçã do rosto dele, e o corpo dele inteiro esquentou com o toque. — Você é quase bonito, sabia? Se não fosse por...

Suas palavras se perderam no ar, mas seus dedos não. Eles suavizaram as linhas ásperas em suas bochechas, aquelas que sempre estavam ali, não importava o quanto ele tentasse esconder que sua mandíbula podia se deslocar e que ele provavelmente poderia tê-la engolido inteira. Ele não era como os outros ondinos. Ele sempre soube disso.

Os humanos geralmente não eram do tipo que achavam os habitantes do mar bonitos. O fato de ela olhar para ele e enxergar algo que pudesse ser considerado belo foi um choque para todo o seu ser.

Ele não conseguia parar de abraçá-la. Não conseguia largar aquele corpo quente que o aquecia até o âmago de seus ossos ancestrais. Ela o via como um homem. Como uma criatura que estivera com ela por tanto tempo, talvez, mas também como alguém bonito. Alguém gentil.

Os dedos dela pressionaram as rugas das bochechas dele, e ele atendeu ao seu pedido silencioso. Proteus abriu a boca, deixando o maxilar cair ainda mais, o queixo se desprendendo do resto do corpo dele, para que sua boca pudesse se abrir completamente e ela pudesse olhar para a profundidade dos muitos dentes que espiralavam pela sua garganta.

— Você é assustador — ela sussurrou, mas então ele sentiu a mão dela dentro de sua boca tocar delicadamente a ponta de um dente muito

afiado. — Mas eu não sinto medo quando olho para você assim. Isso significa que tem algo de errado comigo?
Ele fechou a boca para poder falar.
— Não, isso só significa que você é mais curiosa do que a média das pessoas.
— Presumi que você me chamasse de humana o tempo todo. Lembro-me de Malcolm dizendo que a maioria das pessoas debaixo d'água chamava os humanos de 'achromo'. — Ela o encarou, expectante, querendo saber por que ele usava palavras diferentes das usadas pelo Povo da Água.
— Eu não sou um ondino — decidiu dizer. — Eu não sou eles, e eles não são eu. Eu sou algo diferente, assim como você é algo diferente.
Ela murmurou baixinho.
— Acho que faz sentido. Você certamente não se parece com nenhum dos ondinos que eu já vi. E você trabalhou com os outros cientistas aqui por anos, não é?
— Eu fiz.
— Talvez você tenha captado mais da linguagem deles do que está percebendo. — E então... um sorriso radiante.
Era como olhar diretamente para o sol quando ela estava tão feliz. Seus olhos se franziram e seu nariz até se enrugou enquanto ela sorria para ele. Ela estava simplesmente feliz. Feliz por vê-lo, feliz por saber que ele estava usando palavras que ela conseguia entender. Mais feliz do que ele jamais a vira, e ele não fazia ideia de como lidar com tanta beleza.
Ele deveria colocá-la no chão e voltar para as profundezas gélidas. Talvez isso acalmasse os sentimentos que fervilhavam em seu peito, tão desconhecidos quanto tentadores.
Mas ele não o fez. Não conseguiu se obrigar a soltá-la, mesmo com a cabeça cada vez mais próxima da dela. Não conseguiu se conter enquanto respirava sobre os lábios dela, inalando o ar que ela exalava.
— Ellie — ele sussurrou, e o som do nome dela em seus lábios fez com

que todos os espinhos de sua espinha se eriçassem. — Você é diferente de qualquer pessoa que eu já conheci.

— Você esteve fora por duzentos anos. É só porque você não falou com ninguém por muito tempo.

Ele encontrou o olhar dela, tão perto que podia ver pequenos pontos dourados escondidos em seus olhos.

— Não, não é isso.

Ele avançou e a beijou. Era inevitável que isso acontecesse. Desde o primeiro instante em que a viu como algo mais do que um mero objeto, ele soube que devoraria seus lábios. Morria de vontade de descobrir qual era o gosto dela, além do doce sabor metálico do seu sangue.

Mas Proteus não esperava que o pequeno gemido ofegante que ela soltou o tentasse tanto. Beijar uma mulher assim era sacrilégio. Certamente ela se sentiria violada por uma boca como aquela que acabara de examinar estar tocando-a.

Ellie o surpreendia a cada instante. Ela passou a mão pela nuca dele e o puxou ainda mais para perto. Pressionando o torso contra o dele, parecia tentar penetrar nele com os lábios, os dentes e a língua.

Este foi o beijo inexperiente de uma mulher que nunca havia feito isso antes. Ela havia sido privada de prazer físico por tanto tempo que tudo veio à tona quando o beijou como uma mulher possuída.

Afinal, ele era apenas um homem, então retribuiu o beijo com a mesma intensidade.

Um gemido profundo queimou em seu peito, escapando de sua garganta com todos aqueles dentes afiados como navalhas enquanto ele a devorava. Ainda assim, sentia uma necessidade persistente de mastigar em vez de apenas lamber, mas reprimiu-a rapidamente.

Não haveria mais dor para ela. Nem vinda dele, nem de ninguém mais.

Quando finalmente se afastou ao ouvir o forte barulho metálico de um droide muito irritado e descontente com o que estava acontecendo,

Proteus encostou sua testa na dela e soltou um suspiro.

— Eu não...

Ela pressionou os dedos contra os lábios dele.

— Não estrague este momento com palavras, Proteus.

Então ele não fez isso. Ele apenas a segurou até que precisou soltá-la.

VINTE

Ellie

Ellie estava sozinha pela primeira vez desde que acordara nesta nova e estranha vida.

Piloto havia desativado todos os droides extras que fabricara. Eles não tinham mais utilidade agora que o lugar estava quase completamente limpo, e ele alegou que não queria que ficassem por perto, já que eram apenas cópias dele mesmo. Ela não o culpava por isso. Ellie sabia como era ter réplicas exatas de si mesma por toda parte. Era bastante assustador, e ela não conseguia imaginar o quão estranho devia ser para a Original de todos eles.

Mas, quando só restou o Piloto, ele a informou que iria às outras instalações para verificar o trabalho da lula. Todos deveriam estar online. A energia parecia estar voltando aos poucos neste prédio, o que significava que claramente algo estava certo. Mas Piloto precisava ter certeza de que tudo estava perfeito.

Ela o viu rolar para dentro da água e desaparecer, e uma sensação estranha a dominou.

Aquilo era... estranho. Solitário, talvez. Mas também era a primeira vez na vida que ela conseguia ficar em completo e absoluto silêncio, sem que ninguém mais falasse. Nem mesmo à distância.

A princípio, ela não tinha certeza do que fazer consigo mesma. Ela havia passado por uma das poucas portas que restavam sem a barricada contra a areia. Ela havia espiado para fora agora que as tempestades tinham passado para ver como era o mundo real.

De tirar o fôlego.

E aterrorizante.

Mesmo parada naquela porta, olhando para as vastas dunas de areia ondulantes, tudo o que ela conseguia pensar era que os humanos estavam condenados se vivessem ali. Não havia vida neste planeta. Apenas o sol escaldante, o calor intenso que fazia sua boca secar depois de apenas alguns minutos, e o deserto infinito.

Pelo que ela lera no diário da mulher, aquele lugar já fora verdejante. Plantas pontilhavam a terra até onde a vista alcançava, e ainda mais se continuassem. Árvores viveram ali. Ellie só as vira em fotos.

Mas agora, não havia nada. Alguns restos esqueléticos e retorcidos do que talvez um dia tivessem sido árvores ainda permaneciam de pé à distância, mas mesmo dali ela podia ver que não ofereciam sombra alguma.

Este lugar não poderia abrigar vida. A menos que as pessoas se refugiassem no subsolo, o que talvez tenha sido o plano desde o início.

Talvez. Ela não tinha muita certeza. O diário não lhe dera mais informações além do que estavam pesquisando, que envolvia muita manipulação genética e alteração genética impressionantes.

Que pena que não tenha funcionado. Talvez a história fosse bem diferente se tivesse funcionado.

Voltando para o ambiente fresco, ela se livrou da sensação de calor que ainda persistia em seus braços. Pelo menos o mar estava frio. Ela sempre poderia mergulhar se quisesse.

Mas enquanto Ellie permanecia no centro da sala, estranhamente entediada, tudo em que conseguia pensar era naquele beijo. Ela o chamaria de beijo, mesmo que ele não o chamasse. Seus lábios haviam roçado um no outro, e talvez ele estivesse apenas a saboreando. Não seria surpreendente que uma criatura como ele quisesse prová-la mais uma vez. Afinal, ele quase havia devorado seu braço.

Seus pensamentos sempre acabavam voltando ao beijo. Não importava

quantas vezes ela dissesse a si mesma que era tolice pensar nele como algo além de uma criatura demoníaca que vivia no mar. Ele era mais do que isso.

Ele era Proteus. Um deus do mar que lhe fora bondoso, mas também um homem que, dois séculos atrás, trabalhara arduamente para encontrar uma maneira de todos viverem juntos. Era um homem que presenciara tudo isso e que ainda estava ali. Lutando pelo que era certo.

Mesmo que Ellie não soubesse o que era certo.

Sentando-se numa cadeira que encontraram nos aposentos da mulher, ela recostou-se e ficou olhando para o teto. O que ele pensaria se soubesse para onde sua mente vagava constantemente?

Proteus fora quem a beijara. Ela retribuíra o beijo. Provavelmente de forma desajeitada, mas fora a primeira vez. Se ele tentasse de novo, ela tinha certeza de que o beijaria melhor do que antes.

Ellie queria. Ela queria beijá-lo novamente porque havia algo nele que... Ela não sabia como explicar.

Levantando a mão, ela roçou a ponta dos dedos nos lábios. Ele a beijara como um homem possuído. Não, um homem frenético. Ele desejara beijá-la há muito tempo, era o que aquele beijo dizia. Ele morrera de vontade de beijá-la, e a queda o assustara a ponto de perceber que não sabia se teria outra chance.

A fome em seu toque incendiara seu corpo. Ellie não era ignorante sobre sexo. Ela já tinha visto o suficiente disso em Tau para... Ela sabia como funcionava, mas apenas com homens humanos. Ela nem sabia se ele tinha um pênis. Até então, não tinha visto nenhum sinal dele, e imaginava que já o teria visto, considerando todo o tempo que passavam juntos.

Ela já tinha visto humanos fazendo coisas com mais do que apenas um pênis. Sua mente voltou à sala cheia de corpos contorcidos para onde Malcolm a levara certa vez. Ele estava lá para resgatar outro cientista do

meio da confusão, que estava muito atrasado para uma reunião importante. Mas ela não conseguia parar de olhar para as pessoas que estavam fazendo coisas deploráveis, porém muito excitantes de se observar.

Sua mão deslizou suavemente pelo pescoço, seguindo as linhas da garganta até chegar à blusa. Todos os homens naquela sala estavam tão interessados nos seios das mulheres. Ela imitou o que eles haviam feito com os próprios dedos, pressionando um círculo ao redor do mamilo antes de beliscá-lo com força.

Não era uma sensação tão boa quanto as mulheres naquela sala pareciam pensar. Mas até mesmo a lembrança delas tornava a sensação um pouco mais forte. Um pouco mais forte do que tinha sido antes.

Os gemidos que preenchiam aquele quarto a fizeram se perguntar o que poderia ser tão bom. Ela queria ouvi-los gemer daquele jeito por horas. Não apenas as mulheres, mas os homens também. Todos estavam apreciando cada toque, cada sabor.

Dessa vez, quando ela deslizou os dedos sobre a ponta dos seios, o toque pareceu ainda melhor. Era tão fácil para ela imaginar Proteus fazendo isso. Seus dedos longos e com articulações extras pareceriam uma aberração contra sua pele, e ainda assim ela queria senti-lo tocando-a assim. Queria sentir aqueles dedos longos cravando em sua pele, ver suas garras deixando minúsculos pontos de dor e sangue por onde passavam.

Jogando a cabeça para trás, ela pensou no que mais queria que ele fizesse. Havia, é claro, o pensamento intrigante daquela longa língua negra. Ele não fazia ideia do efeito que aquilo tinha causado nela. Ele tirou aquilo da boca e deixou pendurada nos lábios. Era tão comprida e claramente mais forte do que a língua de um homem comum.

Ela queria saber como seria a sensação de seus dentes deslizarem sobre sua pele. Talvez ele provasse sua barriga, pressionando aqueles dentes

afiados contra sua pele sensível ali, e ela saberia que, a qualquer momento, ele poderia mordê-la. A ameaça de sua força sempre a fazia estremecer e tremer de desejo. Será que ele sabia disso? Será que ele sabia que o pensamento de seu toque a fazia apertar as coxas?

Essa sensação era tão nova. O calor que percorria sua pele era difícil de compreender. Tudo o que ela sabia era que queria continuar se tocando. Queria sentir mais dessas sensações, perseguir o que sua mente havia criado.

Sua mão alisou a barriga e brincou com a cintura da saia. Ela também tinha visto o que os homens e as mulheres faziam entre as pernas. Os homens eram mais óbvios, claro. Com os pênis nas mãos, não pareciam nem um pouco constrangidos em se tocar e bombear lentamente os punhos para cima e para baixo sobre aquela carne inchada.

Mas Ellie não conseguira ver o que as mulheres estavam fazendo. Tudo estava tão escondido entre as pernas delas. Agora, porém, ela queria descobrir como seria se tocar. Só por um instante. Queria saber se seria tão bom quanto as outras haviam descrito.

Desabotoando os primeiros botões da saia, ela se concentrou na sensação dos dedos. A pele entre as pernas era macia e úmida, a ponto de lhe causar um leve arrepio ao tocá-la. Mas, por mais que fizesse, os dedos não eram suficientes.

Pelo menos, até que ela pensasse nele. Até que ela imaginasse Proteus entre suas pernas, sua mandíbula enorme e desarticulada se desdobrando entre suas coxas para que sua longa língua pudesse se juntar aos seus dedos.

Ela jurou que ainda conseguia senti-lo. A sensação daquele músculo longo e grosso envolvendo sua panturrilha. Ele deslizaria a língua mais para cima, até suas coxas, mas o tecido do jeans o impediria por um instante. Ofegante, ela imaginou aqueles dedos longos desabotoando a saia, um a um. Cada botão se abriria, a sensação desses estalos ecoando

por todo o seu corpo enquanto ele subia cada vez mais.
A língua dele era tão quente. Tão macia. Ela podia sentir o rastro de um líquido espesso e viscoso que ele deixava enquanto a deslizava pela sua coxa, mas isso não importava. Ela gostava da sensação. Gostava de saber que um monstro estava prestes a devorá-la por inteiro.
E então ela pôde sentir a respiração dele entre as pernas. A ideia era tão estranha quanto familiar: em breve, a língua dele deslizaria entre suas dobras. Por ora, ele queria que ela sentisse o ar quente de sua boca acariciando um lugar que ela ainda não havia descoberto em seu próprio corpo.
Ela abriu os olhos, com os dedos ainda mergulhados no calor líquido, apenas para perceber que não havia imaginado nada daquilo.
Ellie olhou para o próprio corpo e viu um monstro entre as pernas. Seus olhos escuros pareceram ainda maiores ao encontrarem o olhar dela. Aquela boca estava de fato aberta, uma visão estranha de dentes que não paravam de se estender, mas sua longa língua negra estava ali, bem perto. Ainda lambendo suavemente a dobra de sua coxa, tão perto de onde seus dedos ainda se moviam.
A pergunta em seu olhar era óbvia. Ela poderia pedir que ele parasse, e ele pararia. Ele voltaria sorrateiramente para a água e a deixaria em paz.
Mas ela não queria que ele parasse.
Ellie respirou fundo, tentando se acalmar, e então afastou os dedos lentamente. De qualquer forma, ela não estava conseguindo terminar o trabalho. Queria saber o que ele seria capaz de fazer se estivesse no controle.
Um gemido longo e retumbante ecoou do fundo do seu peito, e então ele avançou. Sua boca era enorme. Os dentes se fecharam acima do osso pélvico dela, não com força suficiente para fazê-la gritar, mas ainda assim uma ameaça que, de alguma forma, intensificava aquela interação.
De repente, a língua dele substituiu os dedos dela, e os olhos dela

reviraram. A sensação daquela língua poderosa e musculosa pressionando e deslizando sobre o clitóris era quase insuportável. Combinada com a sensação dos dentes que a envolviam por toda a cintura?

A mente de Ellie se fragmentou. Tudo em que ela conseguia se concentrar era naquela língua longa e quente percorrendo sua pele mais sensível. A respiração entrava e saía de seus pulmões enquanto ele a girava cada vez mais alto, para um lugar que ela nem sabia que existia.

Seus músculos se contraíram. Por algum motivo, ela envolveu a cabeça dele com as pernas, pois parecia ser a única maneira de se firmar. Ela até tentou se abaixar e agarrá-lo, mas ele soltou outro rosnado e colocou as mãos dela nos braços da cadeira.

Ela agarrou-se a ele como se sua vida dependesse disso. No instante em que o fez, a língua dele desceu para explorar seu centro.

Ela sabia que isso tinha que fazer parte daquilo. Ela tinha visto pessoas fazendo sexo e sabia que havia algo no homem que entrava na mulher. Mas ela não tinha imaginado que seria assim.

Quente e escorregadia. Ondulando dentro dela até que ele soltou um som retumbante como o de uma baleia, que acabou vibrando sua língua enquanto ele a movia cada vez mais fundo dentro dela. A estranha sensação de algo desconhecido deu lugar ao puro prazer à medida que aquela vibração a levava cada vez mais perto do clímax.

A que limite ela não tinha ideia. Tudo o que podia fazer era continuar agarrada à cadeira e ficar o mais imóvel possível, porque ele tinha apertado ainda mais os dentes. Se ela se movesse, cortaria o corpo naquelas bordas afiadas.

Ellie estava completamente à mercê dele enquanto ele a lambia por dentro, penetrando-a cada vez mais fundo a cada movimento, o que a fazia querer gritar por misericórdia e implorar para que ele nunca parasse.

Ela tentou formular palavras, mas elas não vinham. Ela não conseguia encontrar uma maneira de dizer para ele não parar, mas não precisava. Era óbvio que ele não ia parar.

E então a língua dele encontrou um ponto profundo dentro dela que fez o prazer brilhar em seus olhos. Ela prendeu a respiração quando ele deslizou por ali e soube no instante em que ele reconheceu sua reação. De repente, ele atacou aquele ponto. Aquela língua quente e vibrante lambendo rapidamente exatamente onde ela mais o desejava.

Suas costas se curvaram, suas mãos se apertaram com mais força nos braços da cadeira. Cada músculo do seu corpo se tensionou e se contraiu, buscando algo que ela temia que pudesse machucá-la, mas então...

Bênção.

Ela sentiu os músculos internos se contraindo em torno da língua dele, tentando extrair dele algo que não era totalmente possível com uma língua como aquela. Seu peito doía e então se acalmou enquanto tudo dentro dela se transformava em líquido de alívio.

Ela não fazia ideia do que tinha acontecido. Mas tinha visto pessoas em Tau reagirem da mesma forma, e agora sabia como era estar lá. Agora sabia que maravilha era sentir-se conectada assim com outra pessoa.

Abrindo os olhos novamente, ela o encarou, ainda entre suas coxas. Ele havia retirado a língua, mas continuava a lamber suavemente entre suas coxas, acalmando-a durante o que fora seu primeiro orgasmo.

Proteus parecia relutante em deixá-la ir. Mas, eventualmente, abriu as mandíbulas, retirando os dentes da carne dela, onde haviam mordido fundo demais. Pequenas pontadas de dor se fizeram sentir, mas ela não se importou. Ellie nem ligou quando gotas de sangue escorriam das feridas, deslizando pelo torso dela como se ele o tivesse decorado com rubis.

Proteus olhou para eles com uma estranha mistura de emoções nos olhos. Ela jurou que ele estava triste, mas também imensamente satisfeito por

ver aquelas marcas.

— Eu prometi que não te machucaria de novo — disse ele, enquanto seu maxilar se fechava novamente. — Parece que eu menti.

Ela estendeu a mão em direção ao rosto dele, acariciando-o para que ele a olhasse.

— Não doeu. Você me deu um presente, Proteus.

O sorriso no rosto dele era decididamente malicioso.

— Acredite em mim, Sisu. Foi você quem deu esse presente.

VINTE E UM

Proteus

Proteus não tinha tempo para se distrair tanto, e ainda assim, lá estava ele. O gosto dela ainda persistia em sua língua. Os sons que ela emitia em meio ao êxtase da paixão o assombravam a cada instante, tanto acordado quanto sonhando.

Ele não conseguia tirá-la da cabeça. Cada segundo do seu tempo era gasto pensando nela, e mesmo assim, a sensação parecia ficar cada vez mais forte.

O plano era a única coisa em que ele deveria se concentrar. Proteus sabia muito bem que não havia outra pessoa em todo o oceano capaz de fazer o que ele fazia. Se executasse tudo corretamente, finalmente poderia levar os humanos de volta para onde pertenciam. Ele poderia libertar o Povo da Água de seus grilhões e garantir que o mundo voltasse a ser como era antes.

Ele podia e ia fazer isso. Era o seu destino, como contavam os antigos, desde o primeiro instante em que nasceu. Ele estava destinado a reunir este mundo, recolocando as peças no todo, como sempre deveriam ter sido.

E, no entanto, lá estava ele. Distraído pelo clone de uma mulher que estava morta, e não conseguia parar de pensar nela.

Não a original. Não a mulher que fora a primeira. Mas esta mulher maravilhosa, cativante e honrada, que lhe dedicara toda a sua atenção e foco desde o primeiro instante em que ele a acordara.

Mas ele precisava se mexer. Não podia ficar ali com ela para sempre, sabendo que, não importa o que fizesse, só conseguiria se concentrar no

gosto dela e nos sons que ela fazia.
Proteus deixou ela e Piloto no Santuário. Ambos receberam instruções muito rigorosas para que estivessem preparados quando ele retornasse.
Ellie deveria se concentrar em construir hologramas que inspirassem as pessoas que ele trouxesse consigo. Ele confiava que ela conhecia a mente humana e sabia o que as convenceria de que era uma boa ideia deixar o mar para sempre.
Piloto deveria ficar e vigiar Ellie. O droide a manteria em segurança e a ajudaria em sua tarefa, mas não deveria partir para outra instalação como fizera antes. Tal comportamento resultaria no apagamento de toda a memória do droide, e ele se certificaria de que Piloto esquecesse cada grama do que aprendera em todos esses séculos desde sua criação.
A ameaça talvez fosse vazia. Proteus sabia que precisava do droide. Mas saber que Ellie tinha sido deixada sozinha justamente porque Piloto estava entediado o fez querer arrancar as partes metálicas dele e gritar no vazio que restava.
Nenhuma das duas tarefas era fácil. Proteus nadou por cima de um monte de pedras que outrora fizera parte de uma torre imponente. Ele se lembrava tão bem daquele lugar de quando era menino. Havia tanta coisa ali que o fascinava.
Antigamente, aquele lugar fora um berçário para lulas gigantes. Elas eram maiores que ele, o que era surpreendente considerando que ele... Sempre foi enorme, mesmo quando era criança. Mas agora não havia mais nada ali. Apenas escuridão e um deserto.
O mar ainda lambia suas feridas. Depois de séculos de maus-tratos, havia muito em que ele se concentrar ali. Seu lar ainda sangrava, e ele precisava dar atenção a isso. Não a ela. Não à mulher que deixara para trás, que ele sabia estar em segurança.
Ele precisava se concentrar no mar que iria salvar e no mundo que deixara para trás. Tudo poderia ser consertado se ele conseguisse tirar os

humanos do mar. Então, ele finalmente estaria fazendo aquilo para o qual fora criado.

Mas primeiro, ele precisava convencê-los. Felizmente, ele esperava que isso fosse fácil.

Há algum tempo, ele vinha sendo seguido. Sabia quem o seguia pelo cheiro nas ondas. Esse andarilho das profundezas o procurava há eras. Foi ele quem primeiro encontrou seu túmulo, embora Proteus ainda não tivesse perdoado o homem por não tentar libertá-lo.

Fortis, pensou ele, era o nome do andarilho das profundezas. Se ele se lembrava corretamente do fantasma de sua esposa falando com ele, Fortis era quase como um sacerdote humano para seu povo.

Ele via o futuro. Ele falou com os deuses. E agora, essa criatura colossal das profundezas estava prestes a encontrar um de seus próprios deuses pela primeira vez.

Mas os andarilhos das profundezas eram espertos. Conheciam as ondas melhor do que ninguém e sabiam seguir à distância o que quer que estivessem rastreando. Proteus precisaria atraí-lo para fora. Uma tarefa que poderia ter sido mais difícil se o próprio Proteus não fosse uma criatura tão estranha de se ver no oceano.

Ele permitiu que seus ossos brilhassem. Reluzindo na escuridão do mar, ele sabia que nenhum ondino seria capaz de evitar tentar descobrir o que havia mudado em algum animal que vivia em seu lar.

Nada mais se parecia com ele, e essa curiosidade poderia muito bem ser o fim de qualquer andarilho das profundezas que pensasse que poderia controlá-lo. Mesmo assim, Proteus nadou mais devagar pelas ondas e esperou que Fortis se aproximasse o suficiente.

Essa linhagem específica da espécie deles deveria tê-lo reconhecido imediatamente. Afinal, foram os pais de Proteus que lhes deram seus poderes.

Pensando bem, havia um dos seus que era quase um descendente direto

dos antigos como ele. Talvez fosse assim que ele começaria a conversa, porque Fortis quase certamente reconheceria o nome.

Proteus parou, flutuando onde estava enquanto seus ossos brilhavam ainda mais. Eram tão intensos que nem ele conseguia enxergar além da luz.

— Eu estava procurando alguém para perguntar se Mitera ainda estava viva — disse ele, com a voz ecoando pelo oceano. — E em vez disso, encontro um rosto familiar.

A escuridão ocultava Fortis de sua vista. O fanático religioso provavelmente desejaria permanecer escondido naquela escuridão até ter certeza de que era seguro falar com Proteus. Mas então sua voz veio da escuridão, e Proteus soube exatamente onde o homem estava escondido.

— Mitera ainda vive — gritou Fortis de trás de uma das muitas torres que ainda estavam de pé. — Mas ela não fala com qualquer um. Quem é você?

— Você já me conheceu antes.

— Nunca vi ninguém como você neste mar. Nem em nenhuma visão do futuro. O que significa que você é uma anomalia, que não merece estar nestas terras sagradas.

Ao menos eles se lembravam de que os locais de acasalamento eram proibidos para o Povo da Água. De alguma forma, Proteus duvidava que eles se lembrassem do porquê de aquela área do mar ser proibida. Era perigoso estar na água quando as lulas atacam quem estiver por perto durante a época de acasalamento.

Suspirando, ele respirou fundo e deixou bolhas escaparem de suas guelras.

— Não me pareço com alguém que você já conheceu?

— Eu me lembraria de tal criatura.

Ao menos Fortis conseguia vê-lo bem o suficiente. Ele saberia que não devia atacar. Proteus era grande demais e muito perigoso.

— Vocês me encontraram não faz muito tempo — disse Proteus. — Eu estava preso em um caixão, aprisionado ali pelo seu povo, que não queria mais adorar seus deuses. E agora vocês me encontraram novamente.

Ele quase podia ouvir Fortis pensando. O homem ponderou as palavras até finalmente chegar à conclusão de que Proteus queria que ele fizesse isso. Eles já haviam se encontrado antes. Fortis havia interpretado suas palavras como profecia, então, como deveria ter feito.

— O deus no fundo do mar — murmurou Fortis. — Você foi libertado?

— Chegou a minha hora de voltar. Retornei para casa e agora guiarei você e seu povo para a próxima etapa do seu futuro. — Proteus permitiu que seus ossos perdessem um pouco do brilho, o suficiente para que Fortis não o visse como um farol reluzente na escuridão, mas ainda assim conseguisse distinguir as feições monstruosas de seu rosto. — Você é quem me ajudará em tudo isso.

— Não posso ajudar muito. Meu povo já criou seu próprio plano. — Um movimento de sua cauda surgiu por trás da torre. Ele estava se esquecendo de se esconder, pelo menos. Isso era um bom sinal. — Eles estão reconstruindo as cidades. Estão construindo uma nova cidade neste exato momento. Continuarão construindo até sentirem que todos os povos podem viver juntos, humanos e o Povo da Água.

— E se eu lhe dissesse que eles poderiam viver em terra firme novamente?

O silêncio repentino fez o mar parecer pesado. Mas ele podia sentir a deusa girando em torno de sua própria cauda e sabia que ela também havia se movido para Fortis. O próprio mar estava entusiasmado com a ideia de eliminar os humanos de uma vez por todas. Ela implorava a Fortis, puxando suas guelras e suas barbatanas até ter certeza de que ela aprovava o plano.

— Eles conseguiriam ver o sol? — perguntou Fortis em voz baixa. — Tão

poucos deles conseguem.

— Mas apenas vislumbres. E se eles pudessem ver isso todos os dias?

— As tempestades são muito fortes.

Ele zombou.

— As tempestades são fortes, sim. Mas é possível sobreviver a elas com a tecnologia certa e as casas certas. Além disso, elas podem ser controladas a tempo.

— As tempestades não têm solução. Elas assolam a Terra há séculos porque a própria Terra está furiosa com os humanos. Isso não pode ser resolvido em uma geração, muito menos em várias. — Mas, novamente, a cauda se moveu, e Proteus percebeu que o andarilho das profundezas estava refletindo sobre suas palavras. — Como você vai convencer os humanos a irem para a superfície? Não há para onde irem.

— E se eu tivesse um lugar para onde eles pudessem ir?

Novamente, aquele silêncio. Mas agora ele o interpretava melhor. Ele podia sentir que o andarilho das profundezas estava interessado.

Então ele se moveu. Fortis surgiu de trás da alta torre, e ele era tudo o que Proteus esperava que fosse. Uma criatura colossal, violeta porque essa era a cor favorita dos antigos. Embora seu peito fosse pálido, era óbvio que ele era coberto de músculos. Cada parte de seu corpo era feita para ser uma arma, mas ele só a empunharia se precisasse ou se o mar o ordenasse.

Que espécime! Este era o tipo de criatura que Proteus se orgulhava de chamar de sua. Estes eram os homens e mulheres que lutariam até a morte para proteger o que era seu, e que ele sabia que sempre fariam uma escolha pensando no bem-estar de seu povo.

— Você busca o futuro — disse Proteus, sem rodeios. Ele sabia o que um sacerdote como aquele esperava. Sem acordo. Isso só aconteceria se Proteus não pudesse apresentar provas de que o que ele dizia era verdade.

— Consigo ver o futuro por conta própria.
— Você consegue? Consegue ver esse futuro que eu irei concretizar? — Proteus deu de ombros. — Ou talvez você não seja capaz de tal coisa. A única maneira de saber com certeza é se eu tocar em você. Se eu guiar você.
Fortis devia saber que aquilo era uma armadilha. Ele olhou para Proteus como se o que ele oferecia fosse veneno, e o andarilho das profundezas não estava errado. Tocar um deus não era tarefa fácil, especialmente para o seu povo.
— Você vai me mostrar o futuro? — perguntou Fortis, visivelmente tenso.
— Mostrarei a você tudo o que sempre vi. Aquilo que os antigos que me criaram me incumbiram de criar. É um futuro construído por alguém que sabe o que está fazendo. — Proteus estendeu a mão. — Deixe-me mostrar-lhe, Fortis. Permita-me guiá-lo.
Embora Fortis ainda hesitasse, estendeu a mão e apertou a de Proteus. Foi um erro da parte dele, mas tudo fazia parte do plano de Proteus.
Com uma onda de magia inata, Proteus os lançou na profecia que ele nascera para cumprir. O futuro era algo que não seria conquistado facilmente. Ele se lembrava dessa profecia fragmento por fragmento. Nunca vira nenhuma alteração nela, pois era a única profecia imutável.
Os humanos retornariam à terra. Eles sabiam caçar e se virar sozinhos, mas o Povo da Água ainda seria uma parte importante de suas vidas. Eles negociariam entre si frequentemente e, com isso, ambos os povos prosperariam.
Os humanos estavam completamente seguros? Não. As ondas de tempestade ainda os ameaçavam, os furacões ainda podiam matá-los, mas eles estavam trabalhando para acabar com tudo isso. As tempestades começariam lentamente a entender isso. À medida que a terra se recuperava e à medida que a terra se tornava mais segura,

também diminuiriam as tempestades causadas por uma região turbulenta que buscava constantemente reencontrar seu equilíbrio. Eles precisavam apaziguar a fera, e só poderiam fazer isso estando presentes no local.

Suas casas eram mais baixas, mais atarracadas e muito mais resistentes do que antes. Suas pesquisas se concentrariam em curar suas terras e tornar suas vidas mais fáceis, além de conviver com o Povo da Água. Ele conseguia visualizar tudo. Vastos centros urbanos se estendiam nas profundezas do subsolo. Alguns deles até mesmo invadiam o mar, permitindo que todos trabalhassem juntos, mas nenhum deles ocupava muita da água que já estava furiosa com todos eles.

Mas então Proteus percebeu que havia algo diferente na profecia, afinal. Havia partes obscuras no fundo que ele nunca tinha visto antes. Partes de um futuro que poderiam ser alteradas, e algo que poderia ser afetado.

Pessoas? Talvez. Talvez fosse um sinal de que encontrariam mais humanos vivendo naquelas terras. Em breve, se tivessem sorte, poderiam encontrar aliados que os ajudariam muito mais do que os prejudicariam. Tudo isso eram bons indícios de que ele estava no caminho certo.

Todos eles estavam.

Finalmente, ele se afastou de Fortis, observando o andarilho das profundezas estremecer como se tivesse sido atacado por uma enguia elétrica. Proteus agarrou o queixo dele, obrigando o outro homem a olhar para ele.

— Você tem sorte, amigo. Você me encontrou na hora certa. Essa dor vai passar, e você levará essa informação ao seu povo. Existe uma instalação onde você os levará, a si mesmo, para ver esse futuro com seus próprios olhos e não apenas como uma profecia feita pelos antigos há muito tempo. Enviaremos as coordenadas para você através de um de seus droides. E você nos ajudará, Fortis. Você nasceu para isso.

Ele partiu, deixando o grande macho à deriva até o fundo do mar, onde

esperaria até que o veneno da profecia de Proteus finalmente deixasse seu corpo.

Chegou a hora de esse plano mostrar resultados. Proteus cansou de esperar.

VINTE E DOIS

Ellie

Ellie ainda não entendia o plano. Ele queria provar que era um deus para aquelas pessoas, que deveriam tê-lo adorado por séculos, mas que o haviam esquecido. Ela entendia essa parte.

O que ela não entendia era por que alguém como ele precisava provar que era quem dizia ser. Bastava olhar para ele. Até mesmo o ondino percebeu que havia algo diferente em Proteus. Ellie já tinha visto outros da espécie deles antes. Ela os observara pendurados nos tanques em Tau e até ajudara a tomar notas sobre as dissecções. Ela os vira centenas de vezes, talvez até mais.

Proteus não era como eles. Só de olhar para ele já dava para perceber isso, mas era mais do que sua aparência. Era o jeito como ele se movia. Como falava. A estranheza do seu olhar e a forma como ele conseguia enxergar através dela. A determinação em consertar o que estava quebrado e a obstinação com que seguia em frente até o fim.

Proteus sabia o que estava fazendo. Ele estivera no passado e vivera por tanto tempo. Qualquer um que não acreditasse que ele soubesse como consertar este mundo devia ter perdido um pouco do juízo.

Piloto resmungou baixinho, verificando os últimos módulos que havia programado para tornar a situação ainda mais impressionante quando os visitantes chegassem.

— Está pronta? — perguntou ele.

— Tão preparada quanto jamais estarei. — Ela estava escondida atrás de uma parede improvisada, mas uma que jamais seria vista por alguém que não soubesse como funcionavam as areias movediças. A porta que

dava para a sala estava escondida atrás de uma duna de areia. Tudo o que ela precisava fazer era apertar os botões certos para garantir que o processo manual dos hologramas estivesse funcionando corretamente.

Mas havia algo de errado nisso. Não estava conseguindo que as pessoas o adorassem como ele merecia. Era tudo ilusão. Truques de salão que encantavam a mente, mas não significavam absolutamente nada.

Será que essas pessoas não deveriam enxergá-lo como ele era e fazer sua própria escolha a partir daí? Ela sempre pensara que adorar deuses exigia algum tipo de fé. Proteus deveria lhes dizer quem ele era, mostrar-lhes os antigos locais de culto e deixá-los decidir por si mesmos.

— Consigo ver seus pensamentos fervilhando nessa sua cabeça — resmungou Piloto enquanto fazia um último ajuste. — É tarde demais para desistir agora. Estamos aqui por um motivo.

— E se ele estiver errado?

— Então ele está errado. — Ela jurou que havia mais por trás do que ele disse. O droide concordou com ela. Ele havia levado um bom tempo programando aqueles hologramas. Ela sabia que eram fáceis de criar, ainda mais fácil de acessar os dados antigos que permitiam o uso das imagens de outras pessoas. Mesmo assim, ele havia levado muito tempo para se preparar para isso.

Com os olhos semicerrados, ela apontou para o pequeno caranguejo que saltou para o chão com um leve baque.

— Você está escondendo algo de mim. Qual é a sua verdadeira opinião?

Piloto pareceu suspirar, um feito e tanto para um droide, e então olhou para ela.

— Você e eu fomos programados para seguir ordens, não fomos?

Foi como se ele tivesse cravado uma flecha no coração dela. Essa era a verdade, o que ele disse. Ela fora programada para seguir ordens. A vida inteira lhe disseram para fazer o que os outros mandavam e para não questionar o porquê. Ela era uma marionete. Uma boneca. Alguém que

nunca precisou pensar por si mesma.
Mas isto... Ela sabia que aquilo estava errado. No fundo, ela sabia que ninguém que tivesse sobrevivido tanto tempo fora das cidades, as mesmas pessoas que haviam derrotado os vastos e aparentemente todo-poderosos Tau, acreditaria numa história como aquela.
Eles veriam os hologramas pelo que realmente eram. Saberiam que estavam sendo enganados. Tudo desmoronaria sobre suas cabeças, e ela não tinha certeza se havia outra maneira de se recuperar disso.
Então ela esperou, como deveria. Mas ligou as poucas câmeras que haviam sobrevivido a todo esse tempo para poder observar as águas borbulharem e se agitarem com a chegada de Proteus. Ele emergiu da água, seu enorme comprimento serpenteando pela abertura por um tempo que pareceu infinito, antes de se enrolar no centro de um pódio que outrora abrigara um enorme tanque cilíndrico.
Isso lhe dava o palco perfeito para dominar todos os outros que vinham até ali para ver a verdade sobre o deus que os havia convocado. Ellie sentia que era a única capaz de enxergá-lo como ele realmente era. Talvez nem mesmo Proteus percebesse o quão maravilhoso ele podia ser, e o quanto sua mera presença fazia os outros sentirem que precisavam se curvar e adorá-lo.
As águas se agitaram logo depois dele. Mas ele não havia trazido os convidados até ali. Ele havia enviado uma mensagem.
Ou melhor, ele havia pedido ao Piloto para enviar uma mensagem. Assim, as pessoas que chegavam sabiam que aquela instalação estava ali. O que elas não sabiam era que a instalação estava viva agora. Respirando como antigamente. Um Santuário vivo, cheio de potencial que ela sabia que eles iriam concretizar. Eles não precisavam de um deus, eles precisavam de...
Esperança.
Todos os que viviam naquele momento precisavam de esperança e de

perceber que havia um futuro neste mundo e no Além. Precisavam de provas, não de alguém que lhes dissesse o que fazer. Precisavam de uma escolha.

Assim como ela precisava dessa escolha durante todos esses anos.

Engolindo em seco, ela abriu o código dos hologramas e começou a alterá-los. Proteus ficaria furioso. Ele ficaria muito bravo com ela, e ela sabia que não estava preparada para lidar com aquela fúria. Ela já o tinha visto furioso antes. Já havia perdido o braço para ele, e agora não havia uma cápsula por perto para reconstruí-lo.

Mas ela precisava tentar. Ela era a única que conseguia entender como aquelas pessoas se sentiam. Talvez Piloto conseguisse de alguma forma. Ela imaginou que o droide soubesse o que era receber ordens quando ele próprio conhecia um jeito mais fácil de fazer o que lhe mandavam.

Ellie ergueu os olhos para ver o grupo de pessoas que havia chegado. Não eram tantas quanto ela imaginava. Claramente, lá estava a grande besta roxa com quem Proteus havia falado antes, mas havia apenas três outros ondinos que o acompanhavam. Azul, vermelho e amarelo, os quatro ocupavam todo o espaço daquela pequena piscina.

Então ela viu os outros. Seus dedos pararam onde estavam digitando os novos protocolos para os hologramas. Quatro mulheres saíram da água. Quatro mulheres humanas.

Todas usavam roupas de mergulho, semelhantes à que Ellie usava quando acordou pela primeira vez. Elas removeram peças mecânicas de seus rostos, e suas expressões determinadas eram tão aterrorizantes quanto inspiradoras. Uma delas se destacou das outras, revelando-se ruiva ao abaixar o capuz de sua roupa de mergulho.

Ela falou, e Ellie conseguiu ouvi-la através da parede enquanto sua voz ecoava por todo o corredor.

— Eu não acredito em deuses. Portanto, quero saber exatamente o que você é e por que acha que pode nos dizer o que fazer conosco.

Uma onda de entusiasmo percorreu o corpo de Ellie. Aquela mulher nem sequer parecia ter medo ao enfrentar uma criatura que se assemelhava a Proteus. Como ela era tão corajosa? Como estava tão disposta a proteger os seus, mesmo diante de uma besta tão terrível?

— Seu povo nunca me venerou — respondeu Proteus, com voz trovejante e profunda. — Mas o povo do seu companheiro sim. Eles sempre foram mais inteligentes que os humanos.

Ela sabia que era nesse momento que deveria ativar os hologramas. Era nesse momento que deveria transformar a sala inteira em um hospício futurista que sobrecarregaria os sentidos deles e daria a Proteus a vantagem. Ela não fazia ideia de qual era o plano dele dali em diante. Provavelmente, ele tinha alguma ideia maluca de como subjugá-los de alguma forma.

Em vez disso, ela repassou rapidamente os últimos detalhes do novo protocolo. Ela cronometrou tudo para ter alguns instantes para falar e, em seguida, deixou seu posto.

— O que você está fazendo? — Piloto sussurrou para ela enquanto ela se dirigia para a porta.

Ela não tinha muita certeza. Pela primeira vez na vida, Ellie não tinha um plano nem ninguém para lhe dizer o que fazer. Tudo o que podia fazer era seguir sua intuição. Ao sair, pegou uma pasta onde havia reunido suas pesquisas. As bordas afiadas de plástico a incomodaram no peito, pressionando-a contra o esterno.

Deixando a porta se abrir, ela saiu para a sala onde estavam os outros.

Tantos olhares se voltaram para ela, mas eram os olhares das outras mulheres que mais lhe interessavam. A ruiva permanecia imóvel na frente, alta e musculosa. Ao lado dela, uma loira bonita, uma mulher mais curvilínea de óculos e cabelo curto, e atrás das outras duas, uma figura imponente. A última mulher era enorme e muito mais alta do que Ellie jamais vira alguém, exceto... exceto...

— Você — disse a mulher alta. — Você me é muito familiar.
Ellie pressionou a mão contra o peito.
— Acredito que minha Original possa ter sido, sim. Mas eu não sou quem você pensa que eu sou.
A mulher alta abriu caminho até a frente da multidão, e Ellie se lembrou de pessoas como ela. Elas tinham sido guardas, guardas pessoais dos Originais, geneticamente alteradas para serem as melhores em seus respectivos trabalhos. Eram guerreiras impressionantes, mas haviam sido treinadas para serem assim.
A mulher poderia ter chegado até ela se a cauda de Proteus não tivesse se estendido, atingindo-a no peito e jogando-a de volta na água. Ellie percebeu que o ondino roxo foi quem estendeu a mão para ajudá-la a cair.
— Ninguém a toca! — sibilou Proteus, mas então se virou para ela, com a raiva ardendo nos olhos enquanto sibilava: — O que você está fazendo?
— Impedindo que vocês cometam um erro. — Ellie apertou a pasta contra o peito, segurando-a com toda a coragem que conseguiu reunir. Sua voz tremia enquanto se dirigia aos recém-chegados. — Eu sei que pareço alguém em quem não se pode confiar. Parte de vocês reconhece isso, e eu sinto muito pela imagem que a história criou de mim. Mas tenho certeza de que vocês estão aqui por um motivo. Assim como eu.
O silêncio que se seguiu às suas palavras fez seu coração doer. Mesmo assim, ela prosseguiu. Era o jeito certo de fazer isso. Ela tinha certeza disso.
Os hologramas ganharam vida. Mas não se moviam, não como Proteus queria. Eram imagens estáticas do que aquela sala fora um dia. Ondinos congelados nos canais acima deles. Cientistas debruçavam-se sobre as bordas, mostrando seu trabalho às criaturas das profundezas que os aconselhavam. Os tanques eram semelhantes aos de Tau, mas não abrigavam ondinos nem corpos monstruosos e dilacerados. Estavam

repletos de pequenos corais e peixes que nadavam ao redor.
O local era elegante, luminoso e cheio de vida.
— Costumávamos trabalhar juntos — ela sussurrou. — Isto não é programado. É um retrato do que já foi. Séculos atrás, quando humanos e ondinos trabalhavam juntos para consertar o que estava quebrado. Todos aqui sabiam o que se aproximava rapidamente e todos estavam tentando impedir.
Com um som de raiva, a mulher alta se puxou para fora da água.
— Eu conheço o passado. Eu vi o que nosso povo fez. Ninguém tentou impedi-lo.
— Alguns tentaram! — insistiu Ellie. — Talvez não fossem as pessoas no poder que estavam tentando mudar o futuro, mas ainda havia gente lutando até o fim.
Ela estendeu a pasta para a ruiva alta pegar, e ela o fez sem hesitar.
Ellie não pôde deixar de dizer: — Parece que ainda havia pessoas lutando mesmo depois do fim. Pessoas que eram mais sábias do que qualquer um de nós. Elas estavam tentando reverter os danos e o que havia sido feito ao nosso mundo. Pessoas que deixaram um legado que só nós podemos continuar.
Ali estava. Sua alma sabia. Seu coração sabia.
A resposta.
As palavras brotaram de seus lábios.
— Eu sei que parece que vocês já superaram batalhas incalculáveis. Vocês lutaram em uma guerra. Vocês derrotaram as pessoas corruptas que destruíram tudo o que tínhamos. É demais pedir que vocês façam mais, mas é por isso que vocês estão aqui. Podemos resolver isso. E não seria uma pena se nem sequer tentássemos?
A ruiva franziu a testa ao abrir a pasta. — O que é isso?
— Anotações dos cientistas que trabalharam aqui. Eles estavam tentando reverter os danos, como eu disse. Há muitos outros projetos também que

são... bem, nenhum cientista até agora parece ter sido totalmente ético na forma como lidou com o fim do nosso planeta como o conhecíamos, mas ainda assim. Há tanto conhecimento nessa pasta. E eu acredito que se combinássemos nossos esforços, então...

— Não é isso que vamos fazer. — A voz de Proteus a interrompeu, e cada palavra transbordava fúria. — Eles receberão ordens minhas. Aprenderão na prática.

— Você não pode pedir que eles confiem cegamente em você! — Ellie nunca havia gritado antes. Mas era bom sentir raiva assim. Desafiá-lo, algo que nunca havia feito antes.

Ele a encarou, com a boca ligeiramente aberta e aqueles olhos escuros faiscando.

— O que você disse?

— Você precisa dar a eles a escolha, Proteus. Eles precisam saber tudo o que você está pedindo e precisam escolher por si mesmos. — Ela apertava as mãos com tanta força que as unhas cravavam na pele. A dor a ancorava. — Não podemos ordenar que ninguém nos ajude, porque aí a ajuda não seria genuína. Eles precisam enxergar esperança neste futuro, assim como você e eu. Eles precisam escolher isso por si mesmos.

Então ela se voltou para as outras pessoas, evitando o olhar das outras mulheres e, em vez disso, olhando para os ondinos.

— Eu sei que vocês dedicaram tanto tempo criando um mundo onde ondinos e humanos pudessem viver juntos em alguma forma de paz, mas e se vocês pudessem finalmente mandá-los de volta para a superfície?

O azul saiu da água, encarando-a com raiva.

— Isso não é possível.

— E se fosse?

— Não vou me envolver em nenhuma missão impossível...

— Arges. — A ruiva se virou para ele, a pasta quase mole em sua mão. —

Ela não está mentindo.

A conexão entre os dois era inegável. Era quase eletrizante o jeito como se encaravam, as emoções palpáveis enquanto seus pensamentos pareciam se conectar. Como se pudessem ler a mente um do outro.

A ruiva se virou para ela.

— Onde você conseguiu isso?

— Aqui.

— Nesta instalação?

— Nos fundos. Havia algumas pessoas que permaneceram aqui, mesmo depois que as tempestades arrastaram todos para debaixo d'água. Pessoas que continuaram trabalhando durante todo esse tempo até morrerem. — Ellie engoliu em seco. — Acredito que haja mais. Só não sou capaz de encontrar tudo.

— E vocês querem que a gente ajude vocês? Por quê?

Ellie olhou para Proteus, mas ele apenas fez um gesto para que ela continuasse. Então ela mordeu o lábio antes de responder: — Porque isso os ajudaria mais do que a mim. Este é o nosso mundo, mas eu... eu não faço realmente parte dele.

Ela encontrou o olhar de cada uma delas, mantendo-o até que a ruiva assentisse.

— Precisamos de um tempo para conversar. Já voltamos. — Então, ergueu a pasta e a sacudiu. — Vou levar isso comigo.

— Eu imaginei que você pudesse fazer isso.

O grupo colocou a pasta no que ela supôs ser uma bolsa à prova d'água e então voltou para o oceano. Deixando Ellie sozinha com um deus muito, muito zangado e o silêncio que o envolvia.

VINTE E TRES

Proteus

Ele esperou que eles partissem, fervendo de raiva, mas sem querer que percebessem. Proteus nem sequer tinha certeza se estava zangado porque ela o havia desafiado ou porque sabia que ela estava certa.

Ellie estivera viva nesta época, e ele não. O fato de ele nem sequer ter pensado em pedir a opinião dela sobre o plano era uma de suas próprias falhas, um lembrete de que, mesmo sendo um deus, ele não era perfeito. Ela era quem poderia ter lhe dado a direção de que ele tanto precisava. Ela poderia ter apontado as falhas em seu plano, mas... talvez não se sentisse à vontade para fazê-lo.

Era complicado admitir que ele a havia decepcionado. Mas o peso dessa responsabilidade era só dele. Ele queria que o mundo voltasse a ser como deveria ser, e não tinha condições de fazer isso sem a ajuda de outros.

Ellie entendeu isso. Ela compreendeu as intenções dele e o ajudou a chegar onde precisava, o que foi uma honra. Foi admirável que ela sequer pensasse em intervir para que ele não estragasse tudo completamente.

Mas ela tinha pavor dele. Enquanto os outros mergulhavam na água e desapareciam, ele percebeu que Ellie nem sequer olhava para ele. Ela torcia as mãos, pressionando-as com tanta força contra o peito que ele temeu que ela se machucasse. Ela olhava para todos os lados, menos para ele. Para a água. Para a areia. Para o teto, ainda iluminado por um sol que logo desapareceria com a aproximação de outra tempestade.

Ela temia que ele ficasse zangado com ela. Mas ele não estava zangado com a mulher que salvara seu plano. Ele estava zangado consigo mesmo.

— Venha cá — ele disse entre dentes que doíam de tanto cerrar os dentes.
— Minha cápsula está no fundo do mar — sussurrou ela, ainda sem olhar para ele. — Sinto que devo lembrá-lo disso.
— Por que você faria isso... — E então ele entendeu.
Proteus enrijeceu. Cada parte do seu corpo queria gritar ao perceber que ela não estava apenas com medo dele. Ela achava que ele a machucaria novamente. Ele não estava tentando provar que machucá-la o havia envergonhado além da conta? Nunca mais.
— Não faria isso — disse ele, com a voz baixa devido à emoção. — Eu lhe dei a minha palavra.
— O que significa a palavra de um deus? O mundo acabou. As pessoas morreram de fome. Os deuses não fizeram nada. — Ela engoliu em seco.
— Depois de tudo o que vi, é difícil imaginar que os deuses sequer existam. Acredito que as pessoas que acabaram de partir sentem o mesmo.
— Suponho que você tenha razão. — Ele desenrolou a cauda, os ossos já brilhando de emoção enquanto a prendia nas costas dela. Ellie pareceu um pouco desconfortável, se remexendo como se quisesse abrir espaço. Não havia nenhum lugar naquele cômodo para onde ela pudesse escapar. Ele era grande demais.
Proteus puxou-a para si até que ela esbarrou em seu peito. As mãos dela pousaram firmemente contra a pele quente dele, e ela o encarou fixamente. Ele se encolheu ao ver os dedos pálidos dela em contato com a pele de cor estranha dele.
Os ossos ali também brilhavam. Ele sabia que a relaxava observar as batidas alternadas do seu coração, que acalmavam sua mente.
— Escute, Sisu. Eu prometi que nunca mais te machucaria, mas também prometi a mim mesmo que nunca permitiria que ninguém mais te machucasse. Estou em dívida com você. — Ele colocou uma de suas

mãos enormes sobre a dela, os dedos longos cobrindo os dela. — Eu deveria ter te perguntado sobre isso muito antes. Você vê o mundo de uma maneira que eu não vejo, Ellie. Eu deveria ter sabido que não podia acreditar que sabia de tudo.

Finalmente, ela olhou para ele. Como se as palavras dele a tivessem revigorado, aqueles olhos brilhantes piscaram para ele, surpresos.

— O quê?

— Não estou zangado com você. Mas devo admitir que senti muito medo quando você saiu daquela sala. Se eles quisessem reivindicá-la como sua, certamente poderiam. Você é humana. Eles vão querer que você fique com os humanos e comigo... — Proteus soltou um longo sibilo. O som escapou pelos buracos em suas bochechas e desceu por sua garganta, como se todo o seu corpo se rebelasse contra o medo que o consumia. — Não quero que você saia do meu lado.

— Essa não seria a escolha deles. Eles não têm o direito de me dizer para onde ir ou como viver minha vida. — Sua mãozinha subiu, pressionando a bochecha dele. — Eu... eu acho que prefiro ficar com você. Aqui. Quero explorar tudo o que há para ver neste mundo, e você é o único que pode me proporcionar isso.

— Os humanos estarão aqui. Lá em cima. E há muito mais aqui para você descobrir sem mim.

— Não. Não quero saber o que haverá. Quero saber o que já foi. — Ela sorriu, e aquela expressão doce quase partiu o coração dele. — Você é o único que pode me dar isso, eu acredito.

Um murmúrio grave começou em seu peito. Ele queria manter aquela mulher por perto muito mais do que era saudável. Não acumulava coisas desde muito jovem. Proteus aprendera há muito tempo que manter seres vivos era apenas decepcionante. Ele não morria. Eles morreram. Ele era quem ficava para trás, desejando nunca ter lhes dado um pedaço de si.

E ainda assim... Essa mulher tornava impossível não querer tê-la por

perto. Ela o olhava com aqueles olhos grandes e brilhantes, e ele faria qualquer coisa por ela. Para provar que era digno de ao menos um pouco da atenção dela.

Expirando, ele balançou a cabeça e olhou para a água onde os outros haviam desaparecido.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para eles voltarem?

— Tempo suficiente.

Ele olhou para ela e viu o calor em seus olhos. O mesmo calor que imitava a luxúria que ardia em seu íntimo. Ele congelou onde estava, observando-a enquanto ela acariciava seu queixo e aproximava seu rosto do dela.

Um beijo, Proteus percebeu. Ainda era uma escolha estranha para alguém como ele. Seus lábios eram largos demais, e ele poderia ter arrancado o rosto dela com uma mordida se quisesse. Mas ela foi delicada ao pressionar sua pequena boca contra a dele.

Ela era quente e suave. Cada detalhe do seu beijo era tudo o que ele não era. Gentil, doce, com gosto de virtude e de algo quebrado, culpa dele. A destruição da inocência, pensou ele. A corrupção de um espírito virginal tinha um sabor mais doce que o vinho.

Quando ela se afastou, ambos respiravam com dificuldade. Ele não sabia o que dizer depois de um presente como aquele. Ela não precisava tocá-lo. Ela também não precisava abandonar o medo que sentia dele. Ele sabia o que era. Um monstro. Um ser criado como uma arma para semear o fim do mundo e reconstruí-lo no futuro à imagem dos antigos. Mas ela o via como muito mais do que isso.

Como se pudesse ler seus pensamentos, Ellie deslizou os dedos pelas linhas de suas bochechas e disse: — Você não é totalmente mau, Proteus. Nem totalmente bom. Mas nenhum dos dois me faz gostar menos de você.

Ele balançou a cabeça.

— Ah, pequena humana. Você nunca deixa de me surpreender.
Ele a levou de volta para a sala onde haviam trabalhado nos hologramas. Deitou-a lá com o Piloto, ignorando o droide que havia desobedecido a toda a sua programação ao permitir que ela alterasse as ordens que ele recebera. E então eles esperaram.
Ellie ocupou-se examinando outra pasta que encontrara escondida debaixo da cama, onde ainda estava o corpo. Proteus permaneceu onde estava antes, com o olhar fixo na água, aguardando qualquer sinal de que os outros estivessem retornando.
Porque ele precisava deles. Eles o impressionaram quando ele vasculhou as memórias de Fortis. Eram o tipo de heróis que poderiam continuar seu trabalho sem que Proteus precisasse forçá-los. Eram tão parecidos com os cientistas que trabalharam ali, mas com corações e mentes mais puros.
A intenção deles era ajudar. Sempre. Não era para se destacarem ou para deixarem um nome nos livros de história. Aliás, provavelmente ninguém se lembraria da pequena equipe de pessoas que se consideravam uma família, mas que salvaram o mundo inteiro.
Finalmente, a água voltou a ondular.
— Ellie? — ele chamou. — Eles voltaram.
Ele podia ouvi-la correndo pela sala e seguindo-o até o átrio, no momento em que a cabeça do primeiro macho emergiu. Proteus ficou surpreso ao descobrir que o maior macho não era aquele que os controlava. Fortis deveria ter sido o líder, ou talvez o enorme ser vermelho. Mas não, era o ondino azul.
Dessa vez, eram apenas o macho azul e a ruiva. Ela saiu da água assim que seu parceiro a soltou, puxando o dispositivo em seu rosto e imediatamente abaixando o capuz. Ela claramente já havia feito isso algumas vezes.
— Então — disse a mulher. — Aproveitando, acho que meu nome é Mira. Esta pasta tem muitas coisas interessantes dentro.

— Sim, faz sentido.

— Então você acredita que esses cientistas estavam certos? Você acha que a superfície não só é habitável, como também pode ser salva, para que essas instalações não sejam o único lugar onde podemos sobreviver? — A expressão de Mira se contorceu. — Tenho que admitir, é difícil para qualquer um de nós acreditar. Todos nós estivemos debaixo d'água por tanto tempo, mas aqueles de nós que têm companheiros viram a superfície. Sabemos o quão perigoso é e como são as tempestades. Sem mencionar a falta de água.

— Eu mesmo vi — respondeu ele.

— Você já viu as tempestades de gelo que podem arrancar sua pele porque os fragmentos são muito afiados? Já viu os furacões que remodelam o litoral todos os meses? Já viu as inundações, os perigos para pessoas como nós? Não quero ser rude, mas preciso que você entenda que este não é um planeta que teve humanos na superfície por mais de duzentos anos. O mundo não se curou sozinho.

— Porque ninguém estava ajudando a curá-la. — Proteus deslizou do pódio, pousando no chão e ignorando o sibilo de aviso de seu companheiro na água. Ele pairou sobre a mulher, esperando que ela se encolhesse de medo, mas ficou ridiculamente satisfeito quando ela não o fez. — O que eu pareço para você?

— Você não é um dos Povos da Água, disso eu tenho certeza. Você nem sequer os chama pelo nome que preferem. — Ela o examinou de cima a baixo, seus olhos percorrendo cada detalhe do seu corpo, da medula aos tentáculos em seus quadris. — Você é uma amálgama de todas as criaturas do mar e, ao mesmo tempo, não é. Nunca vi nada parecido com você antes.

— Não. Imagino que não. Foram os antigos que me criaram, há muitos anos.

Foi então que o macho na água falou.

— Ouvi as antigas histórias de um filho, mas sempre pensamos que eram falsas.
— Não eram falsas. Eram sobre mim. — Ele ficou satisfeito por algumas das histórias terem sobrevivido a todos esses anos. — Mas parece que seu povo se esqueceu dos meus costumes.
— Aquele filho foi aprisionado pelo meu povo.
Uma pontada de raiva explodiu em seu peito. Proteus pensara que seria mais compreensivo com isso, mas descobriu que duzentos anos de prisão lhe haviam deixado um tanto ressentido.
— Seu povo me aprisionou porque não gostava da ideia de trabalhar com os humanos. Quando descobriram que eu, seu deus, estava conspirando com cientistas mortais para ajudar a salvar este planeta, seu povo reagiu de forma exagerada. Jogaram-me naquele caixão e me afundaram no fundo do mar. Para sempre acordado. Para sempre vivo. Preso, sabendo que só podia inspirar e expirar, mas não me mover mais do que isso.
A raiva transbordava em cada palavra. A verdade doía, ele sabia. O ondino à sua frente estremeceu.
— As histórias dizem que você era um ser monstruoso que não desejava nada mais do que ferir aqueles que não o adoravam.
— Muitas coisas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo — murmurou ele, antes de se virar para Mira. — Se o seu povo estiver interessado em ajudar, gostaria que alguns deles se instalassem aqui. Sei que provavelmente não será você, ou talvez nenhum daqueles que encontramos antes. Mas há muito conhecimento aqui, e esta instalação resistiu às tempestades.
— Podemos providenciar isso.
— Se algum deles se desviar do caminho, tenho certeza de que todos vocês sabem que eu os afogarei antes de me banquetear com seus corpos.
Houve uma longa pausa em silêncio. O nariz de Mira se enrugou.

— Devorar os corpos deles parece um pouco demais, não acha?
— Não me sustentará por muito tempo, isso é verdade. Mas são mais fáceis de pegar do que uma baleia. — Ele mostrou os dentes, deixando a boca entreabrir. Teve o enorme prazer de ver os olhos dela se arregalarem de horror. — Consumo muito para manter uma vida longa.
Ela engoliu em seco e recuou em direção ao seu companheiro.
— Entrarei em contato então. Seu droide parece já ter uma conexão com a nossa base.
— Sim. Ainda faltam algumas instalações para colocar o Santuário em funcionamento. Precisarei que seus funcionários também estejam lá.
Mira assentiu com a cabeça.
— Então conversaremos através do droide. Uma pequena equipe de voluntários virá aqui para... também fazer pesquisas.
— Ótimo. — Ele ainda sorria para ela, certo de que a estava deixando desconfortável. — Aguardaremos sua mensagem.
Os outros dois saíram novamente, mas não antes que ele ouvisse o longo suspiro de sofrimento que Ellie soltou. Ele se virou para olhá-la, e a exasperação o fez querer seguir os outros para o mar também.
— O quê? — perguntou ele.
— Você poderia ter sido mais gentil.
— Mais gentil? Eu fui muito gentil. Não comi nenhum dos membros deles. Não os ameacei nem uma vez. Eles puderam ir embora sem discussões ou brigas. — Ele a encarou com a testa franzida. — Eu fui muito gentil. Não esperava que ele provasse nada para mim, e muitos do povo dele costumavam fazer isso. Eu lutava com qualquer macho que estivesse na minha presença.
— Talvez seja por isso que eles não gostavam de você naquela época — murmurou ela, dirigindo-se à água e olhando para as profundezas para se certificar de que eles realmente tinham ido embora.
— Eles tinham medo de mim. Não era para eles gostarem de mim.

— Eles talvez não tivessem te prendido se gostassem de você.

Qualquer outra pessoa teria acabado no oceano ou na barriga dele por dizer algo assim. Proteus rosnou para ela, mostrando os dentes mesmo sabendo que ela tinha razão.

— Vá preparar o quarto para os visitantes — murmurou ele enquanto rastejava em direção à água. — Estou me secando.

— Vou me preparar para quantos puder — ela respondeu alegremente. Então, deslizou o dedo pelas costas dele, onde ele sabia que sua pele já estava ficando fina como papel. — Hum. Você está ficando seco.

Rosnando por cima do ombro mais uma vez, ele mergulhou na água para ter um descanso do pequeno demônio que agora parecia controlar toda a sua vida.

VINTE E QUATRO

Ellie

Havia liberdade em saber que ela podia discordar dele. Ellie não tinha certeza do que sentia no peito, mas estava profundamente aliviada por poder expressar sua opinião sem temer a ira dele.

Ela vinha testando isso desde que desobedeceu aos desejos dele e entrou naquela sala com todas as outras pessoas presentes. Primeiro, disse a ele que não queria um peixe específico para o jantar. Ele estava ocupado e a única coisa que conseguiu encontrar foi arenque, que trouxe para ela em um punhado. Ela não gostava de arenque e disse isso a ele.

É claro que, no instante em que isso aconteceu, a ansiedade a invadiu. Ela esperou por uma discussão. Que a raiva explodisse do peito dele enquanto ele gritava que havia cuidado dela por tanto tempo e o que ela estava lhe oferecendo? Mas nada disso aconteceu.

Ele apenas olhou para o arenque, suspirou e assentiu com a cabeça. Como se soubesse que ela diria aquilo. Proteus desapareceu de volta no mar por um tempo antes de retornar com lulas, que haviam se tornado uma de suas iguarias favoritas.

Em outra ocasião, ela lhe disse que ainda não estava pronta para dormir. Ele havia ordenado que ela dormisse um pouco para estar preparada pela manhã, mas ela queria assistir a mais alguns hologramas. Em vez de pegá-la no colo e colocá-la na cama, ele assentiu solenemente e resolveu ficar acordado mais um pouco com ela. Se ela quisesse pesquisar mais, ele faria o mesmo.

A liberdade que isso lhe proporcionou foi impressionante. Ela não tinha se dado conta de que podia dizer a qualquer pessoa como se sentia. Não

tinha se dado conta de como seria fácil simplesmente dizer "não". E a vida continuava sem que ninguém ficasse com raiva dela.

Que sensação estranha.

Mas agora, Proteus estava ausente há algum tempo, e ela havia sido deixada à própria sorte. Ellie vira inúmeros hologramas, congelando-os no tempo para poder vagar por eles. Era tão fácil percorrer todas as imagens do que aquele lugar fora um dia, vislumbrar o passado. Os dias de glória eram realmente extraordinários.

Grande parte do equipamento deles era dado como certo. Ela tinha visto coisas maravilhosas serem feitas com máquinas que podiam realizar cirurgias sozinhas, mas também criar coisas. Sua cápsula era muito parecida, mas aquele era o equipamento mais caro de Tau. Não era qualquer um que tinha permissão para usá-lo, mas parecia que as máquinas dali eram usadas livremente há séculos.

As pessoas daqui eram tão inteligentes. Usavam a cabeça sem hesitar, e observar como faziam fazia todos os pelos do corpo dela se arrepiarem.

Só restava uma coisa a fazer. Testar os limites dela um pouco mais.

Ela parou em frente a uma das saídas, respirando fundo. Não ouviu o vento uivando lá fora, nem o estrondo do trovão. Não havia areia entrando pela porta e, pelo que podia ver, não havia gelo caindo lá fora. O que significava que, se ela pretendia fazer isso, o momento perfeito havia chegado.

— Vai ficar tudo bem — murmurou ela. — Tudo vai ficar bem.

— Ellie — disse Piloto, parando ao lado dela. — Essa é uma ideia muito estúpida.

— Sim. É mesmo. — Mas ela precisava ver com os próprios olhos. Não conseguia ficar naquele lugar, nem mesmo permitir que outros ficassem, sem sair. Precisava saber como seria não apenas espiar pela porta, mas de fato tentar existir onde o sol pudesse tocá-la.

Respirando fundo mais uma vez, ela se preparou, abriu a porta e saiu.

O calor foi a primeira coisa que ela notou. Como alguém poderia não notar? Ele a atingiu em cheio, quase a empurrando de volta para a abertura por onde acabara de passar. O calor brutal e escaldante fez o suor escorrer por seu corpo. Ela nunca havia experimentado um calor como aquele em nenhum outro lugar e não fazia ideia de como algo poderia sobreviver a ele.

Ellie tentou respirar pela boca, mas era como se estivesse tentando respirar água. O ar estava tão pesado ali fora. Seus pulmões se contraíam, tentando desesperadamente puxar mais ar, mas ela não conseguia, não importava o quão rápido respirasse.

Sem falar no peso. Talvez fosse apenas o calor insuportável, mas seu corpo parecia mais pesado ao pisar na areia dourada.

Ela já tinha visto aquela areia inúmeras vezes lá dentro. Ellie brincava com ela, deixando-a escorrer pelos dedos e cair em cascata no chão. Mas quando a tocou aqui fora, a areia estava tão quente que queimou a ponta dos seus dedos.

Soltando um suspiro de frustração, ela recuou em direção ao prédio. Como alguém poderia viver aqui? Como poderia haver qualquer esperança de que eles voltassem para este lugar?

Pelo menos estava fresco dentro das instalações. Pela primeira vez, ela notou as saídas de ar por onde saía um jato de ar gelado. Seus olhos se fixaram no isolamento, uma das poucas coisas que restavam naquele prédio, e de repente ela se sentiu grata por ele.

Ofegante e tomada pela tontura, ela sentou-se na areia bem mais fria e ficou olhando pela porta que ainda estava aberta.

— Então você está viva — a voz de Proteus interrompeu seus pensamentos. Ele ainda estava na água, observando-a com aqueles olhos escuros que viam muito além do que ela podia perceber. — Seu pequeno experimento correu bem?

— Como você espera que a gente sobreviva lá fora? — perguntou ela,

balançando a cabeça em descrença. — Está muito quente. Tudo está tão quente que parece que vai derreter a minha carne.

— Algumas pessoas podem achar que é possível. Eu já vi humanos morrerem em temperaturas menores do que essa. — Ele saiu da água, deslizando pelo chão em direção a ela. Com ele, veio uma onda de água gelada do oceano que se acumulou ao redor de seus pés, dando-lhe uma certa sensação de alívio. — Mas nenhum ser humano ficaria exposto a esse calor como você acabou de ficar. É perigoso, para começar. Você terá que se adaptar. Quando o sol está a pino, os humanos não podem ficar ao ar livre. As instalações foram projetadas para protegê-la do calor.

Ela engoliu em seco.

— Eu simplesmente não... não tenho certeza de como isso será possível para qualquer um de nós. Sabe? Parece inútil.

— Talvez. Mas com o plano que o outro cientista elaborou, e com o seu próprio povo trabalhando nele, acredito que poderíamos tornar o ambiente mais habitável para todos vocês com alguns ajustes. O mundo é maleável. Não é algo que existe apenas de uma forma. E sim, levará uma vida inteira para consertar, talvez até gerações do seu povo, antes que vocês vejam a diferença. — A mão dele pousou sobre a dela no chão. — Mas vocês verão uma diferença. O mundo ficará mais fácil. O calor se tornará mais suportável para vocês. E o que foi quebrado será consertado.

Ela assentiu com a cabeça. — Eu sei que na prática faz sentido, mas eu simplesmente... ainda não consigo ver como vamos fazer isso.

— Não vê mesmo como isso é possível? — Ele a cutucou com o ombro.

Ela parou um tempo para pensar sobre isso. Havia muito que poderia ser feito, mas a maior parte era praticamente impossível dali em que estavam.

— A terra é inabitável. Não podemos cultivar nada lá. — Ela acenou com a mão em direção à porta.

— Não, você não pode.
Ela refletiu ainda mais, quase sem fôlego com todo o trabalho.
— Então teríamos que começar pelo mar. Pelos recifes de coral. Recuperando o que pudermos para garantir que a água mais fria talvez consiga diminuir a intensidade de algumas das tempestades que estão se formando.
— Correto. E depois que isso for feito?
Ela soltou um suspiro.
— Então podemos nos concentrar na terra. Existem áreas menos afetadas, talvez áreas ao redor de montanhas com proteção natural contra as tempestades. Concentrar nossos esforços nessas áreas nos daria a chance de plantar mais árvores, construir mais barreiras e criar bolsões onde a própria terra pudesse começar a se curar e se espalhar a partir daí.
— Cada dia mais inteligente. — Ele a cutucou com o ombro. — É exatamente isso que vamos fazer. Mas dá muito trabalho. A humanidade sempre achou que podia se rebelar contra o planeta, forçando-o a fazer o que queria, mas um planeta não é assim. Ele não se curva aos caprichos humanos. Não se pode dizer a ele o que fazer. O melhor que ele pode fazer é aceitar o que lhe foi dado e criar a partir daí. Essa foi a ruína da humanidade há muito tempo, e é uma ruína que evitaremos mais uma vez.
— Tem certeza de que isso é possível? — Ellie olhou para a expressão preocupada de Proteus.
Ele soltou um longo suspiro e deu de ombros.
— Temos que tentar, não é?
Uma parte dela considerava aquilo uma missão fadada ao fracasso. Agora que tinha visto e vivenciado a loucura que acontecia bem à sua porta, já não se sentia tão confiante como antes. Mas outra parte dela, a mais forte, sabia que queria tentar. O mínimo que podia fazer era dar tudo de si.

Respirando fundo e se acalmando, ela assentiu antes de se levantar.

— Certo. Bem, temos os quartos todos prontos e preparados para quem vier. E estamos prontos para pesquisar sempre que possível. A maior parte do equipamento é irrecuperável, mas temos as plantas. Pelo que você me contou, Mira e os outros são bastante engenhosos quando se trata de construir, bem, qualquer coisa. Então, eles devem ser capazes de replicar o que foi perdido.

Ele estendeu a mão para ela, segurando-a na sua e puxando-a para mais perto.

— Ellie...

Ela jamais saberia o que ele ia lhe dizer. Hologramas ganharam vida ao redor deles, e Piloto saiu correndo da sala dos fundos.

— Olha! — gritou o droide. — Olha o que eu encontrei!

Ellie prendeu a respiração quando o holograma que ganhou vida diante deles era... ela. Literalmente ela.

Não havia um único fio de cabelo que parecesse fora do lugar. Dos olhos aos lábios, até a ponta do nariz, tudo era Ellie. Mas ela não percebia o peso da responsabilidade que puxava os ombros da mulher para baixo, nem como as olheiras escureciam todo o seu rosto.

— Quem encontrar esta mensagem, peço desculpas. — A mulher à sua frente passou a mão pelos cabelos curtos, iguais aos de Ellie. — Por tudo. Pelo mundo. Pelas cidades submersas que nunca deveriam ter existido. Pelo futuro tão incerto agora, que nem consigo arriscar um palpite sobre o que será.

A mulher olhou por cima do ombro, na direção do quarto onde haviam encontrado o corpo.

— Pelo meu amor. Se tivéssemos ido com os outros, ela teria sobrevivido àquela doença.

— Isto é... — Ellie aproximou-se do holograma, passando os dedos pelas bordas brilhantes.

— Sua Original — murmurou Proteus, mas suas sobrancelhas estavam franzidas em confusão. — Ela não deveria estar aqui, no entanto.
O holograma recuou e sentou-se em uma cadeira que não estava mais lá. Ela se inclinou para a frente, levando as mãos à cabeça enquanto suspirava mais uma vez.
— Tudo deu errado. Tudo. Estamos fazendo o nosso melhor, mas acho que não tem conserto. O que começamos é o que vai acabar com este mundo. Mas quero que as pessoas saibam que eu... eu tentei mudar isso.
Ela soltou uma gargalhada.
— Não sei nem por que estou gravando isso. Sei que já têm meu clone pronto para ir para o fundo do mar com os outros. Ela tem todas as minhas memórias, trejeitos, é igualzinha a mim. Talvez eu seja o clone, quem sabe. Eles simplesmente se recusaram a me levar com eles, e com razão. Eu contaria a verdade para os outros. Não tem volta depois do que fizemos.
O holograma ergueu o olhar, e o horror em seus olhos era impossível de ignorar.
— Esta mensagem não tem absolutamente nenhum propósito além de aliviar minha própria culpa. Eu sei disso. Todos vocês sabem disso. É por isso que estou gravando isso...
E então parou. Assim, de repente.
De repente, a imagem dela mesma desapareceu, e Ellie ficou parada ali, chocada com o que tinha visto.
— Bem — disse Proteus. — Isso foi interessante.
Piloto bateu os pés no chão e voltou para o outro cômodo.
— Desculpe, eu não assisti antes de jogar. Acho que deveria ter assistido.
Mesmo assim, Ellie percebeu que não conseguia se mexer. Ela encarou o local onde o holograma estivera. Como se, ao olhar fixamente, ela não conseguisse ver nada. Chegando ao ponto em que conseguia ver onde a outra mulher estivera sentada, ela pôde trazê-la de volta. Uma parte dela

queria se fartar de olhar. Como seria se pudesse ver a outra mulher novamente?

Será que ela tinha as mesmas manias que a Ellie? Será que mordia o lábio inferior quando estava nervosa, ou enrolava uma mecha de cabelo no dedo repetidamente quando estava pensando? Havia tantas características que eram exatamente iguais às dela...

— Ellie? — perguntou Proteus. — Por que você ainda está parada aí?

— Eu nunca tive uma mãe — sussurrou Ellie. — Nem mesmo uma figura materna. Mas vê-la me faz desejar ter tido.

— Você é muito mais do que uma cópia dela, sabia?

Pela primeira vez na vida, Ellie concordou.

— Eu sei. Sou muito mais do que a mulher da qual fui clonada, mas acho que existe uma parte de mim que gostaria de pelo menos poder conversar com ela.

A mão dele pousou no ombro dela, apertando-o com força.

— Parece que você cresceu de forma bastante parecida com ela, pelo menos. Você dará continuidade ao trabalho dela, Sisu, e não consigo imaginar uma maneira melhor de conhecê-la.

Ela também não conseguia. As anotações que estava lendo, talvez tivessem sido escritas pela mão de sua mãe. Talvez ela pudesse conhecer um pouco melhor a mulher que a precedeu através das descobertas científicas que ela fez antes de morrer.

Não foi muito reconfortante, mas já era alguma coisa. Foi mais do que qualquer outro clone poderia conseguir.

Os outros Originais eram monstros em Tau. Eram os únicos que ainda achavam que o que tinham feito estava certo. Estavam satisfeitos consigo mesmos. Orgulhosos do que haviam construído.

Eles desviaram o olhar das coisas monstruosas que haviam feito, apenas para contemplar a luz. Mas essa não era maneira de viver.

Afinal, os monstros viviam na escuridão, e aquelas pessoas tinham

estado rodeadas pela escuridão durante toda a sua vida.

Ellie passou a mão pelos cabelos, percebendo o movimento como uma imitação do que o holograma havia feito. Ela precisava parar de fazer isso. Ela não conseguia mais assistir àquele holograma, com medo de acabar copiando a Original de si mesma.

— Preciso de um tempo para pensar — sussurrou ela. — Vou... vou verificar se tudo está pronto para os nossos convidados.

Ela desapareceu no quarto dos fundos, sentindo de repente que, afinal, não se conhecia tão bem assim.

VINTE E CINCO

Proteus

Proteus fez questão de estar presente para cada cientista, engenheiro e assistente de pesquisa humano que chegasse ao Santuário. Queria que vissem quem os supervisionava e garantir que não fizessem nenhuma besteira. Mas quanto mais tempo passava ali, mais sobrecarregado se sentia.

Centenas de anos em um caixão não o ajudaram a se acostumar com tanta gente. Era difícil distinguir as vozes, considerando quantas falavam ao mesmo tempo. Os humanos também não paravam de falar.

Eles ficaram maravilhados ao saírem da água como peixes prateados, com as roupas de mergulho grudadas ao corpo enquanto se arrastavam até o chão e caminhavam pelo que deveria ser um museu. Tudo ali era antigo. Tudo fazia parte da história deles.

Seus olhos arregalados o encantaram enquanto contemplavam o teto imenso tantos andares acima deles.

É claro que os primeiros grupos não tiveram muita sorte e chegaram durante uma tempestade terrível. O som do gelo e da chuva no teto mal os fez estremecer, mas o estrondo do trovão que sacudiu as paredes fez com que alguns deles se jogassem no chão antes de perceberem que estavam seguros. Algumas risadas constrangidas se seguiram, mas ele podia ver o quão nervosos todos estavam. Eles não sabiam como viver ali sem se sentirem sob constante ameaça.

Ótimo. Eles estavam.

Proteus precisava que todos soubessem que aquilo não eram férias. Eles não estavam ali porque era seguro ou porque achavam que era uma boa

ideia estar ali. Havia tantas coisas que poderiam matá-los em terra firme, e eles sabiam tão pouco sobre o lugar onde estavam. Lá em cima, como chamavam, havia mudado muito desde a última vez que humanos estiveram ali. Proteus não fazia ideia dos pesadelos que os aguardavam.

Ellie havia pedido a ele que reunisse comida, e ele concordou. Tantas bocas para alimentar seria um problema. Claro, eles haviam trazido seus próprios mantimentos. Uma visão que encantou Ellie, já que ela não tinha conseguido comer muitos vegetais frescos, e os convidados trouxeram uma grande quantidade deles.

Proteus não queria que nenhum deles reclamasse da falta de comida enquanto estivessem ali. A última coisa que ele precisava era que aquela coalizão de ondinos e humanos decidisse que a superfície não era viável, afinal. Foi escolha deles ajudar, mas foi escolha dele mantê-los ali.

Pelo menos os atuns eram resistentes. Esses peixes pareciam ter sobrevivido à maior catástrofe do planeta, e ele conseguia encontrá-los com relativa facilidade. Proteus deparou-se com um cardume tão grande que até ele conseguiu pegar um para si. Normalmente, ele não comia presas a menos que fossem grandes o suficiente para sustentá-lo por algum tempo, e essas eram grandes o bastante para saciar sua fome insaciável.

Proteus deslocou a mandíbula e se banqueteou antes de matar mais dois e levá-los aos humanos.

Ao emergir, ele se surpreendeu ao ver que também havia um ondin ali. O macho fazia as águas exalarem seu odor fétido com quem quer que estivesse conversando. Ondinos e suas companheiras. O fedor deles lhe revirava as entranhas, e ele já havia comido o dia todo.

Com um atum enorme em cada mão, ele não tinha muito espaço para manobrar em torno do outro macho. Mas o fez, ocupando muito mais espaço do que o necessário quando finalmente emergiu da água. Sacudindo a água da cabeça, encarou o enorme macho verde.

— O que você está fazendo aqui? — resmungou ele, jogando os peixes no chão. — Pelo menos seja útil e limpe-os.
O macho olhou para ele com surpresa nos olhos escuros antes de soltar uma risadinha.
— Suponho que eu poderia fazer isso. Quando você se cerca de mulheres intelectuais, é difícil não se distrair, receio.
Mulheres intelectuais? Ele havia contado quatro mulheres entre os humanos que chegaram. Havia cinco homens com elas, embora a maioria deles parecesse estar ali como apoio. Um deles era claramente um cozinheiro, e outro estava ali apenas para registrar o que acontecia. Ele havia dito isso a Proteus quatro vezes enquanto se aproximava lentamente do enorme deus do mar.
Então, ele decidiu que seriam quatro mulheres e três homens úteis. Se uma dessas mulheres fosse intelectual, isso já seria suficiente para iniciar seus projetos.
Mas seu olhar desviou-se, e ele não viu uma estranha. Em vez disso, o que ele viu foi... Ellie.
Ela estava parada ao lado da água, vestindo roupas novas. Eram feitas de um tecido rudimentar, claramente uma tentativa dos humanos daquele grupo de replicar algo como algodão. Mesmo assim, eram bonitas. Tingidas num tom adorável de verde, exatamente como a cor do homem na água. O vestido abraçava suas curvas, realçando o comprimento de suas pernas. O vestido o deixou com água na boca.
E, aparentemente, isso também despertou o interesse do outro ondino. De repente, tudo em que ele conseguia pensar era no aroma da luxúria que lhe invadira o nariz quando emergiu por entre as pedras.
Ele ficou furioso.
Proteus agarrou o ondino pelas guelras, junto às costelas. O único som que o outro macho conseguiu emitir foi um sibilo de dor enquanto Proteus o erguia para fora da água. Suas mãos deslizaram facilmente

pelas guelras, sentindo os ossos das costelas do macho repousando em suas palmas e o calor úmido de sua respiração. Mas nada disso era suficiente. Ele queria que o sangue escorresse por seu braço e ouvir o suspiro estridente de uma ondina moribunda, achatada sob seu toque.

— Proteus! — gritou Ellie. — Solte-o!

Ele não tinha a menor intenção de fazer isso. Não iria abater o homem que estivera espreitando, lascivamente, pairando sobre Ellie como se tivesse o menor direito de fazê-lo. Aquele macho invadira o que era de Proteus.

Mesmo que não tivesse certeza se era digno de manter Ellie consigo por toda a eternidade, ele sabia muito bem que aquele macho não era.

O ondino se debatia em suas mãos, contorcendo-se e debatendo-se exatamente como os atuns haviam feito antes de serem mortos por ele.

— Solte-me — ele sussurrou, com a respiração fraca agora que estava fora da água. — Eu imploro! Eu imploro a ti, deus do mar. Poupe minha vida.

Por um instante, Proteus se lembrou de como fora outrora. Viu tantos outros ondinos em suas garras, iguais a este. Ele também os matara, mesmo depois de implorarem por misericórdia. Vira os oceanos escurecerem como a noite enquanto eles ainda clamavam por sua clemência. Mas ele não tinha misericórdia para lhes conceder. Nunca tivera.

Eram ferramentas para serem usadas. Ferramentas que o obedeceriam ou não, e se não o obedecessem, ele as substituiria por ferramentas que o obedecessem. Essa nova geração aprenderia. Proteus havia provado repetidas vezes que a morte de algumas ondinas era a melhor maneira de fazer com que as outras o ouvissem.

Mas então ele a ouviu. O som baixo de um soluço. E quando olhou na direção de Ellie, tudo o que viu foram as mãos dela pressionadas contra a boca enquanto ela o encarava e o aperto que ele exercia sobre o macho

em sua mão.

— Por favor — ela sussurrou. — Trabalhamos tanto para chegar até aqui.

Resmungando, ele olhou mais uma vez para a expressão de dor no rosto do macho. Inclinando-se para perto, rosnou: — Agora tudo o que consigo sentir é o seu medo.

Soltando o ondino na água, ele saiu e caminhou em direção a Ellie. Ela recuou, com os olhos arregalados mais uma vez. Mas ele não achou que fosse terror em seus olhos. Ela sabia que não devia temê-lo agora. Mas havia algo nela que reconhecia um predador quando via um.

— Proteus? — perguntou ela, ofegante e cambaleando. — O que você está fazendo?

Ele não tinha forças para dizer uma única palavra. Não havia palavras que lhe viessem à mente diante do que ela havia incentivado. Ela deveria ter sabido que era melhor ficar longe do outro ondino que viera para cá.

Os machos a olhavam e a desejavam. Era tudo o que ele sabia. Porque, no instante em que a viu, congelada dentro de sua cápsula, um presente do próprio mar, ele soube muito bem que não pensaria em outra coisa senão nela por um bom tempo.

Ele a afastou ainda mais, ignorando as perguntas sussurradas de tantas pessoas que observavam o que ele estava fazendo.

— Devemos intervir? — perguntou alguém, uma voz masculina que fez Proteus rosnar em resposta.

— Não — respondeu uma mulher. — Desculpe, clone. Não é problema meu.

Isso o fez rosnar também, mas por um motivo completamente diferente. Ellie era muito mais do que um clone. Ela era uma pessoa pensante, viva e que respirava, com pensamentos próprios. Ela era impressionante e gentil, e tinha visto nele mais do que qualquer outra pessoa jamais tinha visto. Nem mesmo seus pais.

Criadores.

Antigos.

Memórias de todas as vezes que estivera ali explodiram em sua mente. De quanto tempo levara para convencer os humanos de que não era um monstro, e mesmo assim, tão poucos acreditaram nele. Os cientistas daqui queriam se livrar dele a princípio. Eles o viam como a abominação que ele era.

Mas não Ellie. Ela nunca se acovardou diante dele, e por isso ele sempre a recompensaria.

A coluna dela bateu contra uma parede, mas ele agora se lembrava de que aquilo não era uma parede. Tinha sido outra coisa.

Proteus levantou a mão e apertou o botão de emergência acima da cabeça dela. Ninguém saberia que era aquilo. O painel plano não queria ser pressionado, provavelmente por causa da areia presa nele. Mas, eventualmente, cedeu, e ela caiu em um novo cômodo.

Ele a seguiu.

A escuridão que os envolvia era quase opressiva. Ali também era mais quente. Ele teve a sensação de que alguma parte do prédio havia se desprendido, talvez o teto sobre suas cabeças. Ele não olhou. Em vez disso, rastejou por cima dela assim que a porta atrás deles se fechou.

Ele não precisava de luz para vê-la. Proteus podia sentir o cheiro dela, e isso era tudo o que importava. Ela estava ao seu alcance. Tão fácil para ele subjugá-la e devorá-la por inteiro.

Mas não, não era isso que ele estava fazendo. Sua mente estava completamente confusa enquanto pequenas picadas geladas atacavam sua espinha.

Rosnando, ele se sacudiu, livrando-se das pequenas adagas que haviam sido atiradas contra ele. Teria um dos humanos os seguido? Estariam tentando protegê-la dele? Tal seria uma escolha honrosa, mas levaria à ruína deles.

Rosnando mais uma vez, ele se sacudiu e se virou para olhar a porta.

Mas estava trancada. Ninguém os havia seguido, e mesmo enquanto examinava os destroços do cômodo, ele constatou que não havia mais nenhuma alma viva ali com eles.

Só areia. Montanhas e montanhas de areia.

Mãos pequenas emolduravam seu rosto, obrigando-o a olhar para a mulher que havia imobilizado. Toda a sua atenção se voltou subitamente para ela. Como um predador que encontrara a presa que procurava há tempos, ele inalou seu perfume. Cada detalhe do cômodo desapareceu, seu foco se estreitando até que só restasse ela.

O jeito como seus cabelos escuros se espalhavam na areia prateada. O jeito como suas pupilas se dilataram porque ela não conseguia enxergar na escuridão daquele jeito, mas ele conseguia. Ele conseguia ver cada detalhe do corpo dela, como ela se movia com tanta graça enquanto tocava cegamente suas feições. Não havia o menor vestígio de medo no ar enquanto ela traçava o contorno de seus lábios, subindo até as fendas de suas bochechas, descendo por sua garganta onde havia ainda mais dentes esperando para serem descobertos.

— Está tudo bem — ela sussurrou, e ele pensou que talvez ela estivesse dizendo isso há algum tempo. — Está tudo bem. É só a chuva.

A chuva?

Ah, as pequenas adagas. As picadas afiadas eram granizo. Embora esse granizo se formasse mais como estilhaços de gelo, caindo sobre suas costas e tentando abrir caminho por baixo de suas escamas.

Uma lembrança fulminante passou por sua mente mais uma vez. Um humano que se aventurara em uma dessas tempestades. Proteus implorara que ele não o fizesse, dizendo-lhe que era tolice sequer testar o perigo. Mas ele fora mesmo assim, e os estilhaços de gelo arrancaram a carne de seus ossos tão rapidamente que ele nem sequer conseguira gritar.

Fazendo uma careta, ele a puxou para mais perto, envolvendo-a ainda

mais por baixo de si.
— Você não está segura — murmurou, enquanto a apertava ainda mais com o corpo.
— E de quem é a culpa?
— Minha — murmurou ele, passando a cauda por cima dela e certificando-se de que nem mesmo um pedaço de sua pele tocasse o gelo.
— Poderíamos voltar para dentro.
— Não. — Eles não podiam. Porque aquele macho estava lá, com seu olhar errante e seu perfume que gritava que ele queria tocá-la, prová-la, conhecê-la, assim como ele fizera.
E uma parte dele temia que ela preferisse se unir a um ondino comum, com cabelos bonitos e olhos que refletiam a luz. Não a alguém como ele.
Uma abominação.
As mãos dela deslizaram suavemente sobre o peito dele, traçando o contorno das costelas e seguindo as cavidades ali presentes.
— Podemos ficar mais alguns minutos, se você quiser. Mas você se importaria de me dizer o que o deixou tão irritado?
— Ele queria você.
— E?
Ele soltou um suspiro pesado.
— E eu não vou tolerar isso.
— Por que?
Ele não podia lhe dizer porquê. Proteus se recusava a se rebaixar daquela forma, sabendo que ela entendia o motivo de seus sentimentos. Ellie sabia o quanto ele a amava e a intensidade deles. Ela sabia...
Ele percebeu que não. Como ela poderia saber qualquer uma dessas coisas se ele nunca lhe tivesse contado?
Ele respirou fundo, expandindo as costelas e se preparando para contar a ela cada detalhe do que o havia deixado tão furioso. Mas então sentiu um beijo dela sobre um de seus corações acelerados, e congelou. Ela repetiu o

gesto, várias vezes, distribuindo beijinhos por sua pele enquanto deslizava de um coração para o outro. Como se pudesse sentir a pulsação pressionando seus lábios.

— Melhor? — perguntou ela, a palavra tão baixinho que ele quase não ouviu.

— Melhor — concordou ele, apertando-a um pouco mais. — Mas não pare.

Ela não fez isso, não por um tempo. Não até que os batimentos cardíacos dele diminuíssem e a razão retornasse à sua mente.

Proteus percebeu que estava em perigo por causa dessa mulher. Um perigo muito maior do que jamais poderia ter previsto.

VINTE E SEIS

Ellie

Ellie nunca imaginou que Proteus fosse tão... grudento não era a palavra certa, mas era a que não saía da sua cabeça. Ele não gostava quando ela conversava com ninguém além dele. Não gostava que a atenção dela tivesse que se desviar dele para todos os outros. A quantidade de vezes que ela teve que acalmá-lo em apenas dois dias estava ficando um pouco constrangedora.

Para ele, não para ela. Era emocionante saber que ela era a única que podia controlar aquele deus marinho gigantesco, que estava sempre a um passo de matar qualquer um que se colocasse entre ela e ele.

Provavelmente não era normal sentir-se assim.

Na verdade, ela sabia que não era. Ela deveria ser gentil e atenciosa e orientar os visitantes sobre como viver ali, mas a maior parte de sua atenção estava voltada para Proteus, enquanto ele aprendia a compartilhar.

E era exatamente isso. No cerne de suas objeções e decepções com tudo o que estava acontecendo, estava o fato de que ele não queria compartilhá-la. Ele queria toda a atenção dela só para si.

Finalmente, no segundo dia, ela pediu que ele fosse caçar novamente. Ele argumentou, mas a carne já estava acabando. A maioria das pessoas ali havia trazido consigo itens para cultivar alimentos. Mas a comida não crescia rápido, mesmo com luzes de cultivo. Então, eles precisariam de alimentação complementar.

Aparentemente, o ondino que os acompanhava era o caçador que deveria ter providenciado mais carne. Mas ele fora rapidamente expulso da toca

do deus do mar, e Ellie tinha uma suspeita ainda mais forte. Proteus murmurara algumas vezes sobre o fedor que persistia mesmo depois da partida do ondino macho.

— Por favor — disse ela, colocando a mão no braço dele e apertando. — Temos que garantir que eles fiquem, Proteus.

O que por si só já era uma façanha. Proteus certamente não facilitou as coisas para ela.

Os humanos não tinham medo dele, por assim dizer. Mas estavam cautelosos. Sabiam que estavam ali para ajudar e, por mais difícil que fosse ajudar, todos tinham o mesmo objetivo em mente: salvar a terra para que pudessem usá-la.

Infelizmente, isso foi muito mais fácil de dizer do que fazer.

Proteus finalmente cedeu, mas sua mão permaneceu em seu tornozelo por um instante a mais do que o necessário.

— O que você deseja então, Sisu?

Ela torceu os lábios para o lado, tentando pensar em qual comida estaria longe o suficiente para que ele demorasse um pouco para encontrá-la.

— O atum estava gostoso.

— Então, atum vocês terão. — Ele lançou um olhar fulminante para os humanos atrás dela, embora ninguém estivesse prestando atenção neles. Ou, se estivessem, fingiam muito bem que não. — Cuidem dela, todos vocês. Espero que ela esteja inteira quando eu voltar.

Ele afundou na água, desaparecendo sem deixar sequer uma ondulação. Ellie se viu sorrindo ao lembrar do lugar onde ele estivera. Ela saiu, como a tola que era. Não era bom que ele fosse tão possessivo com ela. Isso deveria preocupá-la.

Mas não aconteceu. Porque ela sabia que ele estava lidando com algumas emoções estranhas relacionadas a ela.

Ela estava fazendo o mesmo.

Ao se virar, ela cruzou o olhar com uma engenheira que trabalhava na

reconstrução do que eles acreditavam ser um replicador. Não lhes daria mais comida, mas certamente ajudaria com as peças de computador necessárias para muitas outras máquinas.

A engenheira pareceu estremecer ao perceber que os olhos de Ellie estavam sobre ela, e então seu olhar voltou imediatamente ao trabalho.

Ellie reconheceu vagamente aquela mulher mais do que as outras, e isso porque a engenheira tinha se sentado numa cama ao lado da dela. Ela tinha cabelos loiro-escuros puxando mais para o castanho e antebraços musculosos. Na verdade, todo o seu corpo era musculoso. Muito mais do que o homem que trabalhava com ela, mas aquela engenheira ainda era forte e esguia.

— O que é? — perguntou Ellie, mas ninguém lhe respondeu.

Todos mantinham o olhar fixo em seus projetos, ignorando completamente a presença de outra pessoa na sala. Era como se tivessem medo dela. Tipo...

— Ah — ela sussurrou.

Eles não queriam falar com ela se isso fosse irritar Proteus. Já o tinham visto atacar um dos ondinos. Um macho enorme como aquele era excepcionalmente capaz de sobreviver a um ataque, mas um humano certamente não sobreviveria.

Ninguém queria correr o risco de sequer falar com ela, porque era provável que Proteus tivesse algum tipo de reação desproporcional. Isso era uma consequência do comportamento dele que ela não havia previsto.

Talvez fosse algo em que ela devesse ter pensado. Afinal, ela estava lá assistindo com eles.

Mas ela conhecia Proteus melhor do que qualquer outra pessoa naquela sala. Sabia que ele se preocupava com a segurança dela, não que estivesse tentando tornar sua vida ali mais difícil.

— Eu só vou... — Ela apontou para o quarto onde todos dividiam os

aposentos. — Se alguém precisar de mim.
Ellie duvidava que alguém conseguisse. Todos trabalhavam bem juntos, demonstrando claramente experiência em projetos semelhantes. Os dois engenheiros, um homem e uma mulher, colaboravam de forma impecável, passando de uma etapa para outra com a precisão de um relógio. Os demais eram igualmente talentosos, e todas as mulheres, com exceção de uma, contavam com a ajuda de outra pessoa.
A mulher sozinha parecia ser quem estava debruçada sobre as anotações que haviam encontrado. Ela desbloqueara uma seção dos registros em um dos computadores e passava os dias fazendo anotações depois de lê-los. Aparentemente, ela era uma espécie de gênio, mas não havia trocado uma palavra com Ellie desde que chegara.
Nenhum deles tinha. Todos se apresentaram tão rápido que ela não conseguiu anotar seus nomes, e permaneceram isolados. Se ela fazia uma pergunta, eles respondiam prontamente, mas essa era a única interação que ela tinha com eles.
Entrar nos aposentos foi subitamente sufocante. Todos os seus pertences enchiam o cômodo. Eles haviam transferido o corpo da mulher que morrera para lá, jogando-o para fora como se nem merecesse um enterro no mar.
Ela os ouviu conversando sobre as "condições insalubres" e comentando que era estranho qualquer ser humano viver em um lugar como aquele sem tentar transformá-lo em um lar.
Ela tinha. Ela só... não sabia como era a aparência de uma casa.
Seu coração começou a doer. Apertava-lhe o peito, batendo forte e depois diminuindo rapidamente, dificultando até mesmo a respiração, sem que ela se preocupasse com o que poderia estar acontecendo. Mas estar ali? Não estava ajudando. Disso ela tinha certeza.
Ellie voltou para a antecâmara, procurando a única pessoa naquela sala que sempre conversava com ela, não importava o que Proteus estivesse

fazendo.

Piloto estava em cima de um dos computadores, conectado ao mainframe, executando alguma outra tarefa solicitada por alguém que não deveria ser tão importante quanto ela. Ou pelo menos... Não, seus pensamentos estavam todos embaralhados.

Eles eram importantes. E muito importantes. Cada pessoa ali estava realizando um trabalho que ela jamais conseguiria fazer sozinha, e não era justo da parte dela sequer sugerir o contrário. Pensar neles como algo além das pessoas inteligentes que eram era cruel.

— Desculpe — murmurou ela enquanto pegava Piloto e o desconectava do computador. — Preciso dele por alguns minutos.

— Ei! — reclamou a mulher sentada abaixo dele, mas Ellie não tinha ânimo para se importar naquele momento. Esta noite, ela se preocuparia em saber se todos a odiavam ou não. Agora, ela precisava de um amigo.

Mesmo que esse amigo fosse um droide programado para concordar com ela.

Ela saiu para o outro cômodo que Proteus havia revelado. Teve sorte de não estar chovendo granizo. Pelo menos hoje, a tempestade apenas se anunciava no horizonte, nuvens ameaçadoras pairando sobre ela, fazendo parecer que estar ali fora era uma má ideia, mas ainda não havia chuva.

— Solte-me! — resmungou Piloto, movendo as pernas tão rápido que quase a cortou até que ela o colocou no chão. — Tenho trabalho a fazer.

— Eu sei. Eu só... — Ela começou a andar de um lado para o outro na frente dele. — Acho que ninguém lá dentro gosta de ficar perto de mim.

— Eles não têm opinião nenhuma sobre você. Eles têm medo de Proteus. É isso que você quer ouvir? — Piloto caminhou lentamente em direção à porta, querendo abri-la e voltar ao trabalho.

— Piloto, por favor. — Ellie caiu de joelhos, tão cansada que mal conseguia ficar de pé. — Só preciso de um amigo.

O droide hesitou entre o que queria fazer e o que era certo fazer. Soltando um suspiro mecânico, cruzou as pernas e sentou-se na areia para olhá-la.

— Do que você tem medo? Importa se eles gostam de você?

— Bem, um pouco. Estou morando com eles agora, não estou?

— Você está. Mas isso não significa que eles tenham direito ao seu tempo. Se você não gosta deles, quem se importa se eles gostam de você? Você venceu. — Ele pareceu um pouco orgulhoso de si mesmo por essa declaração.

— Gostar ou não de alguém não tem a ver com vencer.

— Não é mesmo? A maior parte da vida é sobre vencer.

— Piloto... — Ela deveria falar com uma pessoa sobre isso, não com um droide. — Quero que eles gostem de mim. Quero conversar com eles e falar com outras pessoas como eu.

A porta se abriu com um sibilo e uma mulher entrou. Era a engenheira que a observava.

— Droide, volte ao seu trabalho.

Ellie queria protestar, dizendo que ele deveria ficar com ela. Ela precisava dele, mesmo que a conversa não estivesse indo tão bem quanto ela esperava. Mas Piloto saiu correndo pela porta tão rápido que ela não teve tempo de dizer uma palavra.

Ela suspirou, olhando para as mãos em seu colo.

— Acho que também devo voltar para dentro.

— Eles não te enxergam como pessoa — disparou a engenheira.

As palavras pairaram entre elas. Não uma pessoa. Nunca fora. Esse era o problema, não Proteus. O problema com todas as outras pessoas ali era que ela não era humana de verdade, e elas percebiam isso.

— Ah — murmurou ela. — Suponho que faça sentido.

— Na verdade, não. Um clone não se parece em nada com o Original. Eu sei disso porque trabalho com muitos deles. — A mulher se agachou na

areia. — Meu nome é Quinn. Prazer em conhecê-la, Ellie.
Quinn. Ela se lembrou do nome agora que ele foi mencionado. Quando todos se apresentaram, Ellie disse que era um nome bonito. Um dos outros engenheiros bufou e disse que pessoas em suas funções não precisavam de nomes bonitos, apenas precisavam ser boas no que faziam.
Lambendo os lábios, ela tentou iniciar uma conversa que esperava que pudesse levar a algum lugar.
— Você trabalha com clones como eu?
— Obviamente, não do mesmo tipo. Quem quer que tenha sido seu Original, eu nunca vi um clone parecido com você. Mas isso pode ter vários motivos. Eu ajudei a despertar a primeira tripulação que chegou a Beta. — Quinn deu de ombros. — Toda a experiência foi traumatizante. Para eles, para mim, para todos os envolvidos e provavelmente para as gerações futuras. Nos disseram que seu povo seria como crianças. Vocês não saberiam o que estava acontecendo quando acordassem e teriam que aprender a falar, a comer, talvez até a respirar.
Ellie fez uma careta.
— Ninguém sabia que os Originais estavam nos acordando?
— A única pessoa sobrevivente de Tau foi Alexia. Acredito que você a conheceu quando os outros chegaram.
Ellie apenas a encarou com um olhar vazio. Ela conhecia Mira porque a ruiva havia se apresentado. Ela não conhecia nenhum dos outros que apareceram ali.
Quinn levou a mão à cabeça.
— Ela é muito alta.
— Ah, sim, ela reagiu como se me conhecesse.
— Ela provavelmente conhecia a sua Original. Trabalhou com todos eles, pelo que sei.
Ellie assentiu. Então ela estava certa de que Alexia era uma das guardas

pessoais dos Originais. Alterada e manipulada como os clones.

— É horrível que você tenha tido que estar lá durante esse processo. Acordar nunca é muito confortável, e eu me lembro... Bem, alguns dos clones gritaram bastante.

— Na verdade, a maioria sim. Acho que não houve um único em Beta que não tenha sido afetado. — Quinn deu de ombros. — Olha, só estou te avisando para não levar para o lado pessoal. A maioria das pessoas que tiveram que lidar com os clones não eram aquelas que trabalham em escritórios chiques como muita gente por aí. O outro engenheiro, o nome dele é Tim. Ele também já lidou com gente como você. Você pode falar com ele.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu só...

Quinn esperou. Pacientemente. Não parecia que ela estivesse apressando os pensamentos de Ellie ou pressionando-a para terminar a conversa e voltar ao trabalho. Parecia apenas duas pessoas conversando sobre o seu dia.

E foi nisso que Ellie se decidiu.

— Nunca me senti pertencendo a lugar nenhum. Quando eu estava acordada em Tau, era porque eles queriam que eu trabalhasse. Eles me treinaram para ser a pessoa que eles queriam, e agora que me deram essa segunda chance, eu só quero sentir que talvez eu tenha amigos. Ou nem mesmo amigos, mas pessoas que me vejam como mais do que uma ferramenta. Pessoas que reconheçam que eu também sou uma pessoa.

— Você é uma pessoa.

— Poucas pessoas percebem isso. — Ela piscou, olhando para Quinn. — Mesmo agora, você está dizendo que os outros ainda me veem como um clone. E eu sou. Eu reconheço isso. Mas... Bem, espero que talvez um dia eles olhem para mim e vejam apenas a Ellie.

Quinn pareceu congelar. Seu rosto ficou muito vermelho de repente, e ela

se levantou abruptamente.

— Vou falar com eles.

— Ah, não era isso que eu estava perguntando...

— Vou falar com eles — Quinn repetiu firmemente. — Só dê um tempo, tá? Vai levar um tempo.

Ellie observou-a sair do cômodo e ouviu a porta fechar-se com um sibilo atrás dela. Era um começo, pensou. Pelo menos alguém tinha falado com ela como se ela fosse real.

Uma ponta de esperança começou a brotar em seu peito. Ela queria acreditar que aquelas pessoas conversariam um pouco mais com ela. Não precisavam ser suas amigas, como ela havia dito a Quinn. Mas talvez compartilhassem um pouco de suas próprias vidas. Apenas sobre o dia a dia delas ou sobre como eram seus dias em suas cidades. Ela queria que reconhecessem que ela estava viva e que talvez pudessem ajudá-la, dando-lhe alguma tarefa para cumprir além de suas obrigações.

Ellie só queria uma vida. Uma vida humana normal. E eles eram os únicos que podiam lhe dar isso.

VINTE E SETE

Proteus

Os outros não a aceitavam. Ele não tinha certeza do porquê, mas percebia isso sempre que retornava ao santuário. Essa era sua única queixa em relação aos recém-chegados. Eles logo descobriram muitas coisas novas e úteis que, de outra forma, estavam escondidas no Santuário.

É claro que Proteus não tinha dúvidas de que seus companheiros os encontrariam, eventualmente. Tanto Ellie quanto Piloto eram capazes. Mas será que descobririam tudo isso tão cedo? Parecia improvável. O futuro se aproximava rapidamente, e isso deveria tê-los deixado muito felizes.

Em vez disso, tudo o que ele via eram os cientistas e engenheiros ficando mais sérios. Eles evitavam a presença de Ellie como se ela tivesse algum tipo de doença que um deles pudesse contrair se não tomassem cuidado. Ele não entendia. Aquilo lhe causava arrepios.

Eles não faziam ideia de quão especial ela era. De quão rápido sua mente funcionava. Ou mesmo da profundidade da compaixão que estava enraizada em sua pele. Eles nem se importavam.

Então ele decidiu que, se eles não iam aproveitar a beleza, a maravilha e o talento da sua humana, ele a levaria para passear sozinho por um tempo. Ela merecia isso.

Resmungando baixinho, ele saiu da água e a observou enquanto ela atravessava a sala. Ela carregava os braços cheios de metal que já haviam manchado seus belos braços de ferrugem, e ele também não gostou disso. Um rosnado baixo estrondoso veio de seu peito, agitando a água ao

redor antes que ele pudesse se conter. Todos os humanos congelaram, olhando para ele com expressões de medo até que ele parasse.

Muito bem. Talvez ele fosse em parte o problema. Ele precisava controlar suas reações. Ela estava trabalhando, e era para isso que ele a tinha trazido, afinal.

— Ellie — disse ele, com a voz trêmula, um chamado que ecoou no ar. — Você está comigo hoje.

Ela assentiu com a cabeça, depositando o metal onde provavelmente deveria estar antes de se dirigir a ele.

— O que você quer que eu faça, Proteus?

— Você vai nadar comigo.

— Ah. — Ela piscou algumas vezes e então disse: — Então você quer que Piloto venha conosco também?

Não, ele não queria que o droide fosse com eles. Aquele cretino arruinaria todos os momentos doces que ele havia planejado e provavelmente deixaria a água gelada com seu desprezo. Proteus não tinha o menor interesse em um droide atrapalhando o momento.

— De jeito nenhum — rosnou ele. — O droide fica aqui.

Mais uma vez, ela olhou para ele como se ele tivesse perdido a cabeça. Em voz baixa, Ellie disse: — Eu ainda não consigo respirar debaixo d'água, Proteus.

Outra mulher caminhou até ficar ao lado dela. A engenheira era alguém que ele tinha visto perto de Ellie algumas vezes. Seu cabelo loiro-escuro a destacava das outras, principalmente por ser tão forte. Ombros largos e braços musculosos, à mostra sob a blusa sem mangas, faziam-na parecer muito mais... mais capaz que os outros. Ela vestia um uniforme de engenheira que devia ter encontrado no fundo do depósito, mas o macacão não lhe servia. Por isso, as mangas foram arrancadas.

— Ele ainda não respirou por você? — perguntou a mulher. — É assustador, mas eles conseguem fazer isso muito bem. Tudo o que fazem

é enfiar um tentáculo no seu pescoço. Uma picada rápida e, de repente, você está respirando debaixo d'água.

— Quem é você? — resmungou ele.

— Quinn. Seja legal comigo, ou eu não serei tão legal com sua amiga aqui. — Quinn apontou para Ellie e então lhe deu um sorriso. — Pode ir em frente com o tentáculo. Já vi isso vezes suficientes para não me dar mais enjoo.

Ele não gostou para onde aquilo estava indo. Ellie já estava vindo em sua direção, e isso não ia funcionar da maneira que nenhum dos dois pensava.

— Eu não tenho um desses — disse ele.

Agora todos estavam ouvindo. Ele podia sentir. Até o homem lá atrás, que estava fazendo um barulho infernal enquanto martelava alguma geringonça, de repente começou a martelar muito mais silenciosamente.

Ele conseguia ouvir um alfinete cair, e isso dizia muito sobre o quão barulhenta aquela sala tinha estado até ele admitir isso.

— O quê? — ele sibilou. — Claramente não sou um ondino. Eles sempre foram resilientes, e quando descobriram o uso daquele tentáculo, ficou provado que humanos e ondinos eram compatíveis. Não sou humano nem ondino.

Quinn ficou apenas olhando. Mas então ele sentiu o olhar dela percorrendo seu corpo, examinando-o com olhos novos antes que ela soltasse um longo suspiro.

— Ah. Bem. Tudo bem, pode ficar com o meu respirador.

As duas mulheres desapareceram nos fundos por tempo demais. Ele já estava inquieto, e ter que esperar o retorno de Ellie era de alguma forma ainda pior.

E se ela não gostasse do lugar para onde ele a estava levando? Ele duvidava que ela não gostasse. Até então, Ellie tinha sido muito fácil de impressionar. Ela gostava do oceano. Gostava de ver coisas novas. Ele

iria combinar os dois amores e mostrar-lhe algo exclusivamente aquático e novo.

Mas ainda assim, algo repugnante se insinuava em seu peito. Fazia muito tempo que ele não sentia uma dúvida assim, e isso não deveria dizer algo sobre ele? Ela o enfraqueceu. Ela o fez questionar suas próprias habilidades. Ela...

Era de uma beleza de tirar o fôlego.

Ele teve que se controlar para não deixar o queixo cair quando ela voltou para a sala vestindo uma roupa de mergulho com um daqueles dispositivos de metal sobre a boca. Mas seus olhos se demoraram nas curvas do corpo dela e em como ela se movia com uma graça inata.

Suas longas pernas estavam à mostra para que todos pudessem vê-las. A leve curvatura de sua barriga fez com que seus olhos se demorassem na maciez ali presente, mas logo ele só conseguiu contemplar a exuberância de seus seios e engolir em seco, sentindo a boca salivar. Ele a havia provado, e agora tudo o que queria era rasgar aquele traje de mergulho ao meio para poder se deliciar com ela novamente.

Talvez ela soubesse o que ele estava pensando. Suas bochechas coraram intensamente quando ela encontrou o olhar faminto dele e então apontou para o dispositivo em sua boca. Ouvia-se um som abafado de sua voz, mas era difícil compreendê-la de tão longe.

— O que é isso? — perguntou ele, com a suspeita crescendo em seu peito. Ele precisava de muito mais informações antes de levá-la para o mar aberto vestindo aquilo. E se não funcionasse?

A engenheiro, com ar arrogante, respondeu ao lado de Ellie: — Um respirador. Uma das criações da Mira. É uma versão mais recente, então vai durar mais. A ideia dela era criar uma forma de respirar debaixo d'água como os peixes, basicamente um sistema de filtragem de oxigênio. Se você olhar na lateral, pode ver os cilindros de nitrogênio e... Você não precisa saber de tudo isso. Estou me aprofundando demais. Vai permitir

que ela respire por... Ele filtra o que precisa através da própria água. É tudo o que você precisa saber. — Quinn deu um tapinha nas costas de Ellie. — Divirta-se. Vamos ficar todos trabalhando duro aqui enquanto você estiver fora.

— Devo ficar? — perguntou Ellie, e ele ouviu isso alto e claro.

— Não — respondeu ele em nome dos demais, e então estendeu os braços para ela.

Ela se aproximou dele como uma mulher saída de um mito. O mundo inteiro desapareceu enquanto seus quadris balançavam e ela caminhava graciosamente em sua direção. Será que ela sabia o quanto ele estava enfeitiçado por ela? Será que ela sabia que o havia enfeitiçado e que, de alguma forma, ela era tudo em que ele conseguia pensar?

Provavelmente não. E isso fazia parte do seu charme, ele supôs.

Proteus segurou-a pela cintura e a ergueu na água com facilidade. Ela quase não pesava nada para ele, mas nada pesava muito quando se era tão grande quanto ele.

Eles afundaram na água e, uma vez sob a superfície, ele pôde respirar novamente. Ele indicou para ela seguir o caminho que havia percorrido antes, para que pudessem se encontrar por entre as rochas. O outro caminho simplesmente não era seguro o suficiente para ela. Sim, havia mais espaço, mas as rochas eram incertas. Um desabamento em torno de um ondino era algo que todos eles poderiam enfrentar. Mas ela? Ela morreria em um desabamento.

Abanando a cauda, ele se moveu rapidamente para o lado dela, para que pudesse estar do outro lado das rochas assim que ela conseguisse passar. E, mais uma vez, ele ficou simplesmente estupefato com ela. Com os cabelos espalhados ao redor do rosto, os curtos fios escuros parecendo tinta, ele ficou chocado com a facilidade com que ela parecia estar se adaptando ali.

Sem dizer uma palavra, ele a abraçou e iniciou a jornada. Levaria um

tempo, mas ele era uma besta gigantesca. Proteus podia se mover mais rápido do que a maioria dos ondinos poderia imaginar na água, e ele pretendia usar cada fibra do seu ser para levá-los até lá com tempo de sobra.

Ele queria que ela aproveitasse ao máximo, pois o mar estava mais calmo naquele dia. Quase como se a própria deusa soubesse que ele queria mostrar algo especial a alguém.

Ela não disse uma palavra até que se aproximaram do monólito subaquático. Era impressionante vê-lo daquela distância. Uma montanha que havia afundado sob as ondas.

— O que é isso? — perguntou ela.

— Um vulcão antigo — respondeu ele. — Entrou em erupção há muitos anos, e o centro foi desgastado. As marés altas permitiram que a água penetrasse no centro, mas isso ocultou o interior da fúria das ondas.

— Não tenho muita certeza do que você está prestes a me mostrar.

— O último recife de coral vivo — murmurou ele antes de seguir naquela direção. Ele já conseguia vê-lo. Os corais que se agarravam às pedras e os cardumes de peixes que o decoravam.

Este recife havia resistido por anos, sobrevivendo melhor do que ele esperava. Corais-cérebro gigantes ainda estavam lá, alguns com centenas de anos. A maioria dos corais ramificados havia se quebrado nas tempestades, mas no centro, bem no fundo, muitos ainda estavam intactos.

— As ondas quebram ao redor do recife — disse ele, soltando-a. — E isso salva grande parte dos corais da morte durante as tempestades. Por mais furioso que o mar pudesse ficar, ele sempre protegeu este lugar. Agora, eu o mostro a você.

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Explore — respondeu ele com um sorriso suave. — Não diga nada e explore, Sisu.

Ela se afastou dele e deslizou pela água. Ou pelo menos tentou. Ela se desvencilhou dele com as pernas e conseguiu se manter na água por um breve momento antes de afundar novamente.

Ele havia se esquecido de que ela não sabia nadar. Lá estava ele, escolhendo o melhor dia possível para ela, sob a luz do sol que penetrava os corais, e havia se esquecido do detalhe mais importante.

Proteus passou um braço por baixo da cintura dela e aproximou-se da superfície. Flexionando um pouco os músculos, transformou a cauda em uma boia para que ela pudesse se agarrar. Pegou as mãos dela e certificou-se de que ela segurava suas escamas com firmeza.

— Aguente firme — disse ele. — Vou mantê-la na superfície.

Ela assentiu com a cabeça, claramente chocada com o que estava acontecendo, mas isso importava? Ele não podia ir muito longe além do recife. Não havia espaço suficiente acima do coral para uma criatura do seu tamanho. Mas ele podia esticar a cauda por cima e mantê-la ali.

O respirador permitia que ela observasse cada peixinho que passava rapidamente por eles sem se preocupar em levantar a cabeça para fora da água. Os óculos de mergulho em seu rosto também não haviam embaçado, então ele sabia que ela conseguia ver todas as partes mais incríveis daquele recife.

O peixinho sempre fora o seu favorito. Ele gostava dos pretos e brancos. Listrados e rápidos, viviam um pouco mais fundo que os outros. Eles giravam em torno dos dois, claramente curiosos para ver que novas criaturas haviam se juntado a eles.

Depois, havia os peixes-agulha. Longos e pontiagudos, tinham dentes serrilhados em seus focinhos pontiagudos, afiados o suficiente para cortar sua carne. Mas pairavam perto da superfície em um cardume, observando os dois com olhos atentos até que todas dispararam juntas.

Ellie levou os dedos aos ouvidos algumas vezes, e ele pensou por um instante que havia água neles, antes de perceber que ela estava ouvindo o

próprio recife. Os estalos e crepitações do coral se movendo a fizeram observá-lo com mais atenção.

Ele a conduziu até alguns dos peixes-papagaio maiores e coloridos, essenciais para a sobrevivência daquele recife. Um deles mastigava um pedaço de coral, e ele viu Ellie tocar as orelhas novamente.

Rindo, ele apontou para a grande criatura de onde vinha o som.

— Um peixe-papagaio — explicou. — Eles fazem parte de um grande ecossistema que ajuda todo este lugar a funcionar.

Mas seus olhos não estavam no peixe grande. Ela observava um pequeno peixe azul neon e roxo limpando uma enorme amêijoa. O peixinho esfregou a lateral na amêijoa gigante, e a criatura maior se fechou com um estalo surpreendentemente alto. Mas não antes de ter visto o delicado interior azul, salpicado de branco brilhante como estrelas.

Então ela apontou para trás dele, e ele se virou para olhar uma raia-águia que passou nadando por eles. Quase parecia que estava voando pela água. Cada asa se movia com tanta graça, com sua longa cauda pontiaguda arrastando-se atrás. O corpo negro era salpicado de manchas brancas, muito semelhante à amêijoa antes de desaparecer entre as ondas na escuridão do mar além.

Eles passaram horas ali, observando o mar se mover com o fluxo e refluxo das marés. Aquele era o seu lugar favorito para descansar. Sempre fora. E quando o mar lhe disse que ainda era seguro, que ele ainda podia vir ali, ele soube que precisava mostrá-lo a ela.

— É isto que você quer reconstruir? — perguntou ela, com a voz ainda abafada pelo dispositivo metálico em seu rosto.

Proteus assentiu solenemente.

— É isso que todos nós precisamos ver reconstruído. O mar precisa disso para viver. Seu povo também precisa disso para sobreviver.

Ela olhou para ele, e por um instante ele pensou que seus óculos de proteção estivessem furados. Até que percebeu que ela estava realmente

chorando. Lágrimas escorriam por suas bochechas dentro dos óculos e se acumulavam na parte inferior.

— Isso é lindo, Proteus. Tudo aqui é tão saudável, tão... vivo.

— É tudo o que o mar quer. É tudo o que este planeta precisa. Mais vida e beleza. — Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo emaranhada atrás da orelha dela. — Fico feliz por ter podido compartilhar isso com você.

— Há tantas cores.

Ele deu uma risadinha.

— Sim, o mar sabe como dar um show de cores, disso não há dúvida.

Ela balançou a cabeça e bolhas irromperam de seu respirador como se estivesse rindo.

— Acho que nunca vi tantas cores na minha vida. Quanto tempo podemos ficar?

Proteus calculou que já estavam ali havia algumas horas, mas quando ergueu a cabeça para fora da água, tudo o que viu foi o furacão vindo em sua direção.

— Não falta muito. Mas eu queria te mostrar mais uma coisa.

— Você tem outro presente? — perguntou ela, com a voz cheia de admiração. — O que eu fiz para ser mimada hoje?

Você existe, ele queria dizer. *Você existe e me vê como alguém mais do que um monstro.*

Em vez disso, ele sorriu e a puxou para mais perto, para que pudesse envolvê-la em seus braços.

— Há um antigo templo humano aqui. Ele está submerso no mar há anos, mas acho que você vai gostar de vê-lo.

VINTE E OITO

Ellie

Ellie ainda não tinha ideia do que havia feito para receber presentes como aqueles. De fato, era a coisa mais incrível que ela já tinha visto na vida. Ser capaz de flutuar acima dos peixes, observando-os nadar em círculos ao redor uns dos outros, a fez repensar tudo.

Claro, tinha sido apenas uma experiência. E ela já tinha visto peixes antes. Malcolm, o cientista que trabalhava com ela em Tau, adorava observar os peixes que mantinha em aquários no escritório. Ela os observava nadar por horas a fio até que ele gritasse que ela tinha trabalho a fazer. Mas aquilo não era a mesma coisa que vê-los em seu habitat natural.

De alguma forma, observá-los viver neste mundo a fez sentir que eles eram mais do que apenas animais de estimação. Eram criaturas reais e impressionantes, com muita personalidade. Eles corriam uns ao redor dos outros, claramente se envolvendo em pequenas brigas e discussões, mas logo retornavam para seus lares.

Cada peixe neste recife parecia conhecer seu lugar no mundo. Todos tinham funções e relações com outros peixes. Eles conheciam ou reconheciam do cotidiano. Viviam de tal maneira que era muito óbvio que todos faziam parte de um todo funcional.

Então, quando Proteus disse que queria lhe mostrar mais, ela não ia dizer não. Como poderia?

— Um local de culto? — perguntou ela enquanto eles atravessavam a água rapidamente.

Eles estavam tão perto da superfície que ela conseguia ver quando a

chuva os alcançava. A água acima de sua cabeça passava de padrões ondulatórios para buracos feitos pela chuva que a perfurava. Ela estava tão fascinada pela textura que não percebeu quando eles chegaram até que Proteus riu em seu ouvido.

— Vamos lá, Sisu — disse ele com outra risadinha. — Acho que você vai gostar mais disso do que da chuva.

Um relâmpago iluminou o prédio submerso. Era impressionante, com colunas de pelo menos três andares de altura, ainda brancas como osso. Parecia com os prédios que ela vira em antigos mitos e lendas. O tipo de construção onde deuses seriam adorados e estátuas de dez homens de altura seriam erguidas. Mas, conforme Proteus entrava, ela percebeu que era bem moderno.

Uma porta havia sido selada há muito tempo, e quando Proteus digitou uma sequência de números complexos, ela deslizou e se abriu com uma rajada de bolhas de ar que dificultou sua visão. Ela ergueu um braço, tentando manter o respirador no lugar enquanto Proteus os forçava a entrar no espaço vazio.

A porta deve ter se fechado atrás deles, porque foram arremessados em um espaço que de repente ficou cheio de ar.

Ela piscou algumas vezes por baixo dos óculos de mergulho, tentando assimilar o fato de que acabara de estar no oceano, mas agora se encontrava em um espaço que quase parecia... quente.

Proteus a acolhera em seus braços, certificando-se de que ela nunca fosse arremessada para longe demais ou se machucasse. Mas agora ela estava deitada sobre um deus, enquanto percebia que o chão sob seus pés era inteiramente dourado. Não apenas na cor, mas no metal, que refletia a expressão de choque em seu rosto.

Ela ergueu a cabeça, contemplando a riqueza que os cercava. Tudo ali era revestido de ouro. O chão, o teto, as paredes. Tudo. Estavam dentro de uma espécie de caixa de ouro, com pouquíssimos pertences restantes.

Mas ela percebeu que havia áreas onde mais pés haviam manchado o ouro. Manchas ainda estavam visíveis em certos locais onde provavelmente as pessoas se ajoelharam para adorar o deus do sol. Havia bancos encostados na parede oposta, todos igualmente cobertos com o que ela só podia presumir ser folha de ouro. Mas aqueles bancos pareciam antigos.

As paredes eram em sua maioria nuas e simples, refletindo as pessoas que frequentavam o templo, em vez de apresentarem murais ou obras de arte que retratassem o próprio deus. Com exceção de uma parede, que era inteiramente de vidro.

Ela fitou o mar, sabendo que provavelmente não era aquilo que as pessoas que estiveram ali antes dela tinham visto. Um precipício imenso despencava da base das janelas, deixando-a encarando um abismo, enquanto o que os fiéis anteriores deviam ter visto era a própria superfície do mar. Eles deviam ter contemplado a luz cintilante do sol refletida nas ondas que fazia toda aquela sala brilhar.

Quanto mais ela encarava aquele vazio escuro, mais nervosa ficava. Parecia que algo a encarava de volta. Algo que ela não conseguia ver.

Proteus virou-se de bruços, ajudando-a a levantar-se enquanto fazia o mesmo, e depois apoiou-se nos braços para olhar pela janela com ela.

— Ah — murmurou ele. — Então ainda está vivo.

— O que ainda está vivo?

Mas então ela viu. Os tentáculos que ondulavam no mar. Ela não os tinha notado porque sua mente estava dispersa da possibilidade de que algo assim fosse real. Não podia ser real. Ela não estava olhando para um monstro marinho de verdade, afundado no fundo do abismo, apenas à espera de uma presa infeliz.

— Seu povo costumava chamá-lo de kraken — murmurou Proteus enquanto a abraçava. Ele havia enrolado a cauda sob si como uma serpente, usando o peso da parte inferior do corpo para conseguir quase

se sentar ereto.
As costas dela bateram no peito dele enquanto as palavras dele a invadiam.
— Um kraken? — ela murmurou. — Tipo...
— É uma espécie de lula. Normalmente vive apenas em águas profundas, mas com a subida do nível da água, elas vêm à superfície com mais frequência. — Ele apontou com um dedo comprido, e ela seguiu o traçado da garra dele, delineando o contorno dos tentáculos que se estendiam mar adentro. — Suas presas se aproximaram da superfície, e a criatura também.
— Você sabe disso?
— De certa forma. É um animal, não uma criatura mítica. Não pode falar ou conversar da maneira que você está supondo, mas sim. Eu interagi com ele e sei que não me fará mal se eu passar nadando por perto. — Ele a apertou mais forte. — Nós passamos nadando por ele para chegar aqui. Fiquei surpreso que você não o tenha visto.
Uma faísca de medo acendeu-se em seu peito.
— Você me levou bem na frente de um monstro como aquele?
— Monstro parece uma palavra muito forte.
Ela se virou bruscamente, batendo com a palma da mão no peito dele.
— Você nadou bem ao lado de um kraken, do qual eu já ouvi falar, aliás, e achou que eu ficaria bem com isso?
— Eu não perguntei se você estava bem. E você não percebeu.
As mãos dele estavam quentes em sua cintura. Ele parecia não se importar nem um pouco com o fato de ela estar batendo nele com seus punhos pequenos. Na verdade, se ela tivesse que adivinhar, diria que ele talvez até gostasse de ser atingido.
Mas aquele sorriso a impedia de se concentrar em qualquer coisa além do homem à sua frente. Mesmo sabendo que havia uma criatura marinha aterrorizante na água logo atrás dela, e embora uma parte de sua mente

quisesse se concentrar nisso, o resto dela queria olhar para ele.

Quando foi que ele deixou de ser assustador para ela? Esse deus quase arrancou o braço dela com uma mordida bem na frente dela. Ele a atacou num acesso de fúria, e ainda assim, agora ela só conseguia se lembrar das coisas boas que ele tinha feito. De como ele era gentil. De como ele se preocupava em garantir que ela estivesse alimentada. E de como ele ficava furioso sempre que ela não era tratada bem.

As coisas tinham mudado entre eles.

As mãos dela o esbofetearam mais uma vez, mas desta vez as palmas demoraram-se em seu braço. Os ondinos que ela vira antes eram todos frios, mas ele ardia em brasa. Como uma fornalha, ele aquecia as palmas das mãos dela.

Os músculos do peito dele eram fascinantes. Eram planos, como os de um humano, mas tão definidos. Ela podia sentir a força nele e a maneira como cada fibra muscular se contraía quando seus dedos deslizavam sobre elas.

Ellie deslizou os dedos para baixo. As saliências ásperas do abdômen dele criavam elevações e depressões que eram tão... intrigantes. Ela nunca havia olhado para o corpo de um homem e se perguntado muito sobre ele. Humanos eram simplesmente humanos. Ela nunca fora criada para o prazer ou para se interessar por ele, mas ele despertara algo nela que fazia com que cada parte dela desejasse explorar.

— O que você fez comigo semana passada — ela sussurrou, a voz um pouco rouca ao pensar na língua e no toque dele. — Não consigo parar de pensar nisso.

Ele murmurou baixinho. Ela podia sentir as guelras ao longo de suas costelas se movendo com a respiração, a maciez delas deslizando entre seus dedos enquanto ela percorria seu torso com o toque.

Proteus não disse mais nada, então ela continuou falando enquanto explorava os filamentos macios de suas brânquias.

— Isso me fez pensar: será que existe uma maneira de eu te proporcionar a mesma experiência? Parece injusto que eu tenha tirado tudo isso de você e você não tenha recebido nada em troca.

— Ambos temos lutado para encontrar prazer nessas formas — murmurou ele, seu olhar fixo nela como uma marca. — Não tenho certeza se sou sequer capaz de tais coisas.

— Você nunca fez isso?

— Nunca.

O olhar dela se voltou para ele, a surpresa estampada em cada traço do seu rosto.

— Você nunca fez isso?

Havia tantas implicações naquelas palavras, mas ela ficou completamente surpresa. As pessoas o veneravam. Ele era um deus. Certamente houve pelo menos alguns momentos em que ele se entregou ao prazer.

Mas ela percebeu que não. Ele nem sequer sabia se conseguiria.

Ela imaginou que ali estava uma oportunidade para lhe mostrar.

Ela sabia que ele gostava quando ela beijava seu peito, então imaginou que começaria por ali. Ellie distribuiu beijos por sua pele, lambendo seus músculos para sentir o gosto do sal que ali se acumulava. Ela o deixou puxá-la para si, sem nem perceber que ele a havia arrastado para baixo, de modo que ambos ficaram deitados até que ela pudesse relaxar completamente sobre ele.

Cada beijo parecia certo. Aquecia seu corpo, fazia sua pele formigar, e ela conseguia sentir com muita facilidade aquela sensação maravilhosa que ele havia despertado nela uma semana atrás.

Prazer, lembrou a si mesma. Luxúria. Existiam palavras para isso, mesmo que ela não fosse muito boa em se lembrar delas. Mas logo se lembraria. Sua pele já estava quente demais e repuxada demais.

As mãos dela deslizavam pelas laterais do corpo dele, tentando ouvir os

sons suaves que ele emitia quando gostava do que ela fazia. Mas não eram exatamente os mesmos sons que ela costumava emitir. Ele não estava necessariamente produzindo sons de prazer, mas de conforto e relaxamento.

Mas quando ela lambeu entre os músculos abdominais dele, jurou que ouviu um suspiro diferente dos outros. Olhando para cima, viu a mesma expressão no rosto dele que ele tivera quando a viu sair com a roupa de mergulho. Era isso que ela queria. O calor no olhar dele, a necessidade que parecia queimar por dentro.

Ele tinha isso dentro de si. Ela tinha certeza disso. Ele simplesmente nunca havia recebido o dom de descobrir o prazer que o faria ver estrelas.

Inclinando-se para a frente, ela o montou enquanto abria o zíper de sua roupa de mergulho. A expressão dele era a de um homem que cobiçava a criatura acima dele, e ela pensou que talvez seu corpo fosse suficiente para intrigá-lo.

O zíper deslizou, centímetro por centímetro, revelando quilômetros de sua pele até que seus seios estivessem livres. Seus mamilos se eriçaram com o toque do ar. Seu olhar não se desviou de seu peito, e aqueles olhos escuros pareceram escurecer ainda mais.

Suas nadadeiras do quadril eram basicamente tentáculos nas bordas, mas ela nunca as tinha visto se moverem daquele jeito. Geralmente ficavam flácidas, como as nadadeiras de um ondino comum, a menos que ele estivesse nadando, é claro. Mas agora elas se estendiam em direção a ela, todas aquelas ventosas se abrindo como se ele quisesse... quisesse...

— Oh — ela sussurrou. — Você quer me tocar.

— Terrivelmente — murmurou ele.

Ela agarrou suas nadadeiras e as levou até sua pele exposta. Com um gemido, sua cabeça caiu para trás ao sentir uma centena de pequenas bocas se prenderem à sua pele. Seus tentáculos brincavam sobre seus

seios, muitos deles se enrolando em sua pele, sobrepondo-se uns aos outros.

Sua cabeça também se inclinou para trás, e o som que ele emitiu foi de puro êxtase.

— Você tem um gosto tão bom — murmurou ele. Aquela língua comprida saiu para lamber os lábios, e ela percebeu que ele conseguia sentir o gosto através das ventosas de seus tentáculos.

Essa foi, sem dúvida, a interação mais estranha que ela já tivera com outro ser vivo, e ela não suportaria que terminasse tão cedo.

Um de seus tentáculos pressionou o zíper de sua roupa de mergulho, deslizando por sua barriga e penetrando entre suas pernas. Ele se prendeu ao seu clitóris com uma precisão que parecia quase impossível, mas ela não conseguiu pensar em muita coisa depois disso.

Ela estava tão molhada. Tão carente. Ellie se balançava contra os quadris dele, emitindo pequenos sons que eram ao mesmo tempo constrangedores e carentes. Mas não se tratava dela. Não era para ser sobre ela.

Era para ser sobre... sobre...

Ellie deslizou os quadris para trás novamente, e sua bunda encostou em algo duro atrás dela. Algo duro e incrivelmente grande.

Os olhos dela quase saltaram das órbitas quando ela percebeu que ele, de fato, tinha um pênis. Ele conseguia ficar excitado e, portanto, certamente podia sentir prazer.

Mas então ficou difícil pensar novamente, porque outro tentáculo deslizou entre suas pernas, e este parecia um pouco mais grosso que o outro. Ela percebeu o que ele queria. Ele queria mergulhar dentro dela, explorar as profundezas úmidas de seu corpo e fazê-la esquecer que tudo aquilo tinha um propósito.

Bem, duas coisas podem ser verdadeiras ao mesmo tempo.

Com um sorriso malicioso, ela se levantou. Esperava que o fato de seus

calçados estarem cravando em sua cauda não o estivesse machucando, mas ele não parecia estar em condições de reclamar enquanto ela tirava o traje de mergulho.

Seu olhar acompanhou cada movimento, devorando cada centímetro de pele exposta até que ela se virou. Suas mãos subiram para emoldurar seus quadris, segurando-a e puxando-a para baixo até que... Ele podia observar cada movimento de seus tentáculos enquanto atacavam sua fenda mais uma vez.

Mas agora ela estava diante dos pênis dele. No plural.

Agora ela podia encarar o desafio monumental à sua frente, ambos brilhando na luz dourada daquele templo. Quando um de seus tentáculos deslizou para dentro dela, a sensação, ao mesmo tempo estranha e imensamente bem-vinda, fez com que ela soltasse um pequeno gemido.

— Vai ser difícil — murmurou ela, sabendo que só tinha visto alguém transar antes, mas nunca tinha experimentado aquilo pessoalmente. Ela já tinha visto muita gente nua na vida, no entanto. E sabia muito bem que o que ele tinha era maior do que qualquer outro que ela veria novamente. Ainda assim, ela se inclinou para a frente e lambeu o mais próximo da base à ponta, e sorriu quando ele se arqueou contra ela. Um desafio, sim, mas que valeu cada segundo.

VINTE E NOVE

Proteus

Proteus viveu por séculos. Viu cidades serem construídas e ruírem, testemunhou o fim do mundo e seu renascimento. Lutou contra krakens, tubarões gigantescos, e discutiu com os próprios antigos. Era um deus do mar e pensava ter visto tudo o que a vida podia oferecer.

Ele nunca havia experimentado o calor abrasador que sentiu depois que ela lambeu seu pênis.

O mundo se inclinou. Mudou. De repente, não se tratava apenas da dor que ele podia causar ou da loucura que podia infligir. Um mundo se abriu, um mundo onde só existiam ele e ela. Fazendo isso até que ambos não pudessem mais ou até que morressem.

Seus quadris se arquearam em direção a ela, como se seu corpo soubesse o que fazer, enquanto sua mente não. Ainda bem que havia alguma semelhança com a natureza nisso, porque se fosse deixado por conta própria, ele achava que sua mente poderia se fragmentar e ele congelaria.

Os lábios delicados de Ellie envolveram a ponta do pênis dele. A suavidade da língua dela rodopiava ao redor da glande, saboreando-o enquanto os tentáculos dele a saboreavam.

Os tentáculos de seu quadril a envolveram, prendendo-a a si e forçando-a a permanecer onde ele queria, enquanto percorriam suas dobras como se tivessem sido feitos para isso. Seu corpo era uma criatura estranha. Ele permitiu que continuasse apenas porque não tinha certeza de como pará-lo. Ou se sequer queria.

Uma vibração suave percorreu seu pênis enquanto ela cantarolava. A sensação era diferente de tudo que ele já havia experimentado antes.

— Você tem gosto de água salgada — ela sussurrou, passando a língua pela lateral do pênis dele e depois agarrando o outro com as duas mãos.
Ela tinha o gosto do fim de todas as coisas. De ruína e um despertar que ele não conseguia conter. Ele queria devorá-la por inteiro. Já sentia a mandíbula se deslocando e a garganta se abrindo como se seu corpo quisesse engoli-la. Mas não, não ia acontecer. Ele não ia. Sabia muito bem que nenhuma parte dele queria machucá-la.
Por isso, ele não ficou nada surpreso quando, por instinto, se curvou, usando todos os músculos abdominais que havia desenvolvido ao longo de séculos para poder se deliciar com a carne dela enquanto ela fazia o mesmo com a dele.
Sua língua deslizou pela parte interna da perna dela, capturando algumas gotas de prazer que haviam escorrido. E então ele mergulhou a língua em suas profundezas.
Ele ouviu a música dos gemidos dela. Tentou se concentrar além da sucção e fricção repentinas enquanto ela começava a mover as mãos para cima e para baixo em seus pênis. Não havia pensamento, apenas sensação. A certeza de que ela estava ali. Ele estava ali. Eles estavam juntos, e que algo assim não poderia terminar tão cedo.
Mas Proteus nunca tinha feito isso antes. Ele nem sequer tinha percebido que seu corpo podia produzir os pênis que ela agora usava para seus próprios fins. Tudo isso terminou muito mais cedo do que ele desejava. Seus quadris se contraíram novamente e, de repente, ele não conseguia pensar. Não conseguia respirar.
Um prazer estrondoso, uma necessidade lancinante, tudo o atingiu ao mesmo tempo. De repente, ele foi surpreendido pelo que pareceu ser a melhor e a pior experiência de sua vida.
Ele gozou com força. Provavelmente com força demais. Ele não estava realmente prestando atenção quando ela se afastou bruscamente e gemeu novamente, aparentemente porque seus tentáculos começaram a se agitar

contra a pele dela, pois também experimentavam uma sensação que nunca haviam sentido antes. Todo o seu corpo pareceu se contrair até que um relaxamento súbito e maravilhoso transformou todos os músculos em líquido.

Ellie soltou um gemido, o som alertando-o de que, felizmente, seus tentáculos tinham feito seu trabalho direito e ela também havia gostado da experiência.

Com os braços trêmulos, ele a virou delicadamente para que a cabeça dela pudesse repousar em seu peito enquanto brincava com as mechas de seu cabelo que ainda secava. Que estranho, nem sequer pensar na possibilidade de alguém os atacar.

Ele não conseguiria, mesmo que tentasse. Todos os seus pensamentos eram dela. Essa mulher que trouxera luz e vida à sua vida, mesmo enquanto ele tentava desesperadamente destruir muito do que ela valorizava. Ela entrara no jogo dele e, depois, o virara do avesso.

Ainda ofegante, ele olhou para baixo e viu que o cabelo dela já estava quase seco. Os fios sedosos grudavam em seus dedos e garras, como se até aquela parte do corpo dela quisesse se agarrar a ele também.

Ele a deixaria. Deixaria que ela o abraçasse pelo resto da vida. Proteus se consideraria um homem de sorte se isso acontecesse.

Ela se mexeu contra o peito dele, sua respiração acariciando sua pele quente.

— Você está sempre tão quentinho.

Era só isso que ela tinha a dizer? Depois do que eles fizeram?

Ele deu uma risadinha, o som reverberando em seu peito. Então tentou responder, dizendo algo como: — Não são muitas as criaturas marinhas que têm calor — apenas para perceber que sua boca ainda estava aberta.

Não apenas o maxilar, mas toda a mandíbula. Todos os dentes ainda estavam à mostra, a garganta completamente exposta. Ela estava deitada contra ele, sabendo que aquela besta com a garganta cheia de dentes

ainda não tinha fechado a maldita boca.
Ele usou a mão livre para se recompor. O corpo em que estava preso resistia. Aparentemente, desejava arejar os dentes que haviam se fechado em seus quadris mais uma vez. Ele podia sentir o cheiro metálico do sangue dela no ar, e isso o enfurecia por ter sido tão descuidado.
Mas ela não reclamou. Claro que não. Ellie nunca reclamava de nada.
Ela apenas suspirou e aninhou o rosto em seu pescoço assim que sua boca se fechou completamente, e Proteus percebeu que nunca se sentira tão completo quanto naquele momento. Com ela aconchegada a ele, sentia-se como o deus que tantos o chamavam há tantos anos.
Era ali que ele deveria estar. Era ali que a vida o estava conduzindo.
Todos aqueles séculos de dor. Todo aquele tormento. Todos os anos escondidos naquele caixão no fundo do mar, tudo valeu a pena para trazê-lo a este momento, aqui e agora, com ela.
Inalando seu perfume quente, ele relaxou no chão e deixou os olhos se fecharem. Quando fora a última vez que dormira? Nem sequer conseguia se lembrar. Sabia que não precisava de tanto sono. Talvez nunca tivesse dormido na vida. Mas naquele momento, estava tão relaxado que sentia que podia descansar. Mesmo que por alguns instantes.
Proteus não sabia quanto tempo havia ficado inconsciente. Tudo o que sabia era que acordou com ela se mexendo sobre ele. A pele lisa, peso da coxa dela deslizou sobre a barriga dele, e o braço dela apertou-o contra as costelas, onde ela o mantivera a noite toda. O rosto dela aninhou-se mais perto do pescoço dele, e ele jurou que ela inalou seu perfume antes que outro suspiro escapasse de seu peito.
— Proteus? — perguntou ela, com a voz rouca e sonolenta. — Você está acordado?
— Eu estou agora.
— Há quanto tempo estamos dormindo?
Ele acariciou as costas dela, arqueando o pescoço para olhar pela janela.

A tempestade havia passado, o que geralmente levava horas. Mas ele não conseguiu arriscar um palpite para responder à pergunta dela.

Quase não havia mais luz no templo. Ele pensou que talvez fosse falta de sol. O prédio parecia refletir a hora do dia lá fora, pelo menos nas poucas vezes em que estivera ali. O que significava que devia ser noite, ou quase.

— Acho que é noite — murmurou ele, enquanto seus dedos encontravam nós em suas costas e os desfaziam lentamente.

— Deveríamos voltar?

— Eles ficarão bem sozinhos.

E, na verdade, eles precisariam. Isso o deixava um pouco irritado, pois ele se via precisando dela um pouco mais a cada dia. Mas eles continuariam o trabalho sem Proteus ou Ellie para supervisioná-los.

— Tudo bem — ela sussurrou. Ela se aconchegou um pouco mais perto dele e estremeceu. — Está mais frio aqui agora, não é?

Ele não saberia dizer. As profundezas gélidas do mar faziam com que qualquer temperatura fosse mais quente para ele do que para ela.

Proteus puxou sua enorme cauda sobre ela como um cobertor, certificando-se de que estava completamente seca antes de colocá-la sobre seu corpo. Ela ajeitou as bordas ao redor de si, soltando um pequeno gemido de prazer enquanto o calor do corpo dele a envolvia.

— Você fica macio como veludo — disse ela com outra voz feliz. — Tão macia quando está seco.

Proteus engoliu em seco.

— O que fizemos... Você gostou?

— Tal como da primeira vez.

— Bom.

Um silêncio constrangedor se instalou entre eles. Eles nem sequer tinham feito sexo, e ele se viu sem saber o que dizer a ela. Proteus temia que, se abrisse a boca, começaria a dizer coisas que nem ele mesmo acreditaria

que diria.
Como pedir para ela ficar com ele para sempre.
Dizendo-lhe que ela era tão parte de sua alma quanto de seu próprio corpo.
Sussurrando que, depois de conhecê-la, ele nunca mais quis outra fêmea em sua vida.
Ela se inclinou para frente, apoiando os braços no peito dele e olhando-o nos olhos. Ele quase não prestou atenção no que ela dizia. Seus cabelos estavam despenteados e havia olheiras profundas sob seus olhos. Mas ela nunca estivera tão linda quanto naquele momento. Mesmo que devesse esfregar os olhos para tirar as remelas.
— O quê? — perguntou ele, percebendo que ela o olhava com expectativa.
— Ah, você não estava ouvindo.
— Não, eu... — ele afastou uma mecha de cabelo dos olhos dela, apenas como uma desculpa para tocar sua bochecha. — Eu não estava.
Aquelas bochechas estavam vermelhas, num tom profundo e escuro, tão adorável. Ela parecia não conseguir nem olhar para ele antes de desviar o olhar e sussurrar: — É estranho acordar com você assim. Acho que gosto disso.
— Se pudéssemos fazer isso todos os dias, como seria a vida? — Ele queria saber. Queria entrar na mente dela e saber exatamente com o que ela sonhava.
Ela balançou a cabeça com um pequeno sorriso.
— A gente acordaria assim e partiria para alguma aventura. Talvez você me mostrasse outro recife de coral ou... você poderia me apresentar aos tubarões.
— Os tubarões não são muito amigáveis.
— Ah, e quanto aos outros animais?
— Os golfinhos são curiosos. Mas eu escolheria as raias-manta. Elas têm

cinco metros e meio de comprimento e parecem voar pela água. Às vezes estão caçando, então estão ocupadas e te ignoram. Mas outras vezes estão brincando. Elas querem nadar até você e então disparam para cima, como se estivessem dançando com você. Elas fazem isso por horas até se cansarem e partirem para a próxima aventura.

— Isso parece adorável. — Os olhos dela estavam cheios de admiração, e ele jurou que conseguia ver a imagem que havia pintado em seu olhar. — E depois? Brincaríamos com as arraias e então...

— Bem, você ficaria com fome.

— Claro. E a única maneira de você saber como me alimentar seria saqueando um antigo assentamento humano. Porque você sabe, sem sombra de dúvida, que eu não gosto de comer comida crua e prefiro a gororoba, como você chama. — Ellie riu da própria piada, e ele não conseguiu conter o riso.

Ela se deixou cair de volta sobre o peito dele, aconchegando-se contra sua pele como se fosse a coisa mais natural do mundo. Ele a abraçou forte. Ouviu o som do coração dela batendo tão firme, tão seguro. E ele soube que, a partir daquele momento, tudo iria mudar.

Ele faria qualquer coisa para tê-la ao seu lado, não importa o quê.

Enquanto Proteus inclinava a cabeça para trás, encarava o teto. Havia gravuras no ouro. Ele achava que Ellie não tinha notado, ou teria comentado. Mas ali estavam serpentes e deuses que se acasalavam com elas. Criaturas das mentes dos humanos que ali cultuavam.

Aquele templo fora um antro de fanáticos. No fim, ele evitou aqueles que cultuavam o deus sol. Eram eles que, infelizmente, acreditavam que o aumento das temperaturas globais era uma bênção dos deuses, que pensavam que os humanos seriam capazes de suportá-lo. Ou que se tornariam criaturas capazes de lidar com o calor.

Eles estavam errados, é claro. E morreram como todos os outros.

Seu olhar se voltou para o mar. O mar frio e infinito que sobrevivera ao

caos do mundo acima. Ele podia ver o kraken à espera de uma presa e as sombras da água enquanto a noite caía. Jurou que havia outra sombra mais perto deles, algo vagamente familiar. Mas então ela desapareceu num instante.

Tal coisa devia ser fruto da sua imaginação. Ninguém sabia que eles estavam ali. Ninguém além dele e dela.

Aproximando Ellie um pouco mais de si, ele inalou seu perfume mais uma vez antes de apertá-la com força.

— Há mais coisas que eu queria que você visse aqui. Não era para ser só prazer, sabe?

— Pensei que você tivesse dito que isso era um presente?

— Ah, eu posso te dar um presente e depois querer algo em troca, não posso?

Ela mostrou a língua e soprou ar nele. A expressão estranha o fez rir, mesmo enquanto a ajudava a se levantar.

— Vamos lá, Sisu. Que graça tem uma aventura sem uma descoberta?

— E que descoberta é essa?

— Vista-se e eu lhe mostrarei. Este local costumava ser muito mais do que apenas um templo. As pessoas que estavam aqui mantinham um olhar atento sobre a superfície. Acho importante que sejamos capazes de fazer o mesmo.

Ele se virou de bruços, observando-a enquanto ela vestia a roupa de mergulho novamente. Era um processo lento, e ela continuava a emitir pequenos grunhidos que faziam seu peito doer de tanta fofura. Ela estava com dificuldade para vesti-lo, mas ele não se ofereceu para ajudar. Em vez disso, observou enquanto os ângulos de sua luta revelavam partes do corpo dela que ele ainda não tinha visto.

A força dos seus músculos abdominais enquanto ela se arqueava contra o tecido. O formato dos seus ombros enquanto ela puxava o tecido tenso. A curvatura do seu pescoço enquanto ela jogava o cabelo para o lado para

poder fechar o resto do maiô.

Todos esses detalhes ele gravou na memória, para que jamais se esquecesse de nenhum deles.

E quando ela terminou, ele perguntou: — Pronta?

— Pronta. Que outras aventuras você tem para me mostrar?

TRINTA

Ellie

Ellie deveria ter imaginado que ele não a levaria a algum lugar apenas para se divertirem. Mas tinha sido bom enquanto durou. Ela gostou de ficar deitada sobre ele, ouvindo sua respiração enquanto ele dormia. Ela fingiu dormir com ele, talvez até tenha cochilado um pouco. Mas ela não conseguiu dormir completamente.

Não enquanto acontecia algo extraordinário com ela. Ver Proteus à vontade, relaxado, confiando que ela não o machucaria enquanto descansava? Era uma dádiva que ela guardaria para o resto da vida.

Ela observava seus olhos se moverem sob as pálpebras enquanto ele sonhava, tentando adivinhar o que ele poderia estar vendo ou fazendo. Talvez estivesse nadando pelas ondas, tramando algum plano. Talvez estivesse lutando contra o kraken. Tentando protegê-la em uma gloriosa batalha entre dois deuses ancestrais.

Mas não, ela gostava de pensar que ele estava sonhando com o que tinham feito. Que o gosto dela ainda estava em sua língua, e que sua mente estava revivendo todo o prazer que ela lhe proporcionara.

Mesmo agora, enquanto caminhava pela sala tentando encontrar o painel sobre o qual ele havia falado, tudo em que conseguia pensar era no prazer que haviam encontrado um no outro. Ela nem sequer imaginara que seria assim. Não era à toa que tantas pessoas em Tau o haviam procurado por horas a fio. Ela também teria feito o mesmo se soubesse que seria tão bom.

— Este painel? — perguntou ela, finalmente vendo um pequeno quadrado na parede que se parecia com o que ele havia descrito. Estava

gravado ali, quase como se alguém não quisesse que ninguém o encontrasse além da própria pessoa que o havia feito.
Ela se abaixou, examinando o objeto antes de colocar a mão sobre ele e pressioná-lo com firmeza.
O painel deslizou para dentro da parede e depois girou, revelando uma tela sensível ao toque do outro lado.
— Parece bem tecnológico, considerando o que você disse que este lugar costumava ser — ela murmurou.
Assim que o painel ligou, os controles foram bem fáceis. Ela só precisou inserir alguns códigos adicionais para burlar a senha que não sabia e reconectar alguns fios na parte de trás, que eram bem acessíveis. E pronto! Ela conseguiu entrar.
Proteus aproximou-se dela, arrastando-se pelo chão para também poder ver.
— Esta parede inteira deveria ser telas, se você conseguisse puxá-las todas. Mas não me lembro das permissões necessárias. Não sei o que era preciso para...
Ela já havia testado um código, e os painéis estavam todos girando. Exatamente como ele havia dito que aconteceria.
Provavelmente havia trinta telas na parede. Muitas delas piscavam, e a maioria permanecia preta. Mas elas estavam lá.
— Como você fez isso? — perguntou ele, mas seus olhos permaneceram fixos nas telas.
— São as mesmas funções que Tau usava. Eu tinha a impressão de que as senhas poderiam ser as mesmas. — Ela deu de ombros. — Talvez eles soubessem sobre este lugar.
— Se eles fizeram isso, então as pessoas que governaram sua antiga cidade sabiam mais do que contaram a qualquer um. Quantas dessas telas estão ativas?
Executar alguns diagnósticos levou tempo, mas logo ela tinha um

relatório.

— Parece que cinco das câmeras ainda estão online. As demais estão inoperantes, treze delas, pelo que parece, e algumas podem ser consertadas, mas precisam de atualizações de software. Parece que elas costumavam usar... — Não, isso não podia estar certo. Ela se inclinou mais perto da tela, como se isso pudesse alterar o código. — Hum.

O olhar de Proteus era como um toque físico.

— Não gosto desse som.

— É que... Bem, eu juraria que diz que eles usaram drones para consertar as câmeras antigas. Mas não tem como eles terem usado drones. O que conseguiria voar com um tempo desses?

Nada além de silêncio respondeu à sua pergunta. Ela ergueu os olhos, confusa com a expressão de raiva no rosto de Proteus. Ele deveria estar feliz, não é? Pelo menos eles tinham cinco câmeras funcionando. E não era esse o objetivo de tudo isso?

Ela sentiu todo o sangue fugir do rosto ao perceber que sim. Sim, esse era o objetivo de tudo. De tudo mesmo.

— A instalação para onde você me levou primeiro — ela sussurrou. — Você disse que deveria haver câmeras lá, mas precisava que o computador central estivesse online.

— Sim, eu fiz. — Ele ainda não estava olhando para ela.

— Então, o prédio onde estão os outros humanos é onde fica o mainframe. Agora que ele está online e as pessoas estão ativamente conectando mais pessoas a ele, nós poderíamos vir para cá. É aqui que todas as câmeras sempre estiveram.

— Sim. — Ele olhou para ela de relance, sua expressão mudando ligeiramente ao perceber que ela o encarava com decepção. — O quê? O que foi?

— Será que tudo isso teve a ver com...? — Ela gesticulou em direção às telas.

— Claro.
— Mas e eu?
Ele piscou para ela, claramente sem entender a pergunta.
— Como assim, e você?
— Eu só... pensei que parte disso talvez fosse para descobrir de onde eu vim. As pessoas que criaram tudo isso. Salvar o planeta. Você me disse uma centena de coisas, mas agora parece que tudo se resume à vigilância e... e... — Ela gesticulou novamente em direção às telas. — Isso.
— Precisamos ver a superfície. Precisamos saber o que está acontecendo lá para que possamos levar os humanos para a superfície. Sempre foi esse o objetivo.
Ela sabia disso. Ele já havia lhe dito isso antes. Ellie apenas esperava que talvez fosse algo mais do que isso.
Ele ainda a encarava, percebendo que suas palavras não a faziam entender.
— O quê? Por que está me olhando assim? Você sempre soube que o objetivo de cada passo que dei foi trazer os humanos de volta para a terra firme. Quero todos eles fora da água.
Seus ombros caíram.
— Eu pensei que talvez houvesse algo mais por trás disso tudo. Talvez você quisesse salvar o mundo. Talvez quisesse que todos o vissem como um salvador, não apenas como um deus. Mas veja só, Proteus. Nada do que mostrarmos a eles por meio dessas câmeras os convencerá a sair da água.
Ela olhou para as cinco que ainda estavam online, e tudo o que conseguia pensar era que não havia nada ali. Apenas areia. Poeira. Calor. Ninguém poderia viver ali. Ela mesma já havia pisado na areia e sabia que aquele calor escaldante queimaria a carne de alguém até os ossos.
Mas à noite, a situação era ainda pior. O frio chegava com força. Ela se lembrava de como era gélido naquele frio, e de como não havia nada que

pudesse aquecê-la. Ellie só tinha saído uma vez à noite, apenas para experimentar, e as temperaturas congelaram sua respiração diante do rosto. Como alguém poderia sobreviver ali?

— Espere... — ela sussurrou, apontando para o canto superior direito da tela. — Aquilo... Tem alguma coisa se mexendo na areia?

Proteus se inclinou para trás, apoiando-se na parede com a mão enquanto esticava a cauda. Ele estava bem em frente à tela, assistindo com genuíno interesse.

— Não nas areias. Nelas.

— Me levante.

— Ellie, você não precisa ver isso.

— Agora, Proteus.

Ele suspirou e a pegou no colo. Ela trouxe o tablet para poder controlar o ângulo da câmera enquanto ambos observavam a areia. Claramente havia algo dentro daquela duna. Escavava túneis entre os grãos, movendo-se a uma velocidade quase impossível de acompanhar pela câmera.

— Há algo vivo lá fora? — ela sussurrou, chocada. — Como isso é possível?

Proteus não disse nada, permanecendo com o olhar fixo, até que finalmente a areia se abriu, revelando um monstro aterrador.

À primeira vista, ela pensou que pudesse ser um ondino. Mas então percebeu o quão enganada estava. Embora a metade superior fosse semelhante à de um humano, a metade inferior era claramente de uma cobra. Ela se ergueu sobre a cauda, virando a cabeça para olhar ao redor. E então ela viu uma língua enorme e comprida sair de sua boca, farejando o ar como as cobras fazem.

Era difícil enxergar a criatura através daquela câmera. A escuridão dificultava a distinção de suas características exatas, sem mencionar que agora ela estava muito longe da câmera. Mas isso era... Uma criatura

viva, que se assemelhava bastante a um ser humano, pelo menos na metade superior do corpo.

— Meu Deus — ela sussurrou. — As anotações nas instalações sobre eles terem feito experiências com pessoas e cruzado genes com animais. Eles conseguiram.

O horror daquilo a percorreu. Significava que havia coisas vivas lá em cima. Que todos os experimentos horríveis que aquelas pessoas vinham realizando tinham criado raízes.

Teria alguma pobre mulher sido forçada a carregar uma criança serpentina em seu ventre? Teria ela estado no mesmo quarto onde Ellie dormiu, rezando para que a morte a levasse muito antes de dar à luz alguma monstruosidade? Ou teriam criado esses seres em um tubo de ensaio, assim como Ellie? Teriam eles nascido com frio e aterrorizados com o lugar onde estavam, sem ninguém para amá-los? Ninguém para lhes dizer que, afinal, não eram totalmente antinaturais.

A figura na areia virou a cabeça de repente, olhando para algo que nem Ellie nem Proteus conseguiam ver. Desceu, deslizando como se estivesse caçando. Não era como um ondino, então. Não precisava se arrastar. Sua cauda era forte o suficiente para impulsioná-la pela areia e também para mantê-la ereta e em movimento.

Ela prendeu a respiração quando a criatura desapareceu de sua vista.

— Então — disse Proteus, com a voz quase sem fôlego. — Eles realmente fizeram isso.

— Não sei como me sentir em relação a isso.

— Isso complica o plano.

— Você está pensando no plano agora? Claro que isso complica tudo! Tem gente vivendo lá em cima! Assim como tinha gente vivendo debaixo d'água. — Ela se debateu em seus braços até que ele finalmente a colocou no chão. Sua mente girava, tentando entender o que aquilo significava.

— Não podemos ir para a superfície. Eles não nos querem lá. Ninguém

nos quer.

— Ellie...

— É exatamente como eu temia. Há tantas pessoas que precisam de esperança, Proteus. Ser capaz de ir para o Plano Superior, por mais perigoso que seja, poderia dar a elas essa esperança. Pessoas como eu. Clones que foram despertados e agora têm que lidar com toda a reação negativa de pessoas que não entendem quem eles são, ou que nem se importam em vê-los como pessoas. Esta era uma oportunidade. Mas já existem pessoas lá.

Ela não conseguia respirar. Seu coração batia forte no peito, rápido demais para ser normal, e ali estava ela, tentando se agarrar aos fios da sua própria esperança.

Se ela pudesse ajudar outras pessoas como ela, então não seria um fracasso completo. Se ela pudesse dar a outras pessoas a chance de viver uma vida no campo, de ver o sol, de explorar as terras que lhes foram negadas por séculos, então talvez isso a tornasse mais do que um clone.

Mãos emolduravam seu rosto. Garras alcançavam o topo de sua cabeça, tilintando ao se chocarem umas contra as outras. Ela concentrou-se no rosto à sua frente. O deus preocupado que a encarava nos olhos com um olhar tão intenso que ela não conseguia desviar o olhar.

— Respire, Ellie — disse ele. E então ele mesmo respirou. Fazendo-a observá-lo enquanto inspirava e expirava.

Ela imitou o que ele fazia. Inspirava o ar para os pulmões, que imploravam por mais ar rápido demais, e depois o expirava lentamente, mesmo que faíscas dançassem diante de seus olhos. Repetiu o gesto várias vezes até que, finalmente, seu corpo lhe concedeu um pequeno alívio. Ela conseguia pensar. Ela conseguia raciocinar.

Isso não significava o fim do plano. Apenas complicava as coisas. Como ele havia dito.

— O que vamos fazer? — ela sussurrou. — Não acho que alguém vá se

convencer a subir lá se já existe uma ameaça conhecida. Os humanos passaram séculos lutando contra os ondinos. Essencialmente, isso significa que estamos eliminando-os de um lugar e colocando-os de volta nos mesmos problemas que acabaram de resolver. Agora... agora estamos fazendo com que eles comecem do zero.

Com um suspiro, ele encostou as testas deles uma na outra.

— Ellie, raramente te ordenei a fazer algo. Diria que, na verdade, deixei bem claro para você que é importante que aprenda a fazer suas próprias escolhas, e que eu respeite essas escolhas.

— Eu sei.

— Ordeno que não digam nada do que vimos aqui. A ninguém. Os humanos jamais poderão descobrir que já existem pessoas vivendo acima. Eles precisam continuar este trabalho e precisam sair do mar. Essa é a minha vontade. Essa era a vontade dos antigos antes de partirem. Esse futuro precisa se concretizar.

Parecia errado o que ele estava pedindo para ela fazer. Ele queria que ela mentisse. Que mentisse para tantas pessoas, sabendo que poderia estar colocando-as em perigo.

— E se as pessoas que vivem nas areias os caçarem? — perguntou ela. — E se não pudermos nem construir lugares seguros para morar por causa deles?

— Vamos garantir que isso não aconteça. Vamos mantê-los seguros enquanto vigiamos a todos. Está me ouvindo? Vamos usar os drones. Piloto vai conseguir as plantas dos drones voadores. Vamos usá-los como nossas armas. Vamos manter todos em segurança, e eles nunca saberão o que vimos aqui.

Não, isso estava errado. Isso era tirar a vida das pessoas e colocá-las em risco voluntariamente. Eles não podiam fazer isso.

Mas ela não tinha muita escolha. Apesar de Proteus ter sido gentil com ela, lembrando-a de que queria que ela se tornasse ela mesma e que

fizesse suas próprias escolhas, ela agora conseguia perceber a finalidade em seu tom.

Ele não a deixaria contar para ninguém. Precisava que ela fosse confiável nisso, e se ela não fosse...

Soltando um suspiro, ela assentiu.

— Não direi uma palavra. Mas não acho isso inteligente, Proteus. Acho que eles precisam saber para se prepararem para o que quer que seja.

Seu olhar voltou-se para a tela. Não havia mais nada lá. Nenhuma criatura serpentina. Apenas o rastro que ela deixara na areia, e só de olhar para aquilo, sua pele se arrepiava.

Os ondinos eram uma coisa. Eram criaturas do mar. Faziam sentido.

O que quer que vivesse lá em cima? Uma criatura daquelas era antinatural.

TRINTA E UM

Proteus

Proteus sentia a perturbação entre eles. Ele havia dito a Ellie para se concentrar em baixar o máximo de dados possível daquela instalação. A maior parte seria inútil, mas se eles pudessem retornar facilmente e acessar as transmissões, ou acessar as transmissões na outra instalação, tudo ficaria muito mais fácil para todos.

Ele não gostava de voltar a este lugar assombrado. Jurava que ainda conseguia ouvir as vozes daqueles que outrora ali haviam adorado. O zumbido baixo o enlouquecia, e ele jurava que seus espíritos ainda cantavam através das ondas.

Agora, ele esperava que ela terminasse o trabalho enquanto observava as telas. Ele não havia lhe contado que a nova espécie suspeita havia retornado.

Fosse o que fosse, era comprido, embora não tão comprido quanto um ondino. Proteus prestou especial atenção ao seu corpo, tentando compreender as diferenças entre essa nova criatura e seus semelhantes subaquáticos. Era estranho ver que existia outro ser capaz de se adaptar a este mundo.

Os dois machos que ele conseguia ver - ou pelo menos, presumia que fossem machos - eram altos onde estavam. Ele até tentou imitar suas poses, mas descobriu que não conseguia. Como eles conseguiam ficar em pé daquela maneira, ele não entendia. Seus corpos eram diferentes. Suas caudas, embora parecesse impossível, eram mais fortes do que as de um ondino.

Com peitos largos e planos, eles se pareciam muito com o Povo da Água.

Mas não havia brânquias marcando suas costelas, apenas um pontinho de escamas que desaparecia em suas caudas. Essas escamas também pareciam diferentes das de suas caudas. Quase como se usassem armadura. Quando um deles se virava, ele podia ver que as escamas subiam por suas espinhas, protegendo a área ali suscetível a ataques. Ele não conseguia distinguir se aquilo era cabelo ou um capuz de serpente no topo de suas cabeças. A imagem era muito pequena.

Pareciam conversar, embora se comunicassem principalmente com as mãos. Os gestos eram quase familiares, como se, se ele os observasse por tempo suficiente, pudesse entender o que estavam dizendo.

Nada disso importava. Ele não contaria aos humanos sobre as criaturas que viviam na superfície, nem tinha interesse em que isso interrompesse seus planos. Os humanos deixariam a água. Ele os imporia a essa nova espécie, que ainda não os tinha visto.

Afinal, eles estavam intrinsecamente ligados. Essas criaturas talvez ainda não entendessem o quão ligadas estavam, mas estavam. Os seres serpentinos tinham vindo dos humanos, e parecia a ele que os humanos eram mais propensos a ser o problema deles do que dele.

— Proteus? — perguntou Ellie, com a voz suave e cheia de perguntas.

Ele se virou para ela, suavizando a expressão, pois sabia que estava encarando as telas como se quisesse quebrá-las.

— O que foi, Sisu?

Ela apontou para a tela que ele estava encarando fixamente.

— Acho que eles não vão nos deixar entrar no mundo deles. Nós vamos ter que... Contar para alguém. Conversar com essa pessoa. Deixá-la saber que talvez... talvez ela possa aprender conosco, assim como nós aprendemos com os ondinos.

— Você se lembra do que leu naquele livro? — perguntou ele. — O diário da cientista?

— Eu sei que eles estavam tentando combinar genes humanos e animais

para criar vida. Obviamente, eles conseguiram.

— Mas os periódicos nunca disseram isso. Você leu para mim. Você disse que tudo o que eles criaram foram mais monstros. E que, no que dizia respeito a esses geneticistas, nenhuma das espécies que eles criaram reteve o pensamento humano. Eles estavam criando bestas, não homens. O que te faz pensar que essas criaturas são sequer capazes de falar?

Ele mentiu.

Para ela.

Algo sombrio e repugnante se contorcia em seu peito, porque ela não merecia aquilo. Ellie lhe dera tudo e muito mais. Ela sempre trabalhara com ele, nunca contra ele. Jamais traiu sua confiança ou quem ela era. Ela provara repetidas vezes que era valiosa em seus planos. Em sua vida.

Mentir para ela sobre isso foi uma traição à confiança que haviam construído. E ele sabia disso. Ela também sabia.

Ela o encarou com aqueles lindos olhos, e ele soube que ela havia percebido o que ele estava fazendo. Talvez ela tivesse visto a mesma coisa que ele. Talvez ela também percebesse que eles estavam se comunicando por gestos. Mas tudo o que ela conseguia fazer era encará-lo. Aqueles lindos olhos penetrando sua alma, implorando para que ele admitisse que sabia mais do que estava lhe dizendo.

Mas ele não podia. Não para ela. Não para ninguém. Esse plano tinha que sair exatamente como ele queria.

Aquelas criaturas nas areias eram um problema. Eram uma complicação em seu plano meticulosamente elaborado, que ele passara a última parte dos últimos duzentos anos aprimorando. Ele era o único alguém que sabia como salvar este planeta, e ele ia fazê-lo, com toda a certeza.

Mesmo que isso significasse que ele teria que mentir para ela.

Aquela verdade pesava em seu estômago, incomodando-o e borbulhando como se tivesse comido muita carne podre. Com aspereza, estendeu a mão para que ela a segurasse.

— Precisamos ir — disse ele. — Peço desculpas, Sisu. É uma vida difícil estar presa a mim.
— Presa? — disse ela com um sorriso suave, mas que não chegava aos olhos. — Estou presa a você, Proteus?
Ele pensava assim. Ele desejava que assim fosse. Ela era a única que ele admitia querer manter viva, e ele tinha toda a intenção de tê-la ao seu lado até o dia em que tivesse que deixá-la partir.
Assentindo solenemente com a cabeça, ele a puxou para si e a apertou contra o peito. Ali, ao menos, ele sabia que ela estava viva. Ele poderia mantê-la consigo, mesmo sendo um tolo mentiroso e ardiloso.
Ele certificou-se de que a máscara dela estava bem ajustada antes de puxá-la para dentro da água. Proteus ainda não confiava no aparelho respiratório, então parou um instante na superfície, deslizando a água por baixo dele, para garantir que ela conseguisse respirar.
Aparentemente, ela compartilhava da mesma preocupação. Era quase como se estivesse prendendo a respiração antes de finalmente inspirar. Quando conseguiu, ela fez um sinal de positivo com o polegar e ele afundou mais nas ondas.
Eles voltaram para o centro de detenção onde os outros os esperavam. Ele sabia que aquele era um dos últimos momentos que teriam a sós e se recusava a desperdiçá-lo. Não quando o silêncio constrangedor entre eles o fazia se sentir ainda pior pelo que tinha feito. Ela sabia. Ele sabia. E ele queria consertar o que pudesse.
— Você sabe por que eu te chamo de Sisu? — perguntou ele baixinho, em voz baixa, enquanto os impulsionava pela água.
O kraken soltou um gemido baixo atrás deles, e ele pôde ouvir os sons de um navio antigo se movendo sob seu peso. A grande besta parecia estar o advertindo para não revelar tanto. Que ela não merecia saber o apelido que ele lhe dera tão cedo.
— Não.

— Nomes assim são uma antiga tradição entre o Povo da Água. Eles dão nomes com um significado que é sempre a esperança para a criança. Mas então, aqueles que os conhecem, que realmente os conhecem, dão-lhes outro nome. É por esse nome que eles são chamados apenas por aqueles que... — Ele quase disse aqueles que os amam.

Porque, se ele era capaz de sentir essa emoção, era assim que se sentia em relação a ela.

Ela havia se provado uma luz em sua escuridão, e ele não sabia como expressar isso em palavras. Queria dizer a ela que, de fato, a amava. Que sua alma despedaçada e dilacerada havia visto algo nela que o fazia querer ficar um pouco mais.

Não era um sentimento ao qual ele estivesse acostumado. Ou um sentimento que ele quisesse admitir tão cedo.

Então, em vez disso, ele balançou a cabeça para afastar os pensamentos e continuou falando.

— Sisu é uma palavra para alguém que persevera. É uma força silenciosa, uma serenidade sob pressão, uma determinação para continuar, não importa o quão difícil fique. É o que eu vi em você desde o primeiro momento em que você olhou para mim depois que eu destruí seu braço e você me disse que já tinha sobrevivido a coisas piores. Você é tudo isso e muito mais, Ellie. Muito mais do que você imagina.

Ela inspirou profundamente, e bolhas de ar turvaram sua visão. Por um instante, ele pensou que a havia insultado, mas então ela ergueu as mãos e as pressionou em cada lado do rosto dele.

Proteus permitiu que ela se virasse em seus braços, de modo que pudessem se olhar nos olhos enquanto ela dizia: — Você tem a capacidade de ser tão doce. Por mais esmagador que você possa ser, por mais horrível, tempestuoso e enlouquecedor que seja, você de alguma forma consegue penetrar em mim. Você reconstrói a alma e junta todos os pedaços que quebra. Não sei como você faz isso.

Ele a puxou para mais perto, de modo que pudesse encostar suas testas.
— Porque eu desejo desesperadamente ficar com você — sussurrou. — A ideia de perdê-la é quase...
Proteus não sabia como expressar isso em palavras. Ele era um tolo. Um idiota. Ela precisava ouvir as palavras saírem de sua boca, e ele precisava lhe dizer como ela transformara todo o seu mundo em luz das estrelas.
Engolindo em seco, ele se esforçou ao máximo.
— Quando eu era menino, recém-criado, aprendendo a nadar neste mar aparentemente infinito, lembro-me de estar em uma certa área do oceano por um tempo. Era um lugar seguro para nadar, mas eu me esgueirei para fora. No meio da noite, acabei no meio de um mar revolto. Mas havia uma pequena área de calmaria. Tão pequena que as correntes ainda puxavam minha cauda, mas naquele centro, não havia nada além de quietude. É assim que me sinto quando você está comigo, Sisu. Só consigo ver você e a certeza de que seguiremos em frente. Não importa o que aconteça.
Bolhas surgiram novamente, mas desta vez envolveram o rosto dele e o dela. Ele podia senti-las fazendo cócegas na parte de baixo do queixo, quase o fazendo rir de pura alegria.
Ela em seus braços. O mar finalmente se curvou à sua vontade. Seu plano quase perfeito.
Tudo isso levaria tempo. Ele sabia disso. Mas poderia viver por mais séculos para garantir que os humanos fizessem exatamente o que ele queria. Não importava o que acontecesse, ele a manteria, percebeu. Ela ficaria com ele, e juntos... Juntos, eles fariam o que quisessem. Eles dominariam este mar e fariam tudo ser deles. Para sempre.
Mas quando é que alguma vez lhe aconteceu algo de bom?
Proteus sentiu o primeiro golpe na lateral do corpo com uma estranha sensação de déjà vu. Houve uma pontada de dor, embora tardia porque sua mente trabalhava a todo vapor para acompanhar o que havia

acontecido. Outro em seu encalço. Depois um terceiro. Um quarto.

Sangue brotou na água. Ele havia se esquecido de que seu sangue sequer tinha aquela aparência. Uma estranha mistura carmesim de vermelho e preto, uma combinação do que não deveria existir. Ele encarou as plumas que obscureciam sua visão dela e sentiu seu coração disparar.

Seu primeiro pensamento foi o medo de que ela tivesse se machucado. Ele a abraçou um pouco mais forte, ouvindo seu leve gemido de dor enquanto a apertava contra si com muita força.

— Você está ferida? — perguntou ele, com a voz embargada. — Ellie!

Mas então algo também atingiu seus braços. Duas coisas mais fortes do que ele podia combater. Havia algo na água. Algo que deixou sua mente um pouco turva, e ele não conseguia se concentrar no que precisava ser feito.

Foi um erro ele ter afrouxado o aperto nela. Mas ela emitiu aquele som suave novamente, aquele som de dor como se ele a estivesse machucando, e ele havia prometido que pararia de fazer isso.

No instante em que seus braços relaxaram, mesmo que minimamente, ela foi arrancada de seus braços. Mais bolhas explodiram dela, e ele jurou ter ouvido um grito. Isso o enfureceu.

Um fogo ardia em seu peito com uma fúria que seus atacantes jamais poderiam ter previsto. Soltando um rugido selvagem, arrancou um braço da mão de um deles e tentou alcançar o que quer que tivesse perfurado sua cauda.

Sua mão saiu com um arpão revestido de algum tipo de veneno. O líquido cintilava na fraca luz do mar. Um estrondo de trovão ribombou acima dele, e relâmpagos iluminaram toda a cena à sua frente.

O sangue que jorrava ao seu redor ocultava os ondinos que o cercavam. Na luz branca e intensa, ele podia ver suas formas. Machos enormes, cada um deles. Marcados por anos de batalha, um com um braço metálico que ainda segurava o de Proteus.

E ao longe, outro ondino tinha um braço em volta da cintura de Ellie enquanto ela se debatia para se libertar.

Ele rugiu novamente, mas o veneno fez efeito rapidamente. De repente, ele não estava mais ali. Estava de volta ao tempo em que os ondinos o haviam aprisionado e quando ele tinha tanta certeza de que eles jamais o trairiam.

Ele os faria trabalhar com os humanos. O futuro deles não seria de ruína e desespero.

Mas então os ondinos atacaram. Usaram o mesmo veneno, ele se lembrou. A sensação gélida da morte percorreu sua cauda da mesma forma que antes. Os sussurros dos ancestrais em seu ouvido, gritando para que ele lutasse, resistisse, não deixasse que destruíssem tudo em que havia trabalhado por tantos anos.

Seu braço livre foi agarrado novamente. Um rosto roxo e branco, com marcas de lágrimas negras escorrendo pelas bochechas, surgiu em meio ao sangue.

Calmamente, o andarilho das profundezas agarrou o arpão que tinha na mão e o cravou de volta na cauda.

— Só por um tempo — disse o andarilho das profundezas. — Desta vez, não será para sempre.

Mas ele já estava afundando. Afundando cada vez mais fundo no mar gélido que sempre o acolhia com seu abraço. Ele sussurrou em seu ouvido que o protegeria, mas ele ardia em ódio. A ondina o havia traído novamente.

— Você não sabe? — disse ele com os lábios dormentes. — Matar seus deuses nunca dura muito.

— Não vamos te matar — rosnou o que tinha um braço a menos. — Só vamos te tirar do caminho até descobrirmos a verdade.

Que verdade? Ele havia contado tudo a eles. Deu-lhes tudo o que poderiam desejar, e mesmo assim eles continuavam a traí-lo.

Continuavam a matá-lo. Continuavam a destruir tudo o que o definia.

— Aqui é bom — disse o andarilho das profundezas. — Ele vai demorar um pouco para acordar, e até lá, já teremos ido embora.

Aquele que lhe faltava um braço olhou para baixo, e os outros o soltaram. Ele estava à deriva, flutuando sobre um abismo, encarando nos olhos daquele macho que o segurava por um braço.

O ondino vermelho permitiu que ele ficasse pendurado por um tempo e então disse: — Ele nos caçará até os confins do mar para tê-la de volta. Afinal, é o que eu faria.

Então ele jogou Proteus no vazio.

TRINTA E DOIS

Ellie

Ellie lutou com todas as suas forças, mas era inútil. O ondino que a abraçava pela cintura não a deixaria escapar, e ela sabia muito bem que era impossível lutar contra ele. Mesmo assim, sentia-se um pouco melhor ao se debater contra seu aperto. Ela o chutou, tentando acertá-lo nas partes sensíveis de sua cauda. E quando isso não funcionou, ela empurrou os cotovelos em direção às suas guelras.

Infelizmente, tudo o que isso conseguiu foi arrancar dele um grunhido.

Ela olhou impotente para Proteus, vendo os outros o arrastarem para longe dela. Eram ondinos que ela reconheceu. O de vermelho estivera naquela instalação. Ela se lembrava tão bem dele porque ele estava sem um braço na época.

Não mais. Aquele braço de metal era mais forte do que qualquer pedaço de carne. Ele arrastou Proteus pela água com uma facilidade que não deveria ser possível.

— Para onde vocês estão me levando? — perguntou ela, com os olhos fixos no grupo que ainda nadava muito longe dela.

— De volta de onde viemos — disse o ondino finalmente. E essa foi a última coisa que ele disse durante o resto da jornada.

No meio do caminho, ele parou. Foi então que ela percebeu que ele tinha uma bolsa no ombro. Ele a vasculhou, segurando-a pelas costas da roupa de mergulho como se ela não pesasse absolutamente nada. Ela ficou pendurada, inerte, sobre o abismo, rezando para qualquer deus que quisesse ouvir para que ele não a deixasse cair e presumisse que ela sabia nadar.

Felizmente, ele não fez isso. Mas tirou um punhado do que pareciam ser enguias da sacola e começou a esfregá-las por todo o corpo dela. Ellie gritou, debatendo-se mais uma vez enquanto ele esmagava as enguias contra seu traje, transformando-as praticamente em carne moída.

— O que você está fazendo? — ela gritou, se debatendo e revirando, porque pelo menos era assim que ela se sentia tentando fugir dele.

Ele não respondeu. Em vez disso, a grande besta azul a virou de cabeça para baixo, segurando-a pelo tornozelo. Agora de cabeça para baixo, ela ficou grata por ter a máscara de respiração, pois tinha certeza de que água salgada teria entrado em seu nariz e, certamente, a teria afogado.

Por fim, ela desistiu de lutar e simplesmente ficou ali pendurada. Deixou que ele esfregasse as enguias amassadas por todo o seu corpo antes de assentir.

— Está bom o suficiente.

E então ele a deixou cair.

Ela tentou nadar. Jurou que tentou. Deu umas pernadas e chutava os braços desesperadamente, tentando fazer os mesmos movimentos que vira inúmeras pessoas fazerem na vida, mas nada disso a levou a lugar nenhum. Talvez, por alguns instantes, ela tenha flutuado. Sentiu que algo tinha mudado, mas então sentiu um puxão da correnteza contra o corpo e afundou de novo.

Pelo menos, até que um novo braço a envolveu pela cintura e a puxou pela água.

Com um som de choque, ela olhou para baixo e viu um braço amarelo ao seu redor. Olhou para o ondino com os olhos arregalados, tentando entender o que estava acontecendo e por que estava sendo entregue a mais um captor.

— O cheiro vai dificultar que ele te rastreie — disse ele. Este sorriu como se toda aquela situação fosse uma grande aventura da qual ele estava feliz em participar. — E agora Arges vai levá-lo na direção oposta. Você

sabe o quão difícil foi convencê-lo a servir de isca? Ele gosta de controlar tudo, mas é o terceiro maior, depois de Fortis e Daios. E obviamente eles tinham que ser os responsáveis por afundar Proteus no mar.

Ela soltou um som abafado na última parte. Abatido? Será que o mataram?

Esse ondino a examinou de cima a baixo e revirou os olhos.

— Não é como se ele estivesse morto. Ele é um deus. Acho que nada pode matá-lo, e se puder, não vai ser um pouco de veneno de baiacu. Ou muito, como foi o caso. Levamos semanas para conseguir essa quantidade, sabe?

Todo o ar que ela havia inspirado saiu de uma vez só. Pelo menos desta vez parecia um pouco mais disposta a conversar com ela.

— Para onde vamos?

— Para casa — respondeu ele. — Você vai encontrar as garotas, e eu só vou te deixar lá. Não se preocupe, já não falta muito.

Não demorou muito, mas pareceu uma eternidade. Não havia nada no mar por onde ele a arrastou. Nenhuma criatura, nenhuma luz, apenas a escuridão infinita que ele aparentemente sabia como atravessar. Até que a água ficou azul mais clara e, então, uma cidade surgiu diante dela.

Não era lá grande coisa, ela admitiria. Mas havia muitos edifícios com cúpulas. Ela contou pelo menos trinta enquanto nadavam por perto. Sem mencionar as casas dos ondinas que eram... bem, mais do que ela esperava.

A princípio, tudo o que Ellie notou foram as pedras em espiral que marcavam a areia lá embaixo. Mas então surgiram coisas que pareciam corais, corais mortos agora que ela tinha visto corais vivos, mas eram definitivamente corais construídos uns sobre os outros. Fazendo com que as tocas fossem túneis sinuosos. Agora que ela tinha visto uma, era mais fácil identificá-las. Algumas delas até tinham ondinos dentro.

De uma delas, ela viu uma cauda enorme saindo, e uma nuvem de poeira

surgiu ao redor da cauda como se estivessem desenterrando algo de dentro. De outro, uma criança pequena saiu correndo enquanto sua mãe a seguia.

Ali havia uma explosão de cores. Todos os ondinos transformavam o mar azul e amarelo em arco-íris. Era lindo, extraordinário e, sinceramente, parecia algo saído de um conto de fadas. Ela talvez tivesse ficado ainda mais impressionada se não tivesse sido sequestrada.

O ondino amarelo a levou para um local central e a deixou do lado de fora. Então, ele fez um gesto para que ela subisse até o que era claramente um lago lunar acima de suas cabeças.

— Vá em frente.

Ellie afundou na areia e olhou para cima. Com um chute, tentou se impulsionar. Mas a água não colaborou e, por mais que se esforçasse, afundava de volta ao ponto de partida.

— Desculpe — ela sussurrou, tentando novamente. — Desculpe, eu estou realmente tentando.

Mãos com garras agarraram sua cintura. E, em vez do julgamento que ela esperava, a expressão dele permaneceu suave.

— Eu não sabia que você não sabia nadar. Você podia ter perguntado, sabia?

Com um leve empurrão, ele a levou à superfície e a segurou pela cintura até que ela se agarrasse à borda. Só então ela sentiu as mãos dele se afastarem de seu corpo e, em seguida, o movimento da água, indicando que ele estava se afastando rapidamente para algum outro lugar. Provavelmente para despistar Proteus e mantê-lo longe do rastro daquele lugar.

Mais mãos a agarraram. Desta vez, porém, eram mãos decididamente mais humanas.

— Finalmente — resmungou ela, com raiva, enquanto era retirada da água e deixada no chão sem cerimônia.

— Já era hora. Agora o relógio começa a correr.

— Alexia. — O tom repreensivo vinha de outra pessoa, mas Ellie estava tão ocupada tentando tirar aquele maldito respirador do rosto que não conseguiu arriscar um palpite sobre quem havia falado. — Sério? Você podia ser um pouco mais delicada.

— Nunca fui acusada de ser delicada.

— Você poderia tentar. Atrai-se mais abelhas com mel.

— As abelhas estão extintas há anos, Anya.

Finalmente, Ellie tirou o respirador e, em seguida, arrancou também os óculos de proteção embaçados. Com o movimento, arrancou um bom pedaço de cabelo, o que a fez estremecer até que finalmente conseguiu ver quem a rodeava. As pessoas que apareceram a surpreenderam.

Eram apenas duas mulheres. Duas mulheres que ela certamente reconheceu.

— Vocês? — disse ela, confusa. — Mas... mas foram vocês que enviaram pessoas para a instalação para trabalhar conosco.

Alexia agachou-se à sua frente, exibindo músculos salientes que fizeram Ellie querer recuar de medo. Ela vestia uma blusa branca folgada que revelava ainda mais seus músculos peitorais poderosos, e calças que destacavam a grossura de suas coxas.

— E vocês têm mentido para nós.

O ar foi completamente sugado de seus pulmões. Ela não fazia ideia do que dizer, porque sim, ela havia mentido. Ela havia mentido muito, assim como Proteus, e ela não tinha certeza de qual mentira estavam falando.

Mas agora era a hora de finalmente confessar tudo. Ela poderia contar tudo a elas, exatamente como acreditava que deveriam ter feito desde o início. Fazer isso, porém, deixaria Proteus furioso com ela.

— Mentindo sobre o quê? — tentou Ellie, mas percebeu o quão ruins as palavras soavam em sua boca.

Anya suspirou, e foi então que Ellie olhou para a bela mulher loira. Ela usava um vestido branco com renda delicada nas bordas. As mangas curtas deixavam seus braços à mostra e as pérolas que adornavam seus pulsos. Havia até uma pulseira de pérolas em uma de suas pernas. Ela tinha um droide acoplado ao rosto, com uma tela sobre um dos olhos. Mas a expressão em seu rosto era de decepção.

Elas sabiam. É claro que sabiam.

Alexia suspirou e estendeu uma mão grande para que ela a segurasse.

— Vamos, Ellie. Levante-se. Vamos te mostrar o que descobrimos naquela sua instalação, e você poderá me dizer exatamente o que acha que precisamos saber.

Ela não queria fazer isso. Mas Ellie achava que não tinha escolha.

Segurando a mão de Alexia, ela permitiu que a mulher grande a ajudasse a se levantar e as seguiu para uma sala separada. Aquela cúpula era uma maravilha. Era difícil para ela não ficar olhando para a estrutura metálica arqueada e os enormes painéis de vidro que continham o mar. Elas estavam surpreendentemente perto da superfície ali. Perto o suficiente para que ela pudesse ver uma tempestade se afastando enquanto caminhavam por um longo túnel em direção a outra sala.

Ellie estendeu a mão e tocou o vidro onde as algas ondulavam do outro lado. Era tão transparente que parecia que ela podia estender a mão e tocar a erva marinha.

A outra sala parecia ser uma espécie de área de reuniões. A maioria dos móveis claramente havia sido reparada de alguma forma. Mas tudo no mar devia ter ficado encharcado em algum momento. Algumas das cadeiras eram as mesmas que ela reconheceu de Tau. A estética limpa e moderna se misturava com o que pareciam ser peças utilitárias, talvez de Beta, e outras que pareciam ter sido feitas à mão ali.

Ellie sentou-se em uma das cadeiras de Tau e esperou.

Alexia e Anya também se sentaram, ambas parecendo um pouco

desconfortáveis. Felizmente, foi Anya quem finalmente falou.

— As informações que descobrimos em suas instalações são muito úteis. Acreditamos que Proteus está certo. Devemos ser capazes de consertar o que foi danificado e talvez transferir algumas pessoas para a Superfície. Pelo menos para essas instalações, e se descobrirmos outras, isso nos permitirá transferir ainda mais pessoas para a Terra. No entanto... — Anya fez uma pausa e respirou fundo. — É ele que nos preocupa. É por isso que trouxemos você aqui.

— De forma bastante dramática — respondeu Ellie, surpreendendo-se a si mesma. Ela não imaginava que seria capaz de responder daquela maneira.

Anya sorriu.

— De forma bastante dramática, pode-se dizer. Sabíamos que Proteus não permitiria que você viesse aqui se pedíssemos a ele, não sem a supervisão dele. E você parece ser a pessoa que mais sabe. Boa parte das informações naquela instalação é classificada como sigilosa e está trancada atrás de muros que pouquíssimas pessoas conseguem ultrapassar. Certamente não alguém que temos aqui. Isso nos preocupou.

— São apenas informações de uma pesquisa independente realizada na instituição — ela tentou mentir.

— Informações que seu droide possui funções para ocultar. Isso nos leva a crer que não se trata de pesquisa sem relação com o assunto. — Anya inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. — Proteus está claramente escondendo algo de nós. Considerando as antigas lendas sobre ele, temos bons motivos para nossa preocupação. Acho que você entende isso. Ele quer que saiamos do mar o mais rápido possível, mas queremos minimizar as mortes ao longo do caminho. Por isso você está aqui para nos contar a verdade.

Uma parte dela não queria contar nada a elas sobre Proteus.

Outra parte dela queria contar tudo a elas. Anya estava dizendo o que

Ellie queria ouvir Proteus dizer. Isso. Ele queria minimizar as mortes. Que ele levaria a sério as preocupações dela sobre as criaturas que já viviam na superfície.

Ela abriu a boca e a fechou imediatamente.

— Acho que não devo lhes contar nada sem Proteus.

— Eu já disse — resmungou Alexia. — Existe um programa de reintegração por um motivo. Os clones precisam de apoio. Precisam de terapia. Precisam ser tranquilizados regularmente de que podem ir contra tudo o que foram treinados para fazer, caso acordem. É evidente que Ellie foi usada, talvez até abusada, e ela não estará interessada em nos ajudar a menos que Proteus a mande fazer isso.

Uma faísca de raiva queimava em seu peito.

— Eu disse para ele conversar com vocês! Eu disse que ele deveria contar tudo, e ele disse que respeitaria isso.

O olhar penetrante de Alexia se voltou para ela.

— Prove que estou errada, então. Prove que você tem opinião própria. Se quiser nos contar, se achar que precisamos saber, então conte. Independentemente do que Proteus possa querer.

— Eu também não quero irritá-lo — sussurrou Ellie. — Ele já fez tanto por mim.

Mas era mais do que isso. Elas não entendiam a conexão que havia florescido entre eles. Vê-lo sendo arrastado para longe dela a fez perder a vontade de confiar nessas pessoas.

Isso a deixou com raiva.

Estava tão furiosa que queria mentir para elas. Queria seguir o plano de Proteus e permitir que os humanos retornassem à superfície sem perceber que já havia criaturas lá. Não queria contar que a maioria das instalações estavam em ruínas e deixá-los descobrir por conta própria que os cientistas que haviam ficado para trás estavam fazendo experiências não só com animais, mas também com pessoas.

Mas, no fundo, essa não era a Ellie. Ela não era o tipo de pessoa que deixaria inocentes se aventurarem no desconhecido sem lhes dar toda a proteção possível.

Ela era uma boa pessoa. Ela faria o que era certo, mesmo que isso a deixasse irritada por ter que dizer a verdade para aquelas pessoas que não tinham feito nada para merecê-la.

Abrindo a boca, ela começou do início.

— Eu não acho que Proteus realmente me quis. Ele disse que o mar o levou até o meu grupo, mas acho que foi apenas sorte.

Toda a história veio à tona. Como ela havia acordado naquela outra instalação, com Piloto e Proteus pairando sobre ela. Como ela havia sido treinada a vida inteira para ser útil, para buscar um mestre, e que ela pensava estar ajudando. Mas quanto mais ela o ajudava com o plano, mais percebia que ele faria qualquer coisa para tirar os humanos do mar, e que não se importava com as ameaças que corriam pelo caminho. Ele estava apressando tudo.

E então ela contou a elas o que tinha lido no diário daquela mulher. No diário de sua Original. O que ela tinha visto nas areias com as câmeras, algo que Proteus não havia contado a ninguém. E o quanto tudo aquilo a deixava nervosa.

Ela expurgou a história de sua alma, sabendo que ele ficaria muito, muito zangado com ela.

TRINTA E TRES

ELLIE

Ellie não imaginava que contar a verdade fosse doer tanto. Ela se esforçou ao máximo para contar a história com a maior precisão possível, de acordo com sua memória, mas, no fim, ainda sentia que havia feito algo irremediavelmente errado.

Não importava que Anya a agradecesse profusamente. As palavras "Você pode ter salvado muita gente, Ellie. Obrigada por nos contar" eram um pequeno prêmio de consolação pelo que ela sabia que Proteus diria.

Ela havia desobedecido a tudo o que ele lhe ordenara. Era uma ordem direta. Ele deixara bem claro que não queria que nenhum dos humanos soubesse das câmeras ou das criaturas. Nem mesmo queria que soubessem o verdadeiro propósito da instalação. Queria que eles saíssem do mar, e qualquer mentira que tivessem que contar para conseguir isso, ele contaria sem hesitar.

Será que ela tinha arruinado tudo? O tempo que passaram naquele templo dourado a fez sentir como se tivessem construído algo especial entre os dois. Talvez houvesse um futuro se ela não tivesse... Ele cometeu um erro ao contar aos humanos o que não queria que eles soubessem.

Anya tinha feito anotações. Não era como se Ellie pudesse dizer que tinha inventado tudo. Ela tinha contado coisas demais, com detalhes demais.

Alexia se levantou, estalando o pescoço de um lado para o outro antes de apontar com a mão para outra saída do quarto.

— Vamos, Ellie.

— Espere — disse Anya, batendo a caneta no tablet que segurava na mão. — Tenho algumas perguntas. Já que ela está aqui, talvez possamos decifrar algumas das criptografias que nos impedem de acessar mais documentos. Se não se importar, Ellie, você poderia nos ajudar com...

— Não. — O tom áspero da voz de Alexia era firme, e ficou muito claro que ela não aceitaria nenhuma discussão. — Ellie vai descansar. Temos um ou dois dias antes de Proteus nos encontrar aqui, e os outros estão se preparando para isso. Ela precisa dormir.

Sem sequer olhar para a outra mulher, Alexia agarrou o braço de Ellie e a arrastou para fora da sala. Elas seguiram por outro corredor de vidro, este decorado com peixes prateados que nadavam por cima e desapareciam do outro lado. Ellie tentou se concentrar neles, mas tudo em que conseguia pensar era na sensação de que suas entranhas estavam reviradas.

Ela tinha feito algo terrivelmente errado. E não havia a menor chance de ela se safar dessa. Proteus nunca mais falaria com ela.

Os humanos a consideravam um monstro. Isso já era evidente para os outros funcionários da instalação. Eles nem sequer queriam estar perto dela. Então, qual era o futuro de Ellie?

A única pessoa que a tratara como gente ficaria tão furiosa com ela que ela não se surpreenderia se ele simplesmente a comesse e acabasse com tudo. Se ele poupasse a vida dela, não ficaria por perto para conversar. O que significava que Piloto iria embora com ele.

Então ela ficaria presa ali. Com pessoas que a consideravam pouco mais que um droide. Ninguém queria ser seu amigo. Ninguém falaria com ela. Apenas lhe dariam ordens, e ela seria forçada a voltar ao mesmo papel que desempenhava antes.

Boneca.

Nem sequer uma pessoa real.

Lágrimas ardiam em seus olhos enquanto Alexia a conduzia a um quarto

mobiliado com uma linda cama. Sobre ela, havia uma colcha encantadora, claramente feita com carinho. A profusão de cores, texturas e estampas era evidentemente desprovida de harmonia. Estavam ali apenas para criar um efeito vibrante e colorido. Havia uma bancada de trabalho no canto, repleta de engrenagens e pedaços de metal, e pinturas na parede. Pinturas de ondinos, do mar, de peixes e de um céu que o artista provavelmente jamais vira antes.

— Você pode dormir aqui — disse Alexia. — Duvido que Mira volte para casa tão cedo.

Atordoada, ela sentou-se na beira da cama e tentou se centrar. Pelo menos o edredom era macio sob seus dedos. Era bom passar os dedos pelas bordas.

Seu coração batia forte no peito. Cada batida soava como a voz de Proteus, dizendo-lhe para não dizer uma palavra aos humanos. Ela deveria tentar controlar a respiração. Ou pelo menos tentar beber um pouco de água. Mas toda vez que tentava contar as respirações, tudo o que conseguia pensar era em uma palavra que se repetia incessantemente em sua mente.

Traição. Traição. Traição.

Alexia apertou um botão na parede. Uma porta se fechou com um sibilo, deixando as duas presas juntas dentro do quarto.

Ellie olhou para ela, imaginando se talvez aquele fosse o momento de sua morte. Afinal, ela havia contado tudo o que sabia. Sua utilidade havia desaparecido completamente. Não havia motivo para mantê-la viva no plano dali em diante.

Mas Alexia encostou-se à parede e cruzou os braços sobre o peito.

— O que se passa nessa cabeça? Consigo ver seus pensamentos estampados no seu rosto.

— Está tudo bem. Você não precisa me perguntar se estou bem.

— Não estou perguntando se você está bem. Estou dizendo para você

falar comigo. Coloque todos esses pensamentos em prática. Você precisa desabafar, ou eles vão piorar. — Ela levantou a mão e balançou os dedos. — Vamos lá.

Aquela raiva fervilhava novamente no peito de Ellie. Ela não devia nada a essa mulher. Não queria contar a Alexia todos os seus segredos mais profundos e obscuros.

Um lado sombrio de sua alma despertou, e as palavras que saíram foram cortantes e dolorosas.

— Você não precisa cuidar de mim só porque eu pareço uma Original. Eu não sou uma delas.

— Por que eu iria querer cuidar de um Original?

— Eu sei o que você é. — Ellie não conseguiu se conter. O veneno continuava a jorrar de sua boca. — Você foi criada para cuidar de pessoas como eu. Mas eu não preciso que você cuide de mim.

— Talvez seja por isso que me sinto assim em relação aos clones, ou talvez seja porque sou igual a você. — Alexia deu alguns passos para dentro do quarto, ocupando um espaço enorme com seu tamanho imponente. — Você já parou para pensar nisso? Nenhuma de nós é a original. Sou a sétima geração de Alexia, e houve uma oitava que eu mesma matei. Então, quando soube que os clones seriam despertados nas outras cidades, soube que precisava cuidar deles. Porque me lembro como foi. Acordar daquele tanque, cair no chão frio, sem que ninguém se importasse minimamente com o meu medo e a minha solidão.

Ellie estremeceu. As mesmas lembranças a atormentavam profundamente. Ela as odiava. Odiava o que tinham feito com todas elas.

Alexia agachou-se à sua frente, com os joelhos sobre o tapete gasto.

— Você sente que o traiu. É isso?

Infeliz, ela assentiu com a cabeça. Não era a mesma coisa que admitir. Não de verdade. Não se ela não dissesse as palavras.

— Você não fez isso. Você tem o direito de ter suas próprias opiniões, e

analisou a situação com olhar crítico. Ninguém pode dizer que você não pensou no que estava nos dizendo. Você sabe quantas poucas pessoas se lembrariam de tantos detalhes? — Alexia estendeu a mão lentamente para a frente.

Ellie observou a mão da mulher se aproximando da sua e pensou que deveria impedi-la. Ela não deveria se deixar manipular pela ideia de um toque tranquilizador, mas estava se deixando. Estava mesmo.

Ela queria saber como era ter uma amiga. Uma amiga que não fosse um droide. Uma amiga que pudesse segurar sua mão e dizer que tudo ficaria bem.

Soltando um suspiro, ela encontrou Alexia e entrelaçou seus dedos. Permaneceram assim por um instante. Ellie sentia como se estivesse se agarrando a esse monólito de mulher que certamente nunca havia sentido medo em toda a sua vida.

— Você fez a coisa certa — disse Alexia. — Por mais difícil que tenha sido. Criaturas como ele... Se aprendi alguma coisa sobre as pessoas que vivem debaixo d'água, é que elas têm dificuldade em enxergar além dos próprios desejos. Ele vê um futuro para o seu povo, e não acho que ele esteja errado. Ele sabe quanta destruição a humanidade causou. Ele viu o que somos capazes de fazer e, se for parecido com Fortis, viu o que faremos. E ele quer impedir isso.

— Mas e se ele estiver certo? — sussurrou Ellie. — E se ele estiver correto e a única maneira de concretizar esse futuro for não nos deixar saber o que está por vir? Ou o que existe lá fora?

— Todos nós ainda veremos o sol. — A afirmação categórica ecoou pelo quarto como um juramento. — Alguns humanos podem permanecer abaixo das ondas, mas, para ser honesta, as coisas estão ficando cada vez mais difíceis. Comida. Espaço. Tudo está ficando cada vez mais difícil para o resto da humanidade. É por isso que ficamos tão desconfiados quando Proteus apareceu. Precisamos disso mais do que você ou ele

jamais entenderão.
E talvez isso tenha sido uma bênção disfarçada. Parecia que os humanos nas cidades não tinham escolha. Eles tinham que sair, ou a superpopulação os mataria a todos.
— Quanto tempo vocês têm? — perguntou ela.
— Outra geração — respondeu Alexia. — Talvez. Agora que restam apenas duas cidades, e uma delas ainda é praticamente uma cidade-prisão, não há muito espaço. Beta já não era grande antes. Podemos abrigar algumas pessoas aqui, mas não tantas quanto gostaríamos. Espaço é um luxo que nenhum de nós tem quando não conseguimos respirar debaixo d'água.
Ellie refletiu sobre o assunto. Ela percebeu duas coisas ao mesmo tempo.
Proteus estava errado.
E a humanidade não tinha outra escolha senão ir para o Alto.
Ela assentiu algumas vezes, seus pensamentos contando a história que nenhum dos lados havia contado ao outro. Proteus queria que eles fossem embora, com razão, então não lhes contara toda a verdade. Mas Alexia e seu povo estavam desesperados. Por isso, não lhe disseram que precisavam que isso fosse verdade, pois, se o fizessem, talvez ele aproveitasse a oportunidade para puni-los.
Estava tudo tão confuso e desorganizado. Mas ela também não tinha certeza se algum dos lados diria a verdade ao outro se fossem colocados no mesmo cômodo. Havia tanta animosidade entre eles que seria difícil para qualquer um confiar no outro.
Coçando a nuca, ela disse: — Vejo que há muitos problemas. Mas todos precisamos uns dos outros.
— Sim, nós precisamos. — Alexia acenou com a cabeça na direção da cama. — Por que você não se deita?
— Gostaria de continuar conversando, se pudéssemos.
Algo aconteceu nos olhos de Alexia. Uma emoção que Ellie não

conseguiu nomear, mas que suavizou a expressão daquela mulher rígida. Era como uma mãe percebendo que um filho finalmente queria falar com ela novamente.

Alexia apoiou uma mão no chão e se deitou sobre ele. Encostou as costas na cabeceira da cama, encarando a porta como se estivesse vigiando Ellie.

— Eu poderia continuar falando com você. Mas por que você não se deita? Haverá muitas outras perguntas amanhã, e gostaríamos de obter o máximo de informações possível antes que Proteus chegue. Tenho certeza de que ele vai te levar de nós novamente.

— Talvez não. — Ela se deitou na cama surpreendentemente confortável, puxando o travesseiro para mais perto. Ele também era tão macio que parecia que ela estava deitada em uma nuvem. — Ele pode ser razoável.

— Nenhum deles é particularmente razoável quando se trata dos seus companheiros — disse Alexia com um resmungo. — E ele está de olho em você.

— Ele simplesmente gosta de mim.

— Será mesmo? O que um deus do mar vê de bom em uma clone?

Ellie pensou bastante na resposta. Por algum motivo, ela queria contar a história certa para Alexia.

— Bem, para começar, ele disse que gosta de como eu sou inteligente.

— Essa é uma boa razão para gostar de uma pessoa.

— Ah, e ele acha que eu sou muito resiliente. — Ela estava bastante orgulhosa disso. — Ele me chama de Sisu. Disse que é porque demonstro serenidade diante da adversidade.

— É um bom nome — disse Alexia. — Fortis me presenteou com Virago. Significa uma mulher guerreira.

Ellie fez uma careta.

— Não tenho certeza se isso é um elogio.

— Para mim? Com certeza. — Alexia deu uma risadinha, e até mesmo aquele som tinha tanta força que era difícil negar que o nome combinava

com ela. — Agora, sobre o que mais você quer conversar? Eu posso... Vou lhe contar tudo o que sei sobre o Povo da Água, mas não acho que o homem que você tem na palma da mão seja exatamente isso.

— Não. Não mesmo. — Então o bom senso a fez calar. — Não sei se devemos continuar falando dele. Você pode me contar mais sobre as cidades?

Ela falaria demais, e aí Proteus ficaria furioso com ela. Se ela contasse todos os seus segredos ou fraquezas, ele provavelmente a levaria de volta para o kraken e diria que havia trazido um pequeno lanche para a criatura.

Alexia fez um gesto com as mãos e, de repente, as luzes do quarto diminuíram. Num instante estavam acesas e, no seguinte, restava apenas a tênue luz do mar azul ao redor. Isso transformou o quarto num lugar secreto, como se tudo o que tivessem dito não fosse real.

Já sonhadora, Ellie sentiu os olhos se fecharem enquanto Alexia falava sobre Beta.

Ela disse que a cidade remanescente ainda era impressionante. Era onde a maioria dos engenheiros havia vivido, mas ninguém de Tau além dos clones havia sobrevivido. Havia muitos refugiados de Alpha. Aparentemente, aquela cidade também havia sido destruída.

Ela adormeceu pensando em todas aquelas pessoas diferentes, amontoadas em uma cidade que não fora construída para elas. Pessoas com vestidos bonitos e joias que pendiam pelos braços, misturando-se com aquelas cobertas de fuligem, que ainda assim trabalhavam arduamente para manter a cidade funcionando enquanto ela lentamente definhava. E então, clones. Pessoas como ela. Tentando se passar por gêmeas, quando sabiam que eram muito mais do que isso. Eram pessoas esquecidas. Pessoas que esperavam por uma segunda chance na vida.

O sono a dominou quando Alexia começou a lhe contar sobre Tau. Como ela também havia crescido lá, e que havia beleza naquele metal frio.

Assim como houve crueldade.

TRINTA E QUATRO

Ellie

Ela acordou horas depois, na parte mais escura da noite, sem saber onde ela estava. Um estranho estalo a despertou. Algo que ela sabia não serem os sons suaves de Alexia, que havia adormecido ao lado da cama.

Ellie não tinha um sono muito profundo. Ela sempre acordava com algum barulho, desde mudanças na respiração de Proteus até o estrondo de um trovão acima dela. Mas então ela ouviu o som novamente e soube que não era um ruído natural naquele quarto. As leves batidas eram rítmicas demais.

Finalmente, depois de vasculhar todo o cômodo em busca de algo fora do comum, ela se virou de costas e quase gritou ao ver a criatura semelhante a um caranguejo no vidro acima dela.

Levando as mãos à boca, ela congelou enquanto esperava Alexia acordar. Mas talvez a mulher grande também precisasse descansar, pois apenas se mexeu um pouco antes de cair novamente em um sono profundo. Ellie esperou que a respiração dela se acalmasse antes de tirar as mãos da boca e encarar Piloto com um olhar fulminante.

O pequeno droide apontou com a perna, indicando claramente para Ellie sair do quarto.

A porta fazia muito barulho. O chiado certamente acordaria alguém. Ela gesticulou com as mãos, tentando mostrar que era uma porta manual e que, portanto, faria barulho. Novamente, Piloto apontou para ela. Desta vez, com um pouco mais de sarcasmo do que o necessário.

Resmungando baixinho, ela saiu da cama devagar e passou por cima de Alexia. A outra mulher não acordou, nem mesmo quando ela apertou o

botão e a porta se abriu com um sibilo. Talvez não tivesse sido tão alto quanto ela se lembrava, mas ainda assim a fez estremecer e congelar.
Alexia bufou enquanto dormia e cobriu os olhos com o braço. Claramente, a luz do corredor estava muito forte.
Uma ternura ardia no peito de Ellie. Em outra vida, talvez, ela teria conhecido Alexia em circunstâncias muito diferentes. Elas poderiam ter conversado com mais frequência, e talvez até Alexia tivesse ajudado Ellie a não ser tão complacente com os outros. Elas teriam se tornado grandes amigas. Ela tinha certeza disso.
Mas talvez todos os clones se sentissem assim ao conhecer aquela mulher gigante.
Mais batidas soaram acima de sua cabeça enquanto Piloto a guiava por algum lugar neste labirinto de uma cidade com cúpulas. Ela seguiu de corredor em corredor, na ponta dos pés, por um local que parecia uma cozinha, e depois para um jardim tão exuberante que era quase de tirar o fôlego. Ellie se distraiu um pouco ali antes de Piloto a conduzir a uma oficina.
Aquele era o lugar mais bagunçado que ela vira naquela pequena cidade até então. Pedaços de metal, grandes e pequenos, estavam espalhados por todo o chão. Havia parafusos e martelos, ferramentas jogadas de um jeito que ela tinha certeza que não era nada inteligente.
Mas ela também podia ver que havia um espelho d'água naquela sala. Esperava que isso não acordasse ninguém.
Ellie caminhou até o botão e o apertou, fazendo uma careta quando o som metálico estridente ecoou pela sala. Ninguém gritou, nem entrou correndo, então ela presumiu que os quartos ficavam bem longe dali. O que fazia sentido, considerando o barulho que provavelmente vinha daquele cômodo.
Piloto entrou por baixo, sacudindo-se e soltando um ruído de descontentamento.

— Você sabe quanto tempo levei para chegar aqui?
— Não faz tanto tempo assim. Considerando que só estou aqui há um dia. — Ela se encostou na parede, cruzou os braços sobre o peito e o examinou de cima a baixo. — Por que você está aqui?
— Porque você foi sequestrada! — Ele apontou com a perna para ela. — Você é ingrata por ter sido salva.
— Como você sabia que eu estaria aqui?
Ela não duvidava que o droide soubesse o que todos no mar estavam fazendo. Ele conversou com os drones que haviam estado por todo o fundo do oceano, através das ondas, e até mesmo com aqueles que se aventuraram em terra firme. Mesmo assim, sua chegada foi bastante perfeita.
— Os humanos estavam todos falando sobre isso assim que você saiu — respondeu o Piloto. Ele subiu em uma das peças de metal perto dela, aparentemente para ter altura suficiente para observá-la. — Eles devem ter pensado que eu era um droide que só podia seguir ordens. Eles arrumaram as coisas quase assim que você se foi. Levaram tudo o que puderam da instalação, e vários equipamentos que estavam consertando. Ladrões.
Ela se esforçou muito para não rir daquilo.
— Bem, eles consertaram.
— Isso não lhes dá o direito de saquear o Santuário em busca de qualquer coisa útil! Tudo precisa ficar lá, para que tenhamos um local centralizado para controlar os habitantes da terra. Esse sempre foi o plano, e Proteus sempre tem razão. — Resmungando por baixo ao soltar a respiração, Piloto estendeu uma perna e afastou delicadamente uma mecha de cabelo dela para o lado.
Ela percebeu que ele estava olhando para o pescoço dela. O droide até emitiu um pequeno feixe de luz para examiná-la da cabeça aos pés, certificando-se de que ela não estava ferida.

— Vejo que não a machucaram.
— Estou bem, Piloto.
— Nunca se sabe o que os humanos vão fazer. Eles experimentam com tudo o que conseguem colocar as mãos. E você é um espécime muito interessante, senhorita Ellie.
Lágrimas ardiam em seus olhos.
— Acho que essa foi a coisa mais gentil que você já me disse, Piloto.
— Não se emocione. Vamos lá. Eu consigo respirar por você, e provavelmente há oxigênio suficiente para chegarmos em terra firme. De lá, posso guiá-la de volta à base.
— Terra? — repetiu Ellie. — Não posso viajar por terra.
— Claro que pode. Não será totalmente seguro, mas posso continuar respirando por você, e há muitas cavernas. Se conseguirmos ficar por lá, devemos conseguir sobreviver. Você pode não voltar inteira, mas vai voltar. Não há tempo a perder.
Droides. Eles não entendiam que as peças dela não eram tão substituíveis quanto as dele. Embora ela imaginasse que já tivesse trocado um braço. A experiência talvez o tivesse confundido um pouco.
Ela deu um passo para trás, afastando-se de Piloto, preparando-se para lhe dizer que não podia ir embora, mas outra voz a interrompeu antes que pudesse.
— Droide — disse Alexia, sua alta sombra entrando na sala muito antes dela. — Ela ficará aqui. Que tipo de protocolo eles instalaram em você para poder viajar tão longe?
— Hum... — Uma engrenagem girou no corpo do Piloto. — Vou levar a garota.
— Não, vocês dois ficarão aqui e se submeterão a uma inspeção completa. — Alexia cruzou os braços enquanto parava na porta. — Que tipo de droide você é, afinal?
Algo saiu de Piloto. Um fio, Ellie percebeu, até que crepitou no ar com

um som de eletricidade tão alto que a fez tapar os ouvidos. Não era um fio, então. Era uma arma. Será que Piloto tinha aquilo o tempo todo?

Quase alcançou Alexia, mas a mulher corpulenta desviou-se antes que pudesse agarrá-la e provavelmente matá-la com a quantidade de energia que emanava daquela coisa. Num movimento fluido, a velha guarda abaixou-se, pegou um pedaço de metal que parecia ter o tamanho de um prato e atirou-o em Piloto.

O droide não era feito para combate. Ele se chocou contra ele e o prendeu contra a parede. Suas pernas deram mais um espasmo furioso antes que, aparentemente, todos os seus componentes eletrônicos desligassem.

— Piloto! — ela exclamou, correndo até a parede e tentando arrancar o metal de lá. Mas não conseguiu. Ela não tinha força suficiente para arrancá-lo dele, e ele ficou pendurado ali, mole.

— Ele está bem — disse Alexia. — É preciso muito mais do que isso para matar um droide. Vou pedir para Mira dar uma olhada nele, ou para Ace, talvez. Ela está em Beta agora, mas tenho certeza de que Maketes aproveitaria qualquer desculpa para ir buscá-la e trazê-la de volta. Ele detesta quando ela fica fora por muito tempo.

Ellie se virou bruscamente, cerrando os punhos.

— Você o matou.

— Eu te disse, ele vai ficar bem.

— Ele era meu amigo.

A expressão de Alexia suavizou-se. Lá estava de novo, aquela emoção que Ellie não conseguira nomear. Mas desta vez ela percebeu que era pena.

E isso lhe causou repulsa. Ela levantou a mão, apontando para a outra mulher.

— Não me olhe assim. Ele era um amigo.

— Droides são complicados. Tenho certeza de que ele também te considera uma amiga, mas eles não são como pessoas. Matá-los exige

muito mais esforço do que simplesmente atravessá-los com um pedaço de metal. Os fios podem ser substituídos. Discos rígidos são um pouco mais complicados, mas mesmo esses podem ser recuperados. Ele vai ficar bem, Ellie. Mas não podemos deixar que ele te tire daqui antes de Proteus voltar. Aquele deus do mar vai nos matar a todos se você não estiver aqui, e nós não sabemos onde você está.

As portas se abriram atrás de Alexia e dois outros droides entraram. Um parecia uma pequena caixa sobre rodas. O outro, uma estranha criação semelhante a uma aranha, com corpo de vidro. Ela pensou que este último poderia ser o que estava preso à cabeça de Anya. Os dois congelaram e, então, olhos saltaram do topo da caixa.

— Ah, perfeito — disse Alexia. — Byte e Bitsy vão cuidar dele. Enquanto isso, você vem comigo? Acabamos de receber a notícia de que Proteus já acordou. Parece que você não vai nos ajudar tanto quanto esperávamos, mas gostaríamos de saber se você se importaria de contornar os firewalls e nos dar acesso ao mainframe do Santuário? Assim, podemos dar uma olhada no resto da documentação experimental. Tudo bem?

Sua mente girava. Muitos detalhes a atingiam simultaneamente. Proteus estava vindo? Ela ficou emocionada ao ouvir isso. Ele estava vivo, e ela podia respirar um pouco mais aliviada. Mas Piloto estava ali perto, e os droides claramente estavam fazendo algo para retirar seus restos mortais de trás do metal preso na parede. E eles queriam que ela fizesse ainda mais, depois de Alexia ter matado seu melhor amigo.

Mas ela tinha sido tão gentil ontem à noite. As duas conversaram sobre tantas coisas, e Alexia pareceu ser alguém que também poderia ser amiga.

Emocionada, ela se deixou conduzir para fora da sala e para dentro de outra. Havia mais pessoas agora. Um homem de óculos, uma mulher de cabeça raspada e algumas outras que ela reconheceu como funcionárias da instituição. Eram muitos, e nenhum deles sequer olhou para ela

enquanto Alexia a sentava e colocava um tablet em suas mãos.

— Aqui — disse Alexia, inclinando-se sobre ela e ocupando todo o espaço disponível. — Este é o código com o qual todos os nossos melhores estão tendo dificuldades. Parece que alguém o projetou em Tau e, infelizmente, não temos muitas mentes brilhantes de lá. Só você. Agora podemos decifrá-lo. Há muitas pessoas aqui com muito conhecimento. Mas com certeza seria muito mais rápido se você pudesse fazer isso por nós.

Ela respirava com muita dificuldade. Até Ellie conseguia ouvir sua respiração, como se estivesse sobrecarregando seus pulmões. Era uma tolice estar tão nervosa. Aquelas pessoas não a tinham machucado. Mas todos estavam a pressionando.

Mira entrou na sala como uma soldado, com um respirador nas mãos. Seus cabelos ruivos estavam espetados em todas as direções, e a blusa preta que vestia esvoaçava ao redor do seu corpo, enfiada na calça preta mais justa que Ellie já vira.

— O tempo acabou. Ele está quase aqui.

— Ela consegue fazer isso — respondeu Alexia.

— Não temos tempo para qualquer programação que você precise que ela faça. Ela precisa estar na água agora, pelo bem de todos nós.

A mão de Alexia pousou em seu ombro e apertou.

— Eu acredito nela, Mira.

Aquelas palavras acenderam uma chama em seu peito. Porque ela era capaz. Ela já havia feito coisas piores em muito menos tempo.

— Você tem um... um...

Ellie gesticulava com os dedos no ar como se estivesse digitando, e alguém já havia lhe trazido um teclado. O homem de óculos conectou o teclado ao tablet que Alexia segurava à sua frente, enquanto Ellie deixava o código fluir. Afinal, era uma linguagem criada por Tau. Ela sabia como lê-la. Provavelmente, era uma das poucas pessoas vivas que ainda

conseguiam.
Ela deixou todas as suas preocupações saírem da cabeça. Este erea o seu último presente para eles. Esta era a última ajuda que ela daria aos humanos para que pudessem se preparar. Uma única geração que poderia em Beta. Era todo o tempo que tinham. Ela lhes daria tudo o que pudesse para prepará-los.
E em seguida, ela enfrentaria um deus do mar porque ele ficaria furioso com ela.
— Pronto — disse ela, erguendo as mãos como se estivesse com um cronômetro, e a equipe na sala recolheu o tablet rapidamente. Mira colocou o respirador sobre o rosto e foi puxada na direção de uma piscina lunar.
Tudo estava acontecendo tão rápido que ela quase não conseguia enxergar direito, mas então Alexia emoldurou seu rosto com suas mãos grandes e fez com que Ellie se concentrasse nela e não nas pessoas que corriam pela sala.
— Fique segura — disse Alexia. — Está me ouvindo? Aquela criatura lá fora não tem o direito de lhe dizer como viver sua vida, ou o que é certo ou errado. Você tem uma cabeça boa nesses ombros. Você pode escolher por si mesma.
— Eu não sei nadar — choramingou Ellie.
Mais uma vez, a pena escureceu a expressão de Alexia antes que ela respirasse fundo.
— Seu homem está por aí, querida. Você não precisará se preocupar.
Metal frio tocou a parte interna do seu pulso. Uma faca? Por que Alexia tinha uma faca contra o pulso? O metal pressionou com força suficiente para cortar a carne, uma estranha sensação de ardência enquanto o vermelho se espalhava pelo seu antebraço. Não o suficiente para matar, apenas o suficiente para machucar bastante. E então Alexia colocou a mão no centro do peito de Ellie e a empurrou para dentro da água.

O frio gélido lhe roubou o fôlego por um instante, antes que ela se lembrasse de que conseguia respirar com o dispositivo preso ao rosto. Inspirando profundamente, assustada, ela olhou para a cúpula que desaparecia lentamente. O sangue escorria de seu braço, como uma fita vermelha que se estendia em direção à cúpula, que se distanciava cada vez mais.

Ellie percebeu que era a beira de um penhasco. A rocha surgiu de repente à sua frente, mas não perto o suficiente para que ela pudesse tocá-la ou se agarrar a ela. Aquela cúpula estava sobre um precipício íngreme e ela estava afundando lentamente além dele.

Eles a mataram.

Ela havia dito a eles que não sabia nadar. Nem mesmo a dor lancinante do braço ferido lhe dava a adrenalina necessária para tentar nadar com mais força e velocidade. Eles a jogaram do penhasco porque ela não era mais útil.

Até que um rosnado longo e ecoante fez a água ao seu redor tremer. Ela podia sentir o som de sua raiva e fúria enquanto ele avançava em sua direção. Uma criatura escura iluminou todo o mar com seu esqueleto brilhando tão intensamente que quase doía olhar para ele.

E então...

Impacto.

TRINTA E CINCO

Proteus

Ele era a morte.

Ele era a destruição.

Ele era a ruína.

Proteus nunca estivera tão furioso em toda a sua vida. Já havia sido preso antes. Os ondinos o atacaram anos atrás, deixando bem claro que desejavam sua morte. Mas mesmo naquela época, ele compreendera suas ações. Esquecera-se enquanto estava preso. O ódio acabara por se intensificar, como sempre acontecia com o tempo, quando se refletia sobre as ações alheias.

Mas ele nunca se importara tanto com nada a ponto de sentir dor ao perdê-lo. Enquanto observava aquele ondino nadar para longe com a única pessoa que realmente importara em sua vida, ele sabia que faria todos eles sofrerem.

Não demorou muito para ele encontrar o ondino azul. O macho havia se escondido, talvez a melhor maneira de se manter fora do alcance de Proteus. As pedras que ele havia movido através disso, tornou impossível alcançá-lo. Mesmo para alguém que tinha braços tão longos quanto os de Proteus.

Ele tentara. Por horas. Golpeara o corpo contra as pedras, lutando contra as correntes que tentavam arrastá-lo para longe do macho. Iria despedaçá-lo, banhando o mar com o sangue do tolo que ousara lhe tomar a mulher.

Mas sua fúria se transformou quando o mar finalmente lhe mostrou o que desejava que ele visse. Havia outro aroma na água. Outro aroma que

era importante.

Embora o ondino azul tivesse o cheiro de Ellie, era um aroma fraco. Ele não a manteria presa naquelas pedras, então Proteus seguiu em frente. O cheiro acre de enguia morta o repelira inicialmente, mas agora ele entendia o truque. E embora o macho gritasse para que ele voltasse, Proteus se concentrou no cheiro que ainda persistia na água.

Poucos conseguiam rastrear como ele. Em parte, era o cheiro, e a outra parte se devia aos poderes que os ancestrais lhe haviam concedido. A capacidade de saber o que havia acontecido antes pulsava na água, destacando a imagem de um desgraçado de barbatanas amarelas que levara Ellie em seguida.

Ele havia encontrado aquele em outro posto avançado, embora o amarelo não fosse nem de longe tão esperto quanto o outro. Ele estava tentando sair da água para se esconder no que parecia mais uma bolha do que um posto avançado. Foi uma escolha tola.

Proteus arranhou sua nadadeira, deixando-o quase inútil até que se curasse, o que levaria muito tempo.

Com uma garra curva, ele prendeu os dedos nas guelras do macho que ria, forçando-o a parar de rir por um segundo e olhar Proteus nos olhos.

— Onde você a colocou? — disse ele, num tom quase entediado.

— Dentro do posto avançado. — O homem tossiu, olhando para a bolha atrás dele. — Me solte e eu a trago para você.

— Ela não está lá. Você vai me dizer onde ela está. — Ele torceu a garra, cravando-a nas guelras macias e sensíveis. — Ou eu te mato.

O rapaz não quis dizer nada, e isso revelou a Proteus mais do que ele imaginava. Com um movimento rápido do pulso, ele o jogou no mar e partiu em direção à cidade que sabia que os mortais haviam construído. Eles queriam que permanecesse um segredo, mas Proteus sabia de tudo o que acontecia naquelas águas. Ao que tudo indicava, eles a haviam levado para o covil deles.

Essa foi uma escolha insensata.

Eles deveriam ter sabido que ele os encontraria. Proteus era o deus do mar, então, mesmo que não soubesse onde ficava a cidade, o próprio mar acabaria por lhe revelar o caminho. Ele conseguiria o que queria, ou destruiria o mundo ao seu redor.

No instante em que avistou a cidade em forma de cúpula, ele soube que algo estava errado. A jornada lhe dera tempo suficiente para clarear a mente, e ele sabia, sem sombra de dúvida, que os humanos fariam alguma besteira. Bastaria um olhar para que arriscassem a vida dela para controlá-lo.

Se ele não tomasse cuidado, ia perdê-la. Eles sempre sacrificariam o próximo antes de si mesmos.

Seu coração quase saltava do peito enquanto ele avançava em direção à cidade. Ele pretendia atingir um dos prédios principais. Estariam tão concentrados em estancar o vazamento, tentando controlar o que estavam perdendo, que não o notariam resgatando Ellie. Ele sabia que, assim que ela o visse, tentaria chegar até ele. Eles estavam conectados, ela e ele. Eram um só ser, uma só respiração.

Mas então ele sentiu o cheiro do sangue dela na água.

Foi como se alguém o tivesse atingido no coração. Teriam matado ela? Sua Ellie? Eles não ousariam. Deviam saber que, se o fizessem, ele os destruiria a todos.

Seu estômago revirou. Seu coração doeu. Ele sentiu como se alguém tivesse enfiado a mão em seu peito e agarrado seus órgãos.

Ela ficou machucada. E ele não impediu que isso acontecesse.

Ele se virou na direção do cheiro e mal conseguiu avistar o corpo dela. Estava escuro, então havia pouca luz na água para guiá-lo, mas ele a teria visto de uma distância ainda maior.

Ela flutuava no vazio, com o braço estendido em direção às pessoas que a haviam jogado na água, na esperança de apaziguá-lo. Ele não se

esqueceria disso. Ele retornaria a este lugar e o reduziria a cinzas. Eles jamais poderiam usar esta cidade novamente. Que toda aquela escória inútil voltasse para sua cidade principal, que estava tomada por humanos. Que apodrecessem lá, para ele tanto fazia.

Ele não seria mais gentil ou indulgente com a humanidade. Eles ficariam onde ele os colocasse. Sem postos avançados. Sem liberdade. Eles abandonariam suas águas para sempre, deixando-o sozinho, assim como aqueles que ele amava.

Ele a alcançou antes que o vazio a engolisse. Sabia que conseguiria, mas o terror era difícil de dissipar. O medo de que ela afundasse além de seu alcance e ele não a pegasse antes que a pressão a esmagasse.

Proteus a abraçou pela cintura e a puxou para si. O peso suave dela, junto ao peito dele, mesmo enquanto a correnteza tentava arrancá-la de seus braços. Ele era uma força inabalável naquele mar. E ela se agarrou a ele como se soubesse disso.

Ele ouviu seu suspiro suave, bolhas irrompendo de sua máscara enquanto seus membros se enroscavam em sua cintura. Proteus sabia, sabia sem sombra de dúvida, que ela estava esperando que ele a salvasse. O jeito como suas mãos o agarraram, sem nenhum sinal de medo em seu toque, curou uma parte de sua alma que estava ferida desde que ela fora tirada dele.

— Proteus — ela sussurrou. — Você veio.

— Espero que você não tenha esperado muito tempo.

Ele olhou para a cúpula onde ela havia caído, e uma parte dele sussurrou: "Termine com isso". Ele poderia colocá-la na borda, sabendo que nem mesmo as correntes ousariam levá-la dele. Então, ele poderia arrasar o lugar inteiro. Exatamente como havia planejado. Ele usaria toda a força de seu corpo imenso, a força que deveria aterrorizar aqueles que estivessem lá dentro, e mataria todos. Ele os afogaria. Qualquer um que tivesse respiradores como ela, ele caçaria e arrancaria de seus rostos.

A morte deles o acalmaria. O som dos gritos aliviaria a dor no peito que lhe dizia que, de alguma forma, ele havia falhado.

Mas então ela pressionou as mãos contra os batimentos cardíacos acelerados dele, uma para cada um, e ele olhou para baixo e viu aqueles olhos grandes o observando. Pelos deuses, como ela era linda. Tão inocente. Tão delicada.

Muito mais gentil do que ele jamais poderia sonhar em ser.

— Me tire daqui — ela sussurrou. — Por favor.

— Para onde você deseja ir, Sisu? — Ele precisava saber a resposta. Ela desejava retornar à sua cidade humana? Será que mesmo alguns momentos com outros de sua espécie a convenceram de que talvez desejasse uma vida que ele não podia lhe dar?

— Em algum lugar onde eles não possam nos encontrar.

Ele percebeu uma sombra de dúvida em seu olhar. O jeito como ela olhou para a cidade por um breve instante, antes de toda a sua atenção se voltar para ele novamente. Uma pequena parte dela não queria deixar aquelas pessoas para trás, mas uma grande parte queria. Era uma batalha que ela provavelmente travaria pelo resto da vida.

Ele deslizou as mãos pelas costas dela, segurando a parte de trás de suas coxas para que ela pudesse entrelaçar as pernas em volta dele e ele tivesse certeza de que ela estava segura. Então, ele se afastou das cúpulas e nadou em direção a algo no mar.

O ritmo que ele impôs a si mesmo foi brutal. Até ele sentia os músculos queimando enquanto se lançava contra as correntes e lutava contra qualquer rastro que o mar quisesse lhe impor. Ele sabia para onde estava indo. Sabia exatamente onde estariam seguros.

O lugar era antigo. Escondido. Tinha sido uma das primeiras cavernas que ele encontrara quando criança, e era um dos poucos lugares onde ele sabia que nenhum ondino os seguiria. Porque não estava completamente submersa.

Demorou um pouco para ele chegar lá, mas ele não se importou com o tempo da jornada, pois ela estava aconchegada a ele. Seus pezinhos encontraram apoio acima de suas nadadeiras. E embora não houvesse onde segurar os pés dela, os tentáculos em seus quadris envolveram seus dedos, garantindo que ela se sentisse mais segura. Era como se seu corpo funcionasse por conta própria, sustentando-a enquanto o resto dele trabalhava para levá-la em segurança.

Ele se sentia fora de controle. Ninguém jamais havia sido tão ousado a ponto de roubar algo importante dele. Ele nunca havia perdido algo tão precioso quanto ela, e estava sentindo todo tipo de emoção que nunca havia experimentado antes.

Uma grande parte dele queria se aninhar dentro dela. Ele não sabia o que isso significava, apenas que queria se agarrar a ela até que não houvesse mais ele nem ela, apenas os dois existindo de uma maneira que ele não compreendia. Outra parte dele ameaçava que ele deveria consumi-la. Então ninguém mais além dele poderia tê-la, e ele sempre teria uma parte dela dentro de si, não importando o quão longe ela fosse.

Mas esse era o seu lado animalesco. Uma criatura que nunca havia realmente compreendido a razão, e à qual raramente dava ouvidos ultimamente. Esse lado dele só sabia ferir os outros. Ele se manifestava quando se sentia desconfortável ou vulnerável, como agora.

Ele a abraçou com mais força. Prometera que ninguém jamais a machucaria novamente. Nem ele, nem os humanos, ninguém. E ela já havia sangrado.

Proteus fez uma leve curva, sua cauda ainda os impulsionando pelas águas a uma velocidade que seria difícil para qualquer outro acompanhar. Mas ele precisava ver o braço dela. Delicadamente, muito delicadamente, ele deslizou a palma da mão pelo braço dela até erguer o pulso para poder vê-lo.

A água a pressionava com tanta força que ela não conseguiria manter o

braço erguido sozinha. Talvez fosse um pouco desconfortável para ela segurá-lo daquela forma. Mas ele precisava ver. Precisava ter certeza de que ela não ia morrer sangrando em seus braços enquanto a levava para um lugar seguro.

O corte era superficial. Felizmente, a água salgada do mar o havia lavado muito antes daquele momento, mas ele ainda podia ver uma tênue linha vermelha que não coagulava por causa da água ao redor.

Um lampejo de medo o percorreu. Se ele não a levasse para um lugar seguro rápido o suficiente, ela poderia sangrar até a morte. Ela poderia morrer e não havia nada que ele pudesse fazer para impedir. Ele pensara que ela estaria bem com os humanos. Eles queriam se vingar dele. Queriam mostrar que realmente detinham o controle, e isso era tudo.

Ele estava tão enganado a respeito deles. Eles não se importavam com outros da sua própria espécie. Tudo o que lhes importava era... o que quer que eles quisessem. Ele realmente não sabia.

— Não falta muito — disse ele a ela, rezando para todos os deuses restantes do mar para que ouvissem seu filho.

Ele não a perderia. Mesmo que o aroma do sangue dela fosse delicioso e florescesse em suas guelras. Mesmo que uma parte dele quisesse devorar cada centímetro de sua pele apenas para saborear aquele gosto por mais um instante.

A urgência o impulsionou ainda mais rápido até que finalmente alcançou a caverna escondida que os humanos haviam esquecido há muito tempo. Afinal, era mais uma das cavernas deles. Uma caverna que também fora usada para culto.

Aqueles que ali cultuavam sabiam que o mar era uma deusa. Traziam-lhe oferendas deste lugar que outrora fora repleto de barcos. Carregavam os barcos de madeira com flores, centenas de pétalas e cores que, com o tempo, afundavam nas ondas. Cada barco tinha um buraco no casco, o suficiente para permitir que se afastasse do cais e seguisse para o mar

aberto.
Assim que a deusa aceitasse o sacrifício, ele afundaria, enchendo as ondas de flores que, em seguida, flutuariam de volta para a costa.
Ele ainda se lembrava delas usando aquelas flores no cabelo, dizendo a todos que haviam sido abençoadas pelo mar.
Era um ritual estúpido. Mas mesmo assim, os humanos adoravam poluir as ondas, justificando que o faziam em nome da beleza.
Os cais haviam apodrecido há muito tempo, mas as paredes da caverna eram belamente esculpidas. Paredes lisas e escadas que emergiam da água para uma plataforma que levava às areias além. Séculos atrás, essa plataforma conduzia ao jardim onde cultivavam todas as flores que eram oferendas à deusa. Mas agora, serviria apenas como um lugar seguro para descansarem por um breve período.
Ele a ajudou a subir as escadas, que estavam escorregadias por causa das algas e cobertas de cracas. Proteus fez questão de ajudá-la a pisar com segurança, para que ela pudesse escolher os degraus certos e não se cortar.
Ele se arrastou atrás dela até a superfície lisa onde centenas de pés haviam caminhado. Deitou-se ao lado dela, observando seu peito subir e descer enquanto ela arrancava o respirador do rosto e o colocava no chão ao lado dos óculos de proteção.
Ela virou o rosto para olhá-lo, e foi só isso que fez. Apenas olhou. Ele podia sentir o olhar dela percorrendo suas feições. Das sobrancelhas, descendo pelo nariz, até as linhas das bochechas e chegando aos lábios.
Ele nunca desejara tanto beijá-la. Mas um toque de cor chamou sua atenção antes que pudesse fazê-lo.
Inclinando-se sobre ela, Proteus colheu a única flor vermelha que, de alguma forma, havia crescido naquele lugar escuro e úmido. Ao fazê-lo, como se os deuses o tivessem ouvido, um raio de luz iluminou a imensa caverna.

Ele colocou a resistente rosa-do-mar atrás da orelha dela, seguindo delicadamente a curva com as garras.

— Pronto — murmurou. — Agora está onde deve estar.

— A flor?

— Uma flor não pode rivalizar com a sua beleza, mas eu gosto de ver se ela tenta.

Ele a segurou quando ela se atirou sobre ele, e seus lábios se encontraram num beijo quase doloroso.

TRINTA E SEIS

Ellie

Ellie não pensou em todos os motivos pelos quais isso deveria fazê-la se sentir ainda mais culpada. Ela o havia traído. Ela havia ido contra tudo o que ele lhe dissera para fazer e, portanto, era a pior pessoa do planeta.

Mas esse homem maravilhoso, esplêndido e aterrador havia colocado uma flor atrás da orelha dela porque disse que ela ficava bonita com a flor ali.

Seu coração não aguentou. Aquele pobre órgão estrangulado em seu peito havia sido tão maltratado durante toda a sua vida. Ter alguém que a olhasse e dissesse que a queria fez com que cada parte dela brilhasse.

Proteus poderia ficar zangado com ela assim que soubesse a verdade, mas ela não ia desperdiçar os poucos momentos que tinha com ele. Ela se recusava.

Então, ela o beijou. Ela o abraçou pelo pescoço e o beijou com toda a força, toda a necessidade e todo o desejo que ardiam dentro dela há muito tempo. Não importava que ele fosse um deus imortal que sobreviveria a ela por muitos e muitos anos. Não importava que o mundo estivesse desabando sobre eles, e que grande parte da culpa fosse dele. Não importava que houvesse segredos e mentiras demais entre eles. Naquele momento, eram apenas ele e ela, e a necessidade que ardia entre eles.

Ela entreabriu os lábios dele com a língua, sentindo-o arquear-se contra ela. Talvez fosse o gosto dela. A explosão de sabor que sempre acontecia quando se beijavam. Ela não tinha certeza do que o fizera reagir como se

tivesse levado um choque, mas Ellie não ia reclamar quando os braços dele a envolveram num espasmo implacável.

Ele gemeu durante o beijo, os lábios já entreabertos, como se quisesse devorá-la por inteiro, se pudesse. Ela sabia que essa era uma parte dele contra a qual ele lutava. Uma grande parte dele queria consumi-la.

Ao pensar nisso, ela soltou um pequeno gemido e montou em seu colo. Tudo em que conseguia pensar era na última vez que ele estivera entre suas coxas. Ele a devorou como se estivesse faminto. Pelo toque dela. Pelo sabor dela. Pela lubrificação dela que cobriu sua garganta de forma tão completa que ele jamais esqueceria o gosto dela.

Ela era inexperiente. Antes dele, Ellie pensava que sexo era algo que os outros faziam, mas não algo que ela pudesse desfrutar. E ele também nunca havia desfrutado do próprio corpo dessa forma. No entanto, havia um pequeno monstro selvagem dentro dela que sabia o que queria e estava cansado de esperar que um dos dois aproveitasse a oportunidade.

Aparentemente, ele sentia o mesmo. Enquanto ela se movia sobre ele, encontrando uma saliência em suas escamas que lhe proporcionava uma sensação tão prazerosa, ele a agarrou pelos quadris. Aquelas garras enormes cravaram-se em sua pele, mas as pontadas de dor apenas aguçaram seus sentidos enquanto ele a balançava com mais firmeza contra si. Ele a pressionou contra aquela saliência de escamas, separando sua boca da dela enquanto seu pescoço se arqueava para trás.

Ela encarou os músculos ali. Observando a linha que poderia se romper se mover como se ele quisesse deixar a boca completamente aberta.

Ela conhecia aquela sensação. Uma ardência se espalhou entre suas coxas, que ficaram embaraçosamente úmidas enquanto ela se esfregava nele.

Colocando as mãos na barriga dele, ela olhou para baixo, para o lugar onde balançava. As escamas dele eram diferentes ali. Ligeiramente separadas, se ela olhasse com atenção suficiente, como se houvesse uma

costura.

Foi aqui que...?

A curiosidade falou mais alto. Embora já estivesse ofegante, ela não conseguiu se conter e explorou o corpo dele, já que ele não a havia permitido. De onde tinham vindo aqueles pênis? Obviamente, ela os tinha visto. Ela também os tinha colocado na boca.

Mas ela não se lembrava exatamente de onde tinham saído da cauda dele. Em um dos movimentos em que ele a ergueu levemente, preparando-a para pousar com força sobre o corpo dele, ela transferiu o peso para trás da fenda nas escamas dele. E então, deslizou os dedos suavemente sobre a costura.

O gemido que ele deu foi pecaminoso.

Ela fez de novo. De novo. Seus dedos seguiram a pele surpreendentemente macia e lisa de cada lado das escamas até que ele simplesmente... saltou para fora. De repente, seus pênis estavam bem na frente dela novamente, e eram tão enormes quanto ela se lembrava. Intimidantes, pareciam tão grandes quanto seu antebraço, embora um pouco mais estreitos.

Uma voz tola em sua cabeça lhe disse para colocar o braço contra eles, mas então ele se arqueou. O olhar ardente em seus olhos havia retornado, e sua voz estava rouca quando disse: — Perdoe-me, Sisu.

Ela estava prestes a perguntar pelo que precisava perdoá-lo quando ele arrastou as garras pelas costas dela. Dos ombros até o quadril, ele destruiu seu traje de mergulho. Rasgou-o bem nas costas. Então, agarrou o pedaço rasgado e o arrancou de seu corpo.

Num instante ela estava vestida, e no seguinte, a parte de cima do seu traje de mergulho tinha desaparecido por completo. Ele rasgara o neoprene como se fosse fino como papel.

De boca aberta, ela olhou para si mesma antes de voltar a encará-lo, vendo-o observá-la como um homem faminto. Ele a fitava, ofegante e

quase babando, contemplando sua pele exposta.

— Não sei o que você precisa de mim — murmurou ele. — Temo que eu possa lhe fazer mal se fizer tudo o que desejo.

Ela pegou as mãos dele, sacudindo o neoprene que ainda grudava em seus dedos, e os colocou em seus quadris.

— Você não vai me machucar, Proteus. Tenho certeza disso. Toque como quiser.

Foi como se ela tivesse libertado um animal. Ele se lançou sobre ela, a mandíbula se abrindo enquanto sua língua lambia o espaço entre seus seios. Ela foi pressionada contra a cauda dele, que se ergueu para lhe dar apoio. Ela inclinou a cabeça para trás, os olhos fechados, enquanto se via envolvida por ele. Ele era tão grande, tão comprido, que foi fácil para sua cauda se enrolar em sua cintura, mantendo-a no lugar enquanto sua língua se enroscava em um de seus seios.

Ele brincava com o ápice, observando-a com uma intensidade que ela podia sentir. Cada suspiro, cada gemido rouco, tudo o excitava.

Ele brincou com os seios dela por um tempo exasperantemente longo. Claramente, ele apreciava os sons que ela emitia enquanto a provocava, mas então suas garras começaram a rasgar as pernas de sua roupa. Ele as arrancou dela com muita facilidade. Num piscar de olhos, ela estava nua, reclinada contra escamas tão quentes que ela jurou que estavam deixando marcas profundas em sua pele.

Garras cravaram-se em seus quadris, forçando-a a abri-los para que sua língua pudesse deslizar entre suas dobras. Um calor intenso a percorreu ao toque de seus tentáculos. Ele não precisou de garras ou dedos para abri-la completamente, para penetrá-la com a língua enquanto seus tentáculos encontravam seu clitóris e o sugavam.

Ellie se despedaçou em mil pedaços. Ela era uma galáxia de estrelas, tantos fragmentos de si mesma espalhados pelo universo, e ele era a única coisa que a mantinha unida. Suas pernas tremiam de cada lado

dele. Seus quadris doíam por estarem tão abertos, e mesmo assim ele não parava.

O gemido que ele emitiu enquanto lambia cada gota do orgasmo dela a fez estender a mão para ele.

Ela se lembrou de que ele também era inexperiente nisso. Ele sabia o que tinham feito antes e sabia que havia prazer no toque. Mas ela não se surpreenderia se ele não soubesse a última parte do que ela pretendia fazer com ele.

Abrindo os braços, ela levou a mão entre as pernas para emoldurar o rosto dele. Mas havia se esquecido de que a boca dele estava completamente aberta, e dentes afiados perfuraram seus dedos antes que ela pudesse avisá-lo do que estava fazendo.

Ellie sentiu o calor do seu sangue escorrendo entre os dedos e não estava preparada para o gemido que escapou dele ao sentir o gosto do sangue dela na língua.

Ele tentou se esquivar dela, mas ela o segurou.

Ela observou fascinada enquanto a boca dele se fechava. Os músculos se contraíram, selando a parte inferior da garganta, enquanto sua mandíbula pareceu ficar suspensa, aparentemente desarticulada, por mais um instante.

Ellie espalhou seu sangue na costura da garganta dele, sabendo que ele o provaria. A costura ali se moveu num gole. Um lampejo de desejo brilhou em seus olhos.

— Deite-se — ela sussurrou. — Deite-se para mim e confie em mim.

Ele hesitou claramente. Mas então uma sombra cruzou seus olhos, e ele tocou o peito dela com uma única garra. Bem em cima do batimento cardíaco.

— Eu sempre confiei em você, Ellie. Sempre.

Deve ter sido muito difícil para ele se deitar e simplesmente olhar para ela. Ele não era uma criatura acostumada a dar vantagem a alguém. Não

que ela pudesse machucá-lo se quisesse. Ellie era tão frágil e tão pequena, empoleirada em cima dele daquele jeito.

Ela estendeu a mão entre eles e acariciou um dos seus pênis. Ele arqueou-se contra ela, impulsionando-se contra seu punho para que seu pênis, já lubrificado, deslizasse entre seus dedos. Ela sabia que ele gostava daquilo. Da tensão, da pressão, mas tinha a sensação de que seria muito melhor quando estivesse dentro dela.

Guiando a ponta afilada até o seu centro, ela respirou fundo e expirou enquanto a ponta a penetrava lentamente.

— Espere — disse ele, quase se sentando, mas deitando-se novamente quando ela lhe deu um tapa no peito. — O que você está fazendo?

Ela não tinha palavras para descrever. A pressão, a sensação de plenitude, era diferente de tudo que ela já havia experimentado. Ela achou que estava gostando. Sempre ouvira dizer que a primeira vez que alguém fazia isso podia ser um pouco dolorosa. Mas tudo o que ela sentia era prazer. Umidade escorregadia. Necessidade.

Havia muita necessidade.

Ela apoiou as duas mãos no peito dele e pressionou para baixo, fazendo-o penetrar mais fundo. Movendo-se até sentir cada vez mais dele.

Seus olhos reviraram. Proteus bateu a mão nas rochas e suas garras abriram sulcos nas pedras abaixo deles. Cada músculo de seu corpo se contraiu enquanto ela o penetrava o mais fundo que podia. O que, admito, não era tão fundo assim.

Ele era imenso, e ela era apenas uma mulher.

Estendendo a mão entre eles, ela o agarrou e o puxou para cima novamente. Sentiu uma pontada de dor, mas não o suficiente para impedi-la. O deslizar lento. O calor dele. A grossura do seu pênis a fazia sentir como se estivesse enlouquecendo.

A cada vez que fazia isso, a sensação era melhor. A tensão dentro dela aumentava novamente, apertando-se cada vez mais enquanto ela o usava

da maneira que bem entendesse.
Então, finalmente, ela ergueu os olhos para ele novamente e o viu observando-a com admiração.
— Tudo bem? — perguntou ela, ofegante, enquanto acelerava o ritmo, dificultando a fala de ambos.
— Não pare.
— Eu não ia fazer isso. — Ela terminou a frase com um gemido que ecoou pela caverna enquanto se contorcia em cima dele.
Ela estava tão perto. De volta ao ponto em que poderia haver algum tipo de magia acontecendo entre eles. Ela só precisava se esforçar um pouco mais, precisava de algo mais.
Sua cauda surgiu atrás dela novamente, pressionando suas costas e a incentivando a inclinar-se para trás. E então, aquelas nadadeiras nos quadris. Seus tentáculos a envolveram, uma teia de ventosas que se agarraram ao seu torso. Muitas delas chicotearam seus seios, envolvendo seus mamilos com uma sucção deliciosa. Outras penetraram entre suas pernas, envolvendo seu pênis, seus dedos e seu clitóris. A pressão dificultava seus movimentos, mas então ela se esfregou nele como fizera no início, e faíscas explodiram em seus olhos.
— Oh — ela sussurrou enquanto o estômago dele se contraía sob sua mão livre.
De repente, ele estava ali. Seu rosto estava diante do dela, sua respiração roçando seus lábios.
Ele a beijou. A consumiu. Sua língua imitava os movimentos que ela fazia em seu pênis enquanto ela se movia para frente e para trás sobre ele até que tudo explodiu.
Ela se contraiu com tanta força em volta dele, espasmos ao redor de seu pênis enquanto seu corpo gozava com uma intensidade nunca antes experimentada. Ela se esqueceu de como respirar. De como pensar. Ela só conseguia tremer de prazer, uma sensação que queimava por todo o

seu corpo.
E então ele também chegou ao clímax, o som gutural de seu prazer abafado pelos lábios e pela língua dela.
Ela conseguia senti-lo. A pressão de todo o seu sêmen pulsava dentro dela, jorrando sobre seus dedos porque simplesmente não havia mais nada a fazer. Espaço suficiente para guardar tudo. Transbordando entre eles num caleidoscópio cintilante de cores que captavam a luz.
Ofegante, ela se encostou na cauda dele, com os dedos ainda em volta do pênis dele.
Havia umidade nas costas dela também. Um líquido escorregadio, provavelmente vindo do outro pênis dele. Ela teria que explorar isso em algum momento. Ellie ficou um pouco envergonhada de admitir que não era tão criativa a ponto de saber o que fazer com dois deles. Ela só tinha visto alguns quartos cheios de gente, e mesmo que houvesse dois homens com uma mulher, ela não tinha realmente observado com atenção suficiente para entender como tudo aquilo funcionava.
Memórias como essas não importavam agora. Havia algo nele que mudara enquanto a olhava. Algo que a fazia querer mordê-lo. Beijá-lo. Recomeçar tudo.
Ele a olhou como se ela fosse uma espécie de deusa que tivesse descido do céu para lhe dar esse presente.
Proteus acariciou a nuca dela, dando-lhe um beijo lento que a fez deslizar um pouco mais para baixo sobre o pênis dele, que de alguma forma ainda estava duro dentro dela. Ela gemeu em sua boca até que ele finalmente a soltou.
O aperto dele no pescoço dela se intensificou um pouco.
— O que foi isso?
— Eu acredito que isso se chama sexo.
— Um macho poderia se perder nisso — murmurou ele, deslizando os lábios pelo pescoço dela. Sua língua deslizou para fora, perseguindo uma

gota de suor que se formou entre os seios dela. — Quantas vezes podemos fazer isso?

— Quantas vezes você quiser.

— Ótimo, porque eu tenho algumas teorias.

— Teorias? — Ela ofegou quando ele se moveu para dentro dela, deslizando ainda mais fundo.

— Teorias — repetiu ele. Seus tentáculos se moveram um pouco, dando-lhes espaço suficiente para que ele penetrasse nela um pouco mais fundo antes de recuar.

O atrito era quase insuportável. Ela ainda estava sensível, e ele era grande.

Eles não se levantaram daquele lugar por um tempo. Mas, em algum momento, ela sempre se lembraria de que ele havia tirado a flor do cabelo dela e a guardado em um lugar seguro. Assim, ela a teria para mais tarde, ele disse.

Ela temia que aquele homem fosse a sua ruína para sempre.

TRINTA E SETE

Proteus

Muito tempo depois, Proteus jazia de lado, observando-a dormir. Talvez tivesse sido um pouco bruto demais com ela. Ambos eram inexperientes nesse prazer, e da última vez que a provara, sentira um distinto gosto metálico de sangue. Deveria ter parado ali, mas Ellie o convencera a ir mais uma vez. Ele era grande o suficiente para impedi-la, mas não tinha força de vontade para fazê-lo.

Ela era incrivelmente convincente quando queria.

Por fim, ambos se cansaram e, por mais que quisessem continuar, o sono os venceu. Ou pelo menos, venceu ela.

Proteus ficara acordado para observá-la. Essa mulher imensamente maravilhosa que entrara em sua vida era para sempre uma criatura estranha e peculiar. Mesmo assim, ele gostava de observá-la dormir. O jeito como seus olhos se contraíam sob as pálpebras quando sonhava, ou como respirava devagar, mas ainda assim se aconchegava nele quando queria que ele estivesse ao seu lado. E ela sempre esperava que ele estivesse lá.

Ele só tinha se levantado uma vez. Suas escamas estavam ressecadas, então ele precisava mergulhá-las antes que ficassem quebradiças e causassem coceira. Ela fez um som que o fez congelar no meio da água. Carente e leve, era o som de alguém que o procurava.

Mulher tola. Ele era um monstro. Uma besta marinha aterradora, alguém que poderia facilmente lhe fazer mal, sem qualquer motivo aparente.

Mas ela ainda queria abraçá-lo. Queria segurar seu braço e se aconchegar em seu peito enquanto dormia. Isso a acalmava. Facilitava sua respiração

e... Bem, se fosse só isso que precisasse.

Ellie não pareceu se importar com o fato de ele estar úmido quando se juntou a ela novamente. Ela se aconchegou em seus braços e soltou um longo suspiro de alívio. Como se não tivesse conseguido dormir bem sem ele.

Que maravilha era ser tão adorado.

Finalmente, quando o sol rompeu as nuvens após uma noite estranhamente calma e clara, ela abriu os olhos e o encontrou a observando. Por um instante, apenas se olharam. Ele observou as emoções dançarem em seu rosto.

Relaxamento. Calma. Alegria por ele estar olhando para ela e, por sua vez, ela poder olhar para ele. Mas então suas feições se transformaram em algo que parecia tristeza e culpa.

— O que foi? — perguntou ele. Levantou a mão, brincando com o queixo dela até que ela o encarasse. — Conheço essa expressão. O que há de errado, Sisu?

Ela abriu a boca, fechou-a e então pareceu repensar o que ia dizer.

— Não quero estragar esta bolha perfeita em que estamos. Quero ficar assim para sempre, Proteus. Só você, eu e o mar.

— Você sabe que não podemos.

— Sim. — Ela respirou fundo. — Eles suspeitaram que estávamos mentindo para eles. Eles tinham visto alguns dos documentos que o Piloto... eles tinham trancado a sete chaves. Se eu não contasse toda a verdade, eles iriam embora.

Não era tudo aquilo. Ele percebeu.

— Como assim, eles iam embora? A armadilha estava perfeitamente armada. A opção para os humanos retornarem à Superfície é algo que ninguém mais poderia lhes dar. Eu estava lhes dando de presente o lar deles.

— Mas eles perceberam que estávamos mentindo — insistiu ela. — Eles

não querem voltar à superfície sem saber de tudo.

A raiva já queimava em seu peito, mas ele se certificava de que não a direcionasse a ela. Ela havia sido tirada dele. Sequestrada. Talvez até a tivessem torturado para arrancar a informação, e ele precisava saber toda a história.

— O que fizeram com você? Eu te conheço, Ellie. Você não teria contado tudo a eles sem que a ameaçassem. Eles te machucaram?

Proteus ergueu o braço dela, observando a fina crosta que ainda restava em seu pulso. Ele tinha visto cada centímetro do corpo dela e não vira mais marcas como aquelas. Mas poderiam tê-la injetado com alguma coisa. Poderiam tê-la eletrocutado. Ele já vira seres como eles torturando outros antes. Havia muitas opções para causar dor sem deixar marcas.

— Fiz a coisa certa — ela sussurrou. Desta vez, ele sentiu a mão dela tremer em sua mão. — Contei a eles de livre e espontânea vontade, Proteus. Eles precisavam saber de tudo antes de irem à superfície.

Com cuidado, com o maior cuidado, ele abaixou o braço dela. Proteus sentiu a raiva aumentar. As guelras ao longo de suas costelas se dilataram, e ele queria... Queria machucar alguma coisa.

Seu coração não conseguia acreditar que ela o trairia dessa forma. Ela não seria capaz disso. Sua mulher sempre o ouvira. Se discordasse dele, teria lhe dito.

Espaço. Ele precisava criar distância entre eles ou faria algo de que se arrependeria.

Aproximando-se da água, ele respirou fundo, tentando se acalmar.

— Por que você faria isso?

— Eu te disse, era a coisa certa a fazer.

— E agora tudo está arruinado — sibilou ele. Olhou para ela enquanto ela se sentava, abraçando as pernas. — Se eles souberem que há perigo na superfície, não irão embora. O mar continuará a infestar a pestilência que espalharam por cada centímetro da minha terra natal. Os humanos

precisam sair do meu mar ou eu os matarei a todos e eliminarei a doença pela raiz, Ellie.

— Eles não podem voltar para casa se não entenderem os perigos. Precisamos prepará-los.

— Eles não retornarão àquela terra porque a destruíram! Ela é um símbolo de sua vergonha! — gritou ele. As palavras ecoaram por toda a caverna, reverberando como se os próprios deuses compartilhassem de sua crença.

Ele sabia a verdade. Esses humanos não queriam ver a ruína do seu planeta. Eles não queriam encarar seus erros, porque isso exigiria que admitissem que estavam errados.

Ela balançou a cabeça.

— Eles ainda estão aceitando isso.

Ele zombou.

— Você não pode saber disso. Eles só voltarão ao Santuário para vasculhá-lo em busca de todas as informações que ele possa oferecer, e então desistirão do plano.

Talvez tenha sido o tom de voz dele que a irritou também. Ele raramente gritava com ela daquele jeito, e quando gritava, ela reagia da mesma forma.

Normalmente, ele apreciava que ela se levantasse e começasse a gritar de volta. Mesmo agora, ele se divertia com o rubor em suas bochechas e o tom áspero de sua voz enquanto ela gesticulava freneticamente em sua direção.

— Você deveria confiar em mim! — ela gritou de volta, com a voz áspera e irritada. — Você deveria saber que eu fiz toda a pesquisa necessária para tomar essa decisão. Eu não contei a eles só porque perguntaram. Analisei toda a situação antes de concordar.

— E o que você descobriu? Que eles estavam tristes e eram maltratados, e você queria fazê-los se sentir melhor?

— Argh! — Ela jogou as mãos para o ar. — Isso é exatamente o que ela disse que você faria. Ela me avisou para manter minha decisão e que eu precisaria ser forte para lidar com você. Pelo visto, ela te desmascarou muito mais rápido do que eu.

Isso foi a gota d'água. Ninguém o conhecia melhor do que ela, e o fato de alguém ter se infiltrado em sua mente e lhe dito como pensar o deixou ainda mais furioso.

Proteus emergiu da água, arrastando o corpo em direção a ela com um rosnado furioso.

— Como ousa acreditar na palavra de outra pessoa em vez da minha? Há quanto tempo cuido de você? Há quanto tempo demonstro que ouço suas opiniões se você simplesmente me disser o que pensa?

— Você nunca me escuta! Você só finge e depois faz o que quer de qualquer jeito...

— Eu tenho tentado, Ellie! Eu tenho tentado por...

— Você não está se esforçando nem um pouco! Está fingindo que está se esforçando. Isso não é a mesma coisa!

Ele rosnou ainda mais profundamente, o som ecoando pela câmara mais uma vez.

— Como se você me ouvisse quando eu falo...

— Eu sempre te escuto...

— Você poderia ter arruinado tudo!

Ela colocou as mãos no peito dele e o empurrou. Não adiantou nada, é claro. Ele era muito grande para ela mover, mas pelo menos o assustou e o fez calar. Tempo suficiente para que ela gritasse palavras que ele jamais imaginaria.

— Eles não têm escolha, Proteus! — Ela disse as palavras bem na cara dele, obrigando-o a ouvir cada uma delas. — Eles estão morrendo. Todos eles. A cidade, as pessoas, os clones. Todos. Eles não têm escolha. Eles têm que ir para a Superfície, se puderem. A cidade está superpovoada.

O que ela disse pareceu reverberar ao seu redor. Certamente não era verdade. Ele não poderia ter ignorado algo tão simples quanto a superpopulação.

Mas então ele devia ter feito isso. Ele tinha visto como Beta estava lotada quando passou por ela de relance. Ele nem sequer nadou perto da outra cidade que ainda estava funcionando, porque por que faria isso? Os humanos precisavam ir embora, e isso era tudo o que importava. Ele poderia enganá-los. Mentir, trapacear, roubar, até que eles estivessem fora de seu mar para sempre, e então ele poderia impedi-los de retornar.

Ele estava completamente convencido de que sabia o que estava fazendo, e jamais suspeitou que eles não seriam capazes de fazer outra escolha.

— Eles estão se sufocando — murmurou ele. — Há muitos deles naquela cidade, e eles não têm comida suficiente, não é?

— Não. Eles não têm recursos suficientes e estão ultrapassando a capacidade de suporte. Só restam duas cidades, e mesmo que imponham regras às crianças, os clones criaram um problema completamente diferente. — Ela esfregou os braços, sentindo um arrepio repentino que fez com que todas as protuberâncias em sua pele se arrepiassem. — É por isso que os outros cientistas estavam tão relutantes em me ter por perto.

— O que você quer dizer?

— Os clones não são crianças. Eles não acrescentam nada à população além de genes estagnados. Beta tem sido muito criterioso sobre quem pode casar com quem, e embora alguns da minha espécie sejam sangue novo, eles não podem simplesmente continuar adicionando a mesma genética repetidamente. A comida é escassa. Eles querem que a comida chegue às pessoas de verdade. Pessoas que nasceram daqueles que sobreviveram debaixo d'água por tanto tempo.

Não pessoas como ela.

Pessoas que eram clones de outras, alguém que já havia vivido e influenciado o mundo de alguma forma.

Não admirava que os humanos não tivessem interesse em falar com ela. Ele conseguia ver através dos olhos deles. Ela era como todos os outros clones. Roubando parte de suas vidas. Seus empregos. A comida. No fim das contas, nem sequer era uma pessoa de verdade, porque não tinha pais.

Algo dentro dele se quebrou naquele instante. Ele a puxou para seus braços, apertando-a contra o peito, embora ainda estivesse muito zangado com ela. Ela deveria ter conversado com ele. Ter contado tudo o que estava sentindo muito antes disso.

Mas ele preferia que ela não se achasse inferior às pessoas que viviam na cidade.

— Você merece tudo o que eles têm e muito mais — disse ele, acariciando seus cabelos. — Você não é menos do que eles por ter nascido do jeito que nasceu. Você merece uma vida, ocupar seu espaço, ser quem você nasceu para ser. Eles não têm o direito de dizer que você vale menos do que eles.

— Mas e se eu for?

Ele recuou e deu-lhe um leve chacoalhão.

— Você não é. Uma única gota do seu sangue tem mais coragem e bondade do que qualquer uma dessas pessoas que a julgariam por algo tão tolo quanto a falta de pais. Você é uma pessoa, assim como eles, Ellie. Repita isso para mim.

Ela engoliu em seco.

— Eu sou uma pessoa.

— Diga isso de novo.

— Eu sou uma pessoa, e não importa o que pensem de mim. — Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. — E você ainda está muito bravo comigo.

— Eu estou.

— Por que?

Ele soltou um longo suspiro.

— Porque você deveria ter me contado. Porque eu deixei você ser tirada de mim, e eu sei que você estava com medo. Mesmo tendo feito tudo o que eu temia que você fizesse, eu ainda te admiro muito. Eu queria poder ficar com raiva e decidir que não quero mais nada com você, mas não posso. Porque você é você, e eu sou eu, e eu temo que fomos feitos para ficar ligados assim. Gloriosamente furiosos um com o outro pelo resto da eternidade.

Ellie se mexeu em seu aperto, suas mãos subindo para traçar o contorno rígido de seus lábios. Ele ainda estava muito zangado. Queria beliscar seus dedos para puni-la um pouco mais.

Mas ela foi tão delicada ao tocar seus lábios. Delicada ao sussurrar: — Acho que isso se chama amor, Proteus.

— Não — rosnou ele, finalmente cedendo e mordiscando seus dedos. Mas foi uma mordida suave, mais para assustar do que para machucar.

— Você insulta esses sentimentos chamando-os de algo tão insignificante quanto amor.

— O amor é o sentimento mais forte que uma pessoa pode ter.

— Não é. São sentimentos indefinidos. Sentimentos de uma alma que encontrou sua outra metade. Sentimentos de saber que você está com a pessoa para a qual o próprio universo te guiou. Você é essa pessoa para mim, Ellie. Você é mais do que apenas um amor, porque o amor pode desaparecer. O que eu sinto por você é tão permanente e infinito quanto o mar.

A cada palavra, ela se aconchegava contra o peito dele, aproximando-se cada vez mais até que finalmente soltou um suspiro e o beijou novamente.

Ele ainda estava zangado com ela. Furioso, até. Mas seus planos não tinham dado errado, afinal. Ela apenas havia confirmado que os humanos fariam o que prometeram e garantiriam que, acontecesse o que

acontecesse, o Povo da Água logo seria o único a restar no mar.

Respirando fundo, ele a abraçou e apertou o aperto até que ela soltasse um pequeno guincho.

— Vou encontrar comida para você. Vamos descansar aqui por mais um tempo antes de voltarmos. Acho que já passou da hora de eu ter uma conversa franca com as pessoas daquela cúpula, e talvez possamos mostrar a elas tudo o que sabemos.

— Mesmo? — perguntou ela, inclinando-se para trás para olhar nos olhos dele. — Você está falando sério?

— Sim. — Ele acariciou o queixo dela antes de soltá-la. — Às vezes você tem razão, Sisu. Mesmo que isso me irrite.

E então ele voltou para a água antes que fizesse alguma besteira. Como se afundar em seus braços por mais horas a fio, só porque a achava completamente cativante.

TRINTA E OITO

Ellie

Ellie o observou partir, e ela ficou sozinha naquela caverna imensa. Mas quanto mais tempo permanecia ali sentada, mais começava a se perguntar sobre aquele lugar.

Estranhamente, não estava quente. Ela tinha uma sensação relacionada ao oceano que a cercava e à temperatura ainda muito baixa da água. A caverna parecia ter sido esculpida naturalmente na encosta do penhasco pelas próprias ondas, e também com a ajuda de ferramentas feitas por humanos. Ela conseguia ver algumas das gravuras que haviam sido deixadas para trás, mas desgastadas pelo tempo.

Caminhando pela beira das ondas, ela deslizou os dedos pelas paredes. Parecia que tantas pessoas haviam estado ali por anos a fio. Ela colocou as mãos onde as delas deviam ter estado. Por um instante, quase sentiu como se pudesse ouvi-las.

As vozes de pessoas de outrora. Elas ainda viviam aqui, como fantasmas. Todas as pessoas que passaram incontáveis anos venerando, percorrendo o mesmo caminho que ela, passando as mãos pelas mesmas paredes e talvez até se maravilhando com aqueles que vieram antes.

Talvez os seres humanos estivessem fadados a se questionar mais sobre o passado do que a pensar no futuro.

Ela seguiu as linhas até o fundo da caverna. Havia uma pequena trilha ali, que levava à parede do penhasco e sabia-se lá para onde mais. Ela olhou por cima do ombro e viu uma tempestade se aproximando. Não era grande, apenas o suficiente para agitar as ondas, fazendo com que ficassem mais altas ao entrarem naquele espaço. As cristas das ondas

quebravam e cuspiam espuma exatamente no mesmo lugar onde ela e Proteus estavam dormindo.

Uma pequena faísca de medo surgiu em seu peito. E se esta caverna inundasse durante a maré alta? Ela não tinha ideia de quanto tempo Proteus e ela estavam ali, mas duvidava que fosse tempo suficiente para ver uma maré alta de verdade. Talvez fosse mais sensato seguir por aquele caminho, só para ver se havia outro lugar onde ela estaria segura.

Ela se convenceu rapidamente. Ellie pisou nas pedras e adentrou a escuridão. Afinal, era apenas uma escada. Ela manteve as mãos nas paredes de cada lado, certificando-se de saber se havia um cômodo de um lado ou se as paredes desapareciam repentinamente. Não havia luz para guiá-la, então ela precisava usar as mãos para enxergar.

Mas isso era apenas um caminho. Um caminho que saía do coração dessa pequena montanha e levava para o mundo além.

Ellie levou o braço aos olhos ao primeiro raio de sol que a atingiu. Era difícil enxergar além dele. Seus olhos haviam se acostumado à escuridão, e ela teve que esperar um pouco até que a luz branca e intensa revelasse algo além das dolorosas faíscas.

Os restos de um jardim se estendiam diante dela. Embora tudo estivesse morto, não era difícil perceber o que ali fora. Os canteiros estavam quebrados pelo tempo. Parecia que outrora haviam sido de madeira, e a maior parte dessa madeira apodrecera. Terra escorria delas. Em algum momento, musgo e outros tipos de plantas cresceram entre os caminhos de pedra sob seus pés, guiando-a até... Mais canteiros destruídos. Só restavam amoreiras-silvestres. Amoreiras-silvestres enormes, cobertas de espinhos.

Ela precisava andar com cuidado, já que ainda estava nua. Os espinhos rasgariam sua pele e deixariam marcas vermelhas que tornariam muito óbvio que ela havia se aventurado a explorar, mas ela queria saber mais sobre o lugar onde estava.

O sol ainda não havia subido muito no horizonte, mas ela percebeu que estava em algum tipo de cânion. Então talvez não fizesse tanto calor quanto ela imaginava ali. O ar estava fresco em sua pele, mas não tão frio a ponto de fazê-la tremer.

Os arbustos cobriam a maior parte da área próxima à caverna, quase escondendo-a de qualquer um que entrasse no cânion. Mas, à medida que ela avançava, o espaço se abria para uma área muito maior.

Havia ladrilhos no chão. Ela olhou para os próprios pés, movendo-se lentamente em círculo enquanto traçava o desenho que alguém havia deixado ali com evidente cuidado. Era um sol enorme, percebeu.

Azulejos amarelos brilhantes ainda conservavam sua cor. O centro circular havia se quebrado há muito tempo, mas as ondas finas que giravam ao seu redor ainda eram muito visíveis. Brilhavam à luz do sol. Cintilavam com cor.

Ela sorriu olhando para a obra, imaginando quem seria o artista que a havia criado em um cânion, de todos os lugares.

Ellie olhou para cima, percebendo a altura das paredes que a cercavam. Eram facilmente maiores do que qualquer lugar em que já estivera. Ela ficou tonta olhando para lá de cima, imaginando como seria viver tão alto. Ou mesmo olhar para baixo.

Ela teve que se apoiar na parede, rindo. Não havia como ficar parada na beira daquele penhasco e olhar para baixo. Encarar um abismo era uma coisa. A água a sustentava, e pelo menos ela sentiria o sal empurrando-a de volta. Mesmo que ela não soubesse nadar. Mas a gravidade a levaria rapidamente ao topo deste cânion.

Havia pequenas plantas esparsas espalhadas por toda a área. Mas então...

— É verde? — sussurrou para si mesma, dando mais um passo hesitante para a frente.

Seus pés afundaram na areia. Parecia haver apenas terra bem perto da entrada da caverna, mas ela estava muito curiosa para ver o que havia de

verde ali.
Uma voz em sua cabeça gritava para que ela voltasse para o mar. Lá, ela estaria segura. Mais segura do que em qualquer outro lugar, porque sabia que Proteus retornaria. E havia pessoas de verdade vivendo ali, na areia. Ela precisava ter cuidado. Se não tivesse, talvez visse uma daquelas pessoas-cobra com os próprios olhos. E o que ela faria então?
Eles eram caçadores, disso ela tinha certeza. Só os mais resistentes conseguiriam sobreviver na areia como eles.
E eles não gostariam de vê-la aqui.
Mas aquele vislumbre de vegetação, o sussurro de que havia vida ali, que ela podia sentir, tocar e ver... Isso a deixou curiosa demais.
Seus passos eram quase silenciosos na areia. Ninguém saberia que ela estivera ali. Olhando nervosamente para trás, percebeu que nem sequer deixara pegadas. Era como se qualquer vestígio de onde estivera tivesse sido engolido pelo deserto.
Ninguém saberia que ela estava ali. Ela poderia explorar por mais um tempinho.
Uma falsa sensação de segurança se instalou em seu peito, e ela continuou caminhando. Cada passo a fazia se sentir um pouco mais segura. Cada respiração a aproximava um pouco mais da planta verde brilhante que estava pendurada na parede.
Ela finalmente alcançou, observando a estranheza da coisa. Era verde brilhante. Isso ela não tinha inventado. Espinhos minúsculos cobriam tudo. Ela tocou cuidadosamente um deles com o dedo, e sentiu uma picada imediata na pele.
— Ai — murmurou ela, levando o dedo à boca para sugar o sangue que ali jorrava.
Que tipo de planta estava coberta de espinhos? Que estranho.
Ela examinou o objeto, tentando entender como estava preso à parede. A base era um tanto bulbosa e parecia estar fixada por uma espécie de

bolha circular grande... ou melhor, uma bolha, ela supôs. Parecia bastante transparente. Ela pegou um dos muitos gravetos no chão e cutucou o objeto.

Estranhamente, vazou.

Líquido transparente.

— Hum — murmurou ela, franzindo a testa.

Algo deslizou no chão aos seus pés. Ellie congelou, observando o monte de areia se formar sobre uma criatura muito pequena que colocou a cabeça para fora da areia.

Parecia um rato. Eles tinham um problema com ratos em Tau há anos. Mais anos do que ela tinha de vida. Mas ela se lembrava das criaturinhas minúsculas com bigodes, exatamente como esta. Os ratos de Tau eram macios, cobertos por uma pelagem aveludada que ela adorava acariciar, até que alguém a pegou e matou a criaturinha. Esta não tinha pelos.

Com textura coriácea e lisa, saiu disparado da areia e atacou a planta.

Ela gritou e cambaleou para longe da planta e do rato. Era apenas do tamanho do seu dedo médio, mas o rato... coisa, atacou com tamanha violência que foi assustador. Nenhuma gota do líquido foi desperdiçada depois que a criatura o alcançou. Ela observou-o beber cada gota que conseguia, suas garras rasgando violentamente a planta que parecia estar se curando enquanto o rato bebia.

Continuou a sugar o líquido até ficar tão cheio que ela pensou que talvez tivesse que rolar de volta para debaixo da areia. Que estranho. Sua barriga estava estufada com...

— Água — ela sussurrou.

A água era tão rara naquele deserto que apenas o seu cheiro atraía criaturas. Criaturas como o rato, que provavelmente tinham a capacidade genética de senti-la.

Mas se os cientistas estavam criando humanos a partir de DNA animal, então certamente... certamente eles começaram com outras criaturas

primeiro? Seria esse rato a prova disso?

Talvez essa nova versão do mundo deles estivesse repleta de criaturas que eles jamais compreenderiam. Talvez tudo ali fosse completamente diferente do que eles conheciam.

Enquanto observava o rato atravessar a areia cambaleando, um pensamento lhe ocorreu: deveria pegá-lo. Levá-lo de volta para os outros nas cúpulas. Talvez eles soubessem o que fazer com ele e pudessem testá-lo para ver se havia algo de interessante. Como genes que não deveriam estar ali.

Talvez fosse apenas um rato, e não houvesse nada de estranho nele. Mas quanto mais ela o observava, mais estranha a criatura parecia. Não era um rato comum, e uma prova disso poderia ser útil.

Então a realidade a fez lembrar de que estava sendo tola. Claro que ela não poderia levá-lo de volta. As cúpulas estavam submersas e ela não tinha ideia da distância. Aquele rato não sobreviveria à viagem, mesmo que ela tivesse algum tipo de gaiola de oxigênio para transportá-lo.

Ela se agachou, observando-o cavar na areia, e disse: — Quem me dera ter provas de que você não é o que deveria ser.

Suas palavras eram altas demais. A descoberta de algo novo a fizera esquecer que deveria estar atenta ao que a rodeava. Ao som de sua voz, um rosnado baixo se moveu pelo cânion, levado pela brisa. Ela talvez nem tivesse ouvido nada se não estivesse tão silencioso onde ela estava.

Seu sangue gelou. Ellie ergueu lentamente a cabeça para ver a criatura congelada na entrada do cânion. Parecia quase um cachorro. Ela tinha visto imagens deles em Tau e sabia que andavam sobre quatro patas, tinham cauda e um focinho canino no lugar do rosto. Algumas dessas características correspondiam àquela criatura.

Mas tinha seis pernas. Com mãos em vez de patas.

A besta ergueu a cabeça, farejando o ar com olhos que pareciam quase cegos. Ou queimados em seu crânio. Também não tinha pelos, embora

ela pudesse ver claramente algumas escamas em seu corpo.
Então, curvou o lábio, revelando fileiras e mais fileiras de dentes.
— Ah, que merda.
Ela se virou e disparou de volta pelo caminho que tinha vindo. Talvez não tenha sido a decisão mais inteligente. Ela tinha lido uma vez que os cães adoravam perseguir coisas, embora nunca tivesse tido a oportunidade de encontrar um.
Um uivo ecoou no ar, e ela acelerou ainda mais o passo. Havia tanto espaço ali. Ela nunca tinha conseguido correr com tanta liberdade como agora. Correr dentro das cidades era como correr em uma pista estreita, com o teto muito próximo da sua cabeça. Não havia a imensidão e a vastidão da natureza que existiam ali.
Parecia que ela se movia em câmera lenta. A areia agarrava seus pés, diminuindo sua velocidade e fazendo-a tropeçar enquanto ela se aproximava do mosaico de sol no chão. Como ela tinha chegado tão longe da caverna?
A respiração quente roçou suas pernas enquanto ela se levantava rapidamente, e ela ouviu o som de suas mandíbulas se fechando onde sua perna estivera.
Ellie mergulhou nos arbustos espinhosos, sem se importar que eles rasgassem sua pele nua. Tudo o que ela sabia era que o cheiro de seu sangue enfurecia ainda mais o animal. Seus rosnados ecoavam em seus ouvidos enquanto ela se libertava e descia correndo as escadas.
Ela quase tropeçou. Quase se matou caindo da longa escadaria que levava ao mar. Ela se apoiou nas paredes, tentando descer as escadas o mais rápido possível sem quebrar o pescoço.
— Vamos lá — disse ela, descendo os degraus aos pulos, dois de cada vez. — Você está bem. Você está bem.
Mas ela não estava. A fera atrás dela havia se libertado dos espinhos, e ela podia ouvi-la correndo em sua direção.

Finalmente, ela conseguiu escapar e entrar na caverna onde havia mar. Correu direto para as escadas que davam para a água. Quem se importava se ela não sabia nadar? Preferia morrer afogada a ser devorada por algum animal que demorasse uma eternidade para a comer.

Ela se virou e viu a fera caindo do último trecho da escada e aterrissando nas pedras duras. A criatura se levantou, balançando a cabeça, e então seu olhar voltou-se para ela.

— Merda — ela sibilou, recuando com as mãos erguidas. — Bom cachorrinho. Cachorrinho bonzinho.

Não era nenhuma das duas coisas. Ela não chegou nem perto do mar antes que a criatura saltasse sobre ela, mostrando todos os dentes e estendendo as mãos em sua direção.

Garras afiadas o agarraram muito antes que pudesse tocá-la. Proteus emergiu do mar como o deus que era, tomado pela fúria e mostrando os dentes, enquanto derrubava a criatura no chão e a eviscerava.

O ataque durou apenas alguns segundos. Ela ficou ali parada, com as mãos tremendo e o corpo todo estremecendo enquanto encarava o animal morto a seus pés. Fosse o que fosse, qualquer que fosse o monstro que aqueles cientistas tivessem criado, não se parecia com nada que ela já tivesse visto antes.

Proteus mergulhou na água novamente. Ela pensou que talvez ele a estivesse deixando mais uma vez, o que fez o medo subir-lhe ao peito novamente. Mas então ela percebeu que ele estava lavando o sangue com movimentos rápidos e eficientes antes de estender a mão para ela.

Ela desabou sobre ele assim que pôde, com os olhos ainda fixos no corpo que era lentamente cercado por uma poça de sangue vermelho vivo.

— Aqui está — disse Proteus. — Eu trouxe este traje de mergulho para você enquanto estava fora. Há uma cidade submersa por aqui também, mas... Vamos. Vamos agora, Ellie.

Ela nunca havia concordado tanto com ele.

TRINTA E NOVE

Proteus

Proteus jamais imaginara que voltaria às cúpulas sem um plano explícito para destruir seus lares de vez. Ele ainda queria devastá-los, e massacrar cada pessoa ali presente satisfaria uma parte sombria dele que ansiava por vingança.

Ele havia provado ser digno de adoração. Mas os ondinos dali não se importavam se ele era digno ou não. Eles não iriam fazer isso.

E aquilo era uma sensação estranha. Toda a vida de Proteus girava em torno do fato de ele ser filho de deuses. Ele podia ver o futuro como os Andarilhos das Profundezas, se quisesse. Ele simplesmente parou de usar essa habilidade desde que... desde que...

Ele olhou para a humana adormecida em seus braços e percebeu que havia parado de usá-la desde que a conhecera.

Proteus não queria mais ver o futuro. Sempre fora vago mesmo, mas ele gostava de saber que não sabia nada sobre o seu futuro com ela. Não queria estragar esses momentos de tranquilidade.

Como agora. Com ela descansando em seus braços, exausta, vestindo uma roupa de mergulho mal ajustada que claramente havia sido desenhada para um homem. Mesmo assim, ela continuava sendo a mulher mais linda que ele já tinha visto.

Como teria sido se ele tivesse arruinado o momento em que ela o acolheu em seu corpo, chocando-o, mas também abrindo seu mundo para um novo tipo de prazer? Não, teria sido tolice estragar aquilo.

Ela o fez apreciar a espontaneidade da vida. Ela o fez querer continuar tentando ver e descobrir coisas novas, porque ele nunca tinha feito isso

antes.
Proteus percebeu que queria viver. Não como um deus adorado por todos que o conheciam, mas como um macho comum ao lado da fêmea que amava.
Os ondinos sabiam que ele estava se aproximando das cúpulas muito antes de chegar lá. Ele teria ficado desapontado se eles não soubessem. Eram todos guerreiros, endurecidos por anos de luta contra os humanos. Eles, no mínimo, deveriam saber quando havia alguém em suas águas.
O de vermelho foi o primeiro a se aproximar. Ele ainda usava aquele braço de metal e o flexionava ao lado do corpo como se estivesse se preparando para uma luta.
— Vocês não são bem-vindos aqui — trovejou ele, com a voz ecoando pelas águas.
Como era de se esperar, o barulho era ensurdecedor. Proteus quase o repreendeu, mas estava ocupado demais tentando conter a mulher que se debatia e estava determinada a se soltar de seus braços.
— Solte-a — rosnou o ondino vermelho. — Se é isso que precisa para que você me dê atenção.
— Ela não sabe nadar — respondeu ele, lançando um olhar fulminante para o outro macho enquanto Ellie finalmente se acomodava em seus braços. — Pelos deuses do mar, mulher, se acalme.
Ela assim fez, mas pressionou as mãos contra os ouvidos.
— Consigo sentir a voz dele vibrando através da água, Proteus. E agora, a sua também. Silêncio, vocês dois.
Por um instante, ele jurou que não era a primeira vez que o ondino vermelho ouvia aquilo. Todas as suas luzes se acenderam de uma vez, minúsculos pontos que brilhavam como estrelas vermelhas, antes que ele tossisse pelas guelras costais e elas se apagassem novamente.
Quando ele falou novamente, as palavras saíram muito mais baixas.
— Peço desculpas. Muitas vezes me esqueço de como os ouvidos

humanos são delicados.

Proteus o encarou com raiva, pronto para repreender o rapaz muito mais jovem, mas não precisou. Ellie já havia apontado para ele e perguntado:

— Você não é o casado com Anya?

Pronunciar o nome foi como se um raio tivesse atingido o macho. Todas as luzes voltaram a brilhar intensamente, iluminando a água ao seu redor até que mesmo o plâncton adquirisse um brilho avermelhado.

— Essa é minha companheira, sim.

— Ela é legal — disse Ellie. — Tem dificuldade de audição?

— Completamente.

— Interessante. Ela foi muito prestativa quando estive em sua casa, e muito bonita.

Pelos deuses do mar, Ellie aprendeu rápido. Proteus ficou chocado ao ver como o perigoso macho à sua frente se vangloriava com suas palavras. Suas barbatanas até se agitaram com os elogios que ela fez à sua companheira.

— Ela é forte e capaz — disse o macho. — Eu a vi passar por muitas dificuldades. Ela é uma guerreira, muito mais do que eu.

— Não duvido disso. Você se importaria de nos levar para vê-la novamente? Proteus já concordou com o plano, mas eu gostaria de conversar com os outros. — Ela olhou para ele, pedindo permissão provavelmente pela primeira vez desde que se conheceram. — Você se importa?

— Não, Sisu. Se você quiser ver os outros, então é isso que faremos. — Ele a ajeitou nos braços, segurando-a um pouco mais. Ele apertou o pescoço do outro homem com força mentalmente enquanto lançava um olhar fulminante. — Não estou aqui para lutar.

Todas as luzes se apagaram ao ouvir suas palavras, mas o macho de cabelos vermelhos apenas acenou com a cabeça, de forma rígida.

Ele seguiu o ondino e se perguntou quando sua vida havia se

transformado nisso. Proteus nascera para ser adorado. Um deus entre machos menores, aqueles que o veriam como uma criação dos antigos. E agora? Agora ele seguia outro macho como se tivesse sido invocado.

Aquela pequena mulher em seus braços certamente havia mudado muito.

Eles se aproximaram das cúpulas, e ele ficou satisfeito ao ver que os ondinos estavam armados. Então, eles não pretendiam deixá-lo entrar em suas vidas sem lutar. Ótimo. Eles deveriam ter imaginado que ele ficaria furioso com eles pela artimanha que haviam usado.

Ele mostrou os dentes para o primeiro deles que flutuou em frente à sua morada, lanças nas mãos e armaduras nos corpos. Ele não se lembrava dos ondinos jamais terem usado armadura, pelo menos não quando ele estivera por perto duzentos anos atrás. Essas placas de metal os protegeriam um pouco de suas garras, mas nada o impediria de arrastá-los para o abismo se quisesse.

Alguns deles ajustaram a forma como seguravam as lanças enquanto ele nadava por perto, preparando-se para o momento em que mudaria de ideia e os atacaria com fúria.

Tolos. Todos eles.

Mas então aquele desgraçado azul apareceu, e Proteus precisou de toda a sua força de vontade para não jogar Ellie no chão e atacar o macho que a havia tomado dele.

O ondino azul à sua frente ergueu as mãos em sinal de paz.

— Eu não tive escolha, e você sabe disso. Você não nos deu a oportunidade de conversar com você.

— Eu sou um deus. Não preciso falar com nenhum dos meus suplicantes.

— Se ele estivesse acima da água, teria cuspido depois de dizer essas palavras. Era uma afronta sequer estar ali.

Mas Ellie colocou a mão no peito dele, e ele olhou para ela, encontrando paz e firmeza em seu olhar.

— Vou conversar com os outros humanos. Talvez você devesse consertar o que foi quebrado aqui.
— Nada foi quebrado.
— Proteus. — Ela se ajeitou em seus braços, levando as mãos ao rosto dele e se inclinando para mais perto, para que ninguém mais a ouvisse. Sua voz era tão baixa que até ele teve que se esforçar para escutar. — Você tem uma escolha. Deseja permanecer um deus, e assim sozinho, para sempre? Ou quer começar uma nova vida agora? Com eles. Com família, amigos e um futuro que seja mais do que você sentado sozinho em um templo?
Ele refletiu sobre as palavras dela enquanto ela se afastava dele com um chute. Alguns ondinos estenderam a mão para ajudá-la, o toque hesitante e os olhares fixos nele. Talvez soubessem que qualquer um que a tocasse corria o risco de sofrer sua ira. Mas ele assentiu, e uma das fêmeas, uma bela criatura com uma cauda de um lilás vibrante, puxou-a em direção à cúpula com um leve empurrão que ajudou Ellie a flutuar em direção às outras de sua espécie.
Isso o deixou na água com todos os outros ondinos. Eles não pareciam muito contentes com a presença dele. Ele também não teria ficado.
Com os braços estendidos ao lado do corpo, ele tentou mostrar que não portava armas. Mas eles podiam ver os enormes espinhos que se estendiam de seus cotovelos, agora achatados contra seus braços. Provavelmente sabiam que havia mais espinhos em sua espinha e que ele tinha veneno suficiente em seu corpo para fazê-los dormir instantaneamente, e então ele poderia fazer o que quisesse com eles.
Inclinando a cabeça para o lado, ele deu de ombros para o ondino azul e vermelho à sua frente.
— Então, o que vocês vão fazer comigo agora?
— Não te adoro, disso eu tenho certeza absoluta — respondeu o azul.
— Qual o seu nome?

— Arges.
— Quem é você aqui?
— Eu ajudo a liderar.
Proteus assentiu com a cabeça.
— Então é com você que eu preciso falar.
Mais ondinos surgiram da parte de trás das cúpulas. Aparentemente, eles estavam se preparando para ele de todos os lados, mas estes eram alguns que ele reconheceu. O andarilho das profundezas roxo, Fortis, o ajudara a começar tudo aquilo. Ele se perguntou se o macho se arrependia disso. E, claro, o macho amarelo que ele quase matara.
Proteus sorriu para o último.
— Como estão suas guelras?
— Melhores.
Mas ele fez uma careta ao dizer isso, como se inspirar profundamente fosse um pouco mais doloroso do que ele queria demonstrar. O amarelo certamente não queria admitir nenhuma fraqueza com todos aqueles idiotas ao seu redor.
Resmungando, Proteus balançou a cabeça.
— Sabe aquelas algas verdes que crescem nas áreas mais quentes? Elas grudam nos corais se você encontrar algum vestígio de esqueleto de um recife.
— Sim. — O ondino amarelo inclinou a cabeça para o lado, visivelmente confuso sobre o rumo daquela conversa.
— Coloque isso nas suas guelras. Vai ajudar.
Houve um momento de silêncio atônito enquanto todos... o encaravam. Como se ele tivesse perdido a cabeça. Ou talvez como se eles tivessem perdido a deles. Certamente não o tinham ouvido direito. Certamente ele não estava dando conselhos sobre como curá-los.
A expressão de Arges se fechou ainda mais.
— Nunca usamos essa alga para curar.

— Não, vocês não ouviram falar. Era considerada uma substância sagrada há muito tempo e, embora pudesse curar, só era usada em circunstâncias extremas. Mas é abundante e muito fácil de encontrar. Provavelmente você nunca ouviu falar dela porque muitas pessoas não queriam usá-la. Isso porque eles tinham medo de que a deusa do mar os castigasse. — Ele bufou. — Até meus pais, os antigos, concordavam com isso. Achavam engraçado.

Mais silêncio. Mais olhares. Provavelmente porque todos estavam percebendo o quanto suas vidas haviam sido manipuladas por criaturas que eles reverenciavam. E ele as chamava de pais.

O ondino vermelho bufou.

— Arges, você ouviu isso?

— Sim, Daios.

— E durante todo esse tempo pensávamos que era venenosa. — Ele coçou a nuca com uma mão de metal. — Talvez haja alguma utilidade para esse macho que se autodenomina um deus.

— *Conserte isso* — sussurrou a voz de Ellie em sua mente. — *Você pode escolher agora mesmo ser outra pessoa.*

Outra pessoa, ele supôs. Ele havia sido criado exatamente como ela, percebeu. O pensamento dilacerante o consumiu. Ela era um clone. Uma boneca, como ela mesma dissera. E ali estava ele, dizendo a ela que ela era muito mais do que isso.

Talvez ele fosse mais do que uma ferramenta dos antigos. Talvez ele estivesse destinado a ter uma vida, um futuro e uma família, como ela disse.

Ele tossiu pelas guelras, limpando-as do sedimento que se acumulara nelas por tempo demais. E então disse: — Talvez eu não tenha mais interesse em ser um deus. Vivi uma vida longa. Mais longa do que a maioria jamais poderia sonhar. Este mundo não precisa mais de um deus para governá-lo, mas precisa de um grupo de pessoas que enxerguem o

futuro e planejem de acordo. Eu gostaria de fazer parte disso.
Arges bufou.
— Governando sobre nós? Não temos interesse em um rei.
— Vivendo entre vocês. Aprendendo o que vocês sabem e ensinando o que eu sei. Fazendo parte deste mundo, em vez de vê-lo apenas como algo a ser... manipulado.
Ele sabia que eles não acreditariam nele. Não imediatamente. Mas ele tinha que tentar.
Por ela.
Por ele.
Por um futuro no qual nenhum dos dois jamais tivera muita influência, mas que ele esperava ver concretizar.
Ele respirou fundo, sentindo as guelras ao longo das costelas doerem.
— É um começo poder lhe contar o que sei. Sobre as algas. Os lugares onde vocês podem caçar e que ainda são férteis. As áreas deste mar que estão escondidas da sua vista, mas que eu ainda consigo sentir. Eu os ajudarei em tudo o que me pedirem. Renuncio à minha divindade, porém, porque não tenho mais o desejo de ser um deus.
Fortis nadou em direção a Proteus, balançando a cauda com irritação enquanto se dirigia para ele.
— Você terá que me desculpar por dizer que preciso provar isso.
Ah, então o sacerdote queria perscrutar a mente dele. Para provar de uma vez por todas que o deus diante deles não estava mentindo. Ele era verdadeiramente abençoado pelos deuses se era capaz de tais dons.
Proteus assentiu com a cabeça. Ele até mesmo manteve as mãos atrás das costas, para que não houvesse nenhuma ameaça quando Fortis colocou a mão em seu peito.
O andarilho das profundezas brilhava. Pontos luminosos espiralavam por seu corpo, cintilando com o poder que o percorria. As luzes eram bonitas, mas Proteus gostava de pensar que as suas eram ainda mais

belas, enquanto seu corpo reagia à sensação da mente de outra pessoa roçando a sua.

O sacerdote não encontraria mentiras. Apenas exaustão, enquanto Proteus finalmente rompia o último laço que o ligava aos pais, e talvez ao próprio mar. Ele lutara por centenas de anos para se reerguer e voltar a ser quem fora um dia, mas estava tão cansado daquela pessoa.

Pela primeira vez, ele queria descansar. Claro que queria ajudá-los, mas seu propósito sempre fora ver o Povo da Água ter a melhor vida possível. Era só isso.

Fortis murmurou baixinho.

— O que é isso que vejo sobre nos avisar? Tem algo a ver com o Alto?

— Essa é uma conversa para todos nós. Para os ondinos e para os humanos. Porque é... — Ele suspirou. — Complicado. Tudo relacionado aos humanos é complicado.

E pela primeira vez na vida, ele sentiu camaradagem com o Povo da Água. Havia vários deles ao seu redor, que trocaram olhares entre si, todos concordando que seus companheiros, seus humanos, eram um grupo complicado.

Ele deu uma risadinha e balançou a cauda para ir em direção à cúpula, onde sabia que Ellie o esperava.

— Se vocês já terminaram com tudo isso, talvez devêssemos nos juntar a eles para que possamos contar tudo o que sabemos.

Os machos o seguiram sem reclamar, e Proteus se perguntou se algum dia eles se sentiriam à vontade perto dele.

Ele imaginou que não importava. No fim, tudo o que ele precisava era dela.

QUARENTA

Ellie

Ellie flutuou até a cúpula, auxiliada por uma ondina muito bonita, possivelmente a mais bela que já vira. Sua cor lavanda era requintada, e o jeito como ela trançava o cabelo, tão intrincadamente, fez Ellie querer tentar fazer o mesmo. As tranças se entrelaçavam de uma forma que pareciam flores dançando pelas suas costas.

Com um sorriso suave, Ellie saiu da água e sentou-se na borda da piscina lunar. Assim que tirou o respirador da cabeça, arrancando ainda mais fios de cabelo no processo, ela expirou e disse: — Eu realmente preciso aprender a nadar.

— Considerando que vivemos debaixo d'água, sim, você tem razão. — A voz de Anya a interrompeu com uma risada suave.

Ellie olhou ao redor e viu que a sala estava cheia de quatro mulheres. Alexia e Mira ela reconheceu, junto com Anya, e a última devia ser Ace. A mulher mais baixa estava de pé ao lado, com os óculos no nariz e um pequeno robô nas mãos.

— Olá — disse Ace. — Acho que ainda não nos conhecemos oficialmente.

— Não exatamente, mas é um prazer conhecê-la.

O droide nas mãos de Ace repentinamente se contraiu. Escapou das mãos da mulher, caiu no chão e dirigiu-se para Ellie com um movimento rápido.

— Chega de formalidades! Você o trouxe aqui ou não? — Essa era a voz de Piloto, com certeza. Mas não era o seu corpo.

O droide não tinha mais o corpo de um caranguejo. Era mais parecido

com... bem, uma lagosta, quanto mais ela o observava. Seu corpo era significativamente mais comprido, embora ainda tivesse várias pernas. Elas eram menos parecidas com as de uma aranha e mais com as de uma centopeia enquanto ele se movia pelo chão em sua direção.

Ellie o pegou no colo com uma risada radiante, olhando nos olhos que ainda se projetavam através de um painel de vidro em seu rosto.

— Olha só para você! Completamente novo.

— Não gosto disso — resmungou Piloto.

Ace suspirou, o som preenchendo a sala com exasperação.

— Eu te disse, Piloto. Você vai aprender a usar o novo corpo numa boa. São apenas algoritmos se cruzando. Logo, seu diretor vai esquecer que você costumava estar em uma forma diferente.

Ele estava bem. Ellie tinha tanta certeza de que ele havia morrido e que não havia nada que ela pudesse fazer para trazê-lo de volta. Ela o abraçou forte e deu um beijo no topo da cabeça do droide. Ela nem sabia se droides podiam sentir um beijo assim, mas ele certamente balbuciou o suficiente para ela achar que sim.

Colocando-o no chão, ela deu-lhe algumas palmadinhas na cabeça, só para garantir.

— Eu o trouxe. Tenho certeza de que ele aparecerá em breve.

— Você devia ter fugido— murmurou Piloto. — Me deixado aqui à minha própria sorte. Eu teria escapado no meu próprio tempo.

Ela sorriu para ele, mas logo em seguida olhou para as outras mulheres na sala. Elas claramente estavam se contendo, tentando ao máximo lhe dar um momento para o reencontro antes de a bombardearem com perguntas.

— Acho que você já viu a maior parte do que eu fiz nos arquivos — disse Ellie finalmente. — Mas tem mais. Tem muito mais.

— Sempre tem — respondeu Alexia. E então deu a ela um sorrisinho discreto, que parecia ser só entre as duas. — Fico feliz que você tenha

escutado, Ellie. Parece que você descobriu tudo sozinha, afinal.

— Mais do que isso. — Ela saiu da água, sacudindo algumas gotas dos dedos e balançando a cabeça quando Mira lhe ofereceu uma toalha.

Ela contou-lhes todo o resto, então. Sobre as criaturas que vira nas telas e que tinha certeza de que o Mundo Superior era de fato habitado. Depois, contou-lhes sobre o rato que vira, a estranha criatura canina que a perseguira. Tudo estava errado e certamente não era o que tinham visto nos livros de história.

Em algum ponto de suas histórias, provavelmente relacionada ao cachorro, outro ondino apareceu.

Arges saiu da água com dificuldade, deslizando pelo chão em direção a Mira e envolvendo-a com sua cauda. Maketes fez o mesmo, embora tenha arrastado Ace por cima da cauda como se aquele fosse o lugar onde ela deveria estar. As bochechas dela ficaram vermelhas como um pimentão, mas ela se aconchegou nele.

Eles já tinham feito isso centenas de vezes, Ellie percebeu. Os outros dois olhavam atentamente para seus respectivos parceiros. Daios claramente verificava se Anya estava machucada. E Fortis olhava para Alexia como se a venerasse por completo.

Finalmente, seu olhar se voltou para Proteus, e tudo nela congelou. Porque a expressão em seu rosto era tão suave. Ela nunca o vira olhar para nada daquela forma. Ele estava esperando para cruzar o olhar com o dela, para que todo o amor que sentia por ela pudesse transparecer em seus olhos.

Mordendo o lábio, ela tentou disfarçar o sorriso antes de continuar a contar-lhes todos os detalhes.

Os ondinos machos que se juntaram a eles tinham muitas perguntas sobre aquela criatura canina enorme que poderia tê-la matado. Proteus respondeu à maioria das perguntas sobre isso. Afinal, ele estivera muito mais perto do que ela. E todos começaram a especular sobre o que

aquelas criaturas significavam.

Suas palavras e teorias começaram a se sobrepor. Todos falavam ao mesmo tempo, seus pensamentos e expectativas sobre o Mundo Superior tornando-se cada vez mais extravagantes a cada minuto. Ela percebeu que Alexia iria argumentar contra a ida deles até lá. Surpreendentemente, era Anya, a doce e quieta Anya, quem defendia com mais veemência que eles deveriam ir para o Mundo Superior, independentemente do perigo.

Por fim, foi Proteus quem conseguiu que todos parassem de falar.

O som cortante e estridente de sua voz ecoou pela cúpula.

— Vocês não têm escolha! Para salvar seu povo, vocês precisam ir para o Alto.

Todos se viraram para encará-lo, e pelo menos Proteus parecia agora entender o porquê.

— Ajudarei vocês no que puder, mas acho que todos sabemos que não há como prever o que sobreviveu lá em cima. Arriscaria dizer que os experimentos realizados naquela instalação na última década nos chocariam a todos. Podemos descobrir o máximo possível, mas, no fim, não há nada que possamos fazer para mudar o que encontraremos lá. É preciso desenvolver armas, fortificar as instalações. Só então poderemos seguir em frente.

Mais silêncio, até que Alexia falou em seguida.

— Posso supervisionar a construção de armas. Os Tau tinham muitas delas, e nem todas eram destinadas a matar o Povo da Água. Muitas podem ser usadas em combate corpo a corpo, e se armarmos pessoas suficientes... Bem, não importa. Vou começar a treinar soldados. Muitos clones já demonstraram interesse.

Anya assentiu com a cabeça, o olhar distante como se estivesse lendo algo na tela do droide acoplado à sua cabeça.

— Eu acho que os registros dos experimentos me dão um bom ponto de

partida para adivinhar o que podemos encontrar lá em cima. Vou começar a reunir diagramas e avaliar com Daios onde essas criaturas podem ser mais vulneráveis.

— Droides serão úteis — disse Mira. Ela acenou com a cabeça na direção de Ace. — Nós duas podemos fazê-los funcionar. Precisaremos de droides voadores, provavelmente pela primeira vez.

Os outros continuaram a falar sobre todos os seus planos, movendo-se em perfeita sintonia. Eles eram uma equipe, mas mais do que isso, eram uma família. Ellie os observava discutindo entre si. Mas nenhuma das discussões tinha qualquer fundamento. Nenhum dos insultos parecia surtir efeito. Eles brincavam uns com os outros e faziam piadas sobre quem seria o melhor para realizar as tarefas.

Alexia se afastou da parede, aproximando-se de Ellie com um olhar determinado.

— E você? O que vai fazer para nos ajudar, Ellie?

Todos se calaram um pouco, olhando para ela. Mas Ellie estava olhando para Proteus.

Era como se ele já tivesse lido seus pensamentos. Ela percebeu que ele não estava satisfeito com o que ela ia dizer, mas mesmo assim acenou com a cabeça.

Ela engoliu em seco e disse: — Eu gostaria de liderar as expedições rumo às outras instalações. Eu só... quero saber o que existe lá fora. Quero ver o mundo e saber o que estamos fazendo com as pessoas. E então... Bem, assim que tivermos um lugar estável para morar, acho que gostaria de ficar no Santuário. Posso ficar perto de Proteus e dar as boas-vindas às pessoas à medida que chegam. Acho que me sairia bem nisso.

Alexia sorriu. O orgulho tornou sua expressão um pouco mais calorosa do que antes.

— Acho uma ótima ideia. Sabe, a maioria das pessoas que se voluntariaram para ir para o Alto são clones. Assim como você. Todas

elas viram isso como uma chance de uma nova vida, de começar em algum lugar. Ninguém sabe quem eles são ou de onde vieram. Acho que você seria a pessoa perfeita para recebê-los.

Enquanto os outros recomeçavam a falar, com mais planos surgindo do nada, Ellie sentiu algo dentro de si se encaixar. Uma peça do quebra-cabeça que lhe faltava, talvez. Ou talvez uma razão para viver que ela não tinha antes.

Silenciosamente, ela atravessou a multidão e caminhou até a beira da água.

Não havia nenhuma privacidade naquela sala. Mas quando Proteus balançou a cauda e se aproximou dela, pareceu que eram os únicos dois ali. Ela sentou-se na beirada e ele apoiou os braços de cada lado do corpo dela.

Com uma delicadeza que só ela pôde presenciar, ele lhe deu um beijo na testa e perguntou: — Feliz?

— Acho que sim. E você?

Ele assentiu.

— Há um futuro para nós aqui, Sisu. Não um futuro fácil, mas acho que nenhum de nós gostaria de um final feliz garantido, como vocês humanos sonham.

— Não — respondeu ela com uma risada suave. — Acho que nenhum de nós gostaria disso. Precisamos de um propósito.

Ele acenou com a cabeça na direção dos outros. Ela sabia que ele estava dizendo algo, mas tudo em que conseguia se concentrar era na linha forte de seu maxilar e no olhar duro em seus olhos. Um músculo em sua mandíbula se contraiu, e ela se perguntou o que acontecia com ele quando ele abria completamente a boca, como o vira fazer tantas vezes. Seria aquele músculo um dos que ajudavam a abrir sua boca como uma flor?

Ele olhou para ela, e um toque de divertimento a fez corar.

— Você me ouviu, Sisu?
— Não.
— Em que você estava pensando?
— Só sobre você. — Ela passou os dedos pelas linhas do rosto dele e suspirou. — Certo. O que você estava dizendo?
— Eu estava te dizendo que não acho que nada disso será fácil. Um longo caminho nos aguarda, mas acredito que chegaremos lá durante a sua vida. — Ele curvou os dedos perto dos quadris dela, as garras roçando seu traje de mergulho. — E que não tenho certeza se eles precisarão de nós por um tempo. Talvez você e eu pudéssemos explorar o local antes deles. Existem muitas instalações por lá, e poderíamos ser nós a verificar se são seguras.
— E quanto aos cães mutantes? — perguntou ela.
— Esses não são cachorros.
— Então, como você os chamaria?
— Só mutações. Acho que isso basta. — Proteus inclinou a cabeça para o lado. — Qual é o problema dos humanos com essa necessidade incessante de dar nomes às coisas? Você já viu. Certamente isso basta.
— Proteus, você vai conviver muito mais com humanos. Acho que você precisa parar de fazer perguntas sobre nós e entender que você não vai nos entender.
Ele revirou os olhos.
— Isso porque a lógica nunca faz parte do que vocês fazem.
— Às vezes é só uma sensação. — Ela passou os braços em volta do pescoço dele. — Acho que provei isso muito bem para você, não faz muito tempo. Não provei?
Ela jurou que a água estava subitamente muito, muito mais quente. Proteus se inclinou para mais perto dela, o olhar fixo em seus lábios. E ela sabia que ele estava pensando na boca dela em volta do seu pênis, nos dedos dela brincando com a sua fenda, em todas as coisas que o faziam

soltar aquele gemido delicioso que ela ainda lembrava quando estava sonhando acordada.

— Muito bem, vocês dois — disse Alexia, interrompendo o devaneio de Ellie. — Se quiserem sair na frente, talvez seja uma boa ideia.

Ellie pigarreou e se inclinou por cima do ombro de Proteus para olhar para as outras mulheres.

— Vocês têm alguma preferência sobre qual direção devemos seguir?

Foi Anya quem respondeu, mas ela ainda olhava para o vidro de seu droide, não para ninguém mais na sala.

— Na verdade, sim. Posso enviar algumas coordenadas para o seu droide. Há muitas instalações listadas nesses documentos, áreas que eles usaram como locais de teste. Se pudermos converter uma delas em um espaço habitável, essa é a melhor oportunidade até que possamos determinar o quão difícil será construir a Superfície.

Proteus bufou.

— Imagino que você achará muito mais fácil do que construir debaixo das ondas.

— Talvez. — Mira deu um tapinha no peito de Arges. — Mas será muito mais difícil construir sem a ajuda do Povo da Água. Vocês são muito mais fortes do que qualquer humano que eu conheça. Isso vai exigir alguns cálculos.

Mais uma vez, todos se envolveram em discussões sobre a logística de construir em terra firme, em vez de na água. Era evidente que o assunto despertava grande interesse e todos estavam muito entusiasmados com a ideia. Até mesmo os ondinas presentes comentavam sobre tudo o que seria necessário e como poderiam preparar os humanos para levantar objetos significativamente mais pesados.

Ela observou tudo com divertimento. Pelo menos eles estavam animados com alguma coisa. Ellie estava simplesmente feliz por ter ajudado a todos de alguma forma.

Então, sua atenção voltou-se para Proteus, e ele só tinha olhos para ela. Ele não olhava para os outros na sala. Ela nem tinha certeza se ele ainda estava prestando atenção à conversa deles.

Ele a encarou. Seu olhar percorreu seus olhos, seu nariz, sua boca. E então, de volta aos seus olhos. Ele a observou atentamente, como um homem obcecado.

— O que você acha? — perguntou ele em voz baixa.

— Sobre o quê?

— Você quer ir numa aventura comigo? — Ele arqueou uma sobrancelha que não tinha, mas ela sabia que a expressão era para tentá-la.

Ellie percebeu que não precisava mais questionar por que queria fazer algo com ele. Ela podia fazer isso quando quisesse.

Estendendo a mão para o respirador, ela o deslizou sobre a boca, mesmo sabendo que toda aquela engenhoca ia arrancar seus cabelos. Então, fez um gesto para que Piloto se juntasse a eles. A pequena lagosta, antes um caranguejo, subiu em seu braço e depois se agarrou ao seu ombro.

— Estou muito preparada para isso — disse ela, com a voz abafada pelo respirador.

Enquanto mergulhavam nas ondas, ela soube que nunca estivera tão preparada para nada em toda a sua vida.

QUARENTA E UM

ELLIE

4 MESES DEPOIS

A ideia de lamber o sangue daquela que era, sem dúvida, uma espada elétrica sempre a deixava um pouco nervosa. Ellie verificou pela quarta vez se de fato havia removido os pulsos elétricos do dispositivo antes de decidir deixar o sangue ali por mais um tempo.

Não era como se a criatura preguiça gigante tivesse sangue ácido. Isso era exclusivo de quase todos os répteis do planeta, agora. Por quê? Ela não fazia ideia. Esse tipo de pergunta seria melhor feita a Anya, ou Mira, ou qualquer um dos outros que catalogavam regularmente as criaturas que pessoas como Ellie capturavam com seus dispositivos de gravação.

— Ai, droga — murmurou ela, levando a mão aos óculos de sol para interromper a gravação.

Essa foi a décima instalação que ela limpou. A maioria sozinha, embora em algumas tenha precisado de reforços. As três primeiras foram um desastre absoluto. Ela quase morreu. Muitas vezes, Proteus quase desistiu daquilo.

Ele a repreendeu severamente, dizendo que ela não tinha vocação para esse tipo de trabalho se não conseguisse cuidar de si mesma. E ele estava certo. Ela não tinha conseguido. Deveria ter se concentrado mais em se manter viva, mas, em vez disso, estava tão focada em não matar as criaturas que habitavam aquele lugar.

Esses sentimentos eram um desperdício, ela estava começando a perceber. Ela pensava que este mundo tinha pouquíssimas criaturas. Que cada vez que matava uma delas, estava subtraindo algo da ordem

natural das coisas. Qualquer criatura que sobrevivesse neste planeta desértico merecia viver. Ela viera do oceano, onde a vida parecia ser muito mais fácil para as criaturas marinhas do que para aquelas que viviam na terra.

Ela estava enganada.

Muito, muito enganada.

Ou melhor, na verdade, todos estavam. Eles acreditavam que este planeta estava morrendo, quando na verdade estava prosperando. Pelo menos algumas criaturas estavam prosperando. Ellie ainda não sabia como chamar metade delas, mas elas estavam aqui. Em abundância.

Essa instalação, infelizmente, tinha sido uma das mais problemáticas de limpar. Mas estava repleta de criaturas menores, em sua maioria. Algumas delas quase pareciam gatos, mas eram as criaturas comuns, de pele coriácea e cobertas de cicatrizes. As criaturas felinas eram as suas favoritas porque geralmente não eram agressivas. Elas sibilavam e cuspiam nela, mas corriam para o sol assim que percebiam que havia outras pessoas em sua casa.

Tudo o que ela tinha que fazer com eles era segui-los e depois garantir que fechasse o local por onde saíam. Geralmente, algum buraco menor na parede.

Mas e aquela criatura parecida com uma preguiça? Aquela ela nunca tinha visto antes. Chegava até a cintura dela, parecia um pequeno urso misturado com... Uma espécie de toupeira, com garras compridas e movimentos muito lentos. Ela quase se sentiu mal por matá-la, já que parecia não ter interesse em lutar.

Pelo menos até ele acordar. Ela tinha acabado de desembainhar a espada a tempo de matar a fera.

— Um dia desses — murmurou ela enquanto voltava para a entrada da água, — vou comprar uma arma.

— Eu já argumentei a favor disso — disse Proteus, enquanto a esperava

na água.
Seu olhar percorreu todo o corpo dela, avaliando se ela ainda estava viva. Toda vez que ela retornava, ele fazia isso.
Obedientemente, ela caminhou até ele e ficou parada, aguardando sua inspeção. Ele notou um leve arranhão em seu queixo, tocando-o suavemente como se pressionar a ponta do dedo ali só piorasse a dor.
Então, como fazia sempre, seus dedos agarraram o zíper frontal de sua roupa de mergulho. Seus olhos ardiam enquanto ele a encarava, as costas de seus nós dos dedos deslizando entre seus seios e depois descendo por sua barriga.
— Você revistou toda a instalação? — perguntou Proteus.
— Claro que sim — respondeu ela, já sem fôlego e sabendo aonde isso ia dar.
— Tem certeza?
Ela assentiu, permitindo que ele a empurrasse para trás até que ela estivesse sentada na beira da água com as pernas abertas ao redor dele. Ambos haviam sido repreendidos por Alexia por destruírem muitos trajes de mergulho. A veterana disse que sabia muito bem o que estava acontecendo e por que eles estavam se rasgando. Ninguém se raspava tanto nas pedras, e mesmo com Ellie lutando contra as criaturas nessas instalações, ninguém mais estava perdendo tantos trajes de mergulho.
Assim, Proteus teve cuidado ao puxar o tecido apertado pelos ombros dela, até os quadris, e depois para baixo, tirando-o das pernas.
Então ele a examinou de cima a baixo, seu olhar devorando-a enquanto descia até seus seios. Ele amava todo o seu corpo, mas amava aqueles seios mais do que qualquer outra coisa. Ele era tão fascinado por eles, e ela não se importava nem um pouco quando ele queria dedicar atenção ao seu busto por horas a fio. O homem sabia como torturá-la, mas ela também sabia que ele não ia demorar.
Ele nunca mais conseguiu, depois que ela limpou uma instalação como

aquela. Ele se preocupou com ela por muito tempo, pois ela poderia morrer a qualquer momento em que estivesse fora de sua vista.

Proteus deslizou os lábios pela perna dela, um suspiro de alívio escapando de seus lábios enquanto subia lentamente. Ele sempre a inspecionava como se esperasse encontrar uma mordida. Apenas aguardando para descobrir.

— Inteira — murmurou ela quando ele alcançou suas coxas.

— Por quanto tempo? — perguntou ele, com a boca já aberta demais.

Ellie observou enquanto ele permitia que se abrisse completamente, alargando-se cada vez mais até se desdobrar como uma flor.

Ele a atacou. Sua língua encontrou seu centro com uma velocidade que deveria ser aterrorizante, mas ela já sabia que ele não a machucaria. Ela se arqueou contra ele, sem se importar muito com o fato de que os minúsculos dentes que cobriam as pétalas de sua boca e desciam por sua garganta pudessem cravar em sua pele.

Ela já tinha tantas cicatrizes ao redor dos quadris. Eram quase como tatuagens, marcas prateadas de quanto ele a amava e de como desejava agradá-la.

Porque ele fez.

Ah, Proteus a agradava todos os dias.

Quem a visse provavelmente pensaria que outro monstro havia capturado um humano e o estava devorando lentamente. Com os braços erguidos sobre a cabeça, os cabelos espalhados pelo chão e as costas pálidas arqueadas, ela provavelmente tinha uma aparência deplorável. E então havia ele. Aquele corpulento monstro marinho gigantesco era um ondino e, ao mesmo tempo, não era. Com a boca aberta entre as pernas dela, sua garganta se contraía enquanto ele engolia.

Mas ele adorava o sabor dela. Ele a lambia até que ela estivesse pingando. Até que ela estivesse tão escorregadia que dava para ouvir.

Aquela língua enorme mergulhou dentro dela, percorrendo suas dobras

e então iniciando um ritmo que ela sabia que ele logo imitaria. Seus gemidos ficaram mais altos, preenchendo o local com os sons de seu prazer.

Ela se despedaçou. Rápido demais, como sempre. Rápido e tão forte que suas pernas tremiam mesmo enquanto ele a acompanhava durante todo o processo. Ele sempre fazia isso. Sempre queria sentir cada tremor, cada pulsação persistente antes de finalmente retirar a língua.

E só então ele se lançava sobre ela.

No início, ele fechava a boca muito antes que ela pudesse vê-lo. Ele não queria estragar o momento, dizia. Mas ela lhe dizia repetidamente que amava cada parte dele. Até mesmo as partes monstruosas.

Agora, havia uma fera sobre ela. Sua boca estava escancarada, ambas as partes brilhando na luz tênue. Trovões ribombavam sobre eles, e tudo o que ela conseguia ver eram dentes que poderiam se fechar sobre seu crânio a qualquer minuto.

A emoção ainda a percorria mesmo quando a cabeça do seu enorme pênis se encaixou entre suas pernas. Ainda assim, foi preciso trabalho. Tempo. Esforço para que ele conseguisse penetrá-la, e ela adorou cada segundo daquilo.

Ofegante, ela levou a mão entre as pernas para ajudá-lo. A cabeça dele foi fácil. Ela já o tinha recebido tantas vezes que sabia como era guiar aquela cabeça escorregadia para dentro e sentir a ardência do alongamento que sempre acontecia. Mas então havia mais dele. A grossura do seu pênis só aumentava à medida que se aproximava da base.

Ela pegou o de baixo, para que o de cima pudesse deslizar sobre seu clitóris e proporcionar aquela fricção que ela tanto amava.

Ele deslizou para fora, penetrando mais fundo com uma estocada que a fez ver estrelas. Proteus sabia até onde ir antes que se tornasse dor de verdade. Eles já tinham praticado tantas vezes que ele poderia fazer aquilo dormindo, sabendo exatamente até onde podia levá-la.

Ela soltou o pênis que estava dentro dela e, em vez disso, agarrou o que estava fora. Ele adorava quando ela o segurava assim, segurando o pênis de cima e pressionando-o com força contra a barriga dela. Ele a penetrava e saía, atento ao som da respiração ofegante dela para saber quando acelerar e quando diminuir o ritmo.

Ao olhar para cima, ela sentiu sua própria mandíbula se abrir em prazer ao ver seu monstro.

A luz brincava em seus ombros, músculos enormes e contraídos que se moviam a cada investida. O jeito como ele lambia os dentes, e a saliva que se acumulava ali porque ela sabia que ele estava louco para prová-la.

Em seguida, os tentáculos.

Ah, aqueles malditos tentáculos do quadril sempre a pegavam. Ela sempre sabia quando ele estava perto porque eles a envolviam. Ele a saboreava com eles também, ela sabia, mas eles eram tão bons em sugar. Eles se agarravam aos seus seios, ao seu clitóris, até mesmo ao pênis dele. Eles a ajudavam a segurar o pênis dele que não estava dentro dela, pressionando com mais força, tanta força que ela pensou que o machucaria se apertasse o punho um pouco mais.

Ele gemeu, e o som vibrou por todo o corpo dela.

Seu ritmo vacilou, oscilando de prazer. Ele estava perto. Sempre estava quando fazia isso.

Mas ela queria mais alguns minutos. Tempo para olhares demorados, para que pudesse se lembrar daquele momento por todos os dias que viriam. O monstro acima dela, dentro dela, tudo era tão... Era tão pitoresco que ela não queria esquecer um único segundo do que estavam fazendo.

Os tentáculos se enrolavam sob ela, cutucando a outra entrada de seu corpo que começavam a explorar lentamente. Enquanto se contorcia dentro dela, ela não conseguia se conter.

Ellie gozou novamente com força, apertando-o enquanto sua vagina o

ordenhava com toda a sua força.
Foi só isso. Ele explodiu, o som do seu prazer tão alto que fez os ouvidos dela zumbirem. Mas ela também adorou isso. Adorou o quão alto ele era e o quão desavergonhado ele se tornara por sentir prazer quando nem sequer se dava conta de que isso era algo que ele podia fazer.
Ela podia sentir cada jato do seu sêmen, cada fio que respingava em seu interior e vazava em uma torrente que simplesmente não podia ser contida.
Ambos respiravam com dificuldade enquanto desciam em espiral de prazer. A boca dele se fechou novamente, como sempre acontecia para que ele pudesse falar, mas então ele olhou para ela e deu uma risadinha.
Ele fazia isso com frequência ultimamente. O som estava rouco e, às vezes, mudava um pouco, como se ele não tivesse certeza se era o som certo. Mas, todas as vezes, ela percebia o que realmente era.
Uma bênção.
Um presente.
Ela estendeu os braços e o abraçou pelo pescoço, apertando-o contra si e envolvendo-o com as pernas o máximo que pôde. Ele era tão grande que nunca conseguiria deitar-se completamente sobre ela. Mas ela apreciava que ele fingisse, deixando parte do seu peso sobre o peito dela quando ambos voltavam à realidade.
Os lábios dele pressionaram os cabelos dela, o beijo casto comparado ao que acabavam de fazer.
— Foi difícil dessa vez?
— Não, de jeito nenhum. Mas eu tenho uma nova criatura na câmera. — Ela deu um tapinha nos óculos de sol, que por algum motivo ainda estavam na sua cabeça, e então percebeu que, na verdade, não tinha desligado a câmera. — Preciso mesmo melhorar minha capacidade de confirmar se a câmera está desligada. Agora vou ter que revisar as gravações e apagá-las.

Proteus recostou-se, com um brilho nos olhos que ela reconheceu.

— Ou poderíamos ficar com essa filmagem.

— E o que fazer com isso?

— Assistir. Juntos.

O calor entre as pernas dela começou a aumentar novamente. Mas então ela balançou a cabeça.

— É só a minha perspectiva. Você só veria a si mesmo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ora, ora, ora. Parece que o deus ainda quer se sentir importante — respondeu ela, rindo. — Quer se vigiar?

— Durante anos, fui adorado por outros. Se eu quiser continuar a me dar esse tratamento, você não pode dizer nada a respeito. — Ele se inclinou e mordiscou a orelha dela, apenas para rosnar em seu ouvido: — Além disso, você não quer assistir a tudo de novo?

Ela estremeceu sob ele.

Ellie queria muito rever aquela gravação enquanto fazia sexo com ele. Ou talvez ela pedisse para ele ficar atrás dela da próxima vez. Os dois poderiam assistir enquanto ele a penetrava lentamente, com movimentos de vai e vem, como ele a fizera da primeira vez.

Ambos precisavam parar de pensar nisso, ou nunca mais sairiam daquele lugar.

— Para mais tarde — respondeu ela, umedecendo os lábios e olhando para ele. — Você me deixou insaciável, Proteus. Não sei se algum dia conseguirei te perdoar por isso.

Ele zombou.

— Ah, a culpa é minha? Você é quem fica me atacando sempre que tem a chance. Não pense que eu não estou te vendo observar. Você deveria estar prestando atenção nessas reuniões, e tudo o que você faz é ficar me encarando.

— Porque você está me encarando!

Seu olhar se intensificou enquanto a encarava.

— Claro que estou, Ellie. Estou sempre olhando para você.

Suas bochechas coraram intensamente. Eles tinham um lugar para ir. Deveriam retornar às cúpulas e fornecer todas as informações que haviam descoberto. Aquela instalação parecia realmente habitável, e a maioria dos cômodos ainda estava intacta. Até mesmo alguns móveis. Ela deveria contar tudo o mais rápido possível, para que pudessem começar a transferir pessoas para lá, como haviam feito nas outras duas instalações que ela encontrara e que estavam em tão bom estado.

Mas ele tinha mencionado que a observava e... bem, ela não se importava quando ele fazia isso.

Ellie se afastou dele, passando as mãos pelo corpo.

— Você quer me olhar agora?

Ah, ela adorou a expressão no rosto dele. Proteus levou a mão até os dois pênis, quase os torcendo enquanto assentia. — O que você quiser, Sisu. Sempre.

QUARENTA E DOIS

PROTEUS

4 ANOS DEPOIS

Proteus guiou muitos dos clones em direção à nova instalação, seu corpo enorme abrindo caminho caso algo os atacasse. Não houve ataque, mas muitos clones se sentiam mais seguros com alguém do seu tamanho os protegendo. A maioria deles nunca tinha estado no oceano. Pelo menos não daquela forma.

Os ondinos que os rodeavam, que respiravam por eles, ainda eram aterrorizantes para muitos humanos que viviam nas cidades. Eles concordaram em vir para este lugar porque teriam uma chance melhor na vida, mas tudo ainda era muito novo para eles. O mar. Os ondinos. A cidade onde em breve iriam viver.

As instalações estavam prontas para recebê-los. E esta em particular estava melhor estruturada do que as demais. A equipe que liderava toda a operação havia aprendido com cada assentamento.

Esses clones estavam indo para o terceiro assentamento nos quatro anos que levaram para se preparar. As instalações não eram enormes. Não eram cidades. Disso era certo. Mas cinquenta pessoas a menos que Beta já era um começo.

Esta foi a primeira área inteiramente dedicada aos clones. É claro que eles teriam o apoio de muitos outros e não estariam isolados de forma alguma. Mas aquele era o lar deles, e de mais ninguém.

Ellie esperou por eles. Ele emergiu primeiro, certificando-se de que ela estivesse lá com um sorriso no rosto e os dois polegares para cima, indicando que ela havia percorrido todo o local com sua equipe diversas

vezes. Nada entrava ou saía. Eles estavam seguros ali.
Talvez pela primeira vez em suas vidas.
Se havia algum lugar de que ele fosse gostar, era este. A área principal em que entraram era cercada por lindos azulejos verdes que quase davam a impressão de estarem pisando em um prado. Ellie havia pedido a Mira que enviasse um monte de plantas completamente inúteis e até mesmo recuperado algumas do lado de fora do prédio para transformar toda a área em um espaço verde.
Ela só conseguiu fazer isso porque o átrio principal ainda tinha teto de vidro. De alguma forma, depois de toda a chuva, granizo e tempestades, o vidro sobreviveu. E hoje o dia estava maravilhosamente ensolarado, embora um pouco quente, para que os clones pudessem entrar em sua nova casa.
Ele fez um gesto para os ondinos, e todas trouxeram os humanos consigo. Os tentáculos presos aos seus pescoços ainda lhe causavam repulsa, mas pelo menos ele não se sentia mais tonto ao ver um ondino se separar das pessoas que carregava.
— Bem-vindos! — dizia Ellie para cada pessoa que ajudava a sair da água.
Uma longa fila de pessoas estava ao lado dela. Uma delas distribuía toalhas. Outra pessoa tinha um guia para entregar aos recém-chegados assim que estivessem secos. A pessoa seguinte segurava a mão da pessoa, e de quaisquer familiares ou amigos que desejassem, e levava-os para conhecer as instalações. Esta era menor que as outras, mas não precisava ser grande.
Ele esperou até que a última pessoa fosse entregue ao seu guia e então nadou até perto da margem.
— Tenho uma surpresa para você.
— Para mim? — disse Ellie, pressionando a mão contra o peito. — Que surpresa seria essa?

Proteus já tinha a mão na água, fazendo gestos para que alguém subisse por último.

Ellie adorava viajar com ele. Havia uma parte dela que ansiava por aventuras mais do que a maioria das pessoas, e ele adorava isso nela. Mas as viagens a afastavam de todos os outros humanos. Sim, ela tinha a oportunidade de receber pessoas em seus novos lares, e isso muitas vezes a fazia se sentir bem. Mas nada se comparava a ver seus verdadeiros amigos.

Uma massa brilhante de cabelos vermelhos surgiu antes de Mira emergir da água. Ela imediatamente tirou o respirador, com um sorriso radiante no rosto, enquanto se impulsionava para fora da água com facilidade.

Ellie riu, surpresa ao ver Mira tão longe das cúpulas.

— O que você está fazendo aqui? Você nadou com Proteus?

Mira balançou a cabeça.

— Não, você sabe que eu tenho meu próprio barco no oceano.

— Então por que você está usando o re... — Ellie perdeu tudo o que poderia ter dito quando Arges também saiu da água.

Nos braços dele estava a menininha mais pequenina. Até Proteus sentiu algo ao olhar para aquela cabeleira escura. Ela era tão bonita. Aqueles grandes olhos negros pareciam desproporcionais em um rosto humano e piscaram para Ellie. Então, ela estendeu seus bracinhos gordinhos com um gorgolejo que fazia exclusivamente toda vez que via a tia.

Ellie estendeu a mão para a criança, soltando um gritinho quase igual ao da menina.

Avaia foi a primeira híbrida de humana e ondino. Na opinião de Proteus, ela parecia mais humana do que ondino. Tinha duas pernas, dois braços e um coração, o que era profundamente decepcionante. Seus cabelos escuros se curvavam quando secos, mas isso raramente acontecia. Seu pai tentava mantê-la na água para que ela aprendesse a usar suas brânquias.

Sim, brânquias.

Embora não tivesse brânquias nas costelas, a menina possuía brânquias no pescoço. Contudo, ela não era muito boa em usá-las. Aprender a transitar entre o ar e a água tinha sido um desafio. Obviamente, ela precisava estar em terra com sua mãe para receber cuidados, já que Avaia era muito mais semelhante aos humanos do que aos ondinas nesse aspecto.

Ela até teve um parto normal, não dentro de uma bolsa. O processo foi horrível, mas Proteus precisava estar lá porque Ellie insistiu em estar presente.

Às vezes, ele ainda ouvia os gritos de Mira enquanto dormia. Isso o aterrorizava.

Mas Mira estava viva, assim como Avaia, e agora todos estavam apaixonados pela criança. Até ele. Proteus podia admitir que a garotinha havia conquistado seu coração da mesma forma que conquistara o de todos os outros.

Principalmente quando ela fazia isso. Porque Avaia amava Ellie, e isso era algo em que ele concordava com a criança.

— Por que você está aqui? — Ellie perguntou carinhosamente, pegando-a no colo e a embalando em seus braços. — Você deveria estar em casa, na cama, minha pequena!

Avaia ainda não tinha falado, talvez por não ter a mesma genética que os outros, mas observava a boca de Ellie como se entendesse cada palavra.

Mira riu da pergunta.

— Pensamos em visitar a tia favorita dela. Está na hora de sairmos mais pelo mundo, não acha?

As duas mulheres começaram a conversar sobre bebês, algo que Proteus não tinha o menor interesse, mas então ele percebeu que Arges o observava. O ondino azul passou um braço pelos ombros dele e apontou para a visão à sua frente.

— Nunca imaginei que minha vida ficaria tão boa assim — disse ele. — E você?

Os órgãos mortos dentro do peito dele batiam com força contra as costelas.

— Não, eu não. Mas temos muita sorte de tê-las encontrado.

POSFACIO

Caramba, acho que esta série está completa.
Tipo, completamente mesmo.
Sei que não fui muito gentil no final de Call of the Fathoms, dizendo a vocês que tinha acabado, mas mesmo assim eu sabia que não tinha. Havia mais uma história para contar, eu só não sabia como chegar lá.
Essa série mudou minha vida. A quantidade de leitores maravilhosos que me encontraram, e que eu encontrei, que vieram de tritões com dois pênis é simplesmente... ainda me impressiona.
Não consigo expressar o quanto seu apoio significa para mim. Para uma garota do interior do Maine, ainda é um choque saber que vocês estão lendo meus livros.
Que a minha vida mudou para sempre por sua causa.
Obrigada, do fundo do meu coração, por amarem a série Deep Waters. Por encontrarem emoção e adoração nos braços de um tritão.
Vocês fazem com que a garotinha dentro de mim, que sempre perguntava às pessoas se elas queriam brincar de sereia na piscina e sempre recebia um "não" se sinta menos sozinha.
Enviando muitos abraços e beijos.
Emma.

Além disso, se você quiser outro monstro para foder, eu também tenho uma série de trolls que é muito boa.

OK, AMO VOCÊS, TCHAU